

# ESQUIZOFRENIA

Martín, quem é você?



José Manuel Fernández Company

Esquizofrenia © 2025 José Manuel Fernández Company

Primera edición: noviembre de 2025.

ISBN: 978-84-943017-6-6

Portada: Foto de Andrew Spencer en Unsplash.

Diseño editorial Luciana Reis Gonçalves

La Batidora Coop. V. - Batidora Ediciones

[www.batidoraediciones.es](http://www.batidoraediciones.es) · [info@batidoraediciones.es](mailto:info@batidoraediciones.es)

Distribución gratuita

Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons

Reconocimiento-Compartir-Igual 4.0 Internacional

Página web del autor [www.entreespiritus.com](http://www.entreespiritus.com)

*Aos que sofreram alguma doença mental...*

# Índice

## PRIMEIRA PARTE

Prólogo .....	1
A dignidade do último inverno .....	4
O filho entregue à aurora .....	10
Eva e o pacto dos espelhos .....	13
O preço de um sonho .....	50
Sombras ao telefone .....	73
O preço da liberdade .....	79
A expulsão do paraíso .....	94
O berço emprestado .....	105
O retorno da ovelha perdida .....	110
A tentação do abismo .....	121

## SEGUNDA PARTE

A miragem da cordura .....	131
O hóspede indesejado .....	165
O amanhecer da esperança .....	185
A luz do perdão .....	220
Missão imortal .....	231

## Prólogo

“É na fragilidade do outro que aprendemos a grandeza que nos transforma.”

Martín, quem é você?

Só sei que marcou minha vida.

Quando te conheci, achei que você estava louco, prisioneiro de uma das doenças mais temidas: a esquizofrenia. Assim diziam os relatórios, assim sentenciava o diagnóstico. Durante anos, você viveu cercado de incompreensão, alimentada pela falta de empatia de um sistema psiquiátrico mais atento aos remédios do que à humanidade. Trataram você com comprimidos ou injeções de efeitos devastadores e, pior ainda, com mais solidão. Como se o isolamento pudesse curá-lo. Como se afastá-lo do mundo fosse a solução: “que você não incomode, que você não pergunte, que não obrigue os sábios a responder o que não sabem”.

Com o tempo, comecei a pensar que talvez fosse o mundo que estivesse louco e você, o único lúcido em meio a tantas incertezas. Ao conhecê-lo, criei carinho por você. Primeiro, como paciente; depois, como ser humano que buscava seu caminho em meio às turbulências. Nossa conexão me permitiu espiar o seu interior: um mistério de contradições que eu mal conseguia decifrar.

Ao ir mais fundo, o pânico me invadiu: aquele medo que sempre precede as grandes mudanças no núcleo das pessoas. Muitas das minhas intuições se refletiam no seu rosto, nas suas palavras, nos seus atos. E tudo isso me aproximava de uma verdade difícil de nomear.

Como é bela a humildade. Foi assim que me senti ao descobrir sua história: um relato de sofrimento e de dor, mas também de libertação. Porque, quando conhecemos, crescemos. E, ao crescer, aumenta nossa responsabilidade.

Martín, quem você foi, de verdade?

Um homem marcado pela doença e pela exclusão, mas também por uma grandeza silenciosa que transformou a minha maneira de ver o mundo.

# PRIMEIRA PARTE

# A DIGNIDADE DO ÚLTIMO INVERNO

“As lágrimas são sementes que, ao cair na terra da dor,  
germinam em frutos de esperança.”

Meu Deus, como eu chorava.

Desde que Martín foi embora, as lágrimas tinham se tornado meu único idioma. A ansiedade me atravessava como uma faca invisível, rasgando o mais profundo da alma. Mal haviam se passado alguns dias, mas eu me sentia envelhecido, como se tivessem transcorrido anos em tão pouco tempo.

Não era uma dor qualquer. Não se tratava só da ausência de um ente querido, mas de uma fenda no próprio sentido da vida, um abismo que estilhaçava todas as minhas certezas. Em quinze anos de carreira, jamais tinha experimentado algo assim por um paciente. Martín abalou meus princípios, marcou minha vida com uma intensidade impossível de explicar.

Um psicólogo aprende a conviver com dramas: mentes feridas, vidas à deriva, pessoas em busca de respostas em meio ao caos. Mas Martín era diferente. Não era apenas mais um caso, nem sequer um caso complexo. Era um ser humano cuja ternura e luta deixaram em mim uma marca

indelével.

Ao meu lado, Isabel — minha amiga, confidente e médium de olhar sereno — também chorava. Suas lágrimas desciam com doçura, como se homenageassem aquilo que acabáramos de perder. Diante de nós, um simples caixão de pinho. O que havia dentro? Restos de carne e ossos, nada mais... e, no entanto, também a certeza de que algo essencial tinha partido. A alma de Martín havia dado um salto.

Até para morrer é preciso dignidade, pensei. E Martín, mesmo nesse transe final, a teve. Tudo o que o definia — sua nobreza, sua generosidade, sua fome de compreender — brilhou com força naquele inverno de 1992. Enquanto a Espanha se preparava para as Olimpíadas e a Exposição Universal, naquele cemitério, transformava-se uma vida que para nós significava tudo.

Nem Isabel nem eu éramos do seu sangue, mas isso não importava. Eu havia aprendido, graças a Martín: o essencial não é a genealogia, e sim a forma como nós escolhemos, a maneira como compartilhamos o caminho.

Fechei os olhos, segurei um soluço e murmurei:

— Obrigado, Martín, pelo seu exemplo. Obrigado pela sua generosidade. Nunca vou te esquecer. Espera por mim no céu: ainda temos muito de que falar.

O coveiro deu a última passada com a colher de pedreiro, selando a parede de tijolos que encerrava o caixão. O som seco da argamassa foi um chicote no ar gelado.

Então Isabel sussurrou algo que me desconcertou:

— Vamos, Martín... você me espanta, rapaz. Mas acabamos de enterrar você!

Virei-me, perplexo, e entendi que não falava comigo. Seus olhos se cravavam num ponto invisível.

— Isso é o de menos — continuou. — O importante é que você está aqui. Diga, como está?

Um arrepio percorreu minhas costas. E então, através de Isabel, eu o ouvi:

— Obrigado por virem ao meu enterro. Vocês não imaginam o que significa sentir-se acompanhado nesta solidão. É estranho... como estar meio dormindo e não totalmente acordado. No psiquiátrico eu já tinha sentido isso, mas agora é diferente. O que mais me impressiona é que a minha história foi cortada de repente. Por um lado, alivia deixar para trás tanto sofrimento; por outro, não sei o que fazer agora. Confio em vocês.

Isabel sorriu entre lágrimas.

— Claro que sim, Martín. Para isso estamos aqui. Algo terminou, mas o seu caminho continua. Em breve, se abrirá diante de você a porta da esperança.

O jovem espírito hesitou:

— Esperança? Mesmo depois da morte?

Eu mal entendia o que acontecia, mas me atrevi a intervir:

— Isabel, com quem você está falando? Não me diga que... mas mal se passaram alguns dias!

Ela sustentou meu olhar com firmeza:

— Sim, Sergio. Ele sempre foi curioso. Tinha pressa de entender. A morte não apaga a essência de ninguém.

Meu coração acelerou.

— Então... posso falar com ele?

— Calma — disse. — Eu vou te traduzir o que ele disser.

E Martín, como se tivesse me ouvido, interveio:

— Com você eu aprendi a enfrentar a incerteza. Agora preciso do mesmo, mas nesta etapa diferente.

Inclinei-me para Isabel, na esperança de que minhas palavras o alcançassem:

— Martín, escute. Por mais de vinte anos você teve um cérebro físico como apoio. Agora seu pensamento é diferente, mas continua raciocinando. Você tem consciência?

— Sim... acho que sim. Lembro-me de ter despertado numa escadaria. À minha frente havia uma janela enorme, e dela brotava uma luz intensa. Desci correndo, mas a luz me seguia, flutuava sobre mim. Eu não sabia se eu a perseguia ou se era ela que me buscava. Eu tinha certeza de uma coisa: se chegasse até ela, encontraria respostas.

Isabel o animou com voz maternal:

— Essa luz te conduziu até aqui. Era a ponte para este encontro.

— O mais curioso — acrescentou — é que minha aparência era a mesma, eu estava vestido igual, mas me sentia leve, como uma pluma. Foi um alívio imenso. Ao alcançar a luz... apareci no cemitério.

Ficamos em silêncio. Eu estava atônito.

— Você não quer ver seu corpo? — perguntei, desajeitado.

— Não, eu já não sou isso. Era apenas matéria destinada a se decompor. O verdadeiro Martín está aqui.

Isabel permanecia serena, como se tudo fosse natural.

— Martín, você se lembra de como chegou ao outro lado? Pense na palavra fogo.

Ele fechou os olhos, buscando na memória:

— Sim! Fogo!... Chamas ao meu redor, o calor insuportável. Caí no chão, perdi a consciência... e não me

lembro de mais nada.

Isabel o guiou com doçura:

— Você morreu intoxicado pela fumaça, antes que conseguissem te tirar daquele prédio em chamas. E você fez isso salvando uma menina que pedia socorro.

O silêncio tornou-se sagrado.

— Eu... salvei uma menina?

— Sim — respondeu Isabel com firmeza. — E isso te honra. Lembre-se: “Ninguém tem amor maior do que dar a vida pelos amigos”.

Martín não respondeu, mas eu soube que chorava com lágrimas invisíveis. Isabel o abraçou e eu, embora visse apenas a minha amiga, senti a realidade do gesto.

— O seu sacrifício será a sua carta de apresentação neste novo mundo — acrescentou ela. — Aquela luz não era por acaso. Estavam esperando por você.

Uma nova presença irrompeu. Eu a senti às minhas costas como um sopro fresco.

— Há mais alguém — confirmou Isabel. — As roupas são de outra época. O sorriso irradia bondade.

Martín entendeu na hora:

— Devo segui-lo?

— Sim, amigo. É o seu guia.

Ele se voltou para nós, comovido:

— Obrigado, Sergio. Obrigado, Isabel. Eu amo vocês.

As lágrimas transbordaram.

— Adeus, Martín. Foi uma honra te conhecer. Nunca vi um “louco” tão maravilhoso.

Ele sorriu pela última vez. Isabel o abençoou com o olhar. E então o vimos — ela com os olhos da alma, eu com o coração — afastar-se em direção à árvore frondosa

onde o aguardava aquele ser luminoso que o guiaria ao seu novo lar.

## O FILHO ENTREGUE À AURORA

“O filho entregue à aurora leva consigo a oração silenciosa de uma mãe desfeita.”

Madrid, 3 de fevereiro de 1971.

O relógio da cozinha se aproximava das sete quando Eva apertou o casaco e saiu do pequeno apartamento no centro. A madrugada ainda dominava a cidade; os postes de luz lançavam um brilho amarelado sobre as ruas quase desertas, e o frio lhe mordida o rosto como um animal faminto.

No carrinho de segunda mão, ainda em bom estado, dormia um recém-nascido. Eva o agasalhou com cuidado antes de fechar a porta, como se aquele gesto fosse a última coisa que podia dar antes de deixá-lo para trás.

A temperatura rondava os dois graus negativos. Era um inverno duro em Madrid: ar cortante, calçadas escorregadias, fumaça de chaminés misturada à penumbra. Eva avançou com passo firme, embora cada passada pesasse como uma laje. O convento ficava a uns novecentos metros, mas para ela o trajeto era interminável, como se empurrasse não só o carrinho, e sim toda a própria história.

A decisão estava tomada, mas a mente a torturava com a mesma pergunta: será que não havia mesmo outra saída?

Fazia semanas que não dormia, repassando as possibilidades uma e outra vez, até se render à evidência: não tinha forças, nem recursos, nem futuro para oferecer àquele filho. Fechar a porta do apartamento fora também fechar qualquer via de arrependimento.

Por que aquele convento?

Pela proximidade, sim, mas também pela fé. Eva sabia que aquelas freiras acolhiam vidas desamparadas havia séculos. E, em sua fé simples, jamais cogitara o aborto: para ela, era um crime contra a inocência. “O menino não tinha culpa de nada” — repetia como uma reza. Era o único pensamento que a sustentava.

O velho elevador de grade desceu rangendo, até deixá-la na rua com um chiar metálico que sublinhou a solidão da madrugada. Eva se inclinou sobre o carrinho: o bebê dormia tranquilo, respirando de maneira regular, alheio à tragédia que se armava.

Saiu andando de cabeça baixa, tentando não chamar a atenção de guardas nem de vigias-noturnos. A cidade mal despertava: cheiro de churros recém-fritos nos cafés que abriam, ônibus cruzando avenidas meio vazias, algum operário atravessando a calçada com passo apressado. A vida prosseguia, indiferente ao seu drama.

A cada passo, as lembranças a assaltavam: um ano inteiro de humilhações, medos, lutas em solidão. A própria história atropelava a memória como uma torrente, lembrando por que estava ali, por que chegara àquele extremo.

O carrinho rangeu ao bater numa lajota solta. Eva parou. Ergueu os olhos para um amanhecer pálido que mal se insinuava por trás dos prédios. Um nó lhe apertou a

garganta. Quis, por um instante, que alguém surgisse e dissesse: não faça isso. Mas não havia ninguém. Só ela, o filho e o silêncio.

Conteve as lágrimas com um suspiro longo. Apertou o casaco contra o peito e obrigou os pés a seguir. Cada metro a aproximava do convento; cada metro lhe arrancava um pouco do próprio filho. Definitivamente, era um caminho sem retorno.

## EVA E O PACTO DOS ESPELHOS

“Às vezes, o abandono não nasce da falta de amor, e sim da impossibilidade de sustentá-lo.”

Numa noite gelada de janeiro de 1970, um cavalheiro chamado Armando cruzou a porta de uma boate em Madrid. Talvez ainda não tivesse quarenta anos, mas o porte ereto, o cuidado com a aparência e a segurança de cada passo revelavam um homem satisfeito de si. Avançava com a convicção de quem sabe o que procura e o que espera encontrar num lugar como aquele.

— Senhor, permite o casaco? — disse uma garçonete, com sorriso profissional e roupa leve. — Temos serviço de chapelaria para o senhor ficar mais à vontade.

— Pois é — respondeu, tirando a peça com gesto aliviado.

— Carregar tanto peso no inverno é um estorvo.

— Desculpe a ousadia... é a sua primeira vez no Le Paradis? Armando arqueou uma sobrancelha, divertido.

— Tenho cara de novato? Acredite, já visitei muitos clubes em Madrid e nunca tive o menor contratempo.

— Claro, senhor. Peço desculpas pela ousadia — disse a jovem, inclinando levemente a cabeça. — Aqui é costume que, quando chega um cliente distinto pela primeira vez, a própria Madame Giselle o receba. Ela é a dona e vai lhe explicar nossos serviços.

— Distinto, é? — riu Armando, lisonjeado. — É sempre agradável quando tratam a gente com tanto cuidado.

— Claro que sim, senhor...

— Armando, às suas ordens — apresentou-se, apertando a mão da garçonete.

— Muito obrigada, seu Armando. Se quiser, escolha um lugar. Já a Madame vem dar as boas-vindas. Enquanto isso, vou servir uma taça de champanhe, cortesia da casa. Nada melhor para relaxar. Garanto que o senhor não sairá decepcionado. Aproveite a noite!

— Gosto de bom serviço. Vou me sentar, obrigado.

A garçonete sorriu com charme e retirou-se para o balcão. Armando escolheu uma mesa lateral de onde podia observar o ambiente do local. A decoração francesa, com espelhos dourados, veludos vermelhos e música suave ao fundo, arrancou-lhe um sorriso cúmplice: sabia que tinha vindo parar a um lugar de certo renome.

Não haviam passado cinco minutos quando surgiu diante dele uma mulher de presença imponente. Aparentava uns cinquenta anos, elegante e bem conservada, com um ar de segurança que deixava claro quem mandava ali.

— Boa noite, seu Armando — cumprimentou com voz grave e sedutora.

O cavalheiro ergueu-se de leve, num gesto de cortesia.

— Meus respeitos, senhora.

— Permita que eu me apresente: sou a Madame Giselle, responsável por esta casa. Como dita o nosso costume, sento-me alguns minutos com os novos clientes. Minha missão é simples: fazer com que sua experiência no Le Paradis seja a mais satisfatória possível. E, para isso, o

fundamental é encontrar a moça perfeita para o senhor.

— Ora, cliente preferencial logo na primeira visita — replicou Armando, com ironia. — Melhor isso do que passar despercebido.

— Exatamente, monsieur. O senhor pegou a essência — disse ela, observando-o com malícia.

— Diga, Madame, pareço assim tão distinto?

Ela riu de leve.

— Bien sûr. Tenho sexto sentido para essas coisas. Anos de experiência estudando os cavalheiros que cruzam esta porta. A garçonete que o recebeu já me avisou: “este cliente é especial”. Eu apenas confirmei.

— Então a senhora é francesa. Nota-se no sotaque.

— De Paris, para ser exata. E, embora eu esteja na Espanha há muito tempo, o sotaque resiste a desaparecer. Não me incomoda; até me favorece. O ar francês dá um toque de exotismo a este lugar. E, em negócios como este, acredite, a aparência importa tanto quanto a essência.

— Não duvido — assentiu Armando. — A especialista aqui é a senhora.

— Além disso — continuou, acariciando-lhe o rosto com gesto calculado —, meu pai era espanhol. Depois da Grande Guerre, conheceu minha mãe num bordel em Paris. E veja... aqui estou eu, seguindo uma tradição de família.

— Destino curioso.

— Não reclamo. Madrid me deu fortuna e amizades influentes. O que mais eu poderia pedir?

— Permita uma indiscrição, Giselle: a senhora já não está “na ativa” ... certo?

A Madame riu com um leve tom de melancolia.

— Muito franco, o cavalheiro. Tem razão. Os anos passam e a gente precisa se reinventar. Mas acredite: houve um tempo em que eu fui a mais requisitada da cidade. Hoje meu papel é outro: dirigir, aconselhar, prever o que cada cliente busca. Essa é, agora, minha melhor habilidade.

Armando ergueu a taça.

— E a senhora faz isso com maestria, a julgar por como me avaliou em poucos minutos.

— A experiência, monsieur, ensina mais do que qualquer escola.

Ela fez um gesto, e uma garçonete colocou sobre a mesa uma garrafa de Moët & Chandon. Brindaram.

— Permita que eu adivinhe — disse Giselle, inclinando-se para ele. — O senhor não é casado. Não digo pela ausência de aliança, mas porque não combina com o retrato do marido resignado e pai de família numerosa.

— Acertou — riu Armando. — Casamento nunca foi meu forte e, quanto a crianças, menos ainda.

— Eu intuía. O senhor é independente, líder nato, mas não tirano. Conduz com carisma. Por isso tem sucesso nos negócios.

— Surpreendente. A senhora fala como uma psicóloga.

— Nada disso, apenas experiência. E essa experiência me diz que o que o senhor procura aqui não é somente prazer carnal.

— Ah, não? — perguntou Armando, intrigado.

— Não. O senhor deseja algo a mais: conversa, companhia, desabafo. Na sua idade, monsieur, o corpo continua tendo apetites, mas a alma também pede um ouvido atento.

Armando sorriu, fascinado.

— Sabe, Madame, deixou-me encantado.

— Proponho uma aposta — prosseguiu ela, divertida. — Atribuirei ao senhor uma moça especial. Quando descer com ela do quarto, depois do que... acontecer, vai tomar a mão dela, convidá-la para outra garrafa e ficará conversando por horas. Se isso acontecer, o senhor oferecerá bebida a uma mesa que eu indicar. Se eu errar, a próxima garrafa fica por conta da casa.

— Interessante. Embora eu pudesse enganá-la só para ganhar.

— Não fará isso. O senhor não é desse tipo. Confio que cumprirá a palavra.

— Tem razão. Na minha idade, já não me divertem jogos infantis.

— Magnífico. Então é hora de apresentar a jovem certa.

Madame Giselle estalou os dedos. Uma garçonete surgiu de imediato. A dona inclinou-se para ela e sussurrou, aumentando a expectativa de Armando:

— Que a Eva desça agora mesmo.

Pouco depois, uma jovem de ar terno, marcada por certa timidez, desceu lentamente os degraus que ligavam o piso superior ao térreo. Seu andar pausado, quase inseguro, atraía os olhares de quem estava por perto.

Ao vê-la, Armando levantou-se no mesmo instante, como movido por uma mola. Em vez de apertar-lhe a mão, tomou-a delicadamente e a beijou, exibindo uma galanteria insólita num ambiente como aquele. Ao cruzar os olhos com os da moça, sentiu o coração acelerar e um suor inesperado cobrir-lhe a pele. Então percebeu o calor sufocante do local; talvez tenha pensado que o aquecimento estava alto demais.

— Madame Giselle! — exclamou, surpreso. — Não posso acreditar.

— Diga, cavalheiro — respondeu a dona, saboreando a reação.

— É pitonisa? Parece que leu meus pensamentos quanto ao tipo de mulher que eu queria encontrar esta noite.

— Eu já o preveni de que a experiência é a minha melhor aliada — respondeu com um meio sorriso. — Não preciso dizer mais nada; a presença da Eva fala por si.

— Há algo aqui que me escapa... — Armando franziu o cenho, entre surpreso e fascinado. — Mas não vou perder tempo buscando explicações. Só posso reconhecer, ainda que isso alimente o seu orgulho, que a senhora acertou em cheio. Senhorita, senhorita...

— Eu me chamo Eva, senhor. À sua disposição.

— Um nome bonito. Eu sou Armando. Senhorita Eva, quer se sentar aqui, entre nós?

A moça olhou para a Madame em busca de aprovação. Giselle respondeu com um leve gesto de cabeça. Só então a jovem sentou-se onde Armando indicara.

— Eva, gostaria de compartilhar uma taça de champanhe conosco?

A jovem lançou de novo um olhar rápido para a dona, como se precisasse constantemente do seu de acordo. Depois de recebê-lo, aceitou. Uma garçonete encheu as taças e retirou-se discretamente.

— Agradeço o convite, senhor — disse Eva em voz suave.

— Queria mesmo tomar algo em sua companhia. O senhor é muito gentil.

— Monsieur, parece que minhas previsões se cumprem — interveio Giselle, com um sorriso satisfeito. — De todo

modo, meu papel termina aqui. A apresentação é essencial para que nossos clientes distintos voltem, e eu já cumpri a minha. Agradeço o seu bom gosto em nos visitar. Não se esqueça da aposta. Estou convencida de que, a partir de hoje, passará a integrar a lista de clientes especiais.

— Mesmo? Caramba com esse seu sexto sentido.

— Ele trará vantagens no futuro. Vai comprovar. Au revoir, monsieur. Aproveite a companhia da Eva. Acredite, ela é muito especial.

Dito isso, a Madame se retirou. Armando e a moça ficaram a sós na mesa cinco. A proximidade de Eva era tão evidente que ele se moveu apenas um pouco para poder contemplá-la melhor, fixando-se em seus olhos e na serenidade frágil que seu rosto transmitia. Sentiu então gratidão por Giselle por ter acertado com tanta precisão.

— Não gosto de pressa, Eva — disse com voz amável. — Percebo-a tensa. Estou enganado ou é só impressão minha?

— Perdão, senhor — respondeu com certo retraimento.

— Esta noite estou inquieta, mas vou cumprir meu trabalho. Aqui é preciso ser profissional. Porém confesso: o senhor me parece diferente. Não tem o perfil do homem que costuma vir a este lugar. Permite a franqueza, seu Armando?

— Claro, menina. Relaxe, tem um ar quase celestial. Cada cliente vem com suas histórias, mas às vezes acontece de duas pessoas se conectarem no instante. E foi o que me aconteceu ao ver descer as escadas.

— Que gentileza da sua parte. Não é comum ouvir essas palavras neste trabalho. — Bebeu um gole nervosa e acrescentou: — Permite outra taça?

— Claro, mas vá com calma. Não quero que lhe faça mal e a gente tenha que suspender a nossa... apresentação.

— Isso é impossível, senhor.

— Impossível? Tanta resistência ao álcool sendo tão jovem?

— Digamos que faz parte do ofício. Aqui não se cancela um encontro salvo por morte. Estou acostumada. Além disso, o champanhe ajuda a quebrar o gelo.

— Entendo. Uma rotina eficaz.

Eva observou-o com cautela e, baixando a voz, acrescentou:

— Seu Armando, posso fazer uma sugestão?

— Espero que seja honesta — riu ele.

— A mais honesta possível. Veja... a Madame me lançou um daqueles olhares fulminantes. Peço discricção, mas seria conveniente que subíssemos ao quarto. Não quero problemas.

— Entendo. Fique tranquila, não direi nada. E concordo: a Giselle foi muito feliz ao recomendá-la para mim.

— Aqui a exigência é máxima. Basta um olhar dela para todas nós tremermos. E não há alternativa: ou se trabalha bem, ou não se come.

— Eu supunha. Este negócio vive da clientela que volta. Aconteceu comigo: vim por recomendação e, por enquanto, não me arrependo. Mas imagino que não seja fácil.

— É mesmo. Dizem que o ser humano é livre, mas a maioria de nós está presa às circunstâncias.

— Certo. E, menos ainda, há sindicatos ou apoios.

— Seu Armando, o senhor sabe muito bem que a luta sindical está proibida na Espanha. Veja só: mal o conheço e já me flagro falando de coisas que poderiam me prejudicar. É estranho, mas sinto como se o conhecesse há tempos. Por

isso confio na sua discrição.

— Serei um túmulo, Eva. Sua Madame não saberá de nada. Saberemos, se um dia nos cruzarmos por Madrid — embora eu tenha o dobro da sua idade.

— O destino é quem manda.

— Aliás, ainda não perguntei a sua idade. Só espero que tenha mais de dezoito.

— Não se preocupe. Já completei vinte primaveras.

— Perfeito. Então, brindemos à sua juventude.

— Não, melhor pegue minha mão. É o sinal de que devemos subir. Acredite, aqui embaixo eu não fico tranquila. Giselle nos observa do balcão e não perde a gente de vista. É capaz de ler até o pensamento. Com certeza amanhã há de nos interrogar a todas. Parece uma professora avaliando as alunas. Então... subimos, senhor?

— De acordo, vamos subir.

Uma vez no quarto, acomodaram-se no sofá ao lado da cama. Armando olhou em volta, surpreso.

— Ora, o Le Paradis! Este lugar não deve ser barato. Parece um palacete francês. Que refinamento na decoração.

— A Madame se empenha muito em dar “ambiente” a cada quarto. Cada aposento é diferente. Ela investe, e o investimento retorna. Tudo tem um ar do Paris natal dela. Aqui dentro a gente até esquece que está em Madrid e na Espanha.

— Sem dúvida, ela tem visão empresarial. Já estive em outros prostíbulos deprimentes, que pareciam querer despachar o cliente o quanto antes. Este, ao contrário, cria lembranças que convidam a voltar. Vim por conselho de um amigo e já vi que ele não se enganou. Assim como sua Madame não errou ao colocar você no meu caminho.

— Obrigada, seu Armando. Perdão, mas... posso lhe dizer algo com toda sinceridade?

— Claro, Eva — o homem inclinou-se para ela com gentileza. — Você se dedica a isto e eu sou, em aparência, o cliente que busca sensações diferentes; mas não esqueça que, desde o primeiro instante, houve algo especial, quase mágico, no nosso encontro. Sei muito bem que este é um negócio que cumpre sua função, mas, para mim, você é uma moça diferente, muito especial. Quer mais um pouco de champanhe?

— Sim, por favor. — Eva sorriu, um pouco mais confiante.

— Fico feliz que esteja começando a me conhecer. Olhe, aperte aquele botão verde na parede.

— Este aqui? De acordo. E para que serve?

— É bem simples: assim uma das garçonetes traz outra garrafa de Moët & Chandon.

— Genial — riu Armando. — Que invenção oportuna. Gosto disso; sem pressa, como prefiro. Assim teremos tempo para conversar e para eu saber mais sobre você.

— O que quiser.

— Vejamos, Eva... vou lhe pedir um favor: a partir de agora, trate-me por “você”. Vai nos fazer sentir mais próximos. É o lógico.

— Não é permitido — replicou com certa rigidez. — Tratar clientes por “você” aqui é considerado falta de respeito. É o costume, seu Armando.

— E se eu pedir como favor pessoal? — sussurrou, inclinando-se até roçar a bochecha dela com um beijo terno.

Eva o fitou com uma mistura de surpresa e ternura.

— Bem... isso é um argumento de peso. Está certo, vou te tratar por “você”, mas lembre-se: se estivermos diante da Madame Giselle, volto ao “senhor”.

— Perfeito. Agora sim me sinto mais à vontade. E me diga... com vinte anos recém-completos, faz muito tempo que está nesse ofício?

— Desde os dezessete, e não por escolha, e sim por obrigação.

— Puxa... — a voz de Armando ganhou um tom sério. — Dito assim, e com essa tristeza no olhar, fica evidente que não é um trabalho que a entusiasme.

— É fácil explicar. Minha mãe já trabalhava aqui. Agora está aposentada, claro — ou melhor, faleceu há tempos —, porque neste negócio a idade é um fator decisivo. Nem todas conseguem virar Madame ou prosperar como empresárias: é preciso dinheiro e pulso. Eu, por minha vez, cresci neste ambiente. Desde que nasci, meu mundo foi este. Diga: com que outra coisa eu poderia me ocupar se não conheci nada além disso?

— Entendo... tento me colocar no seu lugar. E seu pai? Ainda vive, sabe algo dele?

Eva soltou um pequeno suspiro.

— Se eu soubesse... para mim ele foi apenas um deslize da minha mãe. Um erro. E, nesta vida, os erros se pagam caro.

— Um erro? Pode explicar melhor?

— Ela se apaixonou — disse em voz baixa, como quem revela um segredo proibido. — E aqui, Armando, a gente não pode se dar a esse luxo. O carinho por um homem, por mais que se goste dele ou que ele seja terno, é um perigo. Amor e prostituição não combinam.

— Tem razão. Como amar alguém e, ao mesmo tempo, dividir a cama com outros? Não há coração que agüente.

— Exato. Fico feliz que entenda. — Fitou-o, surpresa. — Mas, pensando bem, não acredito!

— O que foi, Eva?

— Já faz um bom tempo que estamos conversando e ainda não me pediu que eu me despisse, nem tentou me empurrar para a cama. É a primeira vez que tudo acontece tão devagar... aqui os homens vêm, pagam, consomem e vão embora. Ficar falando da vida de uma prostituta... acredite, não é o habitual no Le Paradis.

— Pode ser que tenha razão.

— Então vai me dar uma explicação?

— É muito simples — replicou Armando, com franqueza que a desarmou. — Desde que a vi descendo aquelas escadas, algo acendeu dentro de mim. Não sei o que foi, mas meu coração se agitou como se queimasse. Por que mentiria? Nada ganharia com isso. A verdade é que gosto de a ouvir e de conhecer a sua vida. Sim, é prostituta por ofício, mas percebo em você algo a mais, algo diferente que me anima.

— Talvez porque, na realidade, esta não seja a minha vocação. Eu já disse: estou aqui por eliminação, porque não soube o que mais fazer. Minha mãe me advertiu quando eu era adolescente: “Menina, ou abre bem as pernas, ou vai passar mais fome do que cachorro de cego”.

— Puxa vida, sua mãe... — murmurou Armando, entre surpresa e dor. — Como se não houvesse outra alternativa além de deitar-se com homens em troca de dinheiro.

— Pois essa é a minha realidade. Preciso aproveitar a juventude, porque esta carreira é curta. Daqui a alguns

anos, nenhum cliente vai olhar para mim e eu não sei como vou sobreviver. É triste, mas prefiro não pensar demais: se o fizesse, a ansiedade me devoraria. Todos os dias repito para mim mesma que o futuro é incerto e me acostumo a não temê-lo.

Armando a fitou em silêncio, comovido. Depois falou com suavidade:

— Posso lhe pedir uma coisa, Eva?

— O que quiser. Para isso estamos aqui, a sós. Além do mais, a Madame disse que, esta noite, eu era seu cliente especial.

Nesse instante, bateram à porta.

— Ah, aí está. Entre, Ana, deixe o champanhe e as taças na mesa. Obrigada, querida.

— Que aproveitem — disse a garçonete, fechando discretamente.

— Perdão pela interrupção, Armando. O que queria me pedir? Finalmente algo de ação?

— Pois não... nada do que está pensando.

— Que noite de surpresas. Achei que fosse me ordenar: “tire a roupa devagar” ou “deite na cama que eu já vou”. Com este calor, frio não passaríamos.

— Pois é. Meu pedido é mais simples.

— Deixa-me inquieta. — Fingiu preocupação e, coquete, ajeitou os seios. — Não me diga que não correspondo às suas expectativas.

— Não, nada disso. O que eu quero... é lhe dar um beijo longo nos lábios.

Eva recuou levemente, desconcertada, e o olhou com estranheza.

— Um beijo? Ficou louco, Armando? Sabe que aqui os beijos são proibidos. Associam-se ao enamoramento, aos sentimentos... e isso não pode ser permitido. Espero que entenda. Não é que eu queira contrariá-lo, mas é uma norma inquebrantável no nosso mundo.

Armando sustentou o olhar da moça por alguns segundos, com tal intensidade que as pupilas dela pareceram enfeitiçadas. Houve um silêncio denso, quebrado apenas pelo crepitar do aquecimento e pelo murmúrio distante do salão. Ofereceu-lhe a taça de champanhe com um sorriso tranquilo e, antes que reagisse, inclinou-se para o rosto dela e a beijou. Não foi um beijo fugaz nem apressado: foi o mais longo e profundo dos vinte anos de Eva, gesto que transcendeu a carne e o prazer, parecendo tocar-lhe a alma.

Quando, por fim, se separaram, a jovem respirava ofegante.

— Por favor... — murmurou, num fio de voz. — É o cliente e tem o direito de escolher. Eu, não. Imploro: não faça mais isso. Agora me sinto péssima.

— Por quê, Eva? — perguntou Armando, confuso. — Fui completamente sincero com você.

— Justamente porque não pude me negar, porque meus lábios ficaram colados aos seus sem que eu quisesse — confessou, comovida. — Não devo me comportar como uma idiota, Armando. Meu trabalho é o meu sustento e não posso me arriscar a perdê-lo. Só espero que entenda.

— Está bem. Perdoe-me. Não queria colocá-la em uma enrascada.

— Obrigada — suspirou Eva, levando a mão direita ao peito, como se buscasse acalmar a tormenta por dentro. —

É... quer que eu tire a roupa já? Ou talvez prefira que eu me sente no seu colo para excitá-lo. Acho que vai ser o melhor. Sou jovem, sim, mas não inexperiente.

Levantou-se num gesto nervoso, bebeu de um gole o resto da taça e, depois de deixá-la sobre a mesinha, encheu novamente as duas taças.

— Ei, coisa linda! — riu Armando, com um lampejo de ternura. — Se continuar assim, vai se embriagar e então não vai sentir nada.

— Melhor — replicou, com um esgar amargo. — Qual seria a diferença? Acha que vou sentir algo diferente do de sempre? Olha, criei confiança e vou lhe dizer algo que eu nunca deveria confessar.

— A noite está cheia de inquietações — disse ele, inclinando-se lentamente para a frente. — Estou ouvindo.

— Desculpe a rudeza, mas uma prostituta não pode se permitir sentimentos. Se conhece este ambiente, sabe bem. Aqui não há jogos nem apostas: daqui a pouco você vai embora, satisfeito ou não, e eu vou continuar neste quarto esperando outro cliente, talvez minutos depois de estar relaxado em casa. Essa é a realidade.

— Puxa, que reflexão — respondeu Armando, movendo a mão de cima para baixo, pensativo.

— E tem mais — continuou ela, quase sem olhá-lo. — Um homem tão bonito e elegante como você, com certeza, tem uma bela mulher esperando em casa. Não julgo; é o habitual. Vou ser franca: nestes três anos nunca vi entrar aqui um solteiro. Que coincidência, não é? Sempre são homens casados que procuram fora o que não encontram no lar.

— Qualquer um diria que está cansada deste ofício — comentou com suavidade. — Não só do Le Paradis, mas de qualquer casa de alterne. Estou enganado?

Eva hesitou, e os olhos ganharam um brilho entre a raiva e a tristeza.

— Não posso lhe responder. Quer que eu perca o pão que me dá de comer?

Armando lhe acariciou o rosto e deu um beijo curto, quase paternal.

— Só lhe peço sinceridade.

— Sinceridade? — replicou com a voz entrecortada. — Pare de me pôr à prova, Armando. Não gosto do seu jogo.

— Está bem, calma, não é minha intenção irritá-la.

A moça, cada vez mais afetada pela bebida, deixou-se cair de novo no sofá. Fitou-o firmemente, como quem busca forças para dizer o que guarda há muito.

— Está bem. Vou confessar, ainda que me custe caro. Deve ser bem esperto, porque conseguiu desnudar a minha alma, não o meu corpo. Nunca um cliente tinha me arrancado estas palavras. — Inclinou-se para ele, quase em desafio. — Esta mulher que tem na frente está de saco cheio, Armando.

— De saco cheio? Mas só tem vinte anos...

— Sim. Cansada deste trabalho! Três anos vendendo o meu corpo e eu detesto. Odeio com toda a minha alma. Minha mãe enfiou isso na minha cabeça desde criança. Mas não, eu não aceito esse destino. Quero sair deste roteiro miserável. — Os olhos brilhavam de raiva contida. — E você... raios, por que não pode ser um cliente normal, como os outros?

— Baixe a voz, por favor. A Giselle vai pensar que estou a torturá-la — pediu Armando, embora um sorriso de afeto lhe bailasse nos lábios.

— Sim, tem razão... — murmurou ela, levando a taça aos lábios mais uma vez. — Mas entenda: o meu cansaço não quer dizer que eu não vou cumprir o meu trabalho. Estou aqui para te dar prazer, como sempre.

— Caramba com o seu palavreado — observou Armando, divertido. — Me surpreende numa pessoa da sua idade e condição.

— Pois é — respondeu, mais calma. — Eu tenho as minhas ilusões. Entre estas paredes, a minha única fuga são os livros. A leitura é o que me salva. Os romances... são a minha válvula de escape. Graças a eles esqueço, por um tempo, a miséria que este ofício implica.

— Agora entendo o seu modo de falar — admitiu ele. — Tem um vocabulário pouco comum neste meio. E eu, que imaginava uma mulher grosseira e pouco refinada, veja só: me colocaram um anjinho com cara de princesa. Está bem, vamos mudar o roteiro. Chega de eu fazer as perguntas. Agora é a sua vez. Pergunte o que quiser; não vou esconder nada.

Os olhos de Eva se abriram com surpresa e uma ponta de esperança.

— De verdade?

— De verdade. Mas aviso: não beba mais, ou não vai ter forças nem para falar.

— Eu sei por que bebo, Armando — respondeu com um traço de melancolia. — Cada gole é uma fuga dos meus próprios pensamentos. Mas tem razão, chega. Vamos lá... a primeira pergunta é obrigatória.

— Se sou casado, certo?

— Exato.

— Então se surpreenda: não. Solteiro e sem compromisso.

— Incrível... embora eu já tivesse reparado na ausência de aliança — afirmou a jovem, cada vez mais nervosa. — Mesmo assim, muitos tiram antes de entrar aqui. É verdade o que diz?

— Totalmente. Para que eu mentiria? Se não vê aliança é porque ela não existe.

Eva se acomodou melhor, com os olhos brilhando.

— Muito bem, então... segunda pergunta. Em que trabalha? Nem todo mundo pode se permitir o luxo de vir ao Le Paradis.

Armando sorriu, orgulhoso.

— Sou empresário. Comecei do zero, trabalhando sem descanso. Primeiro uma loja, depois outra... agora tenho mais de dez em Madrid. Eletrodomésticos. A prosperidade e o consumismo destes últimos anos me favoreceram. E, graças a não ter família, pude me dedicar por inteiro ao negócio. Ainda não completei quarenta, e o futuro parece promissor.

Eva o escutava com atenção, recostada no sofá, como se cada palavra a transportasse para um mundo diferente, muito longe das paredes do Le Paradis. Olhava com brilho nos olhos, atravessados por uma mistura de curiosidade e desafio.

— E há algo que me intriga muito, senhor empresário de sucesso — disse, com um fulgor especial no olhar. — Por que vem a casas de alterne? O que procura aqui? Seja honesto, por favor. Já disse: não se encaixa no perfil habitual dos homens que cruzam estas portas.

Armando encolheu os ombros, como quem não quer se alongar no assunto.

— Não sei, mocinha. Suponho que o corpo tenha suas necessidades e eu deva atendê-las. Pesa também a solidão, não ter alguém me esperando em casa... e, claro, a atração pela aventura, pelo prazer.

Eva inclinou a cabeça, observando-o atentamente.

— Pois vejo em você algo diferente, Armando. Os seus motivos não são os de qualquer um.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso com aquela segurança.

— Mais do que perguntar, está me analisando, como se tivesse desenvolvido a habilidade de ler meus pensamentos.

— Dá no mesmo — respondeu ela com certa ironia. — Serei puta, mas não sou burra. Quando me interessa, sei ler o coração dos homens com quem me deito. E você, reconheço, me interessou desde o primeiro momento. O mesmo que eu a você. E veja... estou dizendo tudo isso sem que a gente tenha feito amor ainda.

— Então, Eva, diga: o que vê em mim, além do que já sabe?

— Vejo muito mais — afirmou, sem titubear.

Ele inclinou-se na direção dela, intrigado, disposto a ouvir.

— Esclareça isso. Talvez seja mais intuitiva do que eu pensava.

A jovem o sustentou com o olhar.

— Com licença, o que vejo é um homem triste. Talvez o que fez hoje seja só uma rotina, um entretenimento noturno. Mas, por trás dessa fachada, noto o peso da solidão. Encheu a vida de projetos profissionais, de conquistas..., mas, em outros âmbitos, está vazio.

Armando ficou um instante em silêncio, como se mastigasse as palavras.

— Muito sugestiva a sua reflexão. Suponho que se refira ao amor.

— Exato. E não sei se estou pisando em terreno pantanoso. Lembre que foi quem me pediu que perguntasse, quem quis aprofundar. Não pretendo ferir, Armando, mas sei que há quem se incomode quando tocam a fibra sensível.

— Não me ofende, Eva. Tenho consciência de onde estou e do que significa uma visita como esta. Sei que um prostíbulo não vai organizar a minha vida. Mas o que me impressiona é a sua capacidade, com apenas vinte anos, de atravessar com tanta clareza as barreiras que todos nós construímos para nos defendermos da dor. Vim ao Le Paradis buscando diversão, alternar um pouco e ir embora mais tranquilo. Agora, porém, me pego perguntando quem traçou este encontro entre nós. Confesso que, por dias, não vou conseguir apagar da memória esta conversa.

Eva sorriu, embora houvesse um matiz de tristeza no sorriso.

— Vou ficar feliz se for assim. Quem sabe isso sirva para refletir sobre esse sucesso empresarial que tanto cultivou, mas que parece não preencher outros espaços importantes da sua vida.

— Pensei nisso muitas vezes — admitiu ele, com um suspiro. — E agora acontece que venho a um clube, e é uma das funcionárias mais jovens quem me lembra disso com mais clareza do que ninguém. Você pôs o dedo na ferida, Eva. Sim, enchi a minha bolsa de dinheiro, mas a mesa da minha existência continua manca. Uma mesa que precisa de equilíbrio e harmonia para se sustentar.

Ela, num gesto coquete, levantou-se e foi até a cama.

— Meu cliente especial, abusamos do sofá com tanta conversa. Nem sequer tocamos o leito, que era, em teoria, o propósito deste encontro. E então, mãos à obra? Não quero que saia daqui deprimido; seria ruim para os meus interesses. Sabe: cavalheiro que vai embora triste não volta. E a Madame vai querer saber da sua experiência.

Armando a seguiu com o olhar, sereno.

— Tem razão, Eva. Mas digo uma coisa: não creio que volte aqui.

A reação da jovem foi inesperada. Sentou-se na beira da cama, inclinou a cabeça e, tentando esconder as lágrimas que lhe corriam pelo rosto, olhou-o profundamente.

— Hein? Tão fundo assim te afetou o que eu disse, a ponto de chorar? — perguntou Armando, comovido.

— Que nojo de trabalho... — sussurrou. — Estou amargurada. Aqui não há lugar para sentimentos. É a triste realidade. Mas também não quero me ver amanhã na rua, sem nada para comer. Eu não posso me permitir isso.

Ele inclinou-se para ela, com firmeza na voz:

— Claro que não. A menos que...

— Chega de jogo de palavras, Armando. Não estou de humor.

— A menos que eu te proponha algo diferente.

Eva o olhou, surpresa, enquanto se sentava sobre as pernas dele e lhe acariciava o rosto com as duas mãos.

— Do que está falando?

— Sabe muito bem, querida. Ou será que, de repente, perdeu a sua intuição?

Ela riu com amargura.

— Não me é permitido sonhar. Porque, ao despertar, a dor seria insuportável.

— Então não sonhe. Seja realista. Me escute... eu gostaria de te ver fora daqui, em outro espaço. Mais limpo, menos contaminado. Um lugar onde não sinta o peso deste ofício. O que acha?

Eva apertou de leve o pescoço dele.

— Está me enganando. E, se tem algo que não tolero, são mentiras. Viver aqui me tornou desconfiada, me fez uma loba que não confia em ninguém. É natural: ninguém quer sofrer duas vezes. Já sofro pelo meu destino e por este trabalho. E me angustio com os romances que leio, porque neles, pelo menos, os personagens maltratados pela vida encontram uma recompensa.

— É um ser admirável, Eva. E eu que pensava encontrar apenas sexo e luxúria neste lugar. Como eu estava enganado.

Ela pousou um dedo sobre os lábios dele.

— Cale um pouco. Fica mais bonito em silêncio.

Armando sorriu, mas logo insistiu:

— Feche os olhos. Sonhe com o mais lindo que já te aconteceu. Só por um instante.

Eva obedeceu, e seus lábios se uniram num beijo longo e profundo, o mais intenso de suas vidas, ainda mais apaixonado que o que tinham dado há alguns minutos. Um instante de romantismo puro, impossível de apagar. Quando se separaram, ela o segurou pelos ombros e o fitou fixamente.

— Olhe para mim, Armando. Jura, pelo que há de mais sagrado, que não está me enganando?

— Eu te asseguro, Eva. Por Deus. O que disse saiu do meu coração. As palavras às vezes enganam, mas não quando vêm da alma.

Ela assentiu, com lágrimas contidas.

— Está bem. Acredito em você. Me perdoa a desconfiança. Este trabalho nos torna hostis, desconfiados, incapazes de sonhar com qualquer coisa. Eu não tenho um passado digno de lembrar... mas ainda me resta a esperança de um amanhã.

— Entendo perfeitamente — replicou ele. — Me diga: qual é o seu dia de folga?

— Às segundas. É o único dia em que posso escapar deste lugar. Não se deixe enganar pela decoração, pelo champanhe ou pela fachada de luxo: isto continua sendo um prostíbulo. Uma tragédia grega que sofremos em silêncio, dia após dia.

Armando a abraçou com suavidade.

— Entendi bem, Eva — disse Armando, com um toque de cansaço na voz. — E, agora que sei, nada mais será igual.

Tirou do paletó um cartão e o estendeu com solenidade.

— Tome, te entrego algo valioso. Este é o meu cartão. Aí estão todos os meus dados: meu endereço, meu número de telefone.... Guarde bem, com carinho, e não perca.

A moça arregalou os olhos, surpresa.

— Hein? — exclamou, com expressão de espanto. — Mas mora na parte mais nobre de Madrid... puxa... já andei algumas vezes pelo bairro de Salamanca e sempre me pareceu um lugar lindo, com aqueles prédios tão altos e majestosos, jardins bem cuidados, lojas com vitrines luminosas.... Eu ficava absorta contemplando tudo, com uma vontade impossível de entrar, perguntar por um

vestido, por uma bolsa, por uns sapatos... mas a vergonha me invadia. Sentia que nada daquilo estava ao meu alcance. Sabe o que é delirar diante de uma vitrine? A minha obsessão era pensar: “assim que me virem entrar, vão achar que sou uma putinha dos baixos fundos...” E então, quando se vive com a água no pescoço, não dá para se permitir nem sonhar: apenas imaginar por um instante, para depois voltar, de golpe, à crua realidade.

Armando a escutou em silêncio. Depois assentiu com gravidade.

— É possível, Eva. Olhe, quando uma perna dói, você se apoia mais na outra para compensar. Mas esse alívio é momentâneo, porque, cedo ou tarde, precisa continuar avançando.

— Sim, deve ser isso, Armando — murmurou a jovem.

— Pois então — acrescentou ele, decidido —, vou passar o domingo ansioso, aguardando sua ligação para te buscar na segunda. Quero ver-te fora daqui, longe desta fumaça, destes vapores de álcool e dos gemidos fingidos. Ver-te na tua essência. Perguntou-me várias vezes se eu era sincero e jurei que sim. Agora, espero que não me decepcione. Nada me doeria mais do que me deitar no domingo sem saber que, no dia seguinte, poderei abraçar-te.

Eva sustentou o olhar dele, com uma seriedade que contrastava com a juventude.

— Não, não sou dessas. Se dou a minha palavra, cumpro. Vou te ligar, pode ter certeza. Ouça... ouça o ritmo do meu coração.

Armando aproximou o ouvido do peito da jovem e sorriu.

— É verdade, está batendo a toda.

— E há um motivo claro para isso acontecer — respondeu ela num fio de voz. — Mesmo que fosse só um tempo caminhando a sós ao teu lado, eu já me sentiria livre. E essa sensação... ninguém no mundo é capaz de comprar. Só quem a vive sabe o valor que tem.

O empresário suspirou, emocionado.

— Como fala bem, Eva. Meu Deus... quanto devo ao meu amigo por me recomendar este lugar. Quem diria. Disse que aqui encontraria moças com mais nível, que não eram vulgares, que até sabiam conversar. E tinha razão, mas o que levo de hoje é infinitamente mais. Que me importa o lugar onde estamos, se te encontrei? Isso é o importante, o que justifica cada instante vivido esta noite.

Eva sorriu, quase corada.

— Quanta razão, querido. Quero que a próxima segunda se transforme no melhor dia da minha vida. Embora... — fez uma pausa — eu não esqueça a minha profissão. Esta noite vou descansar feliz, e não vou fechar os olhos para me evadir nos meus romances, como outras vezes. Talvez eu me deite para sonhar com o teu olhar. Vou ficar aqui, contigo presente. Depois de tanta teoria... que tal se passarmos à prática?

Armando negou suavemente com a cabeça.

— Uf... confesso que eu seria incapaz nessas circunstâncias. Estou falando sério, Eva. O nosso encontro, o que compartilhamos, encheu minha cabeça de um romantismo que não tem nada a ver com este prostíbulo. Aqui tem de tudo, menos isso.

— De novo me conquista com o raciocínio — sussurrou ela, embora a voz deixasse adivinhar certa frustração. — Me aborrece que te cobrem uma tarifa tão alta sem sequer

ter deitado na cama.

Ele sorriu, tranquilo.

— O preço nunca será alto demais, se, em troca, me permitiu conhecer-te. Vamos, não falemos mais disso.

— Está bem — concedeu Eva. — Mas vou te pedir um último favor. Não quero descer as escadas sozinha. O nosso encontro foi uma aposta pessoal da Madame Giselle. Desça comigo, de braço dado, e assim ela poderá saborear a vitória. Com certeza estará nos esperando, ansiosa para comprovar pessoalmente.

Armando soltou uma risada breve.

— Sim, já estou cansado desse joguinho estúpido de prostíbulo. Mas só penso numa coisa.

— E qual é, meu amor?

— Que falta um minuto a menos para te ver na segunda.

Levantaram-se. Diante do espelho da penteadeira, seus reflexos se tocaram antes que suas mãos; eram dois desconhecidos que já se conheciam.

Eva ficou séria de repente.

— Armando, cuidado. O que estamos fazendo é muito sério. Vou te ligar, sim, mas, se no domingo não atender o telefone, pense nas consequências. Depois de anos neste negócio, a raiva ruim que se acumula aqui dentro é terrível. Vamos fazer um trato — disse, olhando-se no espelho —: se, nesse domingo, eu não conseguir falar contigo, vou rasgar este cartão diante do meu reflexo.

Ele tomou-lhe as mãos com ternura.

— Calma. O de hoje não foi por acaso. Faz muito tempo que eu não sentia algo parecido com o que me aconteceu contigo esta noite. Te dou minha palavra de homem.

Minutos depois, após pagar a conta salgada, Armando e Giselle se despediram com sorrisos calculados.

— Nunca me alegrei tanto em pagar um serviço, Madame — comentou ele com ironia gentil. — A senhora ganhou, sem sombra de dúvida. Eva é uma moça de nível, daquelas que trabalham com entrega e, além disso, sabem chegar ao fundo da alma. Não oferece só entretenimento — a senhora me entende —, também oferece conversa, algo pouco comum neste mundo. Acredite: a gente sai diferente daquele quarto. Parabéns pelo acerto ao escolher minha companhia. Conte comigo para fazer propaganda do Le Paradis entre os meus amigos.

— Bien sût, monsieur — respondeu Giselle em perfeito francês. — Como eu gosto do seu discurso, Dom Armando. Suas palavras no seu círculo mais íntimo nos farão muito bem. E quanto à nossa aposta, já sabe: era só uma brincadeira, um joguinho divertido para ver quem tinha mais razão.

— A senhora ganhou, Giselle, eu reconheço. Parabéns. Voltarei, não duvide — concluiu ele, estendendo a mão.

— Merci beaucoup. À votre service, monsieur.

Passado um tempo, a Madame continuava na mesa número quatro, terminando outra taça de champanhe. Algo dentro dela a mantinha inquieta. Então, Eva apareceu, um tanto cansada.

— Me convida para uma taça, Madame?

— Vamos lá, sente-se. Está bem. Mandei te chamar para te dar um respiro. A tua “aventura” com aquele cavalheiro me saiu muito rentável. Com o que ele gastou, fica claro que dinheiro não lhe falta. E, além disso, ficou contigo mais tempo do que o habitual. Isso me faz suspeitar que houve

algo mais do que sexo. Ninguém permanece tanto com uma moça se não há outros fatores. N'est-ce pas, chérie?

Eva tentou escapar ao golpe da pergunta e bebeu, nervosa, um gole de champanhe.

— Madame, a senhora é a rainha deste negócio. Por que me pergunta, se já sabe de sobra como funciona?

— Não comece com a sua filosofia barata, mocinha. O seu problema é que lê demais, e isso não me agrada. Enche a cabeça de fantasias. Tem de ser mais simples. Vá, fale como se não soubesse nada deste mundinho.

— O de sempre, Madame. Acho que caí nas graças dele desde o primeiro momento e isso facilitou as coisas. Falava muito, mais do que o normal, e tive de usar as minhas artes para acender a paixão e fazê-lo parar de falar. Depois se deixou levar e terminamos bem. Nada especial: um homem com dinheiro, sim, mas só mais um cliente que vem aqui se liberar.

— E ele te pediu algo diferente?

— Não. Talvez o álcool tenha afetado um pouco. Pedimos várias garrafas de champanhe e, no fim, isso pesa. Foi bem tradicional, ele por cima, eu por baixo. O único estranho foi a necessidade dele de desabafar emocionalmente.

Giselle arqueou uma sobrancelha.

— Como assim desabafo emocional? Explique-se, menina.

— É só a minha impressão. Acho que veio para se recuperar de algum desgosto recente.

— Qual?

— Disse-me que tinha se separado da esposa há pouco, que a convivência ficou insuportável. Suponho que, além de prazer, queria compartilhar a história com alguém anônimo, uma mulher como eu, acostumada a ouvir.

Giselle bufou com desdém.

— Se isso for verdade, que imbecil essa mulher! Com a vida do jeito que está e largar um homem assim, com a idade e a carteira dele.... Para mim, disse que era solteiro, mas pode ter querido me despistar. Tem gato escondido aí. Ou ele é um psicopata que amarga a vida dos seus, ou ela é maluca. Talvez já tenha outro homem e essa tenha sido a desculpa. Enfim, de cobras o mundo está cheio! O que eu sei é que as mulheres dos anos setenta já não são tão estúpidas quanto as de vinte anos atrás.

— Pode ser, existem muitas possibilidades — limitou-se a responder Eva.

— Diga-me uma coisa... falou de filhos?

— Não. E eu também não ia perguntar. Embora me tenha parecido que sim... talvez dois. Para isso sou muito intuitiva, Madame.

— Tá... E o temperamento dele?

Eva estalou a língua, irritada.

— Por favor, não basta o que já contei? Não foi um interrogatório policial, Madame.

A dona bateu com força na mesa e levantou a mão, como se fosse esbofeteá-la.

— Cale-se e não retruque, pirralha. Quem pergunta sou eu e quem responde é você. Não se esqueça jamais. O meu faro me diz que tem algo estranho aqui. E eu não costumo falhar. Então fale claro, Eva.

— Eu não sei, de verdade — respondeu a jovem com a voz trêmula. — Parece um homem bem normal, embora tenha dinheiro. Acho que teve má sorte no casamento e agora deve estar passando por um mau momento. Por isso veio aqui, Madame. Quando há crise nos casais, é comum

os homens buscarem alívio desse jeito. Não lhe parece? Talvez lhe tenha sido mais fácil descarregar comigo do que procurar um conselheiro matrimonial ou se confessar ao padre. Eu não sei, juro.

Giselle a fitou com os olhos semicerrados, como uma fera à espreita.

— Vem cá, desgraçada — rosnou de repente e, num puxão brusco, agarrou-lhe o cabelo, arrastando a cabeça para perto da própria boca. — Você está me escondendo alguma coisa, infeliz. Eu digo no seu ouvido para você lembrar bem: acha mesmo que pode me enganar na minha idade, imbecil? — O hálito dela, impregnado de champanhe, queimava-lhe a orelha. — Vá, suma da minha frente e volte ao trabalho. Não suporto meias-verdades. Há algo que não encaixa, e eu juro que vou descobrir.

Eva se contorceu entre as mãos dela.

— Mas, Madame... quer que eu invente alguma coisa para a senhora ficar tranquila? Prometo que não há mais nada, precisa acreditar em mim. Solte-me, por favor, vai me deixar careca... está doendo.

— Cuidado com o que anda tramando, menina — replicou Giselle, puxando de novo o cabelo da jovem. — Não zombe de uma veterana como eu, ou vai pagar caro. Você, uma empregada vulgar, vai me peitar? O que está pensando, espertinha? — O rosto dela ficou a poucos centímetros do de Eva, e o brilho cruel nas pupilas gelava o sangue. — Lembre-se sempre: aqui é só mais uma trabalhadora. Este é o meu negócio, e ninguém me esconde o que acontece entre estas paredes. Tudo, desde o aquecimento que te relaxa até a água com que se lava, ou os lençóis em que se revira, corre por minha conta. Não se

esqueça, pivete, que só tem vinte anos!

Eva engoliu em seco, com os olhos avermelhados.

— Sinto muito, Giselle. Juro que não estou escondendo nada sobre aquele homem.

A Madame a soltou bruscamente e virou de um trago a taça.

— Olha, tua mãe já teve a época dela e sempre me foi leal. Foi ela quem te deixou “colocada” nesta casa, mas fui eu quem decidi te contratar. E nem todas têm esse privilégio, sabia? Muitas não têm nível. Por isso, me deve agradecimento vinte e quatro horas por dia. Cuidado com o que está tramando. A tua mente, para mim, é transparente. Se não fosse porque me faz ganhar dinheiro, eu já teria te posto na rua esta mesma noite. Pensa demais, mocinha, e isso te torna perigosa. O teu trabalho não é ficar dando tantas voltas na cabeça, e sim entregar-se de corpo e alma ao ofício. Eu te pago para abrir as pernas e satisfazer quem entra aqui. O resto sobra. Vá, levante-se dessa cadeira, circule pelo salão, mostre os seus encantos e conquiste mais clientes. Essa é a sua função.

Eva, num fio de voz, ousou pedir:

— Por favor, Madame... posso encher outra taça antes de ir?

— Maldita bêbada! — bradou Giselle. — Se acha que, bebendo, vai esquecer onde vive, está muito enganada. Vá lá, sirva-se, mas só meia taça. Tem de estar em condições para os próximos clientes. Este champanhe é delicioso e te evade, sim, mas em breve vai te encher de rugas e te engordar. Depois não diga que eu não avisei. Fora da minha vista!

— Oui, Madame. Merci — sussurrou Eva, afastando-se a passos rápidos, tentando disfarçar a dor e a humilhação que

o interrogatório lhe provocara. A mente, porém, seguia ocupada com pensamentos distantes do prostíbulo, inquietações sobre seu futuro mais imediato.

Entretanto, a poucos metros dali, Giselle ergueu a mão para chamar a atenção de uma de suas moças, uma das favoritas.

— Olá, Jessica. Venha, sente-se aqui comigo.

— Diga, Madame, o que deseja?

— Nada; só quero que me faça um pouco de companhia.

— Muito bem — respondeu a jovem, com certa estranheza, tomando assento.

— Ande, sirva-me outra taça, que esta garrafa já está vazia. Encha também uma para si no balcão.

Jessica obedeceu sem demora e, em segundos, voltou com duas taças borbulhantes.

— E a que se deve esta honra, Madame?

Giselle fitou-a com calma, saboreando o primeiro gole.

— Diga-me, Jessica: há quanto tempo trabalha aqui?

— Há mais de cinco anos, Madame.

— Bem. E, como deve ter notado, há colegas que, mesmo estando há menos tempo, já ocupam posição acima da sua.

Jessica baixou os olhos, mas respondeu com firmeza:

— Sim, é verdade. Nunca entendi, mas sempre respeito seu critério, sua autoridade. Sei que a senhora sabe o que convém a cada uma de nós. Não sou como aquelas que falam mal às suas costas. Minha oportunidade de ter melhores turnos e ganhos há de chegar.

— Gosto de ouvir isso — replicou a Madame, com um meio sorriso. — Não me surpreende; estou habituada às traições deste negócio. Essas ingratas não merecem viver no Le Paradis. Lá fora morreriam de fome como cadelas.

Mas há procura, e nem sempre convém prescindir de alguém. Fique tranquila: graças à sua lealdade, sei com o que posso contar. Nota-se que nasceu na França, como eu, embora depois tenha vindo para Madrid ainda menina.

— Oui, Madame. Compartilhamos o sangue do nosso país, embora eu quase tenha esquecido o francês.

— Não estamos aqui para praticar línguas — interrompeu com severidade. — Entendeu?

— Claro, Madame. Então, o que deseja de mim?

— Baixe a voz, Jessica. O champanhe faz seu tom subir demais. As coisas importantes se dizem em silêncio. Escute bem: gostaria de ascender de posição?

Os olhos da jovem brilharam.

— Claro que sim, Madame. Seria uma grande oportunidade.

— Perfeito. Lembre-se de que sou eu quem faz a distribuição. Se me for útil, vou lhe designar os cavalheiros mais apurados e generosos nas gorjetas. Entende o que estou oferecendo?

— Bien sûr, Madame. Diga o que devo fazer e eu cumpro.

— Sabe o que tenho entre os dedos?

— Parecem cabelos, Madame — disse a jovem, surpresa.

— Sim, é um chumaço daquela estúpida da Eva. Tive de arrancá-lo porque me esconde algo. Agora, é uma parte dela que me pertence.

— Entendo, Madame — respondeu a moça, engolindo em seco.

— Assim gosto. Sem perguntar, já concorda. Essa é a verdadeira lealdade. Alegreste minha noite. Tome outra taça, merece.

— Oui, Madame. Enchantée.

Giselle lançou-lhe um gesto ambíguo.

— Você é ambiciosa, menina. Aposto que, se eu pedisse qualquer coisa — até me dar prazer —, faria sem hesitar.

— Se a senhora diz, Madame Giselle...

Ela mal sorriu.

— Muito bem, vamos ao que importa. Conhece bem a Eva?

— Claro. Como não conhecer. Aquela convencida passou à frente de todas em muito pouco tempo.

— Certo. Quer saber o motivo da ascensão dela?

— Imagino, mas prefiro ouvir da senhora.

— Então já sabe a resposta. Aquela fulana, como a mãe, supera vocês em cultura e conversa. Por isso progride, por isso recebe as melhores gorjetas e os clientes não param de elogiá-la.

Jessica franziu o nariz com desdém.

— Deve ser isso, Madame. Porque em corpo ela não me supera. Se não fossem aqueles ares de superioridade... é muito arrogante.

— Não seja simplória. A inveja corrói, Jessica. Se parece vaidosa, é porque se cultivou. Embora muitos clientes procurem apenas sexo, também há os que apreciam uma boa conversa ou um desabafo. É aí que ela brilha; por isso perguntam pelo nome dela. Eva dá a eles o que precisam.

— Bom... cada uma faz o que pode com o que tem entre as pernas.

Giselle lançou-lhe um olhar cortante.

— Idiota, pense ao menos uma vez. Aqui não basta ter boas curvas — e o que você tem entre as pernas é igual para todas, até para mim. Importa distinguir anatomia de psicologia. O diferencial da Eva é que beira a perfeição.

— E por que eu não posso aspirar a essa perfeição? O que me falta, Madame?

— Boa pergunta. Falta-lhe lábia — respondeu a dona, irônica. — E não me refiro só à da cama, mas à de conversar, fingir interesse pelos problemas deles. A mente se consolida com os anos; o corpo, ao contrário, decai. Guarde isso.

— Tudo isso me enche de raiva, Madame, sobretudo quando lembro daquela vaidosa. Quem ela pensa que é?

— Claro — replicou Giselle, girando a taça entre os dedos como se fosse um oráculo. — Fique tranquila, minha menina; vou cuidar dessa frustração que escapa pelos seus olhos.

— Como, Madame? Qual é o segredo?

— Muito simples: cumprindo minhas instruções. Já fez isso outras vezes; não será difícil. Escute com toda a atenção.

— Vou cumprir o que mandar, sobretudo se for para azedar a vida daquela presunçosa — disse Jessica, com um brilho de ódio, esvaziando a taça.

Giselle mal sorriu — aquele sorriso que sempre anunciava perigo.

— Quero que vigie os movimentos da Eva. O que acha? Simples, não? Quero saber tudo sobre ela; não omita nenhum detalhe, nenhuma informação, ainda que pareça secundária. Abra bem os olhos e os ouvidos; repare até no estado da pele, que isso também dá pistas. Quando reunir os dados, me procure e conte tudo.

— De acordo, Madame. Serei a sombra daquela estúpida e não vou perder um detalhe do que fizer.

— Assim é que gosto. E fique tranquila: saberei recompensá-la de acordo com a qualidade da informação

que trazer. — Inclinou-se e sussurrou, envenenada: — Ah, mais uma coisa: não seja idiota a ponto de inventar coisas sobre a Eva, porque sei distinguir perfeitamente o real do imaginário. Ficou claro?

— Claro, Madame. Faltava mais. Jamais a enganaria.

— Espero que não. Seja prudente e astuta como uma cobra. Dissimule bem suas intenções, para que ela não perceba minha incumbência. Aquela vadia não tem um fio de tola. Que não a pegue, que não desconfie de si. Assim a apanhará desprevenida, e não na defensiva. Depois virá revelar-me tudo. Estamos de acordo?

— Eu lhe asseguro, Madame. Meus olhos e ouvidos vão trabalhar de imediato.

— Ótimo. Seja discreta, Jessica, e tudo correrá bem.

Jessica hesitou um instante:

— Perdão... mas...

— Mas o quê? — cortou Giselle, cravando-lhe o olhar como uma faca. — O que há agora? Creio que fui clara.

— Vou parecer insistente, Madame, mas... quando vou notar a melhora na minha situação?

Um risinho irônico escapou dos lábios da dona.

— Quando me trazer informação verdadeira. Se o que contar for tolice, não lhe servirá de nada. Já sabe como funciona este trabalho e o que pedi. Então...

— De acordo — respondeu Jessica, contendo a impaciência. — Vou fazer um trabalho de inteligência e, assim que tiver novidade, virei com prazer ao seu encontro para dedurar aquela maldita vadia.

— Isso mesmo. Continue como disse e, em breve, será uma fulana com mais cachê. Vou colocá-la entre as primeiras, não duvide. Tudo depende de si, Jessica.

Giselle despachou-a com um gesto de mão.

— Vá, dê uma volta e me deixe sozinha. Preciso continuar observando. E aviso: se aquela espertinha tiver um plano ou estiver tramando algo, eu vou saber... e sua obrigação é me dizer. Mexa-se já. E não beba mais: você quase acabou com a garrafa.

— Às suas ordens, Madame — respondeu a moça, com graça fingida, levantando-se de imediato e afastando-se ligeira, embora por dentro ardesse de ambição.

## O PREÇO DE UM SONHO

“A liberdade, quando se compra, dói mais do que qualquer corrente.”

Por volta da uma da tarde daquela segunda-feira de janeiro, Eva atravessou a porta de um edifício majestoso no coração do bairro de Salamanca, uma das zonas mais elegantes e aristocráticas de Madrid. O mármore da entrada brilhava com um resplendor quase solene, e as molduras douradas dos lustres pareciam lembrar a quem entrasse que aquele não era um lugar para qualquer um.

Nesse dia, o inverno cedeu espaço a uma trégua insólita: uma brisa suave do sul acariciava a cidade e envolvia tudo num ar primaveril, quase festivo. O termômetro roçava os quinze graus, um presente inesperado que tornava mais leve o passo da moça. A meteorologia, como um cúmplice discreto, parecia sorrir-lhe e dizer: “Não temas, hoje a vida te concede um respiro”.

Eva havia caminhado mais de meia hora desde o Le Paradis, não apenas o bordel onde trabalhava, mas também o lugar que funcionava como sua prisão, seu refúgio e seu inferno. Percorrera as ruas com uma mistura de nervosismo e determinação, saboreando a cada passo a promessa de uma vida distinta, ainda que só por algumas horas. Ao deter-se diante do portão, inspirou fundo e

entrou com uma ousadia talvez mais aparente do que real: os olhos brilhavam de emoção, mas, no íntimo, sentia a vertigem de quem se aproxima de um mundo que não lhe pertence.

— Desculpe-me, senhorita. Boa tarde. Para onde vai? Posso ajudá-la? — perguntou o porteiro, um homem de meia-idade com ar profissional, embora sem dureza.

Eva ficou um segundo imóvel, insegura, como se as palavras tivessem tropeçado na garganta.

— Ah, sim... — titubeou. — Queria subir ao apartamento do senhor Armando Ramírez, que mora aqui.

— Sim, ele mora na cobertura D. Ali está o elevador — disse, indicando solenemente para a frente. — Suba e aperte o último botão. Vai levá-la ao ponto mais alto, que é onde vive o senhor Ramírez.

A jovem não conteve um sorriso.

— Ha, ha... foi divertido o seu jogo de palavras.

O porteiro ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Não pretendia fazer nenhuma brincadeira, senhorita. Veja, nós, porteiros, estamos aqui para vigiar e controlar o acesso às residências. Só isso. E, claro, pode passar, porque o dom Armando já me avisou de que a senhora viria.

O alívio correu nas veias de Eva como um vinho doce.

— Ah, ainda bem. Então... posso subir?

— Sem dúvida. Tenha um bom dia, dona Eva.

A moça arregalou os olhos.

— Obrigada... Incrível, o senhor sabe até o meu nome.

O homem mal sorriu.

— Não esqueça, senhorita. É o meu trabalho, e é por isso que me pagam. Adeus.

Com o coração batendo forte, Eva dirigiu-se ao elevador. A grade de ferro forjado e os espelhos acolheram-na, devolvendo-lhe um reflexo que a fez pensar no inusitado da situação: uma mulher que até ontem andava entre penumbras subia agora rumo à luz de uma cobertura principesca. A jovem da noite anterior, que caminhava nas sombras, e a que agora ascendia à claridade partilharam o mesmo reflexo.

Quando as portas se abriram, ela nem precisou tocar a campainha. Armando já a aguardava, com a porta escancarada.

— Ora, que surpresa tê-la por aqui! Mas é você mesma, Eva — disse ele, com um sorriso amplo e tom jovial. — Bem, como está?

Ela corou, divertida.

— Eu bem, mas... não tínhamos combinado no seu apartamento a esta hora? Meu Deus, será que me confundi?

— Eu estava só brincando, menina. Foi o que combinamos ontem pelo telefone. Você não imagina a alegria que me deu ouvir a sua voz no aparelho. Vamos lá, entra ou deu medo de penetrar no meu lar?

— Ui, desculpa. Devem ser os nervos.

Ele a convidou a entrar com um gesto afável. O hall de entrada era amplo, com quadros modernos nas paredes, tapetes macios e um ar de sóbria elegância.

— Vamos, fique à vontade na sala ou onde preferir. Suponho que, a esta hora, o corpo peça alguma coisa para beber. Certo?

Eva percorreu tudo com o olhar, fascinada, como se tivesse cruzado a fronteira de um sonho.

— Caramba, que gentileza. Olha, já que se ofereceu, prepara para mim um Martini branco com um pouco de gelo e uma azeitona. Eu adoro... além do champanhe, claro. É que, à uma, é hora do aperitivo.

— Pois não, já vai. Que bom gosto você tem.

— Tenho mesmo. Vou te dizer: alternar com cavalheiros tem disso; a gente se acostuma a escolher certas bebidas e descartar outras. Imagina uma taça de conhaque ou, pior, de uísque? Eu nem conseguiria me manter em pé e, claro, também não conseguiria trabalhar.

Ele riu de leve.

— É verdade, Eva. Então, acomode-se na poltrona que preferir ou no sofá. Vou preparar dois Martinis — o meu, tinto (rosso). O branco, acho seco demais. No fim, é questão de gosto.

Ela se deixou cair numa poltrona de design moderno, estofada em tons claros e linhas limpas. À vista, móveis baixos cromados compunham o ambiente. A maciez do tecido a fez fechar os olhos por um instante, como se a envolvesse uma carícia invisível.

— Que sala espaçosa, que amplitude de ambientes! — disse, admirada. — Isto aqui é uma cobertura de luxo só para você. Mas... aqui dariam para se instalar várias famílias e ainda sobraria espaço. Hum... vê-se que é um homem moderno e de gosto apuradíssimo, a meio caminho entre um estilo tradicional e outro mais arrojado. Digo porque adoro ver fotos de apartamentos nas revistas. E me diga: não se perde no meio de tantos metros quadrados?

Armando apareceu com as duas taças na mão.

— Não creio que eu me perca no meu próprio ambiente — respondeu com calma. — De todo modo, o estilo não é

mérito meu. Dei algumas sugestões e o pessoal de interiores tornou realidade. Eles é que são os verdadeiros artistas. Uma coisa é ter uma ideia e outra, bem diferente, é colocá-la em prática.

— Estou deslumbrada, confesso. Isto é como um palacete. E você deve viver aqui como um príncipe ou algo parecido. Incrível... só para o seu desfrute.

— Ei, calma. Não se deslumbre com o material. Esta casa é só uma parte da minha vida, mas não é tudo. Ajuda a viver melhor? Claro que sim, mas não é o fundamental. Digamos que é um complemento.

— Caramba, você pensa em tudo. É como ter tudo controlado.

— Não é controle, Eva, é previsão. Hoje se está em cima; amanhã, embaixo. Por isso eu invisto, para me resguardar. Esta cobertura é um refúgio, sim, mas também um investimento para o futuro.

A conversa fluiu leve, enquanto ela se deixava envolver pela sensação de estar em outro mundo. Quando Armando a levou à varanda, a cidade se abriu diante dos olhos dela como um tapete estendido.

— Hein? Mas... isto é vertiginoso. Fico sem palavras, Armando. Até os carros parecem minúsculos. E o que dizer das pessoas? Parecem anões. Madrid, vista daqui de cima, parece outra cidade!

— Eu vejo isso todos os dias e já faz parte do cotidiano. Mas entendo a sua impressão. O novo sempre deslumbra no começo.

Eva percorreu a varanda com um entusiasmo infantil, como se quisesse apropriar-se de cada canto. Por fim, voltou-se para ele com o olhar aceso.

- Olha, Armando... posso te pedir uma coisa atrevida?  
— Adiante, surpreenda-me, mocinha.  
— Agora que estamos tão perto do céu... poderia me abraçar e me dar um beijo como o da outra noite?

Ele não precisou de mais nada. Apertou-a contra si. O ar morno fazia de pano de fundo; Madrid ficava abaixo, difusa. O beijo chegou sem pressa, como se o dia inteiro tivesse se preparado para ele.

Eva fechou os olhos.

- Meu amor, estar aqui é tão diferente de permanecer nas sombras do Le Paradis... que estou a ponto de chorar. Lá tudo é escuridão disfarçada de luxo. Aqui, ao contrário, sinto que volto a ser pessoa.

Armando acariciou-lhe o rosto.

- Não, Eva. Você não é aquilo em que trabalha. Você é vida. E tem um futuro, ainda que agora não veja. Acredite: também vivi na penúria, na incerteza, em noites sem esperança. E veja onde estou agora. O seu pode parecer mais difícil, mas, quando alguém se propõe com força, no fim as portas se abrem.

Eva apoiou a cabeça no ombro dele. Pela primeira vez em muito tempo, permitiu-se acreditar que talvez nem tudo estivesse perdido.

- E o que isso significa, dito com tanta grandiloquência?  
— perguntou com um toque de ironia, embora a voz denunciasse mais curiosidade do que zombaria.

Voltaram ao interior.

- Bem, vou ser franco, Eva. Responda com sinceridade. Gosta desta casa? — disse Armando, acomodando-se na poltrona como quem precisa afirmar-se na segurança de seus muros.

— Gostar? — replicou, percorrendo com o olhar as molduras do teto, os amplos janelões e a luz que entrava sem pedir licença. — Isto nem uma princesa sonha.

— Certo. — Ele sorriu, satisfeito com a resposta. — E me diga: gosta desta zona de Madrid?

Eva soltou um suspiro. Observou, através do vidro, o traçado elegante do bairro de Salamanca, suas ruas largas e ordenadas, as fachadas de pedra clara que destilavam riqueza.

— É só para escolhidos — respondeu, num tom grave, quase reverente.

— E agrada que eu seja um homem de negócios, um empresário com grandes responsabilidades?

— Dispensa palavras, cavalheiro — disse, cruzando as pernas com um gesto estudado, embora nos olhos brilhasse um fulgor entre a admiração e a vertigem.

Armando, então, inclinou-se para a frente, baixando a voz como se fosse confiar um segredo.

— Bem, última pergunta... e esta é a mais importante. Não falo como empresário nem como dono desta casa, e sim como homem. Diga, Eva: gosta de mim como pessoa?

Instalou-se um silêncio denso no aposento, quebrado apenas pelo leve tilintar do gelo derretendo nos copos. Sem dizer palavra, Eva tomou sua taça de Martini branco. Os lábios se fecharam no cristal e, com um gesto decidido, esvaziou de um trago o que restava. A bebida desceu como fogo pela garganta. Armando a observava, divertido e expectante, com o sorriso cúmplice de quem sabe esperar a resposta sem precisar de palavras.

Então, quase por reflexo, ele imitou o gesto: ergueu sua taça de Martini tinto e a esvaziou de um gole. Ambos

pousaram os copos na mesinha — o som do cristal serviu de badalada para o instante que se aproximava.

Eva fitou-o firme, sem sombra de hesitação. Num movimento ágil, quase felino, deu um pequeno salto e acomodou-se sobre ele, envolvendo-lhe a cintura com as pernas enquanto os braços se entrelaçavam ao pescoço do empresário. Por alguns segundos, não houve beijo: apenas a tensão dos rostos frente a frente, a centímetros de distância, respirando o ar um do outro, deixando-se envolver pela eletricidade do momento. E então, com a naturalidade do inevitável, fundiram-se num beijo ardente, apaixonado, no qual não existiam perguntas nem dúvidas.

Meia hora depois, os lençóis revirados eram a única testemunha da entrega. Eva, nua sob o manto branco, cobria-se com um pudor que contrastava com a nudez sem reservas de instantes atrás. Apoiada no cotovelo direito, contemplava-o em silêncio, desenhando com o olhar o contorno do homem que a acolhera não como cliente, mas como companheiro de um arrebatamento compartilhado.

Armando, recostado ao lado dela, fitou-a com ternura e uma pitada de ironia.

— Não me diga que a situação não é curiosa. Pelo seu ofício, passa boa parte do dia com o corpo exposto, sem pudores. E agora, depois de termos feito amor, você se cobre como se, de repente, a vergonha a tivesse assaltado. Parece que este encontro teve outro viés, não foi uma transação, e sim o reconhecimento de duas almas. Talvez fosse necessário eu aparecer no Le Paradis para encontrar você, para cruzar meu destino com o seu.

Eva alisou de leve o lençol, evitando o olhar dele por alguns segundos, antes de responder com uma franqueza que surpreendeu até a si mesma:

— Quem sabe, meu amor. A vida é cheia de surpresas, e às vezes são tão intensas quanto esta. Mas é verdade: quando estou com um cliente, a nudez perde o encanto, vira rotina. Não há entrega, só um ato frio pago com moedas. Com você foi diferente: ao me cobrir, percebi que não estava diante de um comprador vulgar do meu corpo, e sim diante de um homem a quem... talvez eu possa amar.

— Gosto dessa comparação — disse Armando, com um brilho de emoção contida. — Você descreveu com precisão o mundo em que se move e, sobretudo, deixou claro que esse não é o seu lugar, que essa não é a sua vocação.

— Graças a Deus, você me ouviu... e, melhor ainda, me entendeu.

— Acho que entrei na sua essência, Eva. Olhei para além da sua pele e vi seus sonhos. E agora nem saberia definir o que sinto; só sei que tem a ver com a felicidade.

— Assino embaixo de cada palavra. Mas me diga: o que foi que aconteceu aqui? O que fizemos?

Armando sorriu, passando a mão pelos cabelos dela:

— Não busque respostas nas palavras. Fiquemos com o que sentimos. O importante não é explicar, e sim saber se, por dentro, você se sente bem.

Eva ergueu-se um pouco e, num gesto repentino, abraçou-o com força:

— Abraços são o que mais precisamos, sabia? São a justa compensação por tudo de ruim que vivemos.

— Sim, pode ser que estejamos mais do que loucos — concedeu ele, apertando-a contra o peito. — Mas é uma

loucura bonita.

Mais tarde, já vestidos, voltaram à varanda. O sol de janeiro iluminava suavemente os telhados de Madrid. Os dois bebiam uma segunda taça de Martini, como se cada gole consolidasse a intimidade recém-inaugurada.

— Estou com fome, Armando — disse Eva, rindo com frescor. — Depois da caminhada até aqui, de ter você para mim e de toda essa montanha-russa de emoções... eu preciso comer.

— Sim, comigo acontece o mesmo — respondeu ele, após alguns segundos de reflexão.

— Você gosta de carne? — perguntou de repente, em tom travesso.

— Adoro, mas a que eu realmente gostaria... está fora do meu alcance.

Ele riu abertamente:

— Então hoje você vai ficar encantada. Conheço um restaurante argentino aqui perto. Preparam uns churrascos incomparáveis. E a carta de vinhos é excelente. Além disso, as sobremesas... uma glória! Vai ser um banquete inesquecível, e a gente merece.

Eva olhou para ele como uma menina emocionada:

— Ufa, estou morrendo de vontade. Já estou com água na boca! Armando, você é a melhor coisa que me aconteceu na vida.

— Fico feliz por isso. Vamos lá, vamos nos arrumar e nos dar esse agrado.

E assim fizeram. O almoço transcorreu entre sorrisos, beijos furtivos e olhares que diziam mais do que palavras. Como adolescentes apaixonados, presentearam-se com a alegria de se sentirem vivos.

Já nas sobremesas, com o dulçor do mousse de chocolate nos lábios, a conversa ganhou um tom mais grave.

— Eva — disse ele, apoiando o cotovelo na mesa. — Temos consciência do que fizemos?

Ela sorriu com malícia, mexendo a colherzinha na taça:

— Ha, ha... que previsível, querido. Eu sabia que você ia perguntar. Não sei se há resposta. Foi tudo tão rápido... mas, se olharmos para o coração, é lá que está a verdade.

— Você tem razão. O coração nunca mente.

— Então escute — disse ela, levando a mão ao peito. — É ele quem fala por mim.

Armando contemplou-a em silêncio, comovido:

— Nunca conheci ninguém como você. Não encontro palavras para descrever o que significa para mim. Só sei que estar contigo é sorrir para a eternidade.

Eva aplaudiu de leve, com a emoção contida nos olhos:

— Isso é a melhor coisa que já ouvi. Obrigada por me dar este sonho realizado.

— Não é só você que sonha, Eva. Eu também. E, ao seu lado, sinto-me jovem outra vez.

Ela entrelaçou os dedos nos dele, inclinando-se para a frente:

— Que esta loucura dure, Armando. Que dure.

Depois de um beijo rápido de cumplicidade...

— Ha, ha... então, bem-vindo ao clube dos sonhadores! — exclamou Eva, acariciando com doçura o rosto do empresário. — Somos os escolhidos, os que recebem a justa recompensa da nossa imaginação transbordante.

Armando olhou-a com atenção, como quem busca o momento exato para lançar uma confissão longamente contida:

— Falando em projetos, Eva, gostaria de dizer algo importante — disse por fim, tomando a sua mão e adotando um gesto sério. — Mais do que um recado, é um pedido.

Ela arqueou as sobrancelhas, expectante:

— Hoje me sinto radiante, sabia? De cara, concedido. Eu não poderia negar nada que viesse de você. Além do mais, você jamais me pediria algo que pudesse me prejudicar.

— Cuidado — interrompeu ele, com um traço de advertência na voz. — Prudência nunca é demais. Falo por experiência. Você ainda nem me ouviu. Está assim tão segura?

— Claro que sim. Não dizem que o amor é capaz de transpor as barreiras do impossível? Repito: pedido concedido, Armando. Seja o que for.

— Impressionante. É incrível a fé que você tem em mim. Bem, então escute. Este é o meu pedido: quero que você abandone o seu trabalho — aquele lugar infernal onde a sua alma levou as piores chicotadas.

Eva ficou petrificada. Os olhos grandes brilharam de surpresa:

— Hein? Como? — balbuciou, incrédula. — Agora entendo essa expressão de gravidade no seu rosto. Você está apostando alto, Armando. É como se colocássemos emoção e razão numa queda de braço decisiva. Deixa eu pensar... mas, antes, sou eu quem vai fazer uma pergunta.

— Sim, por favor. Estou ansioso para ouvir.

Eva encheu os pulmões, como quem decide mergulhar em água fria:

— Acho que você já sabe como eu vivo. Compartilhamos um andar inteiro no Le Paradis. Cada uma com seu quarto,

sim, mas refeitório comum, banheiros compartilhados... pequenas rotinas que, embora miseráveis, nos mantêm de pé. Pagamos por esse quarto individual, alguém cozinha para todas e, depois de acertar as contas, o que sobra no fim do mês é uma miséria. Sou das “privilegiadas”, segundo a Madame, porque recebo mais gorjetas do que a maioria. Ela diz que sei manejar a língua, não pelo sexo, mas pela conversa. Falo com os clientes, escuto. Isso me rende um prato de comida por dia e, de vez em quando, um par de sapatos no mês ou uma roupinha nova e um livro para devorar. Essa é a minha vida, Armando. E me diga: se eu largar o meu trabalho... como diabos eu me sustento?

Ele sorriu como quem já esperava essa resposta:

— Era exatamente isso que eu queria ouvir da sua boca. O meu pedido tem justificativa. Não era bravata. Pedi porque tenho um plano.

— Diga, querido, dá para notar que você está decidido.

Armando apertou a mão dela:

— Está claro: porque sou um homem inteiro e quero mudar de vida. Digo de coração na mão: venha morar comigo. Naquela cobertura que tanto a deslumbrou. Veja Madrid das alturas, não dos porões de um bordel. Quero que junte suas coisas e venha já. Para que esperar mais, se nós dois estamos tão certos?

Eva levou a mão ao peito, nervosa:

— Mas... mas... você sabe o que está dizendo? Estou me sentindo sobrecarregada.

— Eva — respondeu ele, calmo. — Não bebi a ponto de falar sem consciência. Sei o que digo. Não lhe faltará nada: roupa, comida, mimos, dignidade. Você nunca mais será uma prostituta a serviço de qualquer cliente. Nunca mais

vai aturar uma chefe tirânica que só quer espremer a sua juventude. Minha proposta é simples: convivência, vida compartilhada. Não falo de negócios nem de operações financeiras. Falo de você e de mim. Falo de carinho, de afeto verdadeiro. Não merecemos viver sob o mesmo teto? Os olhos de Eva se encheram de lágrimas:

— Não posso negar que as suas palavras soam como música celestial.

— Viu? Não é tão difícil considerar a minha proposta.

Ela baixou o olhar, pensativa:

— À primeira vista, a sua oferta é ideal: um sonho realizado para a princesa que habita em cada mulher. Mas eu me conheço, Armando. E me conheço porque a minha vida, curta e dura, me obrigou a pensar muito em mim mesma. Eu sobrevivi, e essa sobrevivência me deixou forte. A minha história não é um conto de fadas.

— E aonde você quer chegar com isso?

— Só poderia desfrutar do que me propõe se conseguir continuar amando você. Sim, quero sair desse campo de concentração e ser livre. Mas eu sei como o mundo funciona. Você, quando abriu a sua primeira loja, foi feliz. Agora é outro homem. Eu, para aproveitar o que você oferece, preciso conservar o mais importante: o meu amor por você.

— Não entendo muito bem, Eva.

— Não é tão complicado. Veja, Armando: você me pediu algo que não depende só de mim. A Giselle não vai me deixar ir embora de um dia para o outro. Esse mundo não funciona assim.

— Do que você está falando?

Eva inclinou-se para ele, grave:

— De escravidão, querido. A Giselle tem contatos. Homens que a protegem. Se eu for embora de rompante, vão atrás de mim. Podem me desfigurar, me matar ou, pior ainda, vir atrás de você. Eles não brincam em serviço. Não é tão simples quanto chegar e dizer “adeus”. — Fez um gesto equivalente com a mão.

— Então o que devo fazer se quero tirar você de lá?

— Imagine uma empresa: um funcionário assina um contrato suculento e, pouco depois, quer ir para outra. Você acha que o chefe o libera sem compensação? Pois é isso que eu sou para a Giselle: uma fonte de renda. Ela não vai abrir mão da minha juventude, do meu dom da palavra, da minha beleza, assim de graça. Se achar que vai me perder, chama os capangas. E esses caras... são selvagens. Eu não quero ver você caído numa rua, com as costelas quebradas.

Armando a escutava, incrédulo:

— Você está me dizendo que... que eu tenho de pagar por você?

Eva sustentou o olhar, serena, embora tomada de tristeza.

— Sim, querido. É isso que eu estou tentando te explicar. Nesse mundo sórdido, cruel, tudo se paga. Até a minha liberdade.

— Certo — murmurou Armando, com a voz grave, levando os dedos à têmpora como quem tenta ordenar um turbilhão de pensamentos. — É bom saber até que ponto a maldade cerca o ambiente da prostituição. Agora o que me interessa é saber o que posso fazer para te libertar desse compromisso com aquela velha víbora. Eu só quero ter você comigo, e isso vai ser impossível enquanto você continuar presa àquele lugar.

Eva o observava em silêncio. Havia ternura no olhar, mas também um matiz de dor, como quem sabe que o que vai dizer é desagradável.

—Meu amor, você vai ter de fazer um grande sacrifício. Terá de marcar uma conversa com a Madame, negociar com paciência e acertar os termos para que eu possa sair de lá com todas as garantias. Tudo se resume a uma pergunta: quanto ela vai te pedir para que eu fique livre? Não será a primeira vez que uma prostituta paga o próprio preço para ir embora, ou que alguém paga o valor para levá-la. Quando você souber a cifra — isto é, o que eu “valho” —, vai estar em melhor condição de negociar. Eu sei que isso parece um leilão repugnante, porque estamos falando de mim, de um ser humano que sente e sofre. Oxalá fosse de outro jeito, mas acredite: para nós dois será melhor respeitar as regras não escritas do setor.

Armando remexeu-se na poltrona, indignado.

—Pelo que você diz, a primeira coisa é perguntar a essa senhora qual é o seu preço. Meu Deus! É como se eu fosse adquirir um objeto pelo qual me encantei. Me dá nojo ter de descer tão baixo... com tudo o que você significa para mim como mulher. Você tem preço, por acaso?

—Por favor, não se escandalize — respondeu Eva com serenidade, acariciando as mãos dele como quem tenta acalmá-lo. — Seguir os meus conselhos é o melhor. Assim você ainda pode reduzir o custo da operação. Olha, esqueça por um momento quem eu sou e pense apenas nas quantias que a Giselle vai deixar de ganhar com a minha saída. Você vai ter de compensá-la, porque ninguém é tolo. Ela não vai deixar escapar uma das melhores moças sem fechar um acordo com você. E você, sendo quem é nos negócios, devia

saber: quem vende quer obter um bom preço, e quem compra tenta pagar o que considera justo. Sinto ser tão fria, mas não quero maquiar isso: é só uma transação comercial. Uma transação por uma moça que, durante anos, vendeu o corpo, embora não a alma.

—O que a gente tem que ouvir... — sussurrou Armando, baixando a cabeça.

Eva apertou os dedos dele com doçura.

—Tudo está na sua cabeça e em aceitar aquelas regras de que te falei. Um conselho: nunca aceite o primeiro valor que ela pedir. Vai ser exagerado, com certeza. Aí você mostra se é mesmo talhado para os negócios. Observe o olhar dela, sustente o braço de ferro até que ela sorria. Esse gesto quase invisível será o sinal de que cedeu e está disposta a negociar. Eu a conheço bem; a minha mãe também conhecia as fraquezas dela. Quando esse instante chegar, você terá o caminho livre para me resgatar das garras daquela águia velha.

—É uma chantagem em toda regra, Eva. Mas eu gosto de você. E, se eu tiver de fazer, eu faço. Maldição, não parece que estamos no século XX, mas numa época muito mais sombria, num mercado de escravos onde se compra e vende mercadoria humana. Que tristeza!

—Não me surpreende, Armando. Eu sei muito bem do que estamos tratando. E sei também que o que te incomoda não é o preço, e sim o fato de negociar por mim, pela possibilidade de viver comigo longe daquele antro.

—Sim, você acertou o ponto-chave desta operação humilhante — admitiu o empresário, baixando a cabeça como um escolar envergonhado.

Eva ergueu-lhe o rosto com as duas mãos e sorriu.

—Guarde as suas reservas, querido. Seja racional e frio. Vai precisar. Se essa for a sua decisão final, você vai ter de pagar, e não vai acontecer nada de anormal. Evite pensar demais ou vai se sentir mal a cada instante. E agora me diga: você está disposto a dar esse passo, com tudo o que isso implica?

—Durma tranquila, Eva. Por você eu faria qualquer coisa — afirmou Armando, comovido.

—De acordo — concedeu ela, embora o tom ainda carregasse preocupação. — Uma vez definida a premissa fundamental, evite se deixar ofuscar.

—Do que você está falando?

—Eu sei que vai te parecer repugnante discutir quanto “vale” uma mulher como eu. Mas o que para você é um drama, para ela não passa de um negócio. Pense apenas que ela vai perder receita e vai buscar compensação. Não dê muitos dados sobre você. Não diga onde mora, o que faz, nem quanto ganha. Isso daria vantagem: ela saberia que você tem recursos e que se encantou por mim. E caprichos, neste mundo, custam preço de luxo. Lembre-se: quanto menos ela souber de você, melhor para nós dois.

Armando assentiu, mordendo o lábio.

—Você tem razão. É a lógica de qualquer negócio. Mas, embora me dê vergonha, eu preciso te perguntar. Eva... qual você acha que é o seu “valor” de mercado? Não quero que aquela velha me engane. Eu sei que ela é especialista, que está nisso há anos. Não pretendo ser manipulado pelas artimanhas dela. Percebi quem ela era na primeira noite em que te conheci. Não tem jeito: é uma harpia.

—Pode ter certeza — respondeu Eva, com um traço amargo. — Essa mulher percorreu muitos quilômetros até se instalar aqui. Já trabalhava na França quando jovem.

Soube que na Espanha tudo era mais barato e decidi transferir o negócio.

—Vamos, por favor, só te peço um valor aproximado. Meu Deus, é como se eu tivesse de pesar ouro para saber quanto você vale!

—Não é tão complicado. É só fazer as contas.

—Então vamos fazê-las. Afinal, sou um homem de números.

Armando tirou do paletó uma caneta e um bloquinho, abrindo-o sobre a mesa como se fosse calcular o balanço de uma empresa.

—Vamos lá, refresque minha memória. Na noite em que te conheci, quanto eu paguei para estar com você?

—Duas mil pesetas — respondeu sem titubear —, incluídas as garrafas de champanhe que bebemos.

—Puxa... — exclamou Armando, surpreso. — Acho que a impressão da nossa conversa me fez esquecer o que desembolsei.

—Foi um negócio redondo para a Madame — ironizou Eva. — Ganhou com a bebida e, de quebra, eu nem me desgastei. A única coisa que fizemos foi nos conectar, conversar das nossas coisas.

—Sim, foi o mais bonito daquela noite. E graças a isso estamos aqui hoje. Fazendo as contas, esse valor um trabalhador médio não ganha nem em um mês. Mas não me importa, porque foi o melhor investimento da minha vida. Você me entende, não é?

—Sim, meu amor. Concordo. Você gastou o salário de um mês em pouco mais de duas horas, mas valeu a pena. A propósito... o que me diz da minha linguagem?

—Do que você está falando?

—De que, se pensar bem, para ser uma fulana eu tenho a capacidade de falar como uma mulher com certo nível cultural. Adoro falar assim com você, só com você. Isso também significa algo, não?

—Suponho que você me trata com o respeito que eu mereço — respondeu ele, sorrindo. — Não como a um cliente qualquer. Bom, vamos seguir com as contas.

—Certo. Multiplica esse valor por um ano.

—Como eu faço?

—Um ano tem umas cinquenta semanas. Você pagou duas mil pesetas por duas horas. Eu folgo um dia por semana e trabalho quase o ano todo. Só em serviços “básicos” já dá mais de meio milhão. Some garrafas, extras e noites duplas. A Giselle não vai me soltar por menos.

Armando fez as contas. Passaram-se alguns segundos até que erguesse o olhar.

—Caramba. Segundo isso, o seu valor rondaria as seiscentas mil pesetas. Você é um tesouro de valor incalculável, Eva.

Ela sorriu com ironia.

—E acho que você ainda ficou por baixo. Às vezes atendo vários serviços numa só noite. É só uma aproximação, mas serve para te orientar.

—Em outras palavras — replicou ele —, você está me dizendo que a Madame vai me exigir, no mínimo, o que ganharia com você em um ano.

—Exato. Então se prepare. A minha libertação não vai sair por menos de meio milhão de pesetas. Uma fortuna, eu sei. O que acha do sacrifício econômico que terá de fazer por mim?

—Incrível... — murmurou Armando. — Se não fosse porque lido com cifras altas nos meus negócios, pensaria que é um sonho impossível. Sabe? Você vale mais do que um apartamento dos mais comuns, desses que uma família paga por anos.

Eva riu com um traço de orgulho.

—Já te aviso: se eu tenho esse preço é porque eu valho isso. Trabalho no único clube francês de Madrid, administrado por uma Madame estrangeira de renome e gostos refinados. Isso tem seu “plus”. Curioso, não é? Que o meu resgate equivalha ao de um apartamento. E pensar que o mundo da construção e o da prostituição se parecem tanto quanto água e óleo.

Armando caiu na gargalhada.

—Ha, ha... você foi espirituosa, não nego. Mas não tenho dúvida de que a sua Madame vai querer ganhar com você como se soubesse de antemão o número premiado da Loteria de Natal.

—Sim, é o mais provável — admitiu Eva, com um suspiro longo, como se suas palavras fossem o lamento de quem aceita a crueza do mundo. — Muito triste, mas também bem ajustado à realidade. Então, te pergunto, meu amor... você está disposto a entrar nesse jogo? Vai aceitar a humilhação de um leilão, de pagar pela garota bonita de quem, dizem, você se encantou?

Armando não desviou os olhos dos dela.

—Claro que sim. Embora eu não goste de como você coloca a questão. Não é capricho, Eva. Levei uma flechada, uma ferida luminosa que me atravessou o peito desde o primeiro instante. Já te disse. Vou ter de me submeter à ideia absurda de que um ser humano pode “ser adquirido”

com um maço de notas. Mas escute bem: agora mesmo você é a minha máxima prioridade, tanto do ponto de vista racional quanto do emocional. Veja, compare assim: entro numa loja, e o vendedor já me espera porque me viu há tempos namorando a vitrine. E naquela vitrine eu descobri um objeto que me fascina, que eu sei que me pertence, embora ainda não o tenha. Pois bem, estou disposto a pagar por ele, custe o que custar.

Eva o escutava, estremecida pela convicção das palavras dele.

—Pois é... pode soar estranho, mas essa também é a minha situação — respondeu em voz baixa, temperando a comparação com um meio sorriso de melancólica ironia.

— Compare com as suas lojas, se quiser — sorriu Eva —, mas lembre que aqui não se compra um objeto: se resgata tempo. E o tempo de uma mulher é caro quando outros já o cobraram por ela.

Ele se levantou decidido, com um brilho ardente no olhar.

—Vamos, Eva. Já paguei a conta. Vamos tomar um café num lugar mais tranquilo. Conheço um sítio magnífico, onde as poltronas são macias como nuvens e o café vem de várias partes do mundo: da Colômbia, da Etiópia, de Java... Uma maravilha. Me dá um abraço, querida?

A moça também se levantou e, sem esconder a emoção, lançou-se nos braços dele.

—Como não, Armando. Vem cá, que você está se portando comigo como um verdadeiro cavalheiro... desses que já andam em falta.

Saíram os dois para a rua, envolvidos pelo calor ameno da tarde madrilenha, apesar de ser inverno. Beijaram-se

com ternura, alheios ao burburinho de transeuntes e automóveis. Foi então, num instante de intimidade roubada ao mundo, que Eva aproximou os lábios do ouvido de Armando e sussurrou, com a voz quebrada de emoção, uma mensagem que brotou diretamente do coração:

—Querido, vamos aproveitar este dia. Pode ser que estejamos vivendo os momentos mais decisivos das nossas vidas.

Ele a apertou com força, como se temesse perdê-la no meio da multidão.

—Você tem razão, Eva. É bem possível... — murmurou, com a certeza de que aquela confissão marcava o início de um destino compartilhado.

## SOMBRAS AO TELEFONE

“Quem vigia nas sombras teme mais a verdade do que a mentira.”

No dia seguinte, terça-feira, por volta das seis da tarde...

Depois do dia de descanso semanal, o clube começava a despertar. Do andar térreo ouvia-se o estalo das luzes que se acendiam uma após a outra, banhando o salão num brilho dourado que se confundia com a cor das primeiras garrafas de champanhe alinhadas no balcão. A equipe lustrava copos, ajeitava almofadas e dispunha cinzeiros com a precisão de um ritual já automatizado. As moças iam e vinham pelos corredores — algumas retocando a maquiagem diante do espelho, outras tragando às pressas um cigarro antes de vestir o traje da noite. Um fervilhar de vozes, perfumes e passos apressados preparava a abertura do bordel em questão de minutos.

Eva, por sua vez, pedira a Madame uma conversa particular para as sete — justamente a hora em que o senhor Armando Ramírez deveria aparecer. Madame estranhou a pressa e o nervosismo com que a jovem fizera o pedido pela manhã; era como se não pudesse esperar mais um dia para ventilar um segredo guardado havia tempo. Intrigada e desconfiada em igual medida, dirigiu-se ao quarto de Jessica, uma de suas pupilas mais aplicadas.

Bateu duas vezes com os nós dos dedos, seca e contundente.

— Entre — respondeu uma voz suave lá de dentro.

Quando a porta se abriu, Jessica levantou-se de imediato, com gesto de respeito e um quê de surpresa.

— Ah, Madame... não a esperava. Aconteceu alguma coisa? Chegou algum cliente importante antes da hora?

— Não, calma — replicou, com leve impaciência, avançando pelo quarto. — Tudo segue o horário normal. Vim por outro assunto.

Jessica apressou-se em apagar o cigarro no cinzeiro, como uma colegial pega pela professora.

— O que deseja de mim, Madame?

— Muito simples. Há poucos dias confiei a você um encargo especial. Quero saber se, nesse curto intervalo, reuniu alguma novidade.

Os olhos de Jessica brilharam com malícia contida. Sentou-se na beira da cama, ansiosa para apresentar o relatório.

— Claro que sim, Madame. Levei isso muito a sério. Desde o primeiro instante segui todos os movimentos da Eva, como a senhora indicou. Talvez ainda seja cedo, mas já tenho duas observações que, a meu ver, são interessantes.

Madame acomodou-se sobre a colcha com ar teatral, cruzando as pernas e soltando um suspiro carregado de expectativa.

— Vamos ver o que você considera “interessante”. Desembuche, menina, abra essa boquinha.

Jessica pigarreou e inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Oui, Madame. Em primeiro lugar, há dois dias notei algo estranho no comportamento dela. Estava mais nervosa do que o normal. Andava sem rumo pelo corredor, como bicho enjaulado, e no fim da tarde desceu ao salão onde fica o telefone.

O semblante de Madame endureceu.

— É mesmo? E para quem aquela intrometida pretendia ligar?

Jessica sorriu, satisfeita por ter a atenção da chefe.

— Pareceu-me o momento certo para me aproximar com discrição. Fiquei no patamar da escada — é o lugar perfeito para ouvir o que se fala no aparelho, eu sei por experiência. De lá, o telefone “entrega” metade da conversa. Ela discou devagar, como quem tenta não errar os números, e chegou a se enrolar no fio. Aposto que era um número para o qual nunca ligara. Falava bem baixo, como se temesse ser ouvida. Isso já me fez suspeitar de que a conversa era importante.

— Continue — ordenou Madame, em voz grave, como quem conduz um interrogatório.

— Do outro lado havia um homem, disso tenho certeza. O tom era inconfundivelmente masculino. Não consegui decifrar o conteúdo, mas percebi a Eva entusiasmada, quase emocionada. Variava a entonação, subia e descia a voz como quem tenta despistar.

Madame franziu a testa, estalando a língua.

— Espero que ao menos se lembre de alguma frase.

A jovem baixou o olhar, um pouco sem graça.

— Sinto muito, Madame. No momento de maior interesse, a Jeanette saiu do quarto e foi em direção à cozinha. O barulho me obrigou a disfarçar. Tive medo de

desconfiarem de mim e, para piorar, a Eva ficou nervosa e desligou logo em seguida. Quando cruzei com ela depois, notei que estava inquieta, mas limitei-me a cumprimentá-la e saí para a rua acender um cigarro, para despistar.

— Que azar! — exclamou, inquieta, tamborilando os dedos na colcha. — Aquela idiota da Jeanette sempre aparece na pior hora. Bem... diga: o que você acha que a “esperta” da Eva está tramando?

Jessica arqueou as sobrancelhas, com ar de triunfo.

— Meu sexto sentido diz que ela estava marcando com um cliente para um serviço em domicílio.

Os olhos de Madame se estreitaram como os de uma fera.

— Atrevida! Ela sabe que isso é terminantemente proibido. Se um cliente quer algo fora destas paredes, quem decide sou eu — e o lucro é repartido. Além disso, que descaramento! As segundas-feiras são sagradas: para descansar, não para fazer negócio por conta própria.

Levantou-se de repente e caminhou nervosa pelo quarto.

— Que insensata! Embora, pensando bem... não combina com o estilo dela. Aquela menina lê demais, vive nas nuvens dos romances. É sonhadora, sim, mas também leal. Soa estranho que se arrisque tanto. Tem certeza de que não houve mais nada?

Jessica assentiu, saboreando o protagonismo.

— Sim, Madame. Ontem, no dia de folga, reparei que ela se arrumou demais, com esmero especial. Suspeitei que estivesse ligado à conversa do dia anterior. Perguntei aonde ia; irritou-se e respondeu evasiva: que precisava tomar ar,

que estava sufocada. No fim, saiu perto do meio-dia, muito elegante, embora discreta. Segui por alguns metros, sempre à distância. Tomou rumo ao norte — talvez Chamartín, talvez o bairro de Salamanca, talvez a parte alta da Castellana. Aí, perdi a pista.

Madame parou em seco, coçando o queixo como um general traçando estratégia.

— Interessante. Muito interessante. Pode ser que você tenha razão e ela tenha ido atrás de um cliente no dia de folga. Ou pode haver algo mais — algo pior.

Jessica engoliu em seco.

— Pior, Madame?

— Sim, menina. Coloque-se sempre no pior cenário, assim nada te pega de surpresa. Pode ser que a garotinha queira dar o fora daqui. E, se está pensando nisso, está muito enganada. Ninguém vai embora sem o meu consentimento — muito menos uma de vinte anos.

A jovem estremeceu. Madame aproximou-se e deu um pequeno beliscão na bochecha dela — mistura de ternura fingida e advertência velada.

— Bom trabalho, Jessica. Sua lealdade será recompensada. Mas aprenda: nunca mostre as cartas antes da hora, nem comigo. Seja mais ladina, mais desconcertante. A sutileza abre mais portas do que o atrevimento.

— Vou levar em conta, Madame.

— Ótimo. Agora vou ao meu escritório revisar as visitas recentes da Eva. Aposto que, naquele fichário, está o misterioso cavalheiro da ligação. Tenho de saber quem é esse homem... e o que pretende com a minha garota favorita.

Ela se dirigiu à porta ereta, com o porte de uma rainha que se retira ao trono.

— Que você tenha um bom começo de semana, Jessica. Tomara que os clientes cheguem de mãos cheias.

— Obrigada, Madame — sussurrou a moça, ainda com o beliscão ardendo na pele.

A porta se fechou com força. Jessica soltou um suspiro fundo: cumprira a sua parte, mas pressentia que o pior ainda estava por vir.

## O PREÇO DA LIBERDADE

“Há sempre alguém disposto a pôr preço às asas.”

Eva apresentou-se pontual, embora com o sigilo de quem não deseja interromper um ritual sagrado. Bateu de leve à porta do escritório de Madame, como se, com os nós dos dedos, temesse ferir a madeira polida.

— Madame, dá licença? — disse a moça, como quem não quer incomodar a dona do local. — Como não a vi no salão, supus que estaria aqui, preparando a jornada. Ainda bem que me esperava.

O rosto de Madame endureceu de imediato, a sobrancelha arqueada naquele gesto tão característico que destilava ironia e autoridade.

— Como é que é, insensata? Acha-se tão importante a ponto de pensar que eu estaria aguardando sua visita?

O rubor subiu às faces de Eva, que gaguejou num fio de voz:

— Não, Madame. Não quis insinuar isso. Me desculpe, por favor. Eu só queria falar com você.

— Vamos, não me faça perder mais tempo — resolveu Madame, acomodando-se na elegante poltrona de encosto alto, estofada em veludo vermelho. — Sente-se ali, no sofá. E diga de uma vez: que assunto a traz ao meu escritório?

— Na verdade, Madame, não sou eu quem deseja falar com você...

— Há? — os olhos de Madame faiscaram de impaciência.  
— Deixe de enigmas. Você sabe que eu detesto rodeios. Vamos começar a semana e abrimos em menos de uma hora. Tempo é ouro, menina, e o meu vale mais do que o de qualquer uma nesta casa. Fale claro.

Eva remexeu-se no assento, engolindo em seco, sentindo-se nua diante do olhar penetrante daquela mulher que parecia capaz de vasculhar o mais íntimo da alma. Madame tinha esse estranho dom da veterance: decifrar pensamentos alheios antes mesmo de serem expressos. E isso era aterrador.

— Não sou eu quem quer falar com você, e sim um cavalheiro que estará aqui em poucos minutos.

O ríctus se teceu num instante, mas logo cedeu à ironia.

— Um cavalheiro? Que mistério... Por acaso eu o conheço?

— Acho que sim, embora eu não saiba se vai se lembrar — respondeu Eva, medindo as palavras.

Madame soltou uma risada breve e seca.

— Minha memória, querida, é muito melhor do que imagina. Se eu dirijo o Le Paradis, é porque sei recordar rostos, nomes, dívidas e favores. Agora diga: de quem se trata? Pela sua cara, parece que vai me trazer um ministro ou um diretor-geral.

Eva baixou os olhos, ciente de que revelar demais seria erro.

— Sinto muito, Madame. Não posso dizer mais nada. Ele prefere se apresentar pessoalmente.

— Não me diga que está me trazendo um inspetor da brigada! Era só o que faltava. Esses espanhóis têm uma obsessão doentia com os franceses, como se estivéssemos prestes a invadi-los de novo. Será possível? Vou ter de ligar

para o comissário outra vez?

— Não, Madame, não é isso. Dou-lhe a minha palavra. Não tem nada a ver com a polícia.

O semblante de Madame suavizou por um instante, para logo recobrar a dureza habitual.

— Seja o que for, não quero confusão. Os fardados são os primeiros a se aproveitar de vocês e pretendem cobrar favores com serviços gratuitos. E isso me indigna.

Eva assentiu em silêncio. A dona suspirou fundo, como cansada de tanta suspeita.

— Enfim... pelo menos diga qual é o motivo da visita desse senhor.

— De verdade, Madame, será melhor ouvir da boca dele. Assim não haverá mal-entendidos.

Madame a observou como um falcão.

— Hum... você está se dando liberdades demais comigo, Eva. Veja que sua mãe e eu convivemos muitos anos e chegamos a confiar uma na outra. De que lhe serviram os conselhos dela?

Eva baixou o olhar, ferida.

— Quem dera ela estivesse aqui — sussurrou. — Mas você sabe que há doenças que não perdoam nem as melhores pessoas.

O silêncio adensou-se por alguns segundos. Por fim, Madame bufou.

— Está bem. Mas diga uma coisa: vai ficar nesta sala enquanto falo com seu misterioso cavalheiro?

— Eu preferiria esperar do lado de fora, se não se importa.

— Bah... O que mais me incomoda é sentir que perco o controle. É isso que eu detesto. E você, com tanta leitura, deveria entender. Esses livros só te encham a cabeça de

passarinhos. Fazem voar alto, mas não ensinam a caminhar com os pés no chão.

Eva não respondeu. Limitou-se a acenar timidamente, aceitando as palavras como bofetadas.

— Muito bem — concluiu Madame. — Assim que ele aparecer, acompanhe-o até a minha porta. Não quero que se perca pelos corredores.

— Assim farei, Madame.

Poucos minutos depois, Eva cumpriu o prometido. Bateu à porta de novo, anunciou o cavalheiro e saiu, deixando-os frente a frente. Ficou apoiada no corrimão do piso superior, com o coração acelerado.

Dentro, Madame levantou-se com estudada elegância e recebeu o visitante.

— Boa tarde, monsieur. Enchantée, mais uma vez. Creio que já me lembro da sua visita anterior.

— Sim, Madame. Sou Armando. Não quero abusar do seu tempo, então serei direto. Vim com a clara intenção de levar a Eva comigo.

A temperatura da sala pareceu despencar de súbito. Madame sustentou-lhe o olhar com olhos de aço.

— Levar a Eva? — repetiu, num tom que era, ao mesmo tempo, incredulidade e ameaça. — Uma coisa são os desejos, outra é a realidade, monsieur. E, neste caso, o que você pretende é impossível.

Armando esboçou um leve sorriso, como se aquela resposta já estivesse nos seus cálculos.

— Não existem impossíveis, Madame. Tudo se move por acordos e vontades. Eu me dedico aos negócios e, no fim das contas, isto também é um negócio.

A dona do Le Paradis recostou-se na poltrona, observando-o como quem mede o valor real de um adversário. O jogo mal começava. Entrelaçou os dedos com calma, como se quisesse firmar o pulso antes da réplica.

— Você fala com muita segurança, Armando — disse, com um acento de ironia —, mas não se esqueça de que esse é apenas o seu ponto de vista. E pontos de vista raramente coincidem com a realidade que cada um defende.

O empresário não se deixou intimidar; inclinou-se um pouco para a frente e respondeu com serenidade estudada:

— Madame, asseguro-lhe que não vim discutir. Deus me livre. Vim para chegar a um acordo, porque pessoas sensatas fazem assim: sem vencedores nem vencidos. Um acerto justo não se mede pelo que um perde e o outro ganha, mas pela satisfação partilhada. Acredite: sou do diálogo, aberto a ouvir, convencido de que tudo pode ser debatido, até as alianças mais improváveis.

Madame arqueou a sobrancelha, como quem examina um iludido.

— Muito interessante a sua filosofia. Mas deixe-me lembrar que, aqui, minhas meninas são o orgulho do negócio. Já lhe disse na outra noite, e você mesmo comprovou. O que distingue este local é manter-se, temporada após temporada, na elite de Madrid. E a Eva... — fez uma pausa calculada — a Eva é a joia da minha coroa.

— Não discuto a qualidade dos seus serviços nem o prestígio do estabelecimento — replicou Armando, com frieza. — Mas não vim falar do nível da prostituição em Madrid. Meu interesse é muito mais concreto: uma única jovem.

O rosto de Madame se endureceu, embora a voz se mantivesse amável, quase didática.

— Justamente essa jovem de quem fala me pertence. É parte essencial do meu negócio. Talvez você ignore a importância que tem para mim, mas a Eva é uma das primeiras moças desta casa. E, com o talento e os modos que tem, arrisco dizer: está entre as melhores da capital. Você considerou esse detalhe? — apertou os lábios, satisfeita, antes de continuar. — E não apenas pelo que já rende, mas pelo que promete oferecer. A menina mal tem vinte anos e já se vislumbra nela um potencial extraordinário. O valor dela vai crescer com o tempo. É um investimento que começou a dar frutos e ainda não mostrou tudo o que pode oferecer.

O empresário sorriu com ironia.

— Caramba, Madame. Como gosta de encarecer o produto.

— Nada disso — defendeu-se, com uma risada breve, seca como um estalo. — Eu apenas digo a verdade. A Eva tem tudo: um corpo que enlouquece, uma beleza que a destaca e, sobretudo, uma lábia capaz de seduzir o homem mais culto. Você não desfrutou da conversa dela? Parece recém-formada em Letras numa universidade de prestígio. E confesso uma coisa, monsieur: tiro o chapéu para seu olho clínico. Soube identificar o verdadeiro talento. Que refinamento o seu para notar o que tantos, vulgares e ansiosos, jamais perceberiam.

Armando assentiu lentamente.

— Tem razão. Eva preserva a dignidade apesar da vida a que se dedica. Isso, Madame, já diz muito. Estou plenamente consciente do valor que tem. Se não estivesse,

eu não estaria aqui.

— Reconheço — admitiu. — A garota quer abrir caminho. E, embora muito jovem, tem a cabeça no lugar. Isso me enche de orgulho.

— Em resumo, ela tem tudo.

— Assim é. E não se esqueça: enquanto houver homens no mundo, continuarão precisando do que só elas sabem dar.

Armando ergueu a mão, para reconduzir a conversa ao que lhe interessava.

— De acordo, voltemos ao principal. Sei que, se eu levar a Eva, seu negócio vai sentir um vazio. Eu admito. Mas também não convém exagerar. Ninguém é imprescindível, Madame. Nem nas melhores empresas. Quando o melhor operário vai embora, chega alguém para ocupar o lugar. Conhecendo sua experiência, tenho certeza de que saberá encontrar outra que se aproxime dela. Assim são as leis do mercado e da vida.

Os olhos de Madame se estreitaram.

— Bonito discurso... mas e se não? Quem me garante que acharei substituta à altura? E se eu perder anos para recuperar o que investi?

Armando recostou-se, reflexivo.

— Admito que há pessoas mais difíceis de substituir do que outras. Nesse ponto, dou razão a você.

— Diga-me uma coisa, monsieur — interrompeu Madame, em tom inquisidor. — Em que você trabalha? Fala com uma segurança que assusta.

— No mundo dos eletrodomésticos.

— Ah, é? — ironizou. — Conserta máquina de lavar ou arruma geladeira?

Armando deixou escapar um sorriso.

— Eu sabia que, cedo ou tarde, você perguntaria. Não tenho problema em responder. Sou dono de várias lojas na capital. Negócios em expansão. Não me queixo da minha situação.

A dona do Le Paradis inclinou a cabeça, observando-o com um lampejo de cumplicidade zombeteira.

— Agora entendo a generosidade das suas gorjetas da outra noite. Hum... já sei com quem estou lidando! Embora... não é como se estivéssemos na mesma linha de trabalho.

— Não pense assim, Madame — replicou Armando, abrindo os braços num gesto amplo. — Aqui não falamos de televisores ou geladeiras. Falamos do futuro de uma pessoa.

O rosto de Giselle escureceu.

— Então me responda: a que se deve esse interesse repentino por Eva? Não esqueça que me liga a ela um laço especial. A mãe dela foi minha companheira por muitos anos. Uma mulher adorável... que pena a doença tê-la levado tão cedo.

— Eu não conhecia esse detalhe. Aonde a senhora quer chegar?

— É simples. Meu vínculo com Eva não é só econômico. É também emocional. E isso não se compra com dinheiro, monsieur.

— Já vejo — respondeu o empresário em voz grave. — Agora entendo como a senhora joga suas cartas.

— Exato. E espero que compreenda o alcance das minhas palavras.

O silêncio instalou-se por alguns segundos, até que a Madame retomou, insistente:

— Diga-me, senhor Armando: foi, por acaso, um súbito amor à primeira vista?

O empresário suspirou, e o semblante se endureceu.

— Os assuntos do coração raramente são racionais. Prefiro não falar de “fui flechado”; a expressão soa antiquada. O que sinto por Eva é... diferente. Não sei descrever com clareza, mas é algo que me revolve por dentro, que me arrasta.

Giselle o esquadrinhou com ceticismo e curiosidade.

— Já a tinha visto antes, fora daqui?

— Não. Foi naquela tarde, a primeira vez. E a senhora teve parte da culpa nesse encontro.

A dona assentiu lentamente, com um ar de satisfação calculada.

— Lembro-me bem das minhas recomendações. Então diga: avaliou a fundo as consequências de ter posto os olhos na minha menina?

Armando tamborilou os dedos no apoio de braço da poltrona, impaciente.

— Por favor, Madame, evite esse linguajar paternalista. Chame-a pelo nome.

— Não se altere, monsieur! — defendeu-se Giselle, erguendo as mãos. — Para ela sou como uma segunda mãe. Quando a mãe morreu, eu a acolhi ainda menina. Eduquei, protegi e ensinei este negócio. É um investimento incalculável, que não se mede em dinheiro. Então me diga: não será tudo isso um simples calor de momento?

— Claro que não, Giselle — respondeu Armando, firme, sem titubear.

Madame semicerrou os olhos, desconcertada.

— Surpreende-me, senhor Armando... Como pode ter tanta certeza?

— Veja, se lhe serve de argumento, direi que conheci muitas mulheres na vida, prostitutas incluídas, e jamais experimentei o que me ocorreu com Eva. Não há explicação lógica. Simplesmente... aconteceu.

Giselle apertou os lábios num gesto ambíguo — meio troça, meio reserva.

— E se essa “paixão” que tanto apregoa se apaga logo e o senhor termina tratando-a como um simples pano de cozinha?

— Já disse que não ajo por impulso. Sou um homem de cabeça fria. Analiso minhas decisões e não me precipito. No meu negócio, precipitação seria letal.

— Sem dúvida — concedeu Giselle, inclinando a cabeça com ironia. — Ainda assim, não quero ver essa menina se arrastando em poucas semanas, implorando para voltar porque o senhor a abandonou. Acredite, monsieur, já vi histórias demais iguais a essa. Os homens se cegam, as moças se iludem e, quando o feitiço se quebra, fica a desgraça.

Armando a observou com atenção, percebendo o fio de amargura na voz.

— Tenho a impressão de que a senhora é bastante pessimista.

— Não, senhor — replicou ela, erguendo o queixo. — Sou realista. E é graças a essa realidade que continuo aqui, à frente do Le Paradis, com as portas abertas e as contas em ordem.

O empresário inclinou-se para a frente, baixando a voz como quem revela a carta decisiva:

— Enfim, não vamos dar mais voltas. Quanto quer por Eva? Você ganha, garanto. Ela também. E eu, satisfeito. Assim funciona qualquer bom negócio.

Giselle arqueou as sobrancelhas, surpresa com a franqueza.

— Quem disse que estou disposta a pôr preço à Eva?

Armando esfregou as mãos, contido.

— Isto começa a se complicar mais do que eu imaginava. Estou disposto a pagar com generosidade, mas não espere que eu aceite um valor absurdo. Peço, Madame, que seja razoável.

A dona da casa levantou-se com parcimônia, caminhou até a mesa de trabalho e, com um lápis entre os dedos, começou a rabiscar cifras num papel. Por alguns segundos, a tensão tornou-se sufocante. Quando voltou ao sofá, trazia ar triunfal.

— Está bem. Você me convenceu. Traga amanhã um milhão de pesetas e essa criatura será sua.

— Um milhão de pesetas? — exclamou Armando, incrédulo.

— Algum problema com a cifra? — inquiriu Giselle, ofendida.

— Não me interprete mal. Eva vale isso, até mais. Mas o valor está fora da realidade. Peço que ajuste suas expectativas.

Madame cruzou os braços, desafiadora.

— Por acaso pretende pechinchar como se estivéssemos num bazar? Falamos de uma mulher, não de um televisor, cavalheiro.

— Comparações não me interessam — respondeu Armando, sério. — Vou dizer minha oferta e assim

poupamos tempo. Duzentos e cinquenta mil.

A gargalhada de Giselle ecoou áspera pelo escritório.

— Ridículo! Acha que vou ceder minha melhor garota por essa esmola? Vergonhoso!

A negociação virou duelo. Giselle foi baixando aos poucos — novecentas mil, oitocentas mil —, enquanto Armando subia com lentidão calculada — trezentas mil, trezentas e cinquenta mil —, como dois enxadristas medindo cada movimento.

Em dado momento, Giselle bateu com a palma no apoio de braço:

— Senhor Armando, não me tome por imbecil. Sei o que valem as minhas moças e sei o que Eva representa para este negócio.

— E eu sei qual é o meu limite: quinhentas mil pesetas. Nem uma a mais.

O silêncio pesou. Os olhos de Giselle brilharam com um lampejo estranho, mistura de cálculo e desafio.

— Meio milhão...?

Levantou-se, caminhou até a mesa e, com gesto brusco, pegou o telefone.

— Por favor, espere lá fora alguns minutos. Preciso fazer uma ligação particular. Depois saberá minha decisão.

Armando assentiu e saiu com passo seguro, embora por dentro fervesse a incerteza. Apoiou-se no corrimão do andar de cima, respirando fundo. Eva já não estava ali; recolhera-se ao quarto, incapaz de sustentar a ansiedade. O corredor permanecia silencioso, salvo pelo tique-taque de um relógio e algum murmúrio distante das moças que começavam a se arrumar para a noite. Ele olhou para a porta fechada do escritório, como se quisesse atravessá-la

com o olhar.

De repente, o mecanismo da fechadura girou com um estalo metálico.

— Parabéns, monsieur! — disse a Madame, com um sorriso entre a ironia e a tristeza. — A moça é sua. Deus, como vou sentir a falta dela... Será um golpe terrível, mas o que não faço por ela... — suspirou. — Enfim, c'est la vie.

Armando apertou a mão dela com firmeza, visivelmente satisfeito.

— acredite, não imagina como fico feliz por nós três — respondeu, com um sorriso contido. — Fechamos um bom negócio, Madame. Logo a saudade passa. O clube seguirá sendo o que é, e a senhora, além disso, somará meio milhão de pesetas à conta. Nada mal para uma única tarde, não acha?

Madame o fitou com um gesto ambíguo.

— Se o senhor diz... — murmurou. — Saiba que está levando uma das melhores juvenzinhas de Madrid. Só me resta acrescentar: que lhe faça bom proveito! Espero que não se arrependa. Para ela seria devastador... e o senhor não recuperaria uma moeda.

— Entendo perfeitamente. Mas suponho que já posso dispor de Eva, inclusive esta noite.

A risada seca de Madame cortou o ar.

— Esta noite? Que atrevimento! Acha que vou confiar no senhor no nosso segundo encontro? Não, monsieur. Ainda não.

Armando esboçou um sorriso resignado.

— Eu imaginava.

Com movimentos pausados, procurou no bolso interno do paletó até tirar um envelope volumoso. Abriu-o diante

dela, retirando um maço de notas perfeitamente ordenadas. Contou-as em silêncio sobre o sofá e, em seguida, estendeu o envelope.

— Aqui está. Tome o tempo que precisar. São duzentas e cinquenta mil pesetas.

Os olhos de Madame se arregalaram.

— Duzentas...? Está brincando? Pensa levar Eva por metade do preço combinado?

— Relaxe, Madame. Acha mesmo que eu sairia passeando por Madrid com quinhentas mil no bolso? — tirou então uma folha dobrada. — Preparei um documento particular. Nada oficial, claro: um contrato entre nós dois. A quantia está em branco para que seja você a escrevê-la. Depois, ambos assinamos. Fica registrado que hoje deixo a metade como sinal e que amanhã receberá o restante. Aliás, mais uma condição...

— Que surpresas me dá este cavalheiro! E qual é a condição?

Armando a olhou fixamente, com seriedade glacial.

— Muito simples. Esta noite Eva não vai trabalhar. Que leia, que durma ou que fique olhando para o teto, tanto faz. Mas não vai compartilhar a cama com nenhum cliente. A partir deste momento, Madame, essa moça me pertence.

O escritório encheu-se de um silêncio denso, até que ela cedeu com um gesto teatral:

— Caramba, que radical... está bem, eu aceito. São só vinte e quatro horas. Permite que eu guarde o dinheiro no cofre?

— Claro.

Madame levantou-se, foi até um canto do escritório e abriu uma pequena caixa embutida na parede. O estalo metálico do fecho ecoou no ambiente.

— Nos veremos amanhã ao meio-dia — disse, ao voltar ao sofá. — Eva estará pronta. Mas, se não trouxer o restante, não a levará. E também não recuperará o sinal. Quero ser cristalina.

— Entendido — assentiu Armando, sem perder o sorriso satisfeito. — Assinemos, então.

Os dois rubricaram o papel em silêncio solene, como conspiradores selando um pacto escuro.

— Ah, antes que eu me esqueça... — acrescentou o empresário. — Posso falar um momento com Eva? Quero avisá-la pessoalmente que amanhã virei buscá-la.

Os lábios de Madame tremeram por um segundo antes de voltarem ao sorriso forçado.

— Bien sûr, monsieur. E, como detalhe final, vou oferecer aos dois uma garrafa de champanhe. Podem brindar a este acordo, no quarto ou nas mesas. Como preferirem. Tomem o tempo que quiserem.

— Agradeço.

— Só lhe peço uma coisa — concluiu Madame, com um brilho nos olhos impossível de disfarçar: — Trate bem essa menina. Me unem a ela laços de afeto difíceis de esquecer. A melancolia será inevitável.

— Não tenha dúvida. Garanto que ela viverá melhor comigo do que aqui.

— Se o senhor diz... — sussurrou Madame, com um gesto de hesitação.

Ao receber a notícia diretamente de Armando, Eva levou a mão ao peito, fitou o amplo espelho do corredor e viu a si mesma como uma criatura de valor incalculável.

## A EXPULSÃO DO PARAÍSO

“Quem expulsa o amor de sua casa acaba habitando um palácio vazio.”

Seis meses haviam se passado desde aquela jornada decisiva no Le Paradis. O tempo amaciara as feridas da mulher, e a convivência entre Armando e Eva assentara-se sobre um terreno aparentemente firme. Os fantasmas do passado — as noites agitadas, os clientes sem rosto, o medo constante de um futuro incerto — tinham ficado para trás. Em seu lugar, a jovem experimentava uma calma desconhecida, uma rotina que, embora simples, tinha para ela um sabor milagroso.

Armando, já perto dos quarenta, seguia entregue aos negócios. A cada semana somava novas metas e projetos: sua rede de lojas crescia como um organismo imparável, devorando ruas e bairros, expandindo-se por uma cidade que se transformava com rapidez. Eva o observava em silêncio, admirando aquela energia incansável, mas temendo também que o homem que a resgatara do prostíbulo acabasse tornando-se inalcançável, absorvido pelo próprio mundo.

Naquela noite, a sala da cobertura estava banhada por luz dourada e cálida. O mármore do piso refletia o brilho suave das lâmpadas, enquanto as taças de vinho, sobre a

mesa baixa, desprendiam relâmpagos rubros como brasas. Armando, de pé junto à janela, abriu os braços num gesto de triunfo.

— Hoje foi um bom dia — anunciou com júbilo. — Fechei a compra daquele ponto. Em breve, mais uma loja. Genial.

Eva, sentada no sofá com as pernas encolhidas, ergueu a taça e sorriu.

— É mesmo, querido? Que seja para o bem. Que os seus investimentos cresçam também é boa notícia para mim.

Ele voltou até ela com passos decididos, ainda com o entusiasmo latejando na voz.

— A zona sul de Madrid estava esquecida. Vou abrir lá. Claro que sempre existe risco quando se inaugura um negócio, mas você sabe o ditado: “quem não arrisca, não petisca”. É uma área mais humilde, sim, mas vale a pena levar meus produtos para lá. E, com uma boa campanha publicitária, o sucesso é certo.

— Claro. Se não nos damos a conhecer, dificilmente vendemos — refletiu Eva.

Armando estacou um instante, surpreso, e soltou uma gargalhada franca.

— Olha só! De tanto ficar comigo, já está pegando a linguagem de comerciante. Que mulher de negócios você seria!

Ela corou com doçura.

— Procuo prestar atenção em tudo o que faz. Estar ao seu lado é uma bênção.

A conversa seguiu com a leveza de um brinde compartilhado, até que, como quem muda o compasso de uma sinfonia, Armando baixou o tom e cravou os olhos

nela.

—Eva... diga-me, o que pensa agora da sua vida? Já se passaram seis meses desde que saiu do clube. Nenhum cliente a mais, nenhum fantasma rondando sua cama. O que sente por dentro?

A moça pousou a taça na mesa, pensativa.

— A verdade é que não encontro palavras. Foi como arrancar um peso morto da alma. Viver daquele jeito... era sobreviver engolindo lágrimas. A maioria dos homens que vai a esses lugares não enxerga além dos próprios instintos. Ninguém se pergunta o que sente a mulher deitada ao lado. Tive de suportar isso noite após noite — a voz lhe falhou e precisou respirar fundo para continuar. — Agora me sinto... leve.

Armando a contemplou com seriedade.

— Por isso, naquela primeira noite, não me deixei levar pelo impulso. Vi em você algo diferente. Seu olhar dizia que aquele mundo não era o seu. Fiz bem em me conter.

Eva o fitou, emocionada.

— Também senti. Não podia dizer com palavras, mas gestos e olhos gritavam o que a boca calava.

O silêncio os envolveu por alguns segundos. Ela se remexia nervosa no sofá, sem saber bem por quê. Armando, perspicaz, percebeu na hora.

— Perdoe-me, Eva — disse com voz suave —, mas noto-a intranquila. O que houve? Lembre-se do nosso pacto: sem segredos.

Ela corou, baixou os olhos e ergueu a taça como desculpa.

— Anda... serve mais um pouco de vinho. Este tinto está delicioso.

Ele obedeceu, mas insistiu com ternura:

— Beba um gole e me diga o que a inquieta.

Eva hesitou um instante, mordendo o lábio. Por fim, soltou como quem quebra uma taça frágil:

— Ainda não tenho certeza... mas acho que estou grávida.

A palavra ficou suspensa no ar, vibrando entre os dois como um trovão mudo. Armando permaneceu imóvel, como se o tempo tivesse parado ao redor. A taça vibrou de leve e um lampejo de assombro atravessou-lhe o olhar.

— Mas... como isso é possível? — murmurou, sem conseguir evitar que a voz soasse mais incrédula do que alegre.

Eva encolheu os ombros num gesto entre tímido e resignado.

— Faz sentido. Meus ciclos sempre foram regulares, e este atraso... não pode ser acaso. Não estou cem por cento certa, mas tudo aponta para o mesmo.

O empresário levou a mão ao rosto, como se precisasse cobrir a surpresa.

— Hum... vamos confirmar. Conheço um ginecologista de confiança, cliente habitual das minhas lojas. Amanhã mesmo marco consulta para tirar a dúvida.

Eva o encarou fixamente, captando no semblante uma sombra que lhe rasgou o ânimo.

— Armando, por que essa cara? A impressão é de que a notícia não agradou nem um pouco.

Ele desviou o olhar para a janela.

— Fiquei incomodado, só isso. Sou um homem que planeja cada passo, e esse acontecimento não estava nos meus planos.

Eva levantou-se do sofá, ainda com a taça na mão, e caminhou alguns passos pela sala.

— E desde quando a vida avisa antes de abrir caminho? — replicou com amargura. — Desde que deixei o Le Paradis, tivemos muito sexo. Em mais de uma ocasião a paixão venceu a prudência. Um descuido, uma noite de frenesi, um instante de esquecimento... e pronto. É assim que a vida abre caminho.

Armando, em silêncio, tamborilava os dedos no braço da poltrona.

— Sim, pode ser. Não descarto — suspirou. — Só que eu não estava preparado para essa possibilidade.

O silêncio ficou denso. Eva, num gesto inconsciente, acariciou o ventre com ternura, como se quisesse certificar-se de que dentro de si pulsava algo mais do que uma suspeita.

Vinte e quatro horas depois, o diagnóstico dissipou qualquer dúvida. Graças às influências de Armando, conseguiram consulta imediata. O médico confirmou o inevitável: a concepção ocorrera em maio e o parto estava previsto para fevereiro de 1971.

O anúncio, longe de trazer calma, acendeu o estopim. Durante dias, as discussões se multiplicaram. Armando insistia em que a interrupção era a saída mais sensata, convencido de que aquela gravidez era um erro a corrigir. Eva, ao contrário, defendia com ardor quase sagrado a vida que crescia dentro de si. Entre os dois, o abismo se alargava.

Certa noite, durante o jantar, a tensão chegou a um novo ponto de ruptura. Armando, há algum tempo comendo quase sem falar, pousou os talheres sobre o prato e a fitou com um gesto sombrio.

— Eva, se a concepção ocorreu em maio... me diga: onde estava então? — perguntou, baixando a voz, como se temesse a resposta. Os dedos tamborilavam no cristal da taça — um gesto mínimo, suficiente para delatar a tormenta interior. Havia semanas andava obcecado, medindo calendários, repassando noites de ausência; a dúvida o roía como traça na madeira.

Eva ergueu a cabeça de supetão, incrédula, como se acabasse de levar um tapa.

— O que está insinuando? — a voz lhe saiu entrecortada, carregada de surpresa e indignação. Levantou-se de um salto, com o rosto em fogo. — Essa pergunta é perigosa, Armando. Muito. Semeia desconfiança e, se a deixar crescer, vai corroer o que temos. Lá fora ainda brilha a luz dourada desta sala, mas aqui dentro já sinto o frio de um paraíso que se racha.

Ele não desviou o olhar, endurecido por uma suspeita que germinara em silêncio e agora se atrevia a pronunciar. O ar tornou-se gélido, como se uma fenda invisível se abrisse entre os dois.

Armando pigarreou, tenso, como se cada palavra pesasse mais do que estava disposto a carregar.

— Vejamos, Eva... desde que se instalou aqui, teve muito tempo livre. Tempo para pensar, para fazer... para tudo. Eu, ao contrário, estive absorvido com a abertura da loja no sul. Você sabe: jornadas intermináveis, reuniões, papelada. Mais de uma vez, quando eu voltava, já estava dormindo. Nem sequer tínhamos ocasião de conversar.

Eva o fitou, incrédula, as sobrancelhas franzidas.

— Pelo amor de Deus, querido... está se ouvindo? Dá-se conta do que está insinuando? Acredita que aproveitei sua

ausência para me deitar com outro homem?

O empresário baixou o olhar, hesitante.

— Estou confuso, Eva. Desculpe. Não devia ter dito assim — respirou fundo. — Obceca-me esse assunto da gravidez... é como um fantasma que me persegue: a ideia de que essa criança que carrega talvez não seja minha.

Eva o observou com mistura de dor e raiva contida.

— Claro.... Se a criança não fosse sua, livrar-se-ia de todo vínculo. Não teria de se prender nem a mim nem à criatura. É isso, não é?

— Não sei... — admitiu, dando de ombros. — Ultimamente não me reconheço. A cada dia, as dúvidas crescem e me devoram.

— Exato! — saltou Eva, com a voz trêmula. — Alimenta essas dúvidas e depois descarrega a indignação em mim, como se eu fosse a culpada. Está construindo uma prisão de desconfiança, Armando. E isso não pode nos levar a nada bom.

Ele ficou em silêncio, abatido.

— Talvez você tenha razão...

Eva ergueu-se, o rosto incendiado pela emoção.

— Olha, eu juro pela minha mãe que descansa debaixo da terra. Desde que saí daquele inferno, não estive com nenhum homem além de você. Nem em pensamento, nem em ação. Está me ouvindo? — levou a mão ao peito, como para se sustentar. — Ainda me lembro daquela primeira noite em que o conheci. E da data em que larguei tudo para me instalar na sua casa. Desde então agradeço todas as manhãs por ter escapado daquele canto de perversão onde eu tinha de abrir as pernas para sobreviver. Cada dia lá era como arrancar um pedaço da alma. Cheguei a acreditar que

não passava de uma vulgar prostituta sem remédio. Entende o que isso significa?

Armando abaixou a cabeça, envergonhado.

— Sim — murmurou.

— Então não entendo como consegue esquecer tão depressa o lugar de onde vim. Acha mesmo que, depois de escapar da escuridão, eu voltaria a vender meu corpo? Jamais. Não estou louca. Agora tenho algo sagrado a proteger e uma direção clara para a minha vida. Quero enfrentar o desafio da maternidade. Não te peço que compartilhe meus sonhos — só que colabore comigo para formar uma família.

— Uma família? — repetiu Armando, com um esgar, como se a palavra fosse afronta.

— Sim. Um homem, uma mulher e um filho fruto desse vínculo.

As semanas seguintes foram de lenta deterioração. Cada centímetro que a barriga de Eva crescia era um golpe na paciência do empresário. O distanciamento virou rotina. Até que, num sábado de setembro, enquanto tomavam o café da manhã na sala da cobertura, a conversa se tornou definitiva.

— Precisamos conversar, Eva... — disse ele, com o rosto sombrio.

Ela pousou a xícara no pires, trêmula.

— Pela sua cara, já me tremem as pernas. Aprendi a ler gestos, Armando, e o seu não me augura nada de bom.

— Pode ser que você tenha razão — admitiu ele, com frieza.

Eva suspirou, apoiando a testa na mão.

— Perdoe se pareço pessimista, mas minhas costas ainda carregam anos de indignidade. Vivi demais para a minha pouca idade. Quando se sobrevive à humilhação constante, a gente envelhece por dentro.

— Mulher, de onde você tira tanta filosofia barata? — interrompeu Armando, com desdém. — O assunto é simples. Pensei muito e cheguei a uma conclusão. A nossa relação já não é viável. Desde que o médico confirmou a sua gravidez, tudo se torceu. Pedi que você abortasse, insisti, e você se negou. Não quis se adaptar às minhas condições.

— Meu Deus... eu já temia — sussurrou.

— Escute bem. Procurei um apartamento de dois quartos no centro. Não é como esta cobertura, mas é digno. Já paguei um ano de aluguel adiantado. Esta semana vou lhe dar dinheiro suficiente para organizar a sua nova vida sem apertos.

— Você está me expulsando da sua casa? Assim, com tanta tranquilidade?

— Admita a verdade, Eva. Eu não quero uma criança. Não estava nos meus planos, eu a avisei mil vezes. Agora é tarde.

— Os seus conselhos se resumiam a uma única palavra: abortar. Isso não estava nos meus planos. E, se não renunciar a este ser significa perder você, então aceitarei o meu destino, orgulhosa de mim mesma.

— Sinto muito. Não quero compartilhar esse fardo. Mas não vou deixá-la desamparada. O seu apartamento está mobiliado, com eletrodomésticos de primeira. Não lhe faltará nada. Inclusive poderá continuar indo ao meu amigo ginecologista: ele vai atender o seu parto sem custo. Mas eu não quero saber nada dessa criatura. Não levará meu sobrenome. Não me procure, não me ligue. Se algum dia eu

quiser vê-la, eu é que irei até você.

— O que tenho claro é que nasci com uma má estrela que me persegue. Mas aprendi a me adaptar para sobreviver. Pelo menos agora vejo a sua verdadeira cara, aquela que nas últimas semanas você já vinha mostrando pela metade. Entre hoje e amanhã vou juntar minhas coisas. Levarei o mais valioso: meu filho. Vai nascer sem pai, mas nascerá do amor.

Olhou ao redor pela última vez: o mármore reluzente, as lâmpadas douradas, as taças de vinho vazias... todo aquele cenário que um dia lhe parecera um jardim protegido agora lhe soava como um paraíso de papelão pintado, bonito por fora, mas oco por dentro.

— É curioso... — acrescentou com amargura — a nossa liberdade sempre acaba pesando sobre os mais inocentes.

Armando esboçou um sorriso cínico.

— Que bom que você leva desse jeito.

— Durante meses vivi como uma mulher normal. Esse foi o meu presente. O meu erro foi acreditar que podia projetar um futuro com você, quando, na verdade, você só olhava para os seus negócios. Não importa. Guardarei uma lembrança grata do que vivemos. Agradeço a ajuda. Amanhã mesmo estarei nesse apartamento que, segundo você, marca a minha nova etapa. Vou chorar por dentro, Armando... para que minhas lágrimas não incomodem quem me cerca.

Ficou olhando para o horizonte, perdida, como se já tivesse cruzado a fronteira daquele lar que nunca mais voltaria a ser seu.

Na manhã seguinte, Armando já não estava em casa. Saiu bem cedo, escudando-se em seus negócios e,

sobretudo, no desejo de evitar a cena dolorosa da despedida. Eva, ao contrário, esperou um instante a mais: foi à varanda pela última vez para contemplar Madrid do alto. Depois atravessou a porta da cobertura, levando numa mão a mala e na outra a mão sobre o ventre, num gesto de carinho. Entre o mármore frio e o silêncio da sua partida, desenhava-se o contraste: o luxo ficava para trás, a vida nova começava.

## O BERÇO EMPRESTADO

“O nome é a primeira herança que um filho recebe; às vezes, a única.”

Fevereiro de 1971, um convento no centro de Madrid.

O silêncio das lajotas frias no corredor foi quebrado pelo rangido de uma porta. Uma voz serena, embora firme, soou no aposento.

— Irmã Virgínia, entre. Quero falar com você.

A jovem freira inclinou-se com respeito. Seu rosto limpo, de feições delicadas e olhar luminoso, transmitia uma mistura de obediência e candura.

— Diga, madre Teresa.

A abadessa, sentada atrás de uma mesa austera, entre papéis e um crucifixo, observou-a com atenção.

— Você sabe por que a escolhi, entre todas, para se encarregar do menino?

Virgínia sorriu com timidez.

— Suponho que porque sou a mais jovem, não é?

— Em parte, sim — replicou a madre, num gesto reflexivo —, mas esse não é o motivo essencial.

A noviça ergueu o olhar, surpresa, como se buscasse adivinhar a resposta no rosto severo da superiora.

— Ah, desculpe... agora entendo. Desde que entrei aqui, repito o quanto adoro crianças. É verdade. Quando eu era

adolescente, tomava conta de dois dos meus sobrinhos. Minha irmã mais velha trabalhava sem descanso e eu tinha de cuidar dos pequenos.

— Exatamente. Você disse tudo. Não parte do zero. Já tem um aprendizado que outras irmãs ainda não possuem, e isso faz diferença — sentenciou a madre Teresa, num tom definitivo.

Virgínia assentiu, orgulhosa.

— Agradeço por ter pensado em mim. Talvez as outras não saibam, mas eu tenho experiência.

A superiora, com um leve sorriso que abrandava sua habitual rigidez, murmurou:

— Nota-se de longe que você teria sido uma excelente educadora.

— Eles são o futuro, madre — respondeu Virgínia, com entusiasmo. — As crianças são a bênção de cada família.

A abadessa inclinou-se para a frente e sua voz escureceu:

— Por isso penso tanto nesse bebê. Meu Deus, que desgraça a dele!

Virgínia franziu o cenho.

— Ainda não entendo como uma mãe pode abandonar assim sua criatura, indefesa, à porta de um convento. Que brutalidade!

A madre Teresa suspirou, girando o rosário entre os dedos.

— Não devemos julgar às cegas. Seguramente aquela mulher vivia circunstâncias muito difíceis. Ninguém, em sã consciência, renuncia a um filho sem um motivo poderoso. Seria mãe solteira? Estaria sufocada pela miséria? Ou, talvez, tenha sido vítima da violência mais vil, e aquela gravidez não tenha sido senão uma condenação?

— Pode ser qualquer coisa, madre. O certo é que nada sabemos.

Depois de um silêncio pensativo, a madre Teresa acrescentou, em voz grave:

— Vi muitas mulheres baterem às nossas portas. Às vezes não trazem consigo mais do que o tremor nas mãos e uma criança no colo. Mulheres jovens, de olhar quebrado, que um dia sonharam com um lar e acabaram expulsas dele. Talvez a mãe deste pequeno carregasse uma história semelhante: um amor rompido, uma promessa descumprida, a solidão que se torna insuportável.

Virgínia assentiu, comovida.

— Seja como for, agora o que importa é o bebê. Um inocente que não pediu para vir ao mundo deste modo.

— É isso. E, embora não possamos nos responsabilizar por ele por muito tempo, ao menos devemos acolhê-lo. Alguém achou que éramos um orfanato. Que engano.... Faz tanto tempo. Servimos ao Senhor em outras tarefas. Portanto, é questão de dias, irmã: assim que o Auxílio Social vier, o menino passará à tutela deles.

Virgínia baixou a cabeça, contendo a tristeza.

— Por alguns dias que eu cuide dele, não haverá problema. Receberá carinho e cuidados, e isso já será um bálsamo para sua pequena alma.

A abadessa sorriu com um brilho inesperado nos olhos.

— Com esse olhar, irmã Virgínia, você seria capaz de comover até o arcebispo. Está bem, esta semana o menino será seu. Na segunda-feira virão buscá-lo.

A jovem freira mal conteve a emoção.

— Obrigada, madre. Estou ansiosa para cuidar dele. Aposto que Martín já está pedindo os meus braços.

- A madre Teresa deteve-se de repente.
- Espere, ainda falta algo. Precisamos dar a ele um nome completo, com sobrenomes. Não pode ficar num limbo de anonimato.
- Pensei nisso — disse Virgínia, com um lampejo nos olhos. — A mãe, ou quem quer que fosse, deixou claro que queria chamá-lo de Martín. No suéter, tricotado com carinho, estava bordado o nome. Acho justo respeitar essa vontade.
- Concordo — assentiu a madre Teresa. — Mas faltam os sobrenomes.
- Virgínia levou a mão ao peito, como se de repente tudo ficasse claro.
- Lembre-se, madre, que o encontramos ao amanhecer, no dia de San Blas. Já está! Martín San Blas.
- A abadessa meditou alguns segundos.
- Sim, soa bem. Falta apenas o segundo sobrenome.
- Empolgada, Virgínia se adiantou:
- O mais comum na Espanha é “García”. Assim ele passará despercebido. Sei por experiência: é o sobrenome da minha família materna.
- Perfeito. Fica assim: Martín San Blas García. Um nome simples, mas digno.
- Virgínia sorriu com ternura.
- Soa promissor.
- É o que esperamos — replicou a madre Teresa, com um quê de solenidade. — Ao pessoal do Auxílio Social diremos que o menino vinha com um bilhete onde estava escrito o nome.
- E se perguntarem por esse bilhete?

— Diremos que se perdeu por descuido de uma irmã. Ninguém ousará questionar a palavra da superiora deste convento.

Virgínia riu de leve.

— Tem razão. Afinal, não estamos nomeando o próximo rei da Espanha.

A madre Teresa levantou-se, dando por encerrada a conversa.

— Então, irmã Virgínia, aproveite o seu papel de “mãe” durante esses dias. Depois... que Deus disponha.

Virgínia inclinou a cabeça, transbordando uma alegria contida.

— Claro, madre Teresa. Até segunda-feira, Martín será meu.

Depois de algum tempo, Virgínia inclinou-se sobre o berço improvisado, roçou a testa do menino e pensou que, ainda que fosse só por alguns dias, aquele paraíso diminuto seria seu. A noviça tomou o pequeno com cuidado e, ao sentir o calor frágil do corpo, pensou no Menino no presépio, agasalhado apenas pela palha e pelo bafo de alguns animais. “Deus também escolheu a pobreza para nascer”, murmurou para si, convencida de que cada criatura abandonada carregava consigo um lampejo daquele mistério. Contemplou de novo o moisés e lhe pareceu uma réplica humilde do presépio de Belém, onde a esperança abre caminho em meio à intempérie.

## O RETORNO DA OVELHA PERDIDA

“Nem sempre se volta ao lar; às vezes, volta-se à jaula.”

Passaram-se alguns dias. O frio madrilenho se enfiava pelas frestas das persianas de um pequeno apartamento que cheirava a mofo e a derrota. Eva, com apenas vinte e um anos, estava à beira da decisão mais dramática de sua curta e atribulada existência. Enfrentara, na juventude precoce, situações brutais, mas nenhuma como aquela: a sensação de ter perdido a última centelha de esperança que um dia iluminara o seu caminho.

Desde a adolescência, buscara no álcool um refúgio contra a ansiedade, aquela angústia que a consumia todas as noites no clube de alterne, enquanto fingia sorrisos e suportava corpos que não queria. Agora, sem ofício, sem rumo e com a lembrança cortante de Armando pondo-a para fora da cobertura quando o ventre já exibia mais de quatro meses de vida, mantinha-se de pé apenas com as moedas que lhe restavam do dinheiro que lhe fora entregue, uma esmola disfarçada de generosidade.

A incerteza e a solidão cavavam nela um vazio insondável.

Tinha vinte e um anos, mas sentia-se velha, com a alma gasta, como se tivesse vivido um século de derrotas e abraçasse um presente em ruínas. “Toda a minha vida me

conduziu até aqui”, pensava, convencida de que o fracasso era sua única herança, o naufrágio de suas ilusões.

E, no entanto, um consolo estranho lhe atravessava o coração: ao menos, pensava, o filho estaria em melhores mãos. Convencida de sua indignidade, entregara-o ao convento como quem deixa uma joia em custódia, mesmo sabendo que aquela renúncia a marcaria para sempre.

Todas as manhãs, ao abrir os olhos, a voz escura da consciência gritava perguntas que queimavam por dentro: “E se eu for buscá-lo?” “Estará ele ainda lá, nos braços das freiras, ou já o terão levado para outro lugar?” “E se a polícia me perseguir, acusando-me do crime de tê-lo abandonado?” Mas sempre regressava à mesma resposta, martelada como uma reza perversa: “Nem sequer sou digna de criar meu filho.” Esse pensamento a destroçava, arrancando-lhe a pouca força que restava e afundando-a ainda mais na garrafa.

O álcool virou sua única rotina. Uma taça de vinho barato, um gole de conhaque áspero, gim que queimava a garganta... qualquer coisa que calasse o ruído da consciência. Eva desenvolvera tolerância nos anos de prostituição, quando beber com os clientes fazia parte do ofício. Agora já não era companhia nem jogo: era sobrevivência. Quando o líquido ardia nas veias, as perguntas se calavam. Quando faltava, voltavam com mais violência.

Uma manhã, decidiu vestir-se como se ainda fosse alguém. Tomou um banho caprichado, escolheu o melhor traje do armário e borrifou a pele com o último perfume caro que lhe restava dos tempos com Armando. Queria parecer uma cidadã qualquer, mais uma mulher que

caminha pelas ruas de Madrid. Guardou no bolso um frasco de gim — seu salva-vidas — e saiu, com as lágrimas contidas, rumo a um destino que não visitava havia meses: o lugar que marcara seu passado.

Meia hora depois, os passos a conduziram até a porta do Le Paradis. Bateu várias vezes, até que, por fim, uma voz sonolenta respondeu lá de dentro.

— Mas... escuta... que horas são essas? — resmungou uma jovem, contrariada, abrindo a porta só um pouco. — Não está vendo o horário, pelo amor de Deus?

Eva ergueu o rosto. Com um fio de voz quase irreconhecível, disse:

— Desculpa, Jessica. Sou eu.

A outra, surpresa, escancarou a porta e a observou, incrédula.

— Eva! Mas... como está diferente! Meu Deus, o que lhe aconteceu, querida? Entra, vai. Vem, que eu preparo um café.

Eva hesitou um instante. Cruzar aquele umbral era como voltar ao inferno do qual acreditara ter escapado para sempre. Mas as forças estavam tão minadas que se deixou conduzir pelos braços da antiga companheira. Mal pisou o vestíbulo, desabou em pranto, com soluços que pareciam querer arrancar-lhe a alma.

Jessica a amparou com ternura, acostumada a ver mulheres partidas, mas nunca Eva naquele estado. Conduziu-a a uma mesa — dessas onde tantas vezes fingiram risos para os clientes — e aproximou-lhe uma xícara fumegante.

— Menina, está impecável, mas a sua cara diz tudo. Está um trapo. Não me diga que aquele ricaço andou te

maltratando! Eu sei muito bem como acabam essas histórias...

As palavras foram o golpe final. Eva se quebrou ainda mais, afogada em gemidos. Jessica a abraçou forte, deixando-a chorar no ombro.

— Pronto, calma, irmã. Desabafa. Aqui ninguém vai te julgar.

— Obrigada... obrigada por me ouvir — murmurou Eva, com a voz rota.

Jessica inclinou-se para ela, com genuíno interesse.

— A última coisa que soube foi que um homem te tirou daqui pagando o que não está escrito. O que foi feito daquilo?

Eva suspirou, com o olhar perdido.

— No começo, tudo foi um sonho. Ele cuidava de mim, me protegia, me enchia de mimos. Eu achava que, finalmente, a vida sorria para mim. Mas depois... tudo se torceu.

Jessica semicerrou os olhos, intrigada.

— E o que aconteceu?

— Fiquei grávida.

Jessica arregalou os olhos, entre surpresa e fúria.

— Santo Deus! E o que aquele canalha fez?

— Encarou como uma desgraça. Confirmamos com um ginecologista e, desde então, passou a me ver como um estorvo. Não estava nos planos dele ser pai.

— E o bebê? Onde está?

— Entreguei a um convento. Não podia criá-lo. As freiras... vão cuidar melhor do que eu.

— Ai, Eva... que vida a sua! Aquele homem tinha dinheiro de sobra, e você estava na melhor idade para ser mãe... e

mesmo assim ele te pôs na rua! Maldito seja.

— Ele nunca disse que não queria filhos. Nunca. Eu... achei que fosse se alegrar. Mas me enganei. Para ele, o único importante eram os negócios.

— Esse sujeito pode até ser um vencedor nos negócios, mas no essencial... é um pobre desgraçado.

Eva fechou os olhos. O eco daquelas palavras soou dentro dela como uma verdade que sempre soubera, mas que até então ninguém se atrevera a pronunciar. Falou com voz cansada, um fio de confissões que parecia se desprender do interior como se arrancasse curativos velhos de feridas que nunca cicatrizavam.

— Nem ele me contou muito do passado, nem eu quis fuçar. Eu era a companheira dele, não um detetive. Limitei-me a viver o que oferecia, sem revirar a memória nem levantar suspeitas. Supus que tivesse tido outras relações, mas curtas, sem compromisso. Talvez tenha medo de se entregar de verdade. Talvez nem saiba, mas, no fundo, é um solteirão incapaz de amar.

— Agora entendo melhor, Eva. Os homens... sempre complicados. Eu, confesso, já não arrisco. Prefiro não apostar o coração. Você... é uma sonhadora, uma romântica que vive entre romances e fantasias. Até a Madame dizia! Que ler tanto acabaria te levando ao desastre.

— Vai ver no fim ela tinha razão...

— Claro que tinha. A ilusão te cegou, você pensou que ia voar para longe deste negócio... e olha aí. Ele te largou. No fim, somos o que somos: putas. É isso que eles acham, e nos devoram como se fôssemos carne de mercado. Uns pagam, outros prometem. Todos acabam nos jogando na sarjeta.

— Não quero generalizar, Jessica. Deve haver homens diferentes, imagino. Mas... o meu não passou na prova. Às vezes penso que carrego uma maldição, como se o azar me perseguisse sem trégua. Ele me pagou um ano de aluguel, deu dinheiro para a gravidez... e, ainda assim, olha para mim, aqui estou. No fim o dinheiro acaba, o destino estrangula, a miséria alcança a gente e é preciso decidir. Por isso voltei.

— Você não é a única que sofre. Aqui o amor é proibido. Pode parecer ridículo, mas é verdade: amar alguém significa botar mais peso no fardo que a gente carrega todo dia. É como enfiar a cabeça nas brasas.

— Sinto-me melhor depois de falar. Mas me diga, como está a Madame? Tenho medo de ela me ver e me pôr para fora a pontapés. Sei que a decepcionei.

— Decepcionar? — riu Jessica, com ironia. — Se encheu os bolsos às suas custas. Que baita investimento! Tenho certeza de que vai se alegrar em te ver.

— Não sei... não tenho nem onde cair morta. E se ela não me aceitar?

— Deixa de bobagem. Já esqueceu o ofício? Doze meses não apagam uma vida inteira. Ela vai te aceitar.

— Estou cansada, Jessica. Exausta. Agora mesmo não sei se consigo aguentar mais homens em cima de mim. Não sei se me resta força nem para isso.

— Vamos, Eva. Nenhuma de nós gosta disso. Aqui não há amor, só instinto e dinheiro. Não dramatize. Sobreviva, como fazemos todas. E agora que voltou, pelo menos teremos amizade. Essa é a nossa única salvação: nos apoiarmos.

De repente, um estalo elétrico encheu a sala: a luz do salão acendeu. As duas se viraram, sobressaltadas. Madame Giselle descia as escadas com passo firme, envolta num robe de seda que ainda exalava perfume noturno.

— Mas que história é essa de cochicho no meu salão? — trovejou a voz grave. — O que estão fazendo aqui a estas horas?

Segundos depois...

— Ah, a ovelha perdida! — exclamou teatralmente. — Olha quem está de volta, toda emperiquitada e cheirando a bom perfume francês. Até de longe eu te farejei. Que curioso... Diga-me: é visita para tomar café com a Jessica ou voltou para algo mais?

— Bonjour, Madame Giselle. Peço desculpas... voltei, sim. Mas só se a senhora me aceitar.

— Ora... que encruzilhada interessante. Subamos ao meu escritório. Preciso ouvir da sua própria boca o que aconteceu.

Já no escritório, a tensão era um nó no ar. Eva permanecia de pé, rígida, esperando o veredito. Giselle entretinha-se no toucador, maquiando-se com calma cruel. O silêncio era insuportável. Então, num gesto nervoso, Eva tirou a sua garrafinha do bolso e virou o resto do gim.

— Alors... — disse Giselle, enfim, virando-se para ela com olhos afiados. — Estou confusa. Explica-me, querida: o que te trouxe de volta?

— Já faz mais de um ano, Madame. A história é longa.

— Então, resume, menina. Não vai querer voltar ao meu negócio sem dar explicações.

— O cavalheiro se chamava Armando Ramírez.

— Ah, já me lembro — replicou a Madame, com escárnio.  
— O que houve? Ele se cansou, como eu previ? Ou foi você quem o deixou porque te maltratava?

Eva calou, mas o rosto dizia tudo. Giselle sorriu com cinismo.

— O seu perfume é primoroso, mas a sua cara... a sua cara fede a sofrimento. Que belo desgosto te deu esse tiparrão, não é?

— Não se engana, Madame.

— Hum... espera... — Giselle franziu o cenho e se aproximou dela. — Abra a boca.

— Eca! Gim... a estas horas!

Giselle não ergueu a voz. Apenas levantou a mão com a calma de quem afasta um inseto. A bofetada estalou como um látego e Eva caiu no chão, sem entender de onde saíra tanta força.

A dor foi imediata, seca, brutal. Giselle ergueu uma bengala que guardava debaixo da escrivadinha e descarregou vários golpes nas costas da jovem.

Eva gritava, encolhida no chão, enquanto cada impacto lhe arrancava um lamento.

A porta se abriu com um rangido seco. Jessica ficou cravada no batente, tão pálida que parecia uma aparição.

— Madame, por favor!

— Fora daqui, estúpida! — bramiu Giselle. — Volta para o teu quarto se não quer apanhar também.

Jessica recuou devagar, horrorizada, fechando a porta atrás de si. Eva ficou só, sob a sombra da dona, que brandia a bengala como uma carrasca impassível.

A voz de Giselle retumbava como um trovão no recinto:

— Levanta, desgraçada! — ordenou, com os olhos acesos de fúria e o gesto de quem goza exercendo o poder. — Fez-me perder um monte de dinheiro com a sua fuga e ainda não esqueci. Nem vou esquecer jamais! E tudo por querer te favorecer, porque, num surto de sentimentalismo, me lembrei da tua mãe e dos anos que compartilhamos sob este mesmo teto. À merda com a compaixão! No fim, serviu para quê? Para aquele riquinho de araque te engambelar como a uma adolescente ingênua e destroçar teus soninhos baratos de princesa.

Eva, estendida no chão, tentou cobrir a cabeça com os braços. Os golpes haviam deixado no rosto e no corpo uma máscara de dor. A jovem gemia, mais por impotência do que por resistência.

— Achava-se esperta — prosseguiu Giselle, cuspidando cada palavra —, mas a realidade te deu uma bofetada mais forte que a minha. Lá fora faz frio, não é? Comprovou na pele. O príncipe encantado te devolveu um trapo, bêbada e com cara de mais morta que viva. E ainda por cima, alcoólatra! Alcoólatra! — berrou, batendo a bengala no chão. — Acha que eu não sei? Aposto que se refugia na garrafa para esquecer esse sedutor barato que te sorveu o juízo.

Parou de súbito, com o rosto endurecido por uma careta de desprezo.

— Se eu chegar a ver esse sujeito por aqui, juro que mando meus homens quebrarem os ossos dele até virar pó. Mas, claro, ele não vai aparecer: covardes nunca voltam onde semearam ruína.

— Madame, eu lhe suplico... não me bata mais — murmurou Eva, entre soluços, com voz trêmula. — Se me deixar inválida, não vou servir para nada.

— Que ideia! — riu Giselle, sarcástica. — Agora te preocupa ser útil. O justo seria pegar um chicote e te açoitar até aprender quanto vale um erro neste mundo. Sim, pirralha, justiça é eu te foder como você me fodeu — sentenciou a mulher com seu típico sotaque francês.

A bengala caiu com estrépito sobre a mesa. Eva, tremendo, só conseguiu repetir:

— Oui, Madame.

— Assim é melhor — replicou a mulher, com um brilho cruel nos olhos. — A disciplina é a única coisa que mantém este negócio de pé. Sem disciplina vocês não são nada, nem putas decentes.

Ordenou então:

— Tira a roupa. Quero ver que mercadoria me devolvem depois de um ano.

Com torpeza, dolorida e envergonhada, Eva tirou a roupa enquanto tentava cobrir a nudez com as mãos. Giselle a observava minuciosamente, com a frieza de um açougueiro examinando a peça.

— Olha só! Dá para acreditar? — exclamou. — Cheia de roxos e mais magra que cachorro de rua. Assim ninguém vai te querer. Nossos clientes detestam ossos: lembram as fomes do pós-guerra. E essas estrias na barriga... que nojo! Sabe quanto dinheiro vou ter de gastar em óleos e cremes para voltar a ficar apresentável?

— Vou me cuidar, Madame. Vou fazer tudo o necessário para recuperar meu aspecto.

— Diz-se “Oui, Madame”! — bateu a palma na mesa.

— Oui, Madame... — corrigiu Eva num fio de voz.

O sorriso de Giselle foi de gelo:

— Aprenda de uma vez: sem obediência e sem respeito não chega nem aos trinta. No dia em que beber antes de trabalhar, ainda que seja uma cerveja mixuruca, vou te dar uma surra de tal jeito que vai desejar não ter nascido.

— Oui, Madame.

— Ótimo. Volta para o seu quarto antigo. Conservo-o intacto por respeito à sua mãe, embora você não mereça. E mais uma coisa: aqui você volta a começar de baixo. Para mim, não passa de uma novata.

— Merci, Madame.

— Ah, e outra coisa: não volte a mencionar o seu filho. Eu soube de tudo, não sou idiota. Tenho meus contatos, até na polícia. Você o deixou num convento, é? Ótimo, melhor assim. Não quero puta com encargo. Se algum dia eu souber que perguntar por ele, no mesmo dia te ponho na rua e aviso à polícia para te processarem por abandono. Entendido?

— Oui, Madame.

— Jessica! — gritou para a porta. — Sobe já!

A jovem apareceu trêmula.

— Leva este farrapo. Enfia-a no quarto dela e que eu não a veja até ficar apresentável. Vocês duas me dão náusea!

Eva foi arrastada pela companheira, com o corpo dolorido e a alma em farrapos.

## A TENTAÇÃO DO ABISMO

“Quando a vida dói demais, até a morte parece um refúgio.”

A sexta-feira chegara com um ar especial. A cidade se espreguiçava de um inverno rigoroso e os primeiros calores agradáveis convidavam os homens a buscar distrações mais intensas. Naquela noite, o Le Paradis ardia de atividade. O salão principal, carregado de fumaça de cigarros e do brilho dos lustres de cristal, estava abarrotado. O tilintar de taças de champanhe e o estrondo de gargalhadas tomavam o ar, misturando-se ao murmúrio de conversas em tons e línguas diversas. Cada canto estava ocupado por pares improvisados, e todas as garotas tinham clientes pendurados nos braços.

Até a própria Madame Giselle, veterana de mil noites de devassidão, sentia um nó de inquietação. Era um sucesso ter a casa cheia, mas isso também significava que qualquer imprevisto podia virar desastre.

O acaso quis que naquela noite aparecesse um de seus clientes mais exigentes e, ao mesmo tempo, mais rentáveis: Don Antonio. Cinquenta anos completos, terno sob medida impecável, cabelo grisalho cuidadosamente penteado para trás, anéis de ouro brilhando em ambas as mãos. Sua simples presença abria corredores no salão. Não era um homem qualquer: a carteira, as gorjetas e a

influência em certos círculos o haviam convertido em cliente de honra.

Don Antonio não era de levantar a voz, mas a mera presença impunha respeito. Enquanto esperava, girava lentamente um dos anéis, hábito nervoso que contrastava com a serenidade do porte. Gesto pequeno, quase imperceptível, mas no Le Paradis todos o reconheciam: quanto mais devagar girava o anel, maior a impaciência sob a máscara de cortesia.

Não perdeu tempo com preliminares. Avançou diretamente até a dona, que o recebeu com um sorriso tão firme quanto nervoso.

— Madame Giselle — inclinou-se, como quem confirma uma cortesia que não custa nada —, hoje quero algo especial. A senhora sabe como sou.

Por dentro, Giselle praguejou contra a má sorte: todas as meninas estavam ocupadas. Se aquele homem saísse insatisfeito, corria o risco de que seus comentários, carregados de veneno nos salões privados de Madrid, prejudicassem a fama do bordel.

— Don Antonio, sinto muitíssimo — murmurou. — Esta noite os quartos estão lotados e as senhoritas, em pleno serviço.

Ele arqueou as sobrancelhas, com desdém:

— Então não terei problema em ir à concorrência. Espera nunca foi a minha praia. E, acredite, se eu for embora hoje, será para não voltar.

A voz grave, sem se elevar, soou como ameaça. Um arrepio percorreu a espinha de Giselle.

— Não, por favor. Um instante. Sente-se na mesa mais distinta. A casa oferece um champanhe de luxo, à altura da

sua categoria. Tenho reservado para o senhor uma dama muito especial, um tesouro que guardo para ocasiões extraordinárias. Garanto que ficará encantado.

— Assim espero — respondeu, girando o anel como quem conta notas invisíveis. — Sabe que sou generoso quando recebo o que mereço.

— Sua generosidade é inesquecível, monsieur — inclinou-se, respeitosa. — Aguarde um momento: trarei a joia da casa.

Sem perder tempo, subiu as escadas a passos firmes. O salto batia nos degraus como um metrônomo de urgência. Ao chegar à porta de Eva, bateu com força.

— Eva! Vamos, apronte-se. Há lá embaixo um cliente de primeiríssimo nível. Não podemos fazê-lo esperar!

A jovem abriu, ainda com o rosto marcado pelos roxos da surra de semanas atrás.

— Madame... ainda não estou recuperada. O que faço com isso na bochecha? — perguntou, entre pânico e súplica.

— Não seja tola. Um pouco de maquiagem resolve. Desça imediatamente.

Eva empalideceu. Não estava pronta, nem no corpo nem na alma, para voltar ao ofício. A lembrança da última surra doía em cada osso.

— Vou lhe dizer uma coisa, menina — rosnou Giselle, aproximando o rosto do dela. — Don Antonio está no champanhe; peça um refrigerante e ponto. Quando acabar, vou cheirar seu hálito. Se estiver alcoólico, outra surra. Aqui vem-se para trabalhar, não para chorar príncipes perdidos. Ficou claro?

A moça assentiu, muda, com os olhos marejados.

— Vamos. Troque-se já. Esse cavalheiro não se distingue pela paciência, mas as gorjetas dele valem a pressa.

Enquanto Eva buscava um vestido e se pintava às pressas diante do espelho, Giselle permitiu-se um tom quase maternal — mistura de cálculo e manipulação:

— Ânimo. Você era a melhor, a estrela desta casa. Em um ano não se desaprende. Lembre quem é e volte a brilhar. Não me falhe... nem falhe a si mesma.

— Já estou pronta, Madame — disse Eva num fio de voz, ajustando um brinco.

— Assim eu gosto. Vou preparar o terreno; depois você desce.

Minutos depois, Giselle voltava ao salão, fingindo calma impecável.

— Don Antonio, a espera acabou. Em instantes, estará com o senhor a Eva, uma de minhas senhoritas mais queridas. Cuidará para que a noite seja inesquecível.

O cavalheiro assentiu, saboreando o champanhe. Conversaram sobre França e política enquanto Eva reunia coragem para descer.

Uma hora mais tarde, as escadas repercutiram os passos pesados de Don Antonio. O rosto, sério e contraído, não prenunciava nada bom. Giselle foi recebê-lo com o sorriso mais ensaiado.

— Monsieur! Que alegria vê-lo! Como foi? Aproveitou o encontro?

— Prefiro guardar os detalhes.

— Peço que não faça isso. Preciso saber da satisfação dos clientes para melhorar. A sua opinião vale mais que ouro nesta casa.

Don Antonio suspirou:

— Está bem. A moça é bonita; o corpo, um presente da natureza... mas não parecia com vontade de estar ali. Despiu-se como quem cumpre obrigação. E, durante o ato, demonstrou incômodo, como se sentisse dor. No mínimo, quando a gente paga, espera entusiasmo, ainda que fingido. Acredite, Madame: uma decepção — concluiu, girando o anel de ouro.

O golpe à reputação de Eva caiu como uma lajota. Giselle manteve a compostura:

— Entendo e peço desculpas. Vou falar pessoalmente com ela. Garanto que mudará de atitude.

— Duvido. Receio que a senhora a tenha supervalorizado.

Tirou um envelope com notas, deixou-o sobre a mesa e acrescentou, seco:

— Hoje não haverá gorjeta. Boa noite, Madame.

— Compreendo. Desejo-lhe um bom descanso.

Viu-o afastar-se, rígido, enquanto por dentro fervia de raiva. Eva acabava de macular a confiança de um dos clientes mais distintos. E isso, no Le Paradis, se pagava caro.

Quando o eco dos passos de Don Antonio se extinguiu na rua, Giselle permaneceu imóvel por alguns segundos, respirando com fúria contida. O sorriso profissional que usara na despedida se quebrou assim que a porta se fechou. A ira latejava nas têmporas, mas decidiu esperar: não improvisava no calor do momento. Deixaria a noite terminar, as garotas concluírem seus serviços, o salão recuperar a calma da madrugada. Só então acertaria contas com Eva.

E assim fez.

À beira da madrugada, quando os últimos clientes saíam cambaleando, subiu ao quarto da jovem. Sem se anunciar, empurrou a porta com brusquidão.

— Hein? — bufou ao vê-la estendida. — Ainda por cima, dormindo? Que atrevimento, mon Dieu! Vamos, de pé. O que pensou, menina? Dormir feito anjinho depois do espetáculo vergonhoso que deu hoje?

Eva abriu os olhos, sobressaltada, erguendo-se com torpeza.

— Madame, eu... estou confusa. A senhora disse que eu precisava de pelo menos um mês para me recuperar antes de deitar com outro cliente. Só se passaram duas semanas desde a surra. Não tive tempo.

O olhar de Giselle ficou cortante como navalha:

— Cara de pau, é o que é. Deixou-me em ridículo diante de um cavalheiro distinto. Sabe o que isso significa? Talvez ele nunca mais volte. Quem fica com a mancha? Eu. O negócio. E tudo por sua culpa.

Eva apertou as mãos, tremendo:

— Desculpe, Madame. Foi repentino. Pegou-me de surpresa e eu... nem sequer tive uma taça de champanhe para relaxar um pouco. A senhora proibiu que eu bebesse, lembra?

— Basta de desculpas! — Giselle atirou-se sobre ela. — É, por acaso, novata? Não sabe que existem cremes, unguentos, o que for preciso para estar preparada? Aqui não há sentimentalismos. O cliente paga, e paga caro. Se você fracassa, quem perde sou eu. E o pior é a reputação: esse homem vai falar mal de você, de nós, desta casa. O boca a boca é lei, menina, lei! Se notar queda na clientela, será por sua causa. Vai ver suas companheiras se voltarem contra si.

— Lamento tanto, Madame...

— Nojo é o que me dá! — rugiu. E, sem se conter, desferiu várias bofetadas na cabeça e nas costas. Eva ergueu os braços para se proteger, soluçando.

— Que desastre! — ofegou, por fim. — Juro que vai lembrar desta noite por toda a vida. Não haverá terceira oportunidade. Se voltar a me envergonhar, ainda que uma única vez, vai para a rua!

Saiu batendo a porta com tanta força que as paredes vibraram. Quis que todo o bordel soubesse que alguém havia falhado.

Eva ficou deitada, com as lágrimas ardendo nas faces, o corpo dolorido e o coração em cinzas. Por mais que tentasse, não calava a mente: já não era o fracasso da noite anterior, mas o da própria vida.

A manhã seguinte foi um tormento. Não conciliara o sono; as palavras de Giselle martelavam a cabeça. Desfeita, levantou-se, vestiu roupas simples e desceu ao bar. Aproveitando o silêncio das primeiras horas, abriu um dos armários e apoderou-se de várias garrafinhas de uísque, gim e vodca — frascos pequenos, usados para misturar drinques aos clientes. Escondeu-os nos bolsos e, sem fazer barulho, abriu a porta do local. Ao sair, fechou-a com suavidade, como quem foge após um delito.

Caminhou sem rumo até se ver, quase por instinto, na Puerta del Sol. O centro de Madrid, o centro da Espanha. Nove da manhã, e uma maré de transeuntes apressados a empurrava em todas as direções. Ninguém reparava no rosto emaciado, perdido.

Desceu as escadas do metrô e buscou refúgio na plataforma. Ali, entre o burburinho de gente de todas as

idades, sentou-se no chão como mais uma mendiga. Com as mãos trêmulas, tirou as garrafinhas e, uma a uma, despejou-as na garganta. Nem olhava rótulos ou cor do licor: buscava anestesia. O ardor na garganta parecia alívio.

Aos poucos, a sonolência enevoou os sentidos. O estômago vazio não suportou a investida. Deitou-se no chão, como certas indigentes que pediam esmola na estação. Antes de se deixar vencer, uma ladainha sombria cruzou-lhe a mente: “Meu Deus, perdoa-me. Estou desesperada. Não quero morrer, mas também não quero continuar vivendo assim. Perdi meu filho, perdi Armando, perdi a dignidade. Não cuido nem de mim; como cuidaria do meu bebê? Ele merece algo melhor. Tomara que minha mãe não sofresse como eu sofro. Não tenho futuro. Só me esperam mais pancadas, mais desprezos, mais noites sujas. Tenho medo de chegar aos trinta e virar uma velha precoce, desgastada, doente. Não vale a pena seguir. Bati no fundo. Não aguento mais.”

As lágrimas deslizavam pelas têmporas quando fechou os olhos, afundando em sono espesso.

No meio do torpor, entre o estrondo de trens e vozes humanas, sentiu algo inesperado: uma carícia no cabelo. Sobressaltou-se. Abriu os olhos e, na névoa do delírio, julgou ver o rosto da mãe. A silhueta difusa inclinava-se sobre ela, terna.

— Querida, não faça isso. Ainda não é a sua hora. Não venha comigo. Levante-se, acorde — sussurrou a voz que só ela podia ouvir.

— Deixe-me em paz, mãe. Foi você quem me empurrou para este destino. Só eu posso decidir como sair dele — murmurou, confusa.

Ergueu-se trôpega, guiada por uma força irracional. Os passos a levaram até a beira da plataforma.

Um homem que aguardava o trem, pasta na mão, observou-a, alarmado:

— Senhorita, a senhora está bem? Quer ajuda?

Tentou segurá-la pelo braço; Eva mal reagiu. Cambaleava, sustentada por um milagre de equilíbrio.

Ouviu-se então, como rugido de aço, o trem que se aproximava pelo túnel. A luz do farol abriu a penumbra. Eva ficou a poucos centímetros da borda, cabelos revoltos, olhos semicerrados. O homem gritou, apavorado.

Ela ergueu a cabeça e fixou o olhar naquela luz ofuscante. E, quando o primeiro vagão irrompia na estação, deu um passo à frente e saltou no vazio.

## SEGUNDA PARTE

## A MIRAGEM DA CORDURA

“Às vezes, a lucidez se disfarça de loucura, e a loucura se enfeita com palavras de sabedoria.”

Vinte anos depois, o telefone no gabinete de Sergio Alegre, psicólogo do centro assistencial Los Girasoles, irrompeu com urgência metálica. O toque fez vibrar os cliques alinhados na borda da escrivaninha, como se do outro lado alguém precisasse ser ouvido de imediato. Sergio largou a caneta — um traço pela metade no campo “evolução” — e atendeu.

— Alô?

— Boa tarde, sou Genaro Rosado, diretor do Psiquiátrico. Procurava meu colega Ildefonso. Ele está por aí? Não atende no número direto.

— Esteve comigo até há pouco — respondeu Sergio, olhando o relógio de parede —, mas já foi embora.

— Entendo... você deve ser o Sergio, o psicólogo.

— Exato. Suponho que, como ele não atendeu, a central tenha transferido para a minha extensão.

Genaro soltou um suspiro entrecortado, mistura de aborrecimento e alívio.

— Enfim, serve do mesmo jeito. Veja, queria te consultar uma coisa. Trata-se de um paciente que está há anos no nosso centro. Estamos cogitando encaminhá-lo para Los

Girasoles, para ver se uma mudança de ambiente melhora a situação.

Sergio endireitou as costas na cadeira. A simples menção a uma transferência vinda de um psiquiátrico fazia soar os alarmes da prudência.

— Certo, me dá um segundo, vou pegar uma caneta.

A voz do diretor ganhou gravidade:

— É um caso difícil. Um rapaz de vinte anos. Os pais o abandonaram pouco depois de nascer, na porta de um convento. As freiras, incapazes de assumi-lo, o entregaram aos serviços de Auxílio Social.

— Meu Deus... — murmurou Sergio, anotando na margem de um relatório. — Quantas histórias como essa ficaram sepultadas naqueles anos.

— Sim, e esta é das que pesam. Nunca foi adotado de forma estável. Uma família tentou, mas pouco depois o devolveu, ao descobrir seus déficits. Desde então, sempre de instituição em instituição.

O psicólogo assentia em silêncio, rabiscando notas rápidas.

— Na adolescência tudo se agravou — continuou Genaro.

— Após sucessivas avaliações, chegou-se a um diagnóstico claro: esquizofrenia. Com o tempo, conseguimos controlá-lo com medicação, mas não deixa de ser um jovem problemático.

Fez-se uma pausa. Depois, num tom quase confidencial, acrescentou:

— Aqui, no centro, a gente o chama de Buda.

— O Buda? — repetiu Sergio, arqueando a sobrancelha.

— Sim, e você logo vai entender. Anos atrás, ele pediu na biblioteca um livro sobre filosofia budista. Desde então

não parou de ler. Com esses textos, ele se acalma, parece encontrar a ordem que lhe falta na vida real. Os acessos de agressividade diminuem quando medita ou lê sobre o Dharma. Por isso decidimos apoiá-lo nessa direção.

— Parece uma abordagem muito interessante — comentou Sergio, intrigado. — Às vezes, os caminhos mais inesperados acabam terapêuticos.

— Você vai comprovar assim que o conhecer. Claro, ele está medicado. A transferência não significa cura nem alta. Só acreditamos que, em Los Girasoles, com um ambiente menos rígido, ele possa se adaptar melhor. Aí vocês têm um regime de convivência mais próximo de uma vida comum, sem a vigilância férrea de um hospital psiquiátrico.

— Entendo — respondeu Sergio. — A reforma de 1986, em resumo: menos internações e mais integração social.

— Exato — afirmou Genaro, com um quê de entusiasmo.

— Estamos há cinco anos com essa lei e ainda custa aplicá-la como se deve. Mas cada pequeno passo conta. Se esse rapaz conseguir se virar num ambiente mais aberto, será uma vitória.

— Como ele se chama?

— Martín San Blas García. Anota bem esse nome, porque ainda vai dar o que falar. Vou te enviar em alguns minutos, por fax, todo o prontuário dele. Lê com calma e amanhã eu e o teu diretor conversamos.

— Perfeito, doutor. Estarei por aqui.

Desligaram. O zumbido do fax não tardou a encher o gabinete, até cuspir várias folhas na bandeja. Sergio foi recolhendo o material com atenção crescente: laudos médicos, avaliações psicológicas, diagnósticos, notas de episódios agressivos e, nas entrelinhas, lampejos de um

rapaz que buscava refúgio na meditação.

No dia seguinte, Ildefonso e Sergio comentavam o caso no gabinete do primeiro.

— Bom, já revisei a documentação — disse o psiquiatra, ajustando os óculos. — Um rapaz de vinte anos, sem família, diagnosticado desde a adolescência. Estabilizado com neurolépticos, sim, mas não deixa de ser mais uma transferência do Psiquiátrico.

— Outro “pacote” que querem empurrar para a gente, quer dizer — ironizou Sergio.

Ildefonso sorriu com cansaço.

— Pois é, mas é o nosso trabalho. O essencial será ver como ele reage ao novo ambiente. É um jovem institucionalizado desde sempre, sem raízes, sem referências. Se aprender normas básicas de convivência, já será um sucesso.

Sergio assentiu em silêncio.

— Não parece que alguém tenha demonstrado verdadeiro interesse por ele — prosseguiu o psiquiatra. — Imagina: uma vida inteira de portas fechadas.

— Bom, vamos ver o que dá para fazer.

Vinte e quatro horas depois, Sergio contemplava Martín pela primeira vez.

No banco, um rapaz abraçava um zafu como quem segura um salva-vidas. Olhos esquivos, unhas roídas até doer. Quando Sergio se apresentou, Martín não largou a almofada: apenas inclinou a cabeça, como se qualquer gesto fosse gasto de energia.

— Bom dia, Martín. Prazer em te conhecer. Eu sou o Sergio, o psicólogo aqui do centro.

Martín não respondeu. Apertava o zafu contra o peito. Sergio tentou um gesto descontraído:

— Se você não soltar esse travesseiro tão macio, vai ficar difícil me dar a mão. Fica tranquilo, não pretendo tirar isso de você. Aqui a gente respeita os pertences de todos.

O jovem hesitou, olhou para os lados, conferindo se ninguém rondava. Então, quase com solenidade, levantou-se e apertou a mão do psicólogo.

— Meu nome é Martín San Blas, doutor. Perdoe se pareci descortês. É que o senhor não conhece o valor deste objeto — disse, indicando a almofada.

— Tem tanto valor assim para você?

Martín a segurou com cuidado e, como um professor paciente, esclareceu:

— Não é uma almofada qualquer. É um zafu. Está recheado de paina — fibra natural retirada de árvores tropicais —, nem duro demais nem mole demais. Serve para meditar. Permite manter a coluna ereta e, na meditação, isso é tudo.

Sergio o observou com atenção, surpreso com a precisão das palavras.

— Entendo, Martín. Para você, esse zafu não é um simples objeto, é a sua âncora.

O jovem assentiu lentamente, como se a afirmação tivesse tocado um ponto essencial.

— Caramba com a explicação — sorriu Sergio. — Foi ótima; dá para ver que você está bem informado. Se importa de irmos até meu gabinete?

— Vou — respondeu Martín, apertando o zafu contra o peito. — Há quem durma meditando; com o zafu é mais fácil permanecer desperto e chegar ao ponto da meditação,

que é o que importa.

Já dentro, o psicólogo o convidou a sentar.

— Bem, vou te fazer mais perguntas, porque é a nossa primeira entrevista e a gente precisa se conhecer. Então, você me dizia que a paina te permite ficar em equilíbrio. Nem muito mole nem muito duro, para não incomodar o traseiro.

— É isso. Fico feliz que tenha entendido. Tem pessoas que nunca compreendem o que eu digo, mas eu acho que me explico bem. O problema não está em mim.

Sergio anotou algo no caderno e ergueu o olhar com um leve sorriso.

— Tenho a impressão de que estamos começando bem este primeiro encontro.

— Quer saber por que esse zafu é tão valioso para mim?

— Claro, vai ser bom te ouvir.

— É que, quando eu fico agoniado, eu me sento nele, fecho os olhos e medito. Em geral, a agonia passa.

— Agora entendo por que essa... almofada de meditação é essencial para você.

— Senhor, por favor, chama-se zafu — corrigiu o rapaz, com solenidade.

— Você tem razão, desculpa a ignorância.

Martín o fitou com um ar de dúvida.

— Desculpe, esqueci seu nome. Estou um pouco alterado, mas tranquilo: não vou sentar no chão para meditar. Fico nervoso quando tudo é novo. A verdade é que não gosto de surpresas.

— Sou Sergio Alegre, à sua disposição.

— Opa... e você é uma pessoa alegre? — perguntou, com um traço de ironia.

Sergio sorriu de leve.

— Eu tento, embora às vezes tenha minhas crises.

— Crises? Você tem crises como as minhas? Quer dizer que é igual a mim?

— No fundo, Martín, todos os seres humanos se parecem. Você tem braços e pernas como eu, um coração que bate e pulmões para respirar. E todos nós, um dia, vamos morrer. Não acha?

— Sim, parece razoável... mas às vezes eu penso que alguém pode morrer antes da hora.

— Por que diz isso?

— Porque muitas vezes eu me pergunto o que eu faço aqui.

Sergio o observou com interesse.

— Você quer dizer aqui nos Girasoles ou na vida em geral?

— Em tudo. Na existência em si.

— Você conhece alguém que saiba com certeza por que está aqui?

— Não sei.

O psicólogo aproveitou para aprofundar:

— Vamos falar disso, se você quiser. Antes você me disse que, quando fica agoniado, senta no zafu. De onde nasce essa agonia?

— É simples. Porque o chato do Nicasio me persegue.

— Nicasio? Quem é?

— Um idiota. Não para de me importunar. Bom, nem sempre; tem dias em que ele me dá um respiro.

— Ele está aqui agora? — perguntou Sergio, intrigado.

— Não. Hoje ele me deu liberdade. Talvez tenha se irritado porque eu mudei de casa... nem eu sei por quê. Certeza que logo volta a me atormentar.

O psicólogo tomou nota, cuidando para não demonstrar surpresa.

— Puxa, esse sujeito deve ter uma cara bem sinistra.

— Você está me olhando estranho, doutor. Aposto que acha que eu estou mentindo.

— De jeito nenhum, Martín — respondeu Sergio, com calor. — Se, para você, a presença do Nicasio é real, para mim também é. Meu trabalho é compartilhar o que você vive. Se não, seria impossível te conhecer de verdade.

Martín apontou para o caderno.

— Tá anotando tudo? Que chatice. Vale tanto assim o que eu digo?

— É o procedimento. A memória falha, mas o que está escrito permanece. Assim eu não esqueço o que é importante.

— Tá... mas a lógica precisa se aplicar a tudo?

— Em princípio, sim. Temos um cérebro para raciocinar. Isso é a lógica.

— Pois eu acho que você tá enganado, Sergio.

— Explica.

— É que eu tenho que me acostumar... anos demais no hospital.

Houve uma pausa. Martín abaixou a cabeça.

— Para mim é muito importante que você me diga se acha que eu tô louco.

— Eu não gosto nada dessa palavra. É ampla demais, pouco científica, e costuma ser usada de forma errada.

— Sim, mas no psiquiátrico diziam que eu era louco varrido... outros diziam que cada um é louco à sua maneira.

O que você pensa?

— Diagnósticos não se fazem em uma hora. Você acabou de chegar, Martín. Seria precipitado tirar conclusões.

— Tenho muita coisa para contar. Você nem imagina. Vai se cansar de mim? Às vezes eu fico calado, mas, se pego confiança, consigo falar horas e horas até ficar insuportável.

— Nunca ouviu aquele ditado de que “a virtude está no meio-termo”?

— Pode ser... mas o que é o meio? Onde estão os extremos? E quem decide o que é virtude?

— Bom debate. Acho que tudo pode ser discutido. O que hoje parece verdade, amanhã muda. As sociedades se transformam e as pessoas também. Nada é estático.

— Mas, Sergio, me responda. Não vou me irritar.

— Eu prometo: quando eu tiver mais dados sobre você, eu respondo.

O psicólogo inclinou-se na direção dele.

— Por enquanto, me conta o que você lembra da sua vida. O que for, mesmo que pareça irrelevante.

— Não tenho muitas lembranças. Disseram que, recém-nascido, me deixaram num convento e depois me levaram para um prédio para ver se me adotavam. Mas não deu certo. Claro, se tivesse dado certo, eu não estaria aqui. Depois, na adolescência, começaram as visitas do Nicasio e eu ficava agressivo. Ele me xingava, me sufocava. O que eu podia fazer? Não ia ficar quieto. Aí me internaram. Pronto.

— Como assim “pronto”? Não aconteceu mais nada?

— Não. Só rotina.

— Que rotina?

— A de sempre: injeções e comprimidos, gente de branco fazendo perguntas... e aquele imbecil me ofendendo

quando queria.

— Quando começaram esses ataques do Nicasio?

— Sei lá... eu devia ter doze ou treze anos.

— Então você vive com a companhia dele há quase oito anos.

— Sim. E, falando nele... Sergio, vou te dizer com sinceridade. Você consegue fazer alguma coisa para tirar ele de cima de mim? Eu ia te agradecer muito.

— Eu prometo que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Mas, antes, preciso conhecê-lo melhor. Entender quem ele é para você e como atua.

Martín se remexeu na cadeira, desconfortável, com os dedos enredados na beirada do zafu que apertava no colo como se fosse um salva-vidas.

— Se eu fosse te contar... — murmurou, baixando o olhar.

— Mas isso ia levar muito tempo.

Sergio inclinou-se para a frente, suavizando a expressão e abrindo os braços como quem abre uma porta.

— Pois é o meu trabalho, Martín. Aqui não há pressa. A gente tem todo o tempo do mundo.

— Tô de saco cheio, para falar a verdade. Ninguém oferece soluções. Sabe o que é aguentar alguém que fica anos rindo da sua cara? Não é fácil. É como se arrancassem um pedaço da minha alma todo dia.

— Explica isso com mais detalhes — propôs o psicólogo, anotando com calma no caderno.

— Eu contava sempre. Vez após vez, para cada médico que cruzava meu caminho. E sempre a mesma coisa: me ignoravam. Fingiam ouvir, mas não entendiam. Ou, pior, não queriam entender.

— O que você afirma pode ter muitas interpretações — disse com cautela.

— Como? Só tem uma. Uma única conclusão! Quem vai saber mais do que me acontece do que eu mesmo?

— Certo, eu te entendo. Mas deixa eu te lançar um desafio... e se esse Nicasio estivesse só na sua cabeça? E se ele não existisse de verdade?

Martín fechou os olhos, rangendo os dentes. Quando falou, a voz saiu num fio tenso:

— Que decepção, Sergio... A mesma cantilena de sempre. Faz anos que eu explico. Anos. Sabe como a gente se sente quando ninguém mais escuta? Como se falasse debaixo d'água. E eu que achei que aqui ia ser diferente... A mesma cantilena. O mesmo roteiro barato: que eu invento realidades, que vivo num mundo paralelo. Bobagem! E eu, repetindo até cansar.... Me diz, Sergio: como você se sentiria se passasse anos explicando a mesma coisa e ninguém, absolutamente ninguém, te desse ouvidos?

— Concordo com você: eu me sentiria péssimo.

— Então?

— Então, o meu trabalho é tentar te entender. Se você me lembrar disso, melhor. Isso me mantém consciente de quem eu tenho na frente.

— Sim, mas não. Não me convence. Por que me trouxeram para cá? Me responda e não disfarce.

— Los Girasoles é uma instituição intermediária — explicou Sergio. — Aqui se enviam pacientes com determinada psicopatologia para prepará-los a viver de maneira mais normalizada.

— Tá... — bufou Martín. — E quanto tempo? Um ano? Oito, como no psiquiátrico?

— Isto aqui não é uma prisão. Você está sob controle porque, lá atrás, te diagnosticaram esquizofrenia, mas esse diagnóstico não é estático. A gente evolui, Martín. Não existem fórmulas matemáticas que expliquem tudo. Cada pessoa é um mundo. Nunca ouviu que “não existem doenças, e sim doentes”?

Martín o olhou como se o odiasse e o compadecesse ao mesmo tempo.

— Vamos mal com tanto provérbio. Outra porção de frases de manual. Sempre a mesma coisa. Se eu soubesse, ficava por lá mesmo. Pelo menos eu já conhecia as paredes.

— Sinto muito, de verdade. Mas, se te mandaram para cá, é porque algo em você melhorou. A gente não admite pacientes em estado muito grave. Isso significa um passo, uma esperança. Aqui você vai ficar entre o hospital e a rua. Uma ponte, não uma cela.

— Pois eu me sinto uma cobaia — replicou Martín, com uma mistura de cansaço e rancor. — E você, com esse discurso bonito para a plateia, não vai me convencer. Tô cansado. Podemos deixar esse interrogatório absurdo para outro dia?

— Claro. Uma transferência sempre é um estresse a mais. Isso cansa. Descansa, Martín. Amanhã continuamos.

O rapaz se levantou de supetão, quase fugindo da sala, sem aceitar a mão que Sergio lhe estendia. Nem um gesto de despedida: só a pressa de se trancar no quarto.

Vinte e quatro horas depois, Sergio o recebeu com um sorriso acolhedor.

— Bom dia, Martín. Vamos, entre. Conseguiu descansar?

— Surpreendentemente, sim — disse o rapaz, deixando escapar um lampejo de grande alívio. — Sabe por quê?

Porque aquele desgraçado do Nicasio não apareceu.

— Então é uma boa notícia.

— Não sei. Eu não confio. Quando Nicasio se ausenta é porque está tramando algo. Certeza que volta, e com mais força.

Sergio tomou nota em silêncio, observando a mistura de calma e desconfiança na voz do rapaz.

— Seja como for, fico feliz em ver você tranquilo. Assim podemos conversar melhor. Interessa-me saber de você, da sua história, do que você viveu. É a única forma de ajustar o seu tratamento.

— Pelo menos tenho um quarto só para mim — respondeu Martín, com um brilho fugaz nos olhos. — Passei anos dormindo em dormitórios coletivos com outros. Finalmente, privacidade.

— Que bom. Se alguma vez preferir compartilhar, aqui também há quartos compartilhados. Você decide.

— Estou bem assim.

— Disseram que, no psiquiátrico, você tinha um apelido curioso. É verdade?

Martín suspirou.

— É. Mas não me serviu de nada.

— Serviu em quê, exatamente?

— Pensei que mostraria que eu era alguém mais maduro, mais responsável. Mas não... nada mudou.

— Como começou tudo?

O jovem fixou o olhar num ponto invisível, e a voz lhe ficou lenta, como se escavasse na memória.

— Um dia pedi um livro na biblioteca. Tinha um homem estranho na capa, com a cabeça raspada. Buda. Eu nunca tinha lido nada, mas aquele livro era fino. Apenas cem

páginas. E me fisgou.

— Uma biografia?

— Não. Melhor: um resumo da filosofia dele. Estava tão bem explicado que eu entendi. E isso me surpreendeu, porque eu... eu nunca entendia nada. E, de repente, lá estava: alguém que viveu séculos antes de Cristo, que falava de sofrimento, de libertação... e que me fazia sentir que eu não estava sozinho.

Sergio o ouvia em silêncio, percebendo a profundidade daquelas palavras.

— Imagine: um garoto abandonado, sem pais, sem irmãos, saltando de instituição em instituição... e, de repente, me dizem que estou louco. Que jamais terei uma família normal. E eu me agarrando àquelas páginas finas como se fossem oxigênio.

— Sim, eu li isso no seu prontuário. É duro. Nem todos recebem as mesmas oportunidades.

— E você conhece alguém que, desde os doze anos, tenha um sujeito como o Nicasio respirando na nuca, insultando dia e noite?

— Não, Martín. Nunca conheci algo assim.

O rapaz assentiu, satisfeito com a admissão.

— Esse livro me mudou. Fiquei obcecado. Ele me ensinava a afastar o Nicasio, ainda que fosse por um tempo. Nem sempre funciona, mas... você se dá conta do que isso significa?

Sergio não respondeu de imediato, procurando as palavras.

— Caramba, Sergio — repreendeu Martín. — Estudou tantos anos para isso?

O psicólogo esboçou um sorriso de canto.

— Não sou adivinho, Martín. Sou um sujeito comum. E, se você me considera “normal”, isso me alegra.

— Pois aí está o problema. Se você é tão comum quanto os outros que me atenderam, então não vamos avançar. Preciso de mais. Preciso que você se supere. Porque, se não, cairemos no estancamento. E isso, Sergio, não me convém.

Em vez de se ofender com a farpa que acabara de receber, o psicólogo a usou como trampolim. Aprendera, ao longo dos anos de profissão, que às vezes os pacientes abrem portas justamente pela confrontação. E aquela frase de Martín, tão exigente e ao mesmo tempo tão desesperada, era uma fresta por onde algo novo podia despontar.

— Desculpe, por que você falou no plural? — perguntou com suavidade, como quem tateia um terreno instável. — Ao que você se refere com “não vamos avançar”?

Martín piscou várias vezes, confuso.

— Eu falo assim mesmo? — disse, num tom que misturava surpresa e medo. — Tenho certeza de que é uma armadilha do Nicasio. Ele me azucrinou tanto que parece que moramos juntos. Já não sei onde eu termino e onde ele começa. Que confusão, meu Deus. Se o único que eu desejo é me livrar dele para sempre.

— Sim, isso eu já percebi — respondeu Sergio, tomando nota mental do desdobramento inconsciente que havia aparecido.

Martín voltou a se agarrar ao relato, como quem busca um chão firme.

— Assim que terminei aquele livrinho, “Introdução ao budismo”, falei com o diretor. Assegurei que me fazia bem, que me acalmava, que baixava minha agressividade. Se você revisar os meus antecedentes, vai ver que toda vez que esse...

“amigo” aparecia, eu explodia. Dava pontapé, jogava objetos. Era o meu jeito de protestar. E, quando eu tentava explicar isso aos zeladores, riam na minha cara. Essa risada... não sei se era deboche ou simples incapacidade de entender, mas me atravessava como uma faca.

Sergio notou como a voz do jovem se endurecia, como o ar ficava denso na sala.

— Às vezes eu parti para cima de algum deles — continuou Martín, com um tremor no maxilar. — O que mais eu podia fazer? Me provocavam com piadinhas sobre a minha loucura. Como se eu já não tivesse o bastante com o Nicasio. Chega uma hora em que a gente se cansa. Você pode explicar mil vezes para que serve uma colher, mas, quando já vai pela explicação número cem, o que quer que eu diga? Minha resposta era a raiva. Não há nada pior do que não ser compreendido. Essa incompreensão me ferve o sangue. Então eu ataco. E não porque eu esteja pirado, e sim porque ninguém se esforça para se colocar no meu lugar.

— Já imagino... — respondeu Sergio, deixando a frase em suspenso.

— O final era sempre o mesmo. — Martín fez um gesto de injeção no braço. — Chamavam, vinha alguém de jaleco branco e zás: sedação e dormir.

O psicólogo ergueu as sobrancelhas.

— O que você conta parece tirado de um filme, mas não duvido que tenha vivido assim.

Martín bateu com os nós dos dedos na mesa entre eles.

— E eu juro, doutor, que continua acontecendo. Ninguém quer entrar na cabeça de um “louco”. Vai que descubrem algo que os faça pensar além da conta. É mais cômodo puxar a seringa. E o senhor... o senhor também parece

desses. Gosta da sua zona tranquila, cômoda, sem riscos. Toma notas, faz entrevistas, muitas perguntas... mas, por enquanto, nada de nada. Nem um gesto prático. Nem uma inovação.

Sergio respirou fundo. Havia tensão na sala, mas também uma oportunidade.

— Você percebe, Martín, como a sua voz muda quando você se altera?

— Pode ser.

— Pode ser? É evidente. Você nem admite o óbvio...

Martín inclinou-se na direção dele, cravando o olhar.

— Olhe, seu... seu... Sergio. Estou há mais de oito anos com tratamentos inúteis. Não é motivo suficiente para desconfiar? A confiança tem um limite. E eu noto você tenso. Relaxe comigo. Pode ser que eu não atinja o nível de raciocínio de um sujeito “normal”, mas imbecil eu não sou. Sei muito bem como isso funciona: você se altera, vem a picada e... dormir.

Sergio sorriu de leve, sem ironia.

— Pelo menos você aprendeu a relação entre fatos e consequências.

— Se ao menos servisse para descansar... — replicou Martín com amargura. — Mas não. Nem sequer me livra dele. Esse desgraçado aparece também nos meus sonhos. Zomba de mim até lá. O senhor nunca teve um pesadelo em que o perseguem, o humilham?

— Claro que sim. Todos já passamos por isso.

— Pois imagine essa experiência uma e outra vez: picada após picada, pesadelo após pesadelo. “É pior o remédio do que a doença”, como dizem.

O psicólogo ficou alguns segundos calado, ruminando aquela ideia.

— Você está me dizendo que os seus sonhos são mais duros do que a realidade?

Os olhos de Martín se iluminaram, quase eufóricos.

— Muito bem, doutor! Finalmente alguém me entende!  
— levantou-se de súbito, estendendo-lhe a mão.

Sergio vacilou, surpreendido pelo gesto repentino. Por um instante temeu um golpe, um soco inesperado. Mas não: Martín só estendia a mão em busca de um aperto.

— Que susto, rapaz — riu nervoso Sergio enquanto apertava a mão dele. — Pensei que você fosse me dar um tapa.

— O senhor ficou branco como um fantasma, doutor — riu Martín com um quê de ternura na voz. — Tranquelize-se. Já lhe disse que não quero mais problemas. Estou farto do hospital, do protocolo idiota, de tudo... mas não perdi o juízo, sabe? O senhor vai perceber. Embora aquele maldito ainda não tenha aparecido desde a minha transferência... alguma ele está tramando. Por favor, que não me apliquem injeção. Vai que ele se aproveita disso para voltar. Ha, ha... e ainda acha que eu estou pirado?

— Agora relaxa você — disse Sergio, em tom cúmplice. — Com esse grito, te ouviram até na rua.

Martín abaixou um pouco a voz, corado.

— Desculpe, doutor. Sou impulsivo, eu sei. Mas você precisa entender que a minha paciência tem um limite. Se não mudar a sua perspectiva, nunca vai conseguir entrar na minha cabeça. O que me acontece é tão real quanto a vida. Nem os seus manuais nem os seus colegas vão ajudar. Ou você entra no meu interior... ou vai perder a melhor

oportunidade da sua carreira para compreender um paciente.

Sergio esboçou um leve sorriso.

— Talvez você tenha razão. Quem sabe você me ensine outra forma de olhar. Vou levar isso em conta.

Martín se acalmou um pouco.

— Isso vai beneficiar nós dois. O senhor crescerá como profissional e eu, como alguém que busca se curar... embora eu odeie essa palavra. Doente. É um selo que me colaram na testa quando eu mal era adolescente. E nunca desgruda. Eu vá para onde for, ele me acompanha.

Sergio baixou o olhar, anotando em silêncio.

— Já que a sua história está tão ligada a Nicasio, eu gostaria de aprofundar nesse personagem, se você não se importar.

— Personagem? Não, não — replicou Martín com veemência. — Não é teatro. Não somos atores. Falo de um homem de carne e osso: um metro e setenta e cinco, setenta quilos, pele clara, cabelo curto, olhos castanhos. Às vezes de paletó, outras de camisa. Peludo. Que foi, que cara é essa? Não estou descrevendo um extraterrestre. Quer que eu traga o RG dele?

O psicólogo soltou uma risada.

— Não, tranquilo. Só estou tentando entender. Por que ele te agonia tanto?

Martín deu de ombros.

— Se eu soubesse... talvez já o tivesse insultado ou batido o suficiente. Mas não. Cada vez que tento me defender, não adianta.

— Nada?

— Nada. Meus insultos escorregam. Meus golpes se perdem no ar. Eu o vejo tão real quanto vejo o senhor, mas, quando

me atiro sobre ele, minhas mãos não encontram nada. É como se eu lutasse contra uma sombra. Em resumo, é fumaça com rosto.

Sergio assentiu, intrigado.

— Ou seja, é tangível à vista, mas intangível ao tato.

— Exato. — Martín desferiu dois socos no ar, suando. — É assim.

O psicólogo o observou com uma mistura de compaixão e fascínio.

— Estou começando a entender.

Martín abaixou os braços, exausto.

— Que bom. Porque é tanta a incompreensão que eu acumulei... que já não sei se falo ou grito. E, sabe? Dá até vontade de rir.

Sergio franziu o cenho.

— Rir? O que te dá vontade de rir?

Martín soltou uma gargalhada amarga, quase teatral.

— Ha, ha. O doutor Genaro fez uma entrevista comigo semanas atrás. E esse médico, de boa-fé, me dizia que me notava mais tranquilo, que via que eu era um rapaz com maior autocontrole. Por isso decidiu me enviar para cá, para Los Girasoles. Segundo ele, o meu comportamento tinha melhorado, que eu já quase não brigava com Nicasio, que meus ataques eram menos frequentes e blá, blá, blá...

— Acho que já sei aonde você quer chegar... — disse Sergio, semicerrando os olhos.

— Claro. Não é evidente? — A voz de Martín ficou mais grave. — Alguém com um mínimo de inteligência teria percebido minha postura. No começo eu me opunha a tudo. Achava ingenuamente que, se me deixassem dar a minha versão dos fatos, alguém acabaria aceitando que essa

era a minha realidade. Mas quanto mais eu falava, mais remédios, mais sedação. Criou-se um círculo vicioso: eu empurrava a parede uma e outra vez, até entender que ela jamais se moveria um milímetro. E essa impotência... gera raiva, doutor. Uma raiva que corrói por dentro.

Inclinou-se para a frente, as mãos crispadas sobre os joelhos.

— Veja: passei a minha juventude numa caverna — prosseguiu. — Punido, reduzido a nada. E, como todo animal que aprende a sobreviver a golpes, eu também aprendi. Por tentativa e erro. Fiquei mais inteligente. Cheguei a conclusões.

— Conclusões? — replicou Sergio, intrigado.

— Sim, conclusões. Acorde, doutor, por favor. Eu já tenho vinte anos e só aspiro a algo tão simples quanto uma vida digna e normal.

— Certo, mas concentre-se no que aconteceu com você.

Martín suspirou, como se contivesse um vulcão.

— Concluí que empurrar a parede não servia para nada. Então aprendi a contorná-la. Não com força bruta, e sim com astúcia. Passei a me mostrar mais dócil, a dar razão a eles, a deixar de discutir. Quando eu me opunha, já sabia o que vinha depois: injeção e dormir. Prometi a mim mesmo ser um louco, sim, mas um “louco educado”. Eu não queria brigar o tempo todo.

Fez uma pausa e baixou a voz.

— Coitado do doutor Rosado... achou que eu estava evoluindo, que o tratamento dele estava funcionando. Que ingênuo. Respeito-o como pessoa, mas, como psiquiatra, tenho pena. Não faz a menor ideia de como a minha cabeça funciona. E, veja, senhor Alegre, espero não chegar

a pensar o mesmo do senhor. Essa é a minha última esperança. Só quero que esteja à altura do desafio.

Sergio ficou em silêncio, desconcertado. Já havia atendido muitos pacientes, mas aquele garoto o desarmava: o discurso era brilhante, incisivo, ora desesperado, ora lúcido como cristal.

— O que foi, Sergio? — inquiriu Martín, inclinando a cabeça. — Estou percebendo você preocupado. O que passa aí pela sua mente? Está pensando em chamar o psiquiatra para me aplicarem uma injeção e se livrar assim de mais dor de cabeça? Ou, talvez, em me dar razão como se dá a uma criança para eu me acalmar? Existe ainda uma opção pior: chamar o Ildefonso para me devolver ao hospital. Vamos, diga: estou enganado?

O psicólogo arqueou as sobrancelhas, surpreso com a exatidão daquela dedução.

— Uau, você é um “louco” muito peculiar. Leu meu pensamento. Eu diria até que tem telepatia.

— Ótimo. Então, se lhe parece, deixo você com as suas cismas. — Martín se levantou. — Vou dar uma volta, preciso de ar fresco. Este filme não fez mais do que começar. Vamos ver como você avalia o roteiro quando chegarmos ao minuto quinze.

Dirigiu-se à porta, mas de repente parou em seco, como se algo o tivesse atravessado. Virou-se e olhou o psicólogo nos olhos.

— Ei, doutor... só mais uma coisa.

— Diga.

— Posso te dar um abraço? — perguntou com uma ternura inesperada. — Sinto muito que você tenha que me aguentar. Mas já adianto: se você resistir, a sua carreira vai

tomar outro rumo. Eu prometo.

Sergio hesitou por um décimo de segundo. Depois assentiu. O zafu, preso entre os dois, estalou como uma promessa difícil. Engoliu em seco. Não soube o que responder de imediato. Por fim, retribuiu aquele abraço intenso, humano, inesperado. Sentiu que o anel lhe apertava o dedo. Afrouxou, respirou. Desde a sua cirurgia, não suportava abraços imprevistos; ainda assim, sustentou-o. Algo naquele rapaz acendia nele uma antiga paixão.

Minutos depois, Sergio estava diante do gabinete do diretor. Bateu à porta.

— Estou interrompendo?

— Não, entre — Ildefonso levantou os olhos de um relatório. — Acabei de terminar meu último papel de hoje. Conte.

— Você tinha razão, Ildefonso. Foram só duas entrevistas com o Martín, mas... que surpresa de garoto.

O diretor sorriu com uma mistura de ironia e cansaço.

— Eu te avisei. Para mim, é um “falso louco”. Agarra-se ao discurso até fazer você perder a paciência, chora sobre o quão injusta foi a vida dele e, no fim, é inevitável: você quer abraçá-lo. Quer tirá-lo dessas correntes que o prendem à instituição. Ele fala com tanta convicção que a gente já não sabe se tem diante de si um doente mental ou um cidadão que a sociedade não soube compreender.

Sergio assentiu lentamente.

— Talvez você tenha razão. Eu, por enquanto, prefiro ser prudente.

— E isso significa que eu, como psiquiatra, não sou? — ironizou o diretor.

— Não disse isso. Só que isso está apenas começando. E eu vejo, neste caso, um material enorme, quase de romance de mistério.

— Para mim, encaixa perfeitamente no diagnóstico de esquizofrenia — respondeu Ildefonso com contundência.

— Aviso você: não se fie. O prontuário dele está repleto de tentativas de suicídio, episódios violentos contra outros pacientes e contra a equipe. Graças à perícia dos colegas não ocorreu nada mais grave. Mas não esqueça: se você der a mão, ele vai querer o braço, depois os ombros e até a cabeça.

— Espero que esse vaticínio não se cumpra — respondeu Sergio, inquieto.

— Oxalá. Mas falo por experiência. Tenho mais de trinta anos nisso. Pacientes como Martín sabem manipular, sobreviver ao sistema, camuflar-se. Parecem dóceis, colaboradores, até agradecidos... até que um dia dispara o curto-circuito e então você vê o quadro clínico em todo o esplendor. Acredite: aprendi a não me deixar enganar.

Sergio o fitou em silêncio, processando.

— Ele te falou de Nicasio?

— Não, embora eu saiba que ele é obcecado por esse personagem. E também não me surpreende: alucinações de todo tipo fazem parte da esquizofrenia. Assim como essa estranha fixação que ele tem com Buda.

— Ao ouvi-lo... surgiram-me dúvidas sobre a confiabilidade do prontuário dele — confessou Sergio.

— Meu amigo — replicou o diretor —, não comece com isso. O prontuário está bem documentado. E lembre-se: milagres, deixe para os santos — disse Ildefonso enquanto alinhava o peso de papel com a borda da mesa. — A nós

cabem os relatórios e a cautela. Faça o seu trabalho, mas não complique a vida. E nunca, Sergio, nunca leve os problemas deles para casa. A loucura pega.

O psicólogo suspirou.

— Está bem, Ildefonso. Deixo você com as suas chamadas. Bom fim de jornada.

Saiu do gabinete com uma sensação estranha: entre o peso dos avisos do superior e a intensidade daquele abraço inesperado.

Na manhã seguinte, Sergio recebeu Martín com um gesto cordial.

— Vamos, sente-se. Ainda seguimos com essa timidez? — disse, apontando a cadeira diante da mesa. — Ganhe confiança, que depois, quando quiser se expressar com liberdade, não terá tantos problemas. O que me diz?

Martín baixou os olhos, indeciso.

— Pode ser. Não dizem que, no meio-termo, está a virtude? Mas... o que é “o meio” e o que é “a virtude”? Além disso, quem estabelece essas fronteiras? As pessoas, o governo, os filósofos? Ou os que não pensam porque mal têm forças para sobreviver?

Sergio arqueou a sobrancelha, intrigado com o rumo da conversa tão cedo.

— Vejo que você acordou com vontade de debate — respondeu em tom paciente. — Nesse caso, eu é que vou moderar. Caso contrário, isso viraria um bate-papo de rua, sem rumo.

— De acordo. Entendo esse critério.

— Martín — prosseguiu Sergio, num tom mais sério —, notei que você alterna entre “você” e “o senhor” quando fala comigo. Faz isso deliberadamente? No começo eu pedi

que me tratasse por “você”.

O rapaz se remexeu no assento, desconfortável.

— Ah, desculpe. É inconsciente. Só sei que, quando sinto mais proximidade com alguém, quando aumenta a minha intimidade com essa pessoa, me sai o “você”.

— E quando você diz “o senhor”? O que acontece então?

— perguntou Sergio, buscando a raiz emocional.

— Pode ser qualquer coisa: que eu não goste de você, que eu discorde de você ou que, simplesmente, eu não queira me comprometer emocionalmente.

— Uma resposta bastante razoável — assentiu o psicólogo.

— Bem, retomemos o de ontem. Ficou pendente o tema do budismo. Você me contou que, no hospital, te chamavam de “Buda”. Isso deve ter uma explicação.

Os olhos de Martín se iluminaram.

— Sim, lembro. Quando terminei um livrinho didático intitulado “Introdução ao budismo”, fui falar com o doutor Rosado.

— Com o diretor? Sobre o quê?

— Fiz uma proposta humilde.

— Humilde?

— Sim. Depois daquela leitura, senti uma calma que nunca tinha experimentado. Por vários dias fiquei tranquilo, sem dar problemas. Rosado percebeu; sentia-se mais à vontade comigo. E eu pensei: “Agora é o momento de pedir o que eu quero, porque com certeza ele vai conceder”.

— E o que aconteceu?

Martín sorriu com uma chispa de triunfo nos lábios.

— Acertei. Senti-me poderoso. Imagine: um louco esquizofrênico prevendo a resposta de um psiquiatra! Quem era, então, o verdadeiro especialista?

— Curioso, sim — concedeu Sergio.

— Eu lhe disse que aquele manual tinha me feito muito bem, que me havia ajudado a controlar a agressividade, a ficar em paz comigo mesmo. Pedi que me comprasse mais livros sobre o budismo.

— Muito hábil a sua tática, sim.

— E eu consegui. Na semana seguinte eu tinha nas mãos mais de dez livros. Quase me ajoelhei para beijar-lhe as mãos. Devorei todos. Com o tempo, o budismo entrou na minha pele. O que mais me diverte é a ignorância das pessoas: muitos continuam acreditando que é uma religião. A massa insiste em chamar de religião. Para mim, serve como filosofia prática. Fé, rituais... tanto faz: eu uso como método para sofrer menos.

Sergio o interrompeu, surpreso:

— E, não é?

— De maneira nenhuma. O budismo é uma filosofia. E com isso basta. O grande Buda disse que o homem já tem trabalho suficiente para resolver seus assuntos diários para ainda se meter em questões do além.

— Interessante. Diga, então, qual é o princípio fundamental dessa filosofia?

Martín endireitou-se na cadeira, como um mestre prestes a dar uma lição.

— Atenção, Sergio, porque não quero repetir isso amanhã.

— De acordo. Estou ouvindo.

— A única realidade da vida humana é o sofrimento.

O psicólogo assentiu, reflexivo.

— Concordo. Ninguém está livre de sofrer. Embora também existem bons momentos...

Martín o cortou com um gesto severo.

— Você me interrompe. Você perguntou, agora espere. Depois poderá dar sua opinião.

— Perdão — disse Sergio, esboçando um sorriso para suavizar a tensão.

— O sofrimento — continuou Martín com solenidade — nasce de duas ilusões. A primeira: acreditar que as coisas são permanentes. Apegamo-nos a lembranças, a sentimentos, a pessoas... porque pensamos que estarão sempre ali. Erro. Nada é eterno. Nem a sua esposa, doutor. Hoje ela pode estar ao seu lado, amanhã pode adoecer, morrer ou ir embora com outro. Percebe a dor que o apego gera? É como se acreditasse ser imortal.

Sergio engoliu em seco, surpreendido pela crueza.

— A segunda razão — prosseguiu Martín — é esquecer que tudo está conectado. Nada existe em solidão. Os orientais chamam isso de karma: cada ação gera uma reação. O que fazemos volta, seja para o bem ou para o mal. O sofrimento nasce de não aceitar essa interconexão e de crer que vamos por conta própria. Em conclusão: sofremos porque nos apegamos ao que se desfaz e porque ignoramos a rede invisível que nos une a tudo. Essa é a raiz.

Fez-se um silêncio espesso no consultório.

— Terminou? — perguntou Sergio em voz baixa.

— Sim.

— Admito que você me surpreendeu. Falou com precisão, quase com a linguagem de um acadêmico. Como consegue?

Martín deu de ombros.

— De verdade o surpreende? Li esses livros dezenas de vezes. O primeiro, mais de vinte e cinco. À força de repetição e de interesse genuíno, a gente aprende. Eu até me divertia memorizando frases-chave. É só isso.

— Claro... é compreensível. Lembra o nome do autor desse primeiro manual?

— Saddhatissa.

— Vou anotar. Talvez valha a pena ler.

Martín inclinou-se para a frente com súbita naturalidade:

— E você não sofre, doutor?

— Sofrer? — repetiu Sergio, tentando ganhar tempo. — Primeiro seria preciso definir o termo.

— Você já foi operado com anestesia geral?

— Sim, uma vez.

— E... não pensou que talvez não fosse acordar?

O psicólogo hesitou um instante.

— Pensei, sim.

— Exato. Se a pessoa se agarra à vida como algo eterno, a simples ideia de morrer gera sofrimento. Em troca, se aceita que a morte é inevitável, que não há nada que dure para sempre, então encontra paz. Para que se obcecar com a ilusão de uma vida eterna, quando a realidade nos lembra, a cada instante, o contrário?

— Está bem — concedeu Sergio. — Isso significa que, naquela data da operação, eu poderia ter enfrentado a tensão de outra maneira: aceitando que nada permanece e que tudo está submetido à mudança.

Martín assentiu com um gesto solene, como se estivesse ministrando uma lição.

— Sim, parece muito melhor aceitar o sofrimento quando deixamos de nos apegar. E não falo só da vida em abstrato, mas de tudo que a compõe: família, amigos, trabalho, paixões, casa, carro... qualquer coisa que você queira acrescentar.

— Bem — disse Sergio, inclinando-se para ele com interesse —, parece que todo esse raciocínio serviu para você, não?

— Sem dúvida — respondeu Martín com firmeza. — Quando me sento no meu zafu e medito, noto como a pressão de Nicasio se dissolve, como o peso no meu peito fica mais leve. Compreendo que falar disso pode soar entediante ou até pesado para alguns. Mas, se alguém me pergunta, por que eu não responderia com sinceridade?

Sergio o fitou com curiosidade profissional.

— Então eu pergunto: como os outros reagiam quando você soltava seus discursos budistas sobre a transitoriedade das coisas?

Martín sorriu, quase com ironia.

— Doutor, havia de tudo. Os especialistas de saúde mental gostavam, e os auxiliares também.

— De verdade? E por quê?

— É simples: enquanto eu filosofava, eu não brigava. Menos conflitos, menos problemas. Entende agora?

— Sim... — Sergio anotou mentalmente. — E os outros pacientes do hospital?

Martín riu com desprezo.

— Eles não me aguentavam tanto. Por isso eu dizia: “estão pirados”, claro. — Fez uma pausa, lembrando. — Uma vez aconteceu algo tremendo. Havia um esquizofrênico que costumava passar horas de cócoras, ausente. Às vezes, depois de horas de paralisia, ele se mijava ou se cagava todo. E um dia, depois de me ouvir falar sobre a raiz do sofrimento, levantou-se com uma lentidão calculada. Eu pensei que vinha me abraçar pelo meu brilhante discurso, mas, em vez disso, me deu um soco na mandíbula. Caí no chão,

atordoado. Os auxiliares se jogaram em cima dele e, enquanto colocavam a camisa de força, ele me gritava: “Cala a boca, louco de merda, você está me incomodando!”. Incrível, não? Um homem mais fora de si do que uma cabra mandou eu calar justamente por falar do sofrimento humano. O mundo às avessas.

— Que susto — murmurou Sergio.

— Claro que sim — replicou Martín. — Eu pensava: “Maldita ignorância, quanto sofrimento você causa”. Foi humilhante: a violência derrotando a sabedoria. Separaram a gente e eu nunca mais o vi.

— Se você o tivesse encontrado depois, teria revidado a agressão?

— De modo nenhum. Depois de conhecer o budismo, eu me tornei pacifista. Isso não significa que antes eu fosse violento, e sim que compreendi que, com força, não se resolve nada. Veja: muitos monges budistas já se incendiaram para protestar contra decisões políticas. Entende? Eu, no lugar deles, teria usado palavras; nunca os punhos.

Sergio o observou com atenção.

— De acordo, Martín. Gostei da sua intervenção. Bem, sobre o que você contou antes... diga: como uma pessoa pode acabar com o seu sofrimento?

Os olhos do rapaz brilharam com um lampejo de cumplicidade.

— Pergunta interessante, Sergio. Você está começando a me cair bem, sabia?

— Ah, melhor assim — sorriu o psicólogo. — E repare: você me tratou por “você” e me chamou pelo nome. Isso significa confiança, não é?

- É isso mesmo, amigo psicólogo.
- Então não me deixe na curiosidade. Sacia a minha curiosidade.
- Sim, mas eu aviso: o “Caminho Óctuplo” é longo de explicar. Melhor deixarmos para mais adiante. Por ora, basta saber que são oito passos para se libertar da corrente do sofrimento.
- Certo, eu respeito. Vamos tratar disso depois. Mas diga... nenhum rastro do Nicasio?
- Por enquanto, não. Desde que entrei aqui, não o vi. Mas mantenho a prudência.
- A prudência é bem-vinda.
- Martín inclinou-se para a frente com um gesto sombrio.
- Não confio nem um pouco nesse desgraçado. Pode aparecer a qualquer momento, como um pássaro de mau agouro.
- Quer dizer as más notícias pela pressão que ele exerce sobre você?
- Martín sorriu com ironia.
- Que perspicaz, psicólogo. Você começa a ver pela minha perspectiva. Parabéns. Custou-lhe algumas sessões.
- Eu já tinha avisado: com certos sintomas, só a paciência funciona.
- Pois, com você, eu sinto alívio. Pelo menos você me deixa falar. Com outros eu só ouvia: “Você está louco, acabou”. Comparo você com eles e... por enquanto, você me agrada. Ponto para você.
- Isso me agrada. Estamos construindo confiança, essencial para a terapia.
- Diga que sim, psicólogo.

Sergio revisou algumas notas em silêncio. O jovem o observou inquieto.

— Posso ir embora já, doutor?

— Por que tanta pressa?

— Não sei. Vi você escrevendo e pensei que tínhamos terminado.

— Ainda não. Falta cada vez menos trabalho teórico e, em breve, vamos começar a parte prática.

— Prática? Como qual?

— Por exemplo... aprender a se virar num bar. Pedir algo, pagar, conversar com o garçom, socializar. Chama-se habilidades sociais.

Martín franziu a testa.

— Interessante, mas não sei se isso me motiva.

— Por que não?

— Porque faz vinte anos que eu não vivo. Estive sempre em instituições. Maldito sistema... sequestrou a minha vida. E agora você fala em me reintegrar nessa mesma sociedade. Não é contraditório?

— A palavra “sistema” é complicada, Martín. Melhor pensar em conviver de maneira equilibrada.

— Com sofrimento, claro.

— Sim, como você disse, inevitável. Mas aceitá-lo ajuda.

Martín baixou a voz.

— Tenho medo. Talvez eu seja irrecuperável. Às vezes me pergunto se vale a pena viver.

Sergio sentiu um arrepio.

— Você vai precisar encontrar um valor que dê sentido à sua vida. Algo que o impulse a se levantar todas as manhãs. Não é fácil, mas eu posso ajudá-lo.

Martín olhou fixo para ele, com um meio sorriso.

— Se isto é um experimento, mantenha-me informado. Se eu sou o protagonista deste filme, diga qual é o meu papel.

— Eu prometo, Martín. Vou lhe dizer tudo. Vamos começar por duas coisas: uma, manter o seu zafu; duas, registrar juntos quando o Nicasio aparecer. Não para negá-lo, e sim para delimitá-lo. Se o delimitarmos, talvez ele deixe você respirar.

## O HÓSPEDE INDESEJADO

“O mais terrível não é o delírio, e sim a possibilidade de que não o seja.”

Na semana seguinte, aconteceu algo inesperado. Um dos zeladores, visivelmente alterado, bateu com brusquidão à porta do consultório de Sergio.

— Doutor, doutor, por favor... pode vir?

— Claro, mas o que houve? Algum problema sério?

— Não tenho certeza. Isso quem vai avaliar é o senhor. Tentei avisar o psiquiatra, mas lembrei que ele tinha saído para uma reunião. Então vim direto buscar o senhor.

— De acordo. Resuma a ocorrência.

— É o garoto que internaram outro dia... aquele que trouxeram do psiquiátrico e que, a meu ver, não está muito bem da cabeça. Eu andava pelo corredor, perto do quarto dele, e de repente ouvi vozes.

— Ah. Você se refere ao Martín.

— Sim, esse mesmo. O que se acha Buda ou que te massacra com o budismo assim que você dá corda. Que matraca ele tem.

— Tá. E o que aconteceu?

— Pois então: ouvi uma conversa. Aproximei-me da porta para conferir. Estive a ponto de abrir, mas parei: ali dentro não pode haver mais ninguém, o quarto é individual. E, no

entanto, ele falava... falava com alguém.

— Entendi.

— Doutor, ele deve estar tendo um dos ataques. No histórico que a segurança passou constava que ele passa anos batendo papo com um sujeito inventado. Alucinações, o senhor sabe. Mas até agora eu não tinha ouvido tão claro.

— Bem. Venha comigo. Antes de entrar, vamos ouvir um pouco, para ver se nos dá alguma pista.

Ao chegar junto à porta, Sergio colou o ouvido na madeira. Com um gesto rápido pediu silêncio ao zelador, embora logo tenha percebido que não era necessário: a suposta conversa soava tão forte que se distinguia com nitidez.

— Já estava estranhando você não aparecer. Que decepção! Mal uns dias de trégua — a voz de Martín soava crispada, num tom que subia e descia como uma corda esticada.

— O que é que você pensava, imbecil? — trovejou outra voz, grave, carregada de rancor. — Só precisei me adaptar à transferência. Você e eu sempre voltamos ao mesmo. Não sonhe em se livrar de mim. Estarei com você até o fim dos seus dias, e você vai pagar o que me deve.

— Maldito seja, Nicasio. Eu já pressentia. Por isso avisei o psicólogo. Era questão de tempo... maldito seja!

Sergio sentiu um suor frio escorrer-lhe pelas costas. As palavras eram tão claras que, por um instante, teve a absurda impressão de que Nicasio estivesse realmente ali dentro. Engoliu em seco, prendendo a respiração.

— Doutor... — sussurrou o zelador, nervoso, apertando o cassetete de borracha entre as mãos. — Esse rapaz está no limite. Em segundos ele destroça o que tiver à mão.

— Vamos esperar mais um pouco — replicou Sergio, num fio de voz, enquanto a mandíbula se retesava e os dedos da mão esquerda tremiam sobre a maçaneta. — Pode ser que nos dê uma informação-chave.

Ouviu-se novamente a voz de Martín, dilacerada:

— Até quando vai se prolongar esta tortura?

— Para sempre — cortou Nicasio, seco, como um martelo.

— Pare com as lamúrias. Você falava tanto de karma... aplique a si mesmo. Todo mal tem resposta. O justo é que você sofra. Ou achava que a lei só caía sobre os outros?

Martín cerrava os punhos, as veias do pescoço inchadas, verdes.

— Prazer? É isso que você busca?

— Não. Justiça — a voz de Nicasio virou um assovio gelado. — Se eu pudesse, te apunhalaria agora mesmo. Como não posso, te convido a fazer você. Vamos, seja valente. Mostre sua coragem. Mate-se.

— Cale a boca, desgraçado! Você me transformou num louco aos olhos do mundo inteiro! Amarrado, drogado, isolado durante anos! Não basta?

— De modo nenhum. É só um adiamento. Vou ver você se arrastar. Sou paciente, muito mais do que você. Esperei oito anos para começar a te ferrar... que me custa esperar a sua vida inteira?

Sergio mordeu o lábio inferior. O ódio daquela voz o atravessava como ferro em brasa.

— Vá lá, continue enganando os de jaleco branco — cuspiu Nicasio. — Eles acham que sua cabeça está quebrada, mas eu sei a verdade: você é um assassino, um filho da puta disfarçado de louco. E, cedo ou tarde, vai se enforcar. Justiça! Justiça!

— Me deixa em paz, seu imbecil! — bramou Martín.

Houve um silêncio breve, como um vazio.

— Ou o quê? — riu Nicasio às gargalhadas. — Vai sentar na sua almofadinha ridícula? Vai meditar? Faça o que quiser. Não há força maior do que o ódio. O rancor equilibra o mundo.

Depois, nada. Um silêncio denso apoderou-se do quarto.

Sergio criou coragem e bateu de leve à porta.

— Martín, sou eu. Vou entrar, está me ouvindo?

Sem resposta. O zelador girou a maçaneta, o cassetete pronto na mão.

— Tudo limpo, doutor — sussurrou ao entrar. — Ele está sentado no chão... sobre uma almofada, imóvel. Parece tranquilo.

— Obrigado. Deixe-me a sós com ele. Mantenha a porta aberta.

Lá dentro, Sergio encontrou Martín sentado sobre o zafu. Tinha a coluna ereta, as mãos sobre os joelhos. O olhar fixo na parede, os olhos úmidos, como se as lágrimas tivessem ficado suspensas nas pálpebras. A respiração era rápida, trêmula, como a de um animal acuado tentando parecer calmo.

— Ô, senhor psicólogo, que grande decepção — sussurrou sem desviar os olhos da parede.

— Por que você diz isso? O que aconteceu?

— Bah, eu já sei de tudo. O seu gorila me vigia do corredor. Está esperando qualquer gesto para me soltar uma cacetada. Não se esforce em disfarçar. Eu conheço de sobra essas cenas. Familiares demais. E o senhor, doutor... o senhor arrumou um bom guarda-costas.

Um fio de amargura percorreu suas palavras.

— Meu Deus... como é ousada a ignorância. Se soubessem o pouco que a força bruta ajuda...

O silêncio no quarto era denso, quase sufocante, quando uma voz rouca irrompeu do corredor.

— Ei, rapaz! Para de falar bobagem ou vai se ver comigo. Você está me faltando com o respeito. Entendo que não esteja bem da cabeça, mas tudo tem limite — advertiu o zelador, num tom áspero que deixava pouco espaço para conciliação.

— Deixe disso, Adolfo — interveio Sergio com calma, tentando neutralizar a ameaça. — Eu me responsabilizo pela situação. Não vai acontecer nada. Se não se importa, dê uma volta pelo salão principal. Eu vou ficar aqui com o jovem.

— Como quiser, doutor. Para mim dá no mesmo. Se houver perigo, grite e em um segundo eu estou aqui. Garanto que essas alucinações passam na hora com uma cacetada. Boa sorte.

— Obrigado pela compreensão, Adolfo.

Quando o brutamontes do zelador desapareceu, Sergio acomodou-se no chão, a pouco mais de um metro de Martín, tentando transmitir confiança ao se colocar na mesma altura que ele.

— Bom dia de novo, Martín. Não sei ao certo o que aconteceu, mas pelo seu olhar adivinho que você tem muito para me contar. Estou ouvindo.

Martín permaneceu calado, com os olhos cravados num ponto fixo, os lábios comprimidos. Sergio decidiu romper o silêncio.

— Olha, deixa eu te explicar o que eu vi. O zelador me avisou faz um tempo porque te ouviu falando sozinho. Eles

são treinados para detectar anomalias na conduta dos pacientes. Agora quero ouvir a sua versão.

— Sozinho? — riu Nicasio, invisível para todos, exceto para Martín. — Está ouvindo? Mais um que acha que tem a verdade porque veste jaleco branco e pendura um diploma na parede. Que palhaço! Vai ser divertido ver como ele traduz a sua história com a lógica barata dele. Isto também faz parte da sua condenação: que ninguém acredite em você. Eu me encarrego de que seja assim.

Martín fechou os punhos, tomado de raiva.

— Cala a boca, seu cabra! Para de rir de mim! Para de provocar!

Sergio franziu a testa.

— Com quem você está falando, Martín? Pelo que consegui ouvir antes, parece que o seu “amigo” Nicasio voltou a te visitar. É isso? Eu não posso vê-lo, mas você pode.

O jovem desviou o olhar para Sergio, quase com desdém.

— Desculpe, eu estava tão atento a esse desgraçado que esqueci que o senhor estava aqui. Sinto muito, doutor. Veja, esse é o truque do Nicasio: só eu posso vê-lo e ouvi-lo. Essa é a minha maldição.

— Entendo... e deixe-me confessar uma coisa — disse Sergio, baixando a voz como quem compartilha um segredo. — Desde o primeiro dia em que nos conhecemos, uma parte de mim quis acreditar em você. Você nunca me pareceu um simples paciente com alucinações. Havia algo mais no seu jeito de contar, algo vivo demais para ser pura invenção.

Martín fitou-o com súbita intensidade.

— Finalmente alguém diz isso! Sim, doutor. O senhor não percebe, mas eu o vejo tão claro quanto vejo você. Nicasio está aqui, ao meu lado, a respiração úmida na minha nuca. Não é irônico? Não é uma piada cruel? Os “esquizofrênicos” enxergamos mais do que os sãos e, no entanto, ninguém acredita na gente.

— Eu levo a sério, Martín. Acredite em mim.

— E o que o senhor quer que eu faça? Que eu desabe, que eu chore para agradar aquele bastardo? — cuspiu a frase com fúria contida. — Isso daria a vitória a ele. Não vou me rebaixar.

— Só quero me certificar de que você está falando do Nicasio.

— Claro, de quem mais seria? Acha que eu inventaria um personagem com tantos detalhes só para te dar razão? Isso seria o cúmulo da desconfiança!

— Não, eu não desconfio de você. Ao contrário, estou cada vez mais convencido de que o que você conta é real para você.

Martín bateu com força no zafu sobre o qual estava sentado e se levantou de súbito. Seus olhos ardiavam, a respiração vinha aos solavancos. Num movimento tão inesperado quanto brutal, atirou-se sobre Sergio, agarrou-o pelo pescoço com as duas mãos e o ergueu contra a parede. Os pés do psicólogo pendiam, esperneando no ar, a trinta centímetros do chão. A pressão na garganta era sufocante. Ninguém imaginaria a força contida naqueles braços. Sergio tentou articular um grito, mas só conseguiu um fio de voz.

— So...cor...ro...! — balbuciou, semiasfíxiado.

O instinto curtido de Adolfo, que não tinha se afastado muito, acendeu-se de imediato. Ao não ouvir nada por vários segundos, suspeitou do pior. Em duas passadas chegou à porta, abriu-a de supetão e deu de cara com a cena.

— Maldito maluco! — rugiu. — Solta agora mesmo o doutor ou eu arranco os teus braços!

Nicasio, invisível, comemorava às gargalhadas.

— Oh, magnífico! Que espetáculo! Isso sim me diverte! Olha você afundando, Martín. Num instante você destruiu todo o esforço das últimas semanas. Bravo!

Martín, ofegante, girou os olhos entre Adolfo e Sergio. De repente, com um gesto carregado de desprezo, largou o psicólogo, que desabou no chão tossindo, as mãos no pescoço e o rosto congestionado.

O zelador não hesitou: desferiu uma cacetada seca nas pernas do paciente. Martín soltou um grito agudo e caiu, encolhido, levando os braços à cabeça como um animal acuado.

— De pé, de frente para a parede! — trovejou Adolfo. — Mãos para trás, já! Mexa um músculo e eu te parto ao meio.

Em segundos, outro zelador chegou. Entre os dois, imobilizaram Martín e lhe ajustaram a camisa de força. O jovem gritava, esperneava, mas aos poucos ficou imobilizado.

— Você acabou de ganhar um bom tempo de isolamento, imbecil — cuspiu Adolfo, ainda com o pulso acelerado. — Vai aproveitar o seu quarto acolchoado, só você e a sua maldita loucura.

Enquanto o levavam, Sergio, pálido, tentava se erguer. Antonio, o outro zelador, inclinou-se para ele.

— Posso te ajudar a se levantar, doutor?

— Não, obrigado. Só... preciso de um copo d'água.

O psicólogo respirava com dificuldade, a traqueia ainda marcada pelos dedos de Martín.

— Esses pacientes são uma bomba-relógio, doutor — sentenciou Antonio. — Com eles, descuidos saem caros. E este em particular... dá para ver de longe que é perigoso. É melhor você redobrar as precauções.

— Tem razão — admitiu Sergio, com a voz rouca. — Eu me descuidei... e quase me custou a vida. Que força tem esse rapaz, do jeito que é magro. Acho que cheguei a ficar roxo.

— Cor bom você não está, isso é certo.

— Enfim... ossos do ofício — tentou sorrir, sem conseguir.

— Vou procurar não repetir.

— Espero que não. Da próxima vez, doutor, ou um de nós está presente, ou a gente te amarra antes de você se aproximar. Não podemos correr esse risco de novo.

Sergio assentiu, ainda com o tremor percorrendo o corpo.

— Sim, sim... vou comentar com Ildefonso.

Algumas horas depois, o gabinete de Ildefonso era um fervilhar de reprimendas.

— Caramba, Sergio — disse o psiquiatra, com o cenho franzido. — Segundo o relatório dos zeladores, você pôs a sua vida em risco desnecessariamente. Está claro aqui que foi você quem decidiu ficar a sós com Martín. Perdeu o juízo, homem? O que esperava? Com os antecedentes que ele tem, achou que, em pleno surto, ia vê-lo como um amigo? Sinto ser duro, mas o seu comportamento foi de principiante.

O diretor recostou-se na poltrona, medindo cada palavra.

— Sinto por ele, mas esta noite Martín vai dormir no isolamento. Vamos tirar a camisa de força, sim, mas vamos revistá-lo a fundo. Não quero surpresas: um cordão, um botão... qualquer coisa pode servir para ele se enforcar. E que fique claro, Sergio: no próximo incidente, não vou hesitar. Eu o devolvo ao psiquiátrico e ponto. Foi uma tentativa nobre trazê-lo para cá, dar-lhe uma vida mais normalizada, mas se não dá, não dá. O que eu não vou tolerar são agressões à equipe. Eu sou o responsável último, entende?

Sergio, ainda com a voz tomada, respondeu com calma.

— Não sei nem o que dizer, Ildefonso. Ainda estou em choque. Mas também penso que ele está aqui há pouquíssimo tempo, que deveríamos dar uma margem. Passou a vida inteira entre paredes e grades. Ninguém podia esperar um milagre em dois dias.

O psiquiatra bufou, incrédulo.

— Ou nos enganou a todos e veio com um plano urdido para sair do hospital, ou — e quero ser generoso — talvez realmente estivesse melhorando e aqui se descompensou. Seja como for, o resultado é o mesmo: agarrou você pelo pescoço como um possuído e quase o asfixia, com a desculpa de um tal Nicasio que o incitava. Ainda bem que Adolfo reagiu rápido, porque, do contrário, talvez agora eu estivesse dando uma péssima notícia à sua esposa.

Sergio baixou a cabeça.

— Ildefonso, essas coisas fazem parte da nossa profissão. Não vivemos numa bolha. Eu assumo esse risco. Minha intenção é voltar a falar com ele. Sim, deu errado, mas

também não classificaria como um desastre absoluto. Quem pode ter certezas com pacientes assim? Já dei por encerrado o incidente e estou disposto a seguir trabalhando com Martín. Justamente por ser difícil, vale a pena tentar.

— Problema é seu com o seu heroísmo — replicou o diretor, frio. — Mas tenha claro uma coisa: se voltar a se expor desse modo, a responsabilidade recai sobre mim, e eu não pretendo carregar essa culpa. Espero que entenda.

— Entendo. Só peço que amanhã me deixe tentar outra vez. Se eu não conseguir reconduzi-lo, aí sim, faremos os trâmites para devolvê-lo.

Houve um silêncio tenso antes de Ildefonso assentir, resignado.

— De acordo. Uma chance a mais. Mas com segurança reforçada. Não quero mais riscos desnecessários.

Na manhã seguinte, Sergio entrou em Los Girasoles com um único pensamento: reconstruir o vínculo com Martín. Já não se tratava apenas do seu trabalho profissional, mas de um desafio pessoal, quase um duelo com o próprio medo.

A cela de isolamento tinha grades na porta. Sergio aproximou-se, consciente de que aquela barreira era tão simbólica quanto prática: protegia-o, mas também confirmava que estava diante de um animal enjaulado.

— Bom dia, Martín. Como passou a noite?

O jovem, sentado no catre, ergueu o olhar com um meio sorriso amargo.

— Muito bem, doutor. Suponho que em dois ou três dias vão me mandar de volta para o hospital. Depois do que aconteceu ontem, não há outra saída. Mas fique tranquilo, não me surpreende. É a minha rotina: servir de rato de

laboratório. Desta vez o experimento não funcionou e você já sabe quem foi o ratinho.

— Pois você se engana. Está vendo estas grades? Estou aqui atrás porque não quero me arriscar a outro episódio como o de ontem. Mas não vim dar a sentença. Vim escutar você.

Martín soltou uma risada seca.

— Eu avisei, psicólogo. Se tivesse me levado a sério, teria visto que o meu “amigo” tinha voltado, e com força. Você não esteve à altura. Ele passou dias observando, esperando o momento. Você não o conhece; eu conheço. É um inimigo astuto e, se não se conhece o inimigo, como combatê-lo?

— Você me disse uma vez que meditar no zafu te afastava dele.

— Às vezes funciona, às vezes não. Ontem ele quis me mostrar o poder que tem. Foi a maneira de me lembrar que continua no controle.

— E esses ataques te deixam como?

— Exausto. E não falo do físico. A tortura psicológica é pior, doutor. Destrói a dignidade. O incrível é que, depois de tantas entrevistas, eu ainda tenha de explicar isso. Nenhum especialista me entende. Estou farto da incompreensão e da inutilidade da psiquiatria neste país. Por que ninguém acerta comigo? Tão impossível assim?

— Quem me dera poder entrar no mais profundo da sua mente — sussurrou Sergio.

— Isso é inviável. É o meu castigo. Ninguém pode compartilhá-lo, nem mesmo você.

Sergio respirou fundo.

— Esta situação me desagrada, Martín. Sinto-me falando com um animal enjaulado. Se te tirarem a camisa de força, posso confiar em que não haverá mais agressividade?

— Dou-lhe minha palavra de honra. Não sou um demônio nem um animal. Só quero respirar.

Com extrema cautela, dois zeladores entraram e retiraram a contenção. Martín esticou os braços e suspirou, aliviado. Sergio sentou-se numa cadeira de plástico, a três metros de distância.

— Muito bem, Martín. Agora me diga: onde está Nicasio?

O jovem soltou uma risada inquietante.

— Quer mesmo saber? Ele está ao seu lado, psicólogo. Observa você com curiosidade. Olha o seu rosto de ângulos diferentes, como uma criança que brinca com um boneco.

Sergio ficou tenso na cadeira.

— E o que é que ele diz sobre mim?

— Diz... para você ouvir a sua esposa.

— À minha esposa? — estremeceu-se Sergio. — O que é que ela tem a ver com isso?

— Ele esteve na sua casa ontem. Ouviu a conversa que vocês tiveram. Pelo visto, você deveria seguir mais os conselhos da sua mulher. Normal: ela se preocupou ao ver as marcas no seu pescoço.

— Impossível! — exclamou Sergio, pálido.

— Claro que é possível. Ele pode ficar grudado em mim, ou ir a qualquer lugar. Pode invadir a sua intimidade do mesmo jeito que faz com a minha.

Sergio ficou gelado, com um nó na garganta.

— Isto... isto é inaudito. Pode existir um ser assim?

— Receio que sim. Sem dúvida — afirmou Martín com gravidade.

— Desculpe desconfiar. Não ponho em dúvida a sua palavra, mas é que...

— Doutor, tenha cuidado. Ele está justamente atrás de você. Eu não confiaria nem um pouco nesse sujeito. E aviso: a cara dele expressa contrariedade porque você duvida da existência dele. Ele detesta ser ignorado. Eu aconselho prudência... meça a língua antes de...

O aviso ficou interrompido por um estalo invisível, seco, como um chicote. Sem possibilidade de reagir, Sergio foi lançado para trás com violência, derrubado da cadeira como se uma mão invisível o tivesse golpeado nos ombros. Por sorte, o revestimento acolchoado da parede amortizou o impacto.

Os dois zeladores, preparados para conter um surto de Martín, ficaram paralisados. Aquilo não constava nos protocolos. Não houve movimento do paciente. E, no entanto, o chefe deles jazia no chão, desorientado.

— Doutor! Você está bem? Que diabos aconteceu? — perguntou um deles, ajudando-o a se levantar.

— Sim... sim... estou bem, embora tenha levado uma pancada forte nas costas. Que susto! — conseguiu dizer Sergio, respirando com dificuldade. — Por favor, vamos manter a calma...

Martín sorriu com amargura.

— Eu avisei, psicólogo. Não o provoque. Normalmente ele se diverte me humilhando com palavras, me afundando pouco a pouco. Mas com você... decidiu empurrá-lo, só para demonstrar que também pode usar a força. Eu vi a raiva no rosto dele; era evidente que faria isso.

— Está bem, Martín. Eu acredito em você — admitiu Sergio, com a voz trêmula.

— Não precisa acreditar em mim. Eu estou tranquilo. Quem não está é ele. Se há algo que o enfurece é ser

ignorado. Quanto mais você duvidar, mais agressivo ele será.

Sergio engoliu em seco, sem saber o que fazer. Depois olhou para o zelador:

— Adolfo, avise o diretor imediatamente. Quero que ele também veja isto. Que fique registrado: não somos só nós as testemunhas.

Ildefonso apareceu em poucos minutos. Entrou na cela com ar incrédulo, acompanhado pelos zeladores.

— Vamos ver, Sergio... pelo que me contaram, o que temos aqui? Um filme de terror barato ou a necessidade de chamar um exorcista? — ironizou, em tom sardônico.

Martín soltou uma gargalhada.

— Ha, ha! Finalmente alguém com senso de humor, ainda que negro. Receio, doutor, que você também vá provar a ira de Nicasio. Bem-vindo ao clube. Enfim, não sou o único a carregar este tormento!

— Mas que tolices você diz? — replicou Ildefonso, abrindo os braços, desesperado. — Que tipo de circo você pretende montar? Quer arrastar todos nós no seu delírio?

— Eu previno você, psiquiatra — respondeu Martín, com escárnio —: se continuar provocando, hoje você volta para casa com ferimentos. Nicasio não gosta de ser ridicularizado. Você manda, claro... mas não diga que não avisei.

O diretor bufou, perdendo a paciência:

— Olha, Sergio, deixei um assunto urgente para atender a este espetáculo. E você — apontou para Martín —, pare já com as suas fantasias. Se continuar, eu o amarro de novo e acabou.

Não chegou a terminar a frase. A cadeira branca de plástico elevou-se lentamente do chão, flutuando a uns dois metros de altura. O silêncio foi absoluto; os presentes olhavam, incapazes de processar o que viam. De repente, a cadeira foi arremessada e chocou-se contra o psiquiatra. Ildefonso mal conseguiu cobrir o rosto com os braços antes de ser derrubado ao chão.

Os zeladores deram um salto para trás, apavorados.

— Eu não encosto nessa maldita cadeira! — gritou Adolfo, entre o medo e a risada nervosa.

— Nem eu, chefe — acrescentou Antonio, pálido. — Isto está além de nós.

— Todos para fora, rápido! — ordenou Ildefonso, arrastando-se para a saída.

A porta se fechou de golpe, deixando a cadeira imóvel no centro da cela.

No escritório, minutos depois, o ar pesava como chumbo. Ildefonso, ainda transtornado, passou as mãos pelo rosto.

— O que diabos foi aquilo? Isto o salário não cobre, Sergio! Ontem ele quase te estrangulou e hoje me atiraram uma cadeira na cabeça! Maldita a hora em que Rosado decidiu nos enviar esse rapaz. Para mim, ele quis se livrar dele de qualquer jeito porque percebeu que era dinamite pura.

— Calma, diretor — replicou Sergio, ainda agitado, mas lúcido. — Não deixemos que o pânico nos domine. O que vimos tem causas. Não é só esquizofrenia. Há algo mais acontecendo aqui. Existe outra força em jogo. Eu mesmo senti um golpe invisível que me derrubou da cadeira. E você... também notou isso no próprio corpo.

Ildefonso o olhou, pálido.

— Está insinuando que esse tal de Nicasio é real? Que não é um delírio, mas... algo?

— Não posso afirmar com 100% de certeza. Mas negar o que aconteceu seria falsear a realidade.

O diretor levantou-se e caminhou de um lado a outro, visivelmente nervoso.

— Não gosto de situações que não posso controlar. Talvez o melhor seja devolver Martín ao hospital psiquiátrico e tirarmos esse problema das costas. Lá estarão mais preparados. Isto pode piorar.

Sergio guardou silêncio por alguns segundos antes de falar:

— Ildefonso... você já ouviu falar de “psicorragias”?

O psiquiatra arqueou uma sobrancelha.

— Já. Descargas psíquicas, fenômenos de adolescentes... objetos que se movem sozinhos. Mas eram meninas jovens, em plena puberdade.

— Exato. Uma liberação inconsciente de energia psíquica que atua sobre a matéria. Mas Martín não é uma adolescente. Ele passou dessa etapa há anos. Então, como explicamos o que presenciamos?

O silêncio caiu sobre o escritório. Ambos sabiam que a pergunta ficava sem resposta.

— Não sei — disse Ildefonso, ainda de cenho franzido. — É complicadíssimo para mim. Agora, eu me recuso a aceitar que isso não tenha uma explicação.

— Então concordamos — respondeu Sergio com firmeza.

— Também acredito que, por trás desse fenômeno, exista uma lógica, ainda que não seja a nossa. E te prometo que vou decifrar esse enigma, custe o que custar.

— De acordo, psicólogo. Mas diga: como pretende fazer isso? — perguntou o psiquiatra, entre a desconfiança e a

curiosidade.

— Olha — replicou Sergio, esboçando um leve sorriso —, sem querer soar pretensioso, tenho um ás na manga.

Ildefonso arqueou as sobrancelhas, surpreso:

— Olha, rapaz, eu sou mais velho que você. Isto não é um jogo de cartas. Estamos falando da saúde mental de um paciente diagnosticado com esquizofrenia desde que tem uso de razão. E agora, além disso, ele aparece com um quadro que beira o paranormal. Quem é que se atreve a carregar um elefante desse tamanho?

— Justamente por isso precisamos de soluções excepcionais — disse Sergio com calma. — E eu sei quem pode nos ajudar: Isabel.

O nome soou estranho na boca de Sergio, como se arrastasse um halo de mistério.

— I... Isabel... — repetiu Ildefonso, tentando lembrar. — Não me é familiar.

— Trabalhou como enfermeira em um hospital do sul de Madrid. Aposentou-se há pouco. Acredite, Ildefonso: como ela, não há outra.

O psiquiatra o fitou com ceticismo.

— E o que essa mulher tem de especial?

— Uma sensibilidade pouco comum. É capaz de perceber onde nós só vemos escuridão. De escutar onde, para outros, só há silêncio.

Ildefonso soltou uma risada seca.

— Qual é, Sergio! Não me diga que vai trazer uma bruxa disfarçada de enfermeira.

— Pelo amor de Deus, diretor — respondeu Sergio com seriedade. — Não caímos em preconceitos medievais. Não estamos falando de magia, e sim de sensibilidade, de

intuição, de outra maneira de ler a realidade. Ela não vem com varinhas nem poções, e sim com um olhar diferente. E esse olhar pode nos ajudar.

Houve um silêncio pesado. Por fim, Ildefonso suspirou:

— Está bem. Seus argumentos não me convencem, mas confio no seu empenho. Só uma coisa: prudência. Se alguém ficar sabendo que trouxemos uma ex-enfermeira para analisar um caso psiquiátrico, podemos nos meter em sérios problemas.

— Eu entendo. Mas pense em Martín, no que está em jogo. E se o diagnóstico de esquizofrenia encobre outra coisa há anos? Não valeria a pena tentar?

O psiquiatra o encarou fixamente. Por fim, assentiu com um gesto de incredulidade rendida.

— De acordo, Sergio. Depois do que vivi na pele, não me restam muitas cartas para jogar. Arrisquemos.

Uma hora depois, Sergio irrompeu no escritório do diretor com um sorriso contido.

— Boas notícias, chefe.

— Vamos, diga que sua amiga aceitou.

— Sim. Amanhã ela virá a Los Girasoles. E, por incrível que pareça, está entusiasmada com a ideia. Diz que nada combate melhor o tédio do que um bom desafio.

Ildefonso o observou com uma mistura de reserva e curiosidade.

— E ela não quis ler o prontuário de Martín?

— Não precisa. Isabel é direta. Prefere observar por si mesma, sem preconceitos. Acredite, isso faz parte do método dela.

O psiquiatra negou com a cabeça, mas não conseguiu esconder um traço de intriga.

— Amanhã eu quero estar presente. Não perderia a chegada dela por nada deste mundo.

## O AMANHECER DA ESPERANÇA

“Após a tormenta da vida, sempre há um sol que volta a nascer. A justiça divina não abandona; apenas espera o instante em que a alma decide voltar a florescer.”

No dia seguinte, à hora combinada, Sergio recebeu Isabel na entrada do centro.

— Bom dia! Tão pontual como sempre. Fico muito feliz em te ver.

— E eu a você, Sergio! — respondeu ela com um brilho juvenil no olhar —. Sua proposta me entusiasmou. Faz tempo que eu ansiava por um caso complexo, algo que me devolvesse a sensação de estar viva e útil.

— Não quis adiantar muitos detalhes sobre Martín. Pensei que o melhor seria você comprovar com seus próprios olhos.

— Me parece bem. Se surgir alguma dúvida, eu te pergunto — respondeu a ex-enfermeira, transmitindo uma convicção tranquila.

— Antes de começar, quero te apresentar ao diretor do centro. Ele vai gostar de te conhecer e fazer algumas perguntas.

Bateram à porta do escritório de Ildefonso.

— Podemos entrar?

— Entre — respondeu o psiquiatra, levantando-se com um gesto cordial.

Isabel adiantou-se, oferecendo a mão.

— Bom dia.

— Bom dia. Então a senhora é Isabel, a enfermeira de quem Sergio tanto me falou — disse o diretor, cauteloso.

— Me contaram que a senhora é especializada em... assuntos delicados.

— Digamos que acumulei muita experiência em psiquiatria — explicou ela. — Vi casos em que os métodos clássicos não bastavam. Acredito que aqui ainda há margem para a esperança.

Ildefonso assentiu, embora de cenho franzido.

— E, se não conseguir reconduzir a situação... o que fará?

— Vou tentar com todas as minhas forças. Se não der certo, ao menos ficarei em paz comigo mesma.

O psiquiatra pigarreou.

— Perdoe a insistência, mas preciso de clareza. Qual é o seu método?

Isabel olhou-o fixamente, sem evitar a tensão.

— Está bem. Vou dizer sem rodeios: sou médium.

O gesto do diretor se endureceu.

— Médium? Sergio não me disse nada disso.

— Não quis te condicionar, Ildefonso — interveio o psicólogo. — Você precisava ouvir dela. Te asseguro que o trabalho dela é impecável.

— Escute, senhora — insistiu Ildefonso, desconfortável.

— De que exatamente estamos falando? Do mesmo que se vê em filmes baratos?

— Não, claro que não. O cinema distorce para fazer negócio, para vender melhor seu produto. Não venho fazer

espetáculo, e sim ajudar. Aprendi a perceber o que outros não veem nem ouvem. Essa é a minha ferramenta.

— Refere-se a falar com mortos? — perguntou o psiquiatra, com ironia mal contida.

— Dito assim, soa péssimo. Ninguém fala com um cadáver. Eu me comunico com espíritos, com o que resta de uma pessoa depois da morte. Eles sentem, pensam e podem nos transmitir informação. Mas não estou aqui para dar aulas de filosofia, e sim para ajudar Martín por outro ângulo. Não faço shows. Trabalho com cenas, sintomas e confirmações. Primeiro observo, depois descrevo sem adjetivos. Se o que digo não bater com dados, eu me retiro. Se bate, seguimos. Não venho substituir a clínica nem seus profissionais; venho somar outra leitura. Esse método lhe serve?

O diretor semicerrou os olhos.

— E de onde lhe vem essa capacidade? Genética, aprendizado...?

— Uma mistura de ambos. Digamos que é um dom afinado por anos de prática.

Ildefonso bufou.

— Francamente, não sei se devo levar isso a sério.

— Eu entendo — replicou Isabel, serena. — Mas permita-me mostrar algo.

Então, surpreendeu-o com uma revelação:

— Não insista tanto nas discussões com sua esposa a respeito do seu filho. Ontem à noite a tensão na sua casa foi evidente. O senhor quer que o rapaz se torne independente; ela, ao contrário, não.

O rosto do psiquiatra se contraiu.

— Como sabe disso? Por acaso leu a minha mente?

— No, doutor. Quem me disse foi um espírito.  
— Valha-me Deus. Quem? Aqui não há ninguém...  
— Claro que o senhor não vê, mas ele está aqui. Chama-se Rafael, um espírito nobre que trabalha comigo. A única intenção dele é ajudar.

O escritório ficou em silêncio por alguns segundos. Isabel sustentou-o com um olhar límpido.

— Sou enfermeira, sim, mas com um dom particular. Não pretendo outra coisa senão servir ao próximo.

— Incrível! — exclamou o diretor, olhos escancarados. — A senhora me deixou de pedra.

— Aliás, doutor — replicou Isabel com naturalidade. — Não se aflija com relação à sua aposentadoria.

— Outra novidade do seu “amigo invisível”? — ironizou Ildefonso.

— Se dependesse do senhor, no ano que vem se dedicaria aos seus hobbies. Mas sua esposa pensa diferente: ela teme a redução da renda familiar e prefere que o senhor continue em atividade. Compreende agora por que lhe urge tanto que seu filho se emancipe? Na sua casa, coisas demais têm sido motivo de debate ultimamente.

O psiquiatra suspirou, resignado.

— Aborrece-me admitir, mas a senhora tem razão. Foi exatamente isso que discutimos ontem à noite.

— Então já sabe como eu trabalho — acrescentou Isabel.

— É isso que faço: aportar clareza onde outros só veem confusão.

— Se me permitem — interveio Sergio —, creio que Ildefonso já entendeu o alcance das suas capacidades. Ou estou enganado, chefe?

— Não totalmente — replicou o diretor, ainda surpreso.  
— É a primeira médium que conheço. E devo reconhecer que não esperava me deparar com algo assim. Suponho que haja muita desinformação a respeito.

— Pois me alegra — respondeu Isabel com calma. — Agora, se o senhor permitir, gostaria de ver o paciente.

— Claro — assentiu o psiquiatra. — Depois da sua demonstração, não penso em negar. Vamos à sala de entrevistas difíceis.

Ao chegarem, dois zeladores abriram a porta. Lá dentro, Martín San Blas aguardava com expressão carrancuda, imobilizado por uma camisa de força e sentado numa cadeira de plástico.

— Bom dia, Martín — cumprimentou-o Isabel com um sorriso franco. — Do jeito que você está vestido, é fácil saber quem é.

O jovem não respondeu. O silêncio dele era um muro.

— Antes de começar, doutor — disse Isabel, voltando-se para Ildelfonso —, preciso que tirem essa peça dele.

— Tirar a contenção? — alarmou-se ele. — Esse rapaz tem antecedentes de agressão. Nós mesmos sentimos isso na pele. Tem certeza do que está pedindo?

— Completamente. Garanto que ele vai colaborar. Rafael — meu guia — confirmou.

O psiquiatra hesitou um instante, mas acabou consentindo.

— Está bem. Tirem a camisa. Façam do seu jeito — cedeu —, mas com juízo.

Isabel fez outro pedido:

— Seria conveniente que os dois zeladores esperassem lá fora, por favor.

— Também é conselho de Rafael? — perguntou Ildefonso, arqueando a sobrancelha.

— Sim.

O diretor concordou. Os guardas se retiraram e a porta se fechou. A tensão era palpável: ficaram ali apenas o psiquiatra, o psicólogo e a médium diante de Martín, já livre.

— Calma, filho — disse a mulher, suavizando a voz. — Relaxe. Conseguimos tirar essa tortura de cima de você. Agora deixe que eu cuide disso.

Martín deu de ombros, indiferente. Isabel fechou os olhos e permaneceu em silêncio por alguns instantes, como quem ouve vozes distantes. De vez em quando, assentia, e Sergio e Ildefonso continham a respiração.

Por fim, falou:

— Já tenho informação suficiente. Estou em condições de dar um diagnóstico. O difícil será resolver, porque dependerá do livre-arbítrio de todos os envolvidos.

Os dois profissionais inclinaram-se para a frente, expectantes.

— Há conflitos que não nascem nesta vida — prosseguiu —, mas que se arrastam desde existências anteriores. A alma não morre, embora o corpo, sim. E, no seu caso, Martín, o tormento tem nome: Nicasio Fernández.

O jovem ergueu a cabeça, surpreso.

— Como disse?

— Esse é o ser que te aflige desde a adolescência. Você conviveu com ele todos os dias, sem trégua. Tem sido o seu calvário.

Martín empalideceu.

— Então... a senhora está em contato com ele? Onde está?

— Bem atrás de você. A três metros. Sentado no chão, observando.

O rapaz virou o rosto com nervosismo.

— E por que está tão tranquilo? Não é normal...

— Porque está desconcertado. Esta situação também é nova para ele. Até hoje, acreditava que só você podia vê-lo. Agora sabe que o descobrimos.

— Meu Deus... — sussurrou Martín. Depois, num fio de voz: — E aquele homem à sua direita?

— É Rafael. Meu colaborador. Um espírito bondoso e sem vínculo algum com Nicasio. Está aqui apenas para te ajudar.

Martín soltou um suspiro de alívio.

— Pensei que fosse outro inimigo.

— Não, filho. É seu aliado.

Então, vencido pela emoção, Martín caiu de joelhos diante de Isabel.

— Suplico, senhora... explique a eles o que acontece comigo. Diga-lhes a verdade. Que não estou louco, que não sou um esquizofrênico cheio de alucinações. Há anos imploro que alguém acredite em mim! Só quero ser normal. Que Deus permita... mas, por favor, que alguém me compreenda.

— Claro que sim, tenha calma — respondeu Isabel com tom maternal, porém firme. — Vou contar a estes profissionais a origem do seu tormento e como poderíamos encarar a questão. E levante-se do chão, pare de beijar minha mão e sente-se, que eu não sou exatamente uma santa. Vamos lá, não complique.

O rapaz obedeceu devagar, como se aquele gesto de submissão lhe tivesse drenado as forças. Respirou fundo, quase ofegante, e voltou a sentar-se na cadeira de plástico.

As mãos tremiam e algumas lágrimas, pequenas no começo, foram-se formando até deslizarem em fila pelas faces.

— Doutor Ildefonso, Sergio — anunciou Isabel com solenidade. — Vou cumprir a vontade de Martín. Ouçam com atenção o que me chega ao pensamento, porque este relato não é meu: quem me transmite é Rafael, e procede de muito além do que os olhos humanos podem abarcar.

— Estamos atentos, Isabel. Que grande trabalho, amiga — disse Sergio, com uma emoção difícil de disfarçar.

A médium inclinou levemente a cabeça, como em oração, e prosseguiu:

— Antes de julgar, convém reunir informações e só depois agir. Eu não o conheço, portanto repetirei palavra por palavra o que Rafael me transmite sobre sua história. E aviso: tanto Nicasio quanto Martín reconhecem-se no que vou dizer, porque suas almas arrastam contas pendentes há anos demais.

Isabel levantou-se suavemente da cadeira e pousou uma mão sobre a cabeça de Martín, como se quisesse aquietar as turbulências do seu interior. O jovem fechou os olhos de súbito e um arrepio percorreu suas costas, mas logo a respiração se acalmou.

— Verão de 1936... — pronunciou Isabel com voz grave, quase teatral. — Situe-se. Todos sabemos o que estourou naquela data: a Guerra Civil. Um ódio inédito dividiu um mesmo povo, vizinhos, amigos, irmãos de sangue. Não havia línguas distintas nem terras estrangeiras, só o veneno do enfrentamento. E o pior não se travava apenas nas frentes; a retaguarda era um inferno. Ali, almas exaltadas aproveitaram a conjuntura para acertar contas antigas.

Famílias estraçalhadas, pais contra filhos ou o contrário, irmãos enfrentados até a morte. A violência era tanto física quanto espiritual. E, no meio desse turbilhão, nasceram as raízes da tragédia que hoje nos convoca.

Um silêncio espesso apoderou-se do quarto. Nem Sergio nem Ildefonso respiravam com naturalidade: estavam presos à narração, como se um eco daquele longínquo ano tivesse se infiltrado naquele cômodo de paredes nuas.

— No mundo espiritual — prosseguiu Isabel — não há fuzis nem baionetas, mas o rancor é uma arma tão afiada quanto qualquer faca. Há almas que, após a morte, só sabem vingar-se por meio da obsessão, da loucura, da opressão implacável sobre aqueles a quem odeiam.

Pausou. Olhou para Martín.

— Você, filho, nasceu em 1971. Veio ao mundo em condições duríssimas: foi abandonado poucos dias depois de nascer na porta de um convento, cuidado por religiosas e depois entregue ao Auxílio Social da época. Nenhuma família quis acolhê-lo. Não foi por acaso: foi consequência. Seus passos estavam marcados pelo que, em vidas anteriores, você havia feito. Rafael diz com clareza: a dor é mestra, e você precisava aprender.

Martín cobriu o rosto com ambas as mãos. Soluções profundos o sacudiam.

— Depois veio o mais cruel — acrescentou Isabel —. Na adolescência, quando ainda era um rapaz frágil, Nicasio voltou a irromper na sua vida. Ele, que havia caído em 1940, arrastava um ódio visceral. Desde então não o deixou: sussurros, gritos, insultos, golpes invisíveis. Seus cuidadores chamaram de “esquizofrenia” o que na realidade era assédio espiritual. A partir daí seu périplo por manicômios e

tratamentos tem sido uma longa cadeia de incompreensão.

Isabel calou-se. Suas pálpebras se fecharam por alguns segundos, como se buscasse novas vozes. Então aconteceu: Martín sacudiu-se de repente, como se uma força invisível o tivesse empurrado com brutalidade pelas costas. A cadeira caiu e o rapaz rolou pelo chão até bater na parede.

Um grito dilacerante explodiu na sala.

— Saia, desgraçado, afaste-se de mim! Deixe-me em paz! Até quando, meu Deus! — berrava, desferindo golpes no ar, protegendo-se de golpes que ninguém mais via. Seu rosto se crispava, seu corpo se arqueava como se de fato estivesse apanhando.

— Ele está tendo um ataque! — exclamou Ildefonso, com o coração em disparada. — Meu Deus, parece possuído! O que fazemos? Aplico um calmante?

— De modo algum — respondeu Isabel com uma serenidade arrepiante. — Ninguém o toque. Confiem em mim.

— Mas ele sofre horrores — disse Sergio, com o rosto contraído de angústia. — Isabel, você vai permitir...?

A mulher fechou os olhos, apertou as mãos e sussurrou:

— Rafael... assuma.

Um silêncio elétrico. Os golpes cessaram. A gritaria se apagou até virar um gemido. Martín, ofegante, encolheu-se contra a parede, com o rosto arroxeadado por hematomas recentes. Seus olhos buscavam, desesperados, um refúgio.

— Calma, filho — disse Isabel, aproximando-se devagar.

— Respire, que o pior já passou. Aqui ninguém quer lhe fazer mal.

O rapaz assentiu debilmente e, após um minuto, forçou-se a falar:

— Agora... suponho que já estejam convencidos. Não é loucura. Nicasio me bateu, me insultou, me derrubou da cadeira. É o que venho sofrendo há anos. Ninguém acredita em mim. Sempre acham que eu me machuco de propósito. Mas aí está: até vocês viram os roxos.

Sergio o examinou a poucos passos.

— É verdade — disse em voz grave. — Seu rosto está marcado, embora sem sangue. Você não inventou isso.

O psiquiatra estava pálido, suado.

— Meu Deus... nunca vi algo assim. Isabel, preciso que me explique. Eu lhe suplico.

A enfermeira suspirou, com a serenidade de quem batalha há anos com o invisível.

— O que acabamos de presenciar não é esquizofrenia. Martín é médium, embora não saiba nem tenha escolhido sê-lo. Ele vê e ouve o que nós não percebemos. E esse “dom”, em vez de ser alívio, o transformou em vítima. Nicasio o assedia com ferocidade incomum. Seus golpes, seu ódio, sua raiva... se transmitem com tal intensidade que chegam a produzir efeitos físicos. A psiquiatria chama de alucinação; eu chamo de obsessão espiritual. E acreditem: é mais real do que pensam.

O quarto ficou em silêncio. Só se ouvia a respiração entrecortada de Martín e, de vez em quando, um soluço.

— E onde está agora o agressor? Continua aqui, entre nós?

— perguntou o psicólogo, com um tremor na voz que não conseguiu disfarçar.

— Exatamente — respondeu Isabel com calma. — Por isso pedi a Rafael que interviesse, para que todos pudessemos

nos acalmar. Meu guia espiritual adormeceu Nicasio. Ele é perito em técnicas que, neste plano, chamaríamos terapêuticas, mas que se exercem no âmbito invisível com a mesma eficácia. Aqui recorreremos à farmacologia; lá, a outras formas de energia e de intercâmbio de fluidos. Eu poderia me estender nessa explicação, mas talvez não seja o momento. O essencial é que, graças a ele, o espírito obsessivo está agora quieto, sem capacidade de atacar.

— Eu... — o psiquiatra respirou fundo, tentando ordenar os pensamentos. — Acho que estou perdendo o norte com tudo isso, Isabel.

— É lógico que reaja assim, doutor Ildefonso. O senhor se formou na ciência e na disciplina da psiquiatria, mas não neste outro terreno. Eu me familiarizei com ele há muitos anos e, ainda assim, não deixo de me assombrar. Este cenário pode lhe parecer incômodo, mas também é uma oportunidade de ampliar horizontes. Há aspectos da mente e da alma humana que a psicologia e a psiquiatria ainda não conseguem explicar por completo. Estou convencida de que, com o tempo, surgirão avanços que abrirão novas perspectivas.

Martín, que havia permanecido de cabeça baixa, interrompeu de repente a conversa com um surto de súplica:

— Isabel... eu lhe peço — balbuciou, caindo outra vez de joelhos diante dela.

— Ora, filho — respondeu a mulher, com ternura, mas sem perder a firmeza. — De novo de joelhos? Vamos, levante-se. Não é necessário me beijar a mão nem me prestar reverência. Sou apenas uma intermediária. Sente-se na sua cadeira, assim nos entenderemos melhor.

O jovem obedeceu, ainda que tremendo pelo corpo inteiro.

— Está bem — prosseguiu, contendo os soluços —, mas eu queria lhe pedir algo. Aquele senhor que acalmou Nicasio... seria possível que eu falasse com ele?

— Claro — disse Isabel, em voz serena. — Rafael te escuta e aceitará o que você quiser dizer.

Martín fechou os olhos por um instante, como se buscasse as palavras mais profundas. Depois, falou com um respeito reverencial:

— Senhor... Rafael... estou impressionado com o que o senhor fez. Se eu tivesse o seu poder, não nego, teria usado há anos para afastar de mim esse espírito que me atormenta. Como teria mudado a minha vida desde a adolescência!

E, para surpresa de todos, uma voz grave, serena e vibrante fez-se presente na consciência do rapaz, embora o psicólogo e o psiquiatra não pudessem percebê-la.

— Não é tão simples quanto você pensa, amigo — disse Rafael. — Se esse assédio tivesse sido interrompido desde o começo, você teria escapado do sofrimento, sim, mas também da lição. E essa prova fazia parte do seu destino nesta existência. O tormento de Nicasio sobre você não foi casualidade: foi a consequência inevitável dos erros que cometeu em outra época, há mais de cinquenta anos.

Isabel, ciente de que Ildefonso e Sergio não podiam ouvir diretamente Rafael, esclareceu:

— Vou traduzir tudo, palavra por palavra, para que vocês não percam nada do que está sendo comunicado.

— Então, Rafael... — continuou Martín, com a voz embargada. — Isso significa que esta tortura não

terminará até o fim dos meus dias?

— Não — replicou o espírito. — Nada é eterno no que diz respeito à dor. Todo sofrimento tem um limite. Mas, para que cesse, você terá de fazer o que já intui no seu íntimo. Suportou a presença de Nicasio por mais de sete anos, nas noites, nos sonhos, na vigília. Se realmente deseja libertar-se, o caminho não é resistir, e sim reconhecer. Só assim se dissolverá a vingança que o consome.

Um silêncio profundo envolveu a sala. Isabel fez um gesto com as mãos para indicar aos colegas que esperassem. E então, como se uma represa se rompesse dentro dele, Martín começou a chorar convulsivamente. Entre lágrimas, falou com a voz entrecortada:

Ajoelhou-se devagar. Não houve retórica, apenas um soluço que cortou a sala ao meio.

— Sinto muito... sinto do fundo da minha alma, Nicasio — disse ao vazio. — Durante anos o meu orgulho me impediu de reconhecer, mas hoje já não posso fugir. Sim, fui um assassino. Arranquei-lhe a vida sem olhar nos seus olhos. Fui um criminoso que abusou do poder e lhe roubei o que mais amava. O senhor sabe... eu também a desejava, e a tomei de você à força. Tirei-lhe o que havia de mais precioso: o seu bem, o seu amor, o seu destino. Se esperou meio século para me pedir contas, é porque a minha falta foi imperdoável. Admiti-lo me dilacera, mas não quero mais ocultar.

Desabou outra vez de joelhos, com as mãos unidas e a voz rompida pelo choro:

— Perdoe-me! Fui eu. Tirei-lhe a vida e o amor. Por poder, por medo. Não tive coragem de encará-lo. Paguei com noite e silêncio. Hoje lhe peço perdão. Se posso reparar,

diga-me como. Entendo que toda esta miséria que vivi foi o preço justo pelo meu egoísmo, pela minha ambição cega. Tiraram-me a mãe, jamais conheci meu pai, a vida negou-me ternura... e agora compreendo que tudo foi reflexo do que eu mesmo semeiei. Não me resta senão pedir-lhe, do fundo do meu ser, que me perdoe. E, se eu puder fazer algo para reparar o que lhe fiz, peça-me. O meu arrependimento é sincero.

Isabel respirou fundo, comovida. Então, Rafael interveio de novo, solene:

— Calma, Martín. Ele te escuta e começa a receber a tua mensagem. É cedo, precisa de tempo, mas o teu gesto abriu uma fenda no rancor dele. Estarei ao lado dele para recordar a tua confissão. Você deu um passo crucial: admitir, reconhecer, pedir perdão. Esse é o começo da verdadeira liberdade.

Martín ergueu os olhos, inundados de lágrimas.

— Obrigado... obrigado, senhor. As suas palavras me devolvem a esperança.

O espírito inclinou-se sobre ele e pousou simbolicamente uma mão sobre sua cabeça. O rapaz fechou os olhos e um estremecimento percorreu-lhe o corpo.

— Sinto... sinto que a tormenta no meu peito se acalma — murmurou. — Que grande alívio! Senhor... permitiria que eu o abraçasse?

— Claro, filho — sussurrou Rafael. — O amor sempre traz serenidade. Aprende a perdoar e a deixar-se perdoar.

Martín estendeu os braços para o vazio e, embora aos olhos de Ildefonso e Sergio parecesse abraçar o ar, seu gesto transmitia uma emoção tão real que os dois profissionais se entreolharam, comovidos.

— Deus abençoe esta mulher por tê-lo trazido até mim — disse Martín, com a voz trêmula. — Não sabe quanto me alegra conhecê-lo, senhor Rafael.

— Eu também, irmão — respondeu o espírito.

Martín ainda tinha uma inquietação:

— E o Nicasio? Eu não suportaria que voltasse com mais ódio. Seria um retrocesso insuportável.

— Calma. O seu arrependimento será a semente da reconciliação entre vocês. Falarei com ele quando estiver em condições. E, se algum dia voltar a cruzar o seu caminho, lembre-se do que disse hoje: peça perdão de coração, como agora fez. Isso será suficiente.

Martín assentiu, com lágrimas renovadas.

— Eu prometo. Meu compromisso é total.

Depois dessa troca, a atmosfera da sala mudou. Uma paz inesperada substituiu a tensão de minutos antes. Foi então que Isabel, ciente da atenção expectante dos colegas, retomou a palavra:

— Bem, amigos. Presenciamos um ato comovente: o início da reconciliação. Mas ainda falta contar a outra face desta história. Como Rafael me pediu, vou narrar os antecedentes deste conflito.

Sergio inclinou-se para a frente, numa mistura de emoção e curiosidade:

— Siga, Isabel. Eu não conseguiria voltar para casa sem conhecer o desfecho deste relato.

— Eu também não — acrescentou Ildefonso, com um brilho de interesse nos olhos. — Por favor, continue.

Isabel tomou um gole d'água, respirou fundo e prosseguiu com solenidade:

— Voltemos aos anos 1930. Nicasio Fernández era então um jovem cheio de ilusões. Com esforço e o apoio dos pais, abriu em Talavera de la Reina uma alfaiataria. Era a sua paixão. Tinha bom gosto, mãos hábeis e logo conquistou uma clientela fiel. Ao mesmo tempo, sua relação com a namorada de toda a vida, Carmen Arias, avançava com solidez. Ambos sonhavam em se casar e formar uma família. Tudo parecia encaminhado para um futuro promissor.

Fez uma pausa, e seu olhar escureceu:

— Mas, em 1936, a guerra estourou. E, como tantas outras histórias, a deles também foi truncada... Todos os preparativos do casamento entre Nicasio e Carmen ficaram em suspenso naquele trágico verão — prosseguiu Isabel, em voz grave, como quem desvela uma verdade esquecida pela história. — Em poucas semanas, o rapaz foi chamado às fileiras pela República e destinado à frente sul, perto de Córdoba. O destino quis que, nesse setor, os combates fossem menores do que em outros pontos em brasa da península. Houve apenas escaramuças, nada comparável à brutalidade dos choques em Madrid ou no Ebro. Essa relativa calma permitiu-lhe conservar a esperança de voltar logo à sua Talavera natal. Chegou até a desfrutar de uma breve licença para reencontrar a amada. Aquele encontro foi um respiro de ar puro em meio a um ambiente rarefeito. Juraram amor eterno, prometeram que a guerra não quebraria seus sonhos: reabririam a alfaiataria, ergueriam um lar, teriam filhos. Chegaram a brincar com quantos descendentes a vida lhes daria, tentando desenhar um amanhã luminoso que fizesse esquecer o presente sombrio. Mas a realidade tratou de apagar essa ilusão. Em

setembro de 1936, as tropas insurgentes entraram em Talavera de la Reina. A cidade, como tantas outras, mergulhou na repressão. Carmen ficou presa num mar de incertezas. Nicasio não podia desertar para regressar sem arriscar o fuzilamento, nem ela podia deslocar-se a Córdoba sem se expor ao perigo. A guerra os separou como um muro intransponível.

Passaram-se quase três anos de angústia. Nesse tempo, um jovem ambicioso chamado Pedro — o mesmo espírito que hoje conhecemos pelo nome de Martín San Blas — foi galgando posições na estrutura da Falange, o partido que apoiava sem reservas o lado insurgente. Sua ascensão foi rápida: o caos da guerra permitiu-lhe adquirir influência e poder em Talavera. Esse poder ele usou para a sua obsessão mais íntima: conquistar Carmen. Desde a adolescência a desejava, mas nunca conseguiu que ela correspondesse. Agora, com Nicasio longe, na linha de frente, ele viu a oportunidade que se abria. A moça, porém, permaneceu fiel à lembrança do noivo. Não queria ouvir propostas nem cortejos. Sonhava apenas com o regresso do seu alfaiate, com o casamento prometido.

Foi então que Pedro começou a tramar o seu plano. Valendo-se das influências, conseguiu falsificar um documento com selo republicano que certificava a morte de Nicasio em combate. O papel, frio e oficial, não passava de fraude. Mas, quando Carmen o recebeu na casa dos pais, desabou. Chorou como quem vê arrancado pela raiz o sentido da vida. Nunca duvidou do documento; não investigou, não buscou confirmações. A dor foi tão brutal que aceitou aquela mentira como verdade absoluta.

A guerra terminou em 1939. Durante meses, Carmen manteve a esperança muda de que tudo tivesse sido um erro de identificação, de que o amado regressasse contra todas as probabilidades. Ignorava que Nicasio seguia vivo, ainda que encarcerado em Ciudad Real por sua filiação republicana. Enquanto isso, Pedro aproveitava a conjuntura. Não era um homem enamorado no sentido nobre da palavra, e sim um ambicioso dominado pelo desejo de posse. Elaborou então um plano sinistro: livrar-se para sempre do rival. Reuniu uma forte soma de dinheiro e colocou-a nas mãos de camaradas falangistas, comprando a lealdade deles para executar a tarefa mais suja.

No início de 1940, Nicasio recuperou a liberdade. Não se puderam provar contra ele acusações políticas graves, e foi posto na rua. Mas o verdadeiro perigo não estava dentro da prisão, e sim fora dela. Mal deu alguns passos pelas ruas de Ciudad Real, foi interceptado por homens que se apresentaram como policiais. Sob a mira de pistolas, os homens o obrigaram a entrar em um carro preto. Consciente do clima de repressão que sufocava a Espanha, não ofereceu resistência. Sabia que não tinha escapatória. Enquanto o veículo se afastava, Nicasio tentou se defender: explicou que não militava em nada, que seu serviço no exército republicano fora obrigatório, que era inocente. Suplicou, implorou. Mas aqueles homens tinham ordens precisas, e nenhuma palavra mudaria seu destino.

— Após alguns minutos de viagem, o carro parou num trecho deserto da estrada. Mandaram-no descer. Conduziram-no até a beira de uma vala, com a neblina de janeiro cobrindo a paisagem. O frio se entranhava nos ossos. Disseram-lhe que se ajoelhasse. Ali, com a nuca

exposta, recebeu um tiro seco que o fulminou no mesmo instante. — Sou inocente, eu juro, sou apenas um alfaiate! — foram suas últimas palavras, quebradas pelo desespero. O corpo ficou estendido na terra úmida. Dias depois, um pastor encontrou os restos semienterrados no meio do mato. Não denunciou nada. O medo, naquela Espanha escura, era mais forte do que a justiça.

Isabel fez uma pausa. Seus olhos se encheram de um brilho estranho, mistura de compaixão e severidade.

— Assim terminou Nicasio — disse com um suspiro. — Vítima dos ciúmes e da ambição mais vil, numa história como tantas que se exacerbam em tempos de guerra.

Martín escutava com o rosto encharcado de lágrimas. Dentro dele, algo se movia: a certeza de ter sido o causador daquela tragédia. Até o espírito adormecido de Nicasio parecia agitar-se, como se as palavras de Isabel lhe devolvessem fragmentos de uma memória dolorosa.

— Para concluir, meus amigos — retomou Isabel. — Pedro, hoje Martín, celebrou o desaparecimento do rival. Carmen, devastada e sem esperança, acabou cedendo. A pressão da miséria, a fome, o peso social de casar-se com um dirigente influente... tudo conspirou contra a antiga ilusão. Em 1941, finalmente, celebrou-se o casamento. Ela nunca soube que tinha sido vítima de uma mentira atroz. Acreditou que Nicasio morrera em combate e preferiu a segurança de uma vida ordenada a seguir esperando o impossível. Casou-se, sim, mas dentro dela ficou uma ferida invisível que a acompanharia por toda a vida.

— Perdoe interrompê-la, Isabel — disse o psiquiatra, pensativo. — Pelo que entendo, a maioria de nós não recorda nada de vidas passadas. Por que, então, neste caso

isso aflorou com tanta força?

— Porque a ferida continua aberta — explicou Isabel. — O crime não foi assumido, nem reparado, nem perdoado. Martín — antes Pedro — agiu por egoísmo e baixeza. E a alma de Nicasio, despojada de tudo, clamou por justiça para além do túmulo. A lembrança daquela atrocidade perseguiu o culpado, e a vingança do ofendido o acossou durante anos. Hoje, pela primeira vez em mais de meio século, aconteceu algo extraordinário: o agressor pediu perdão. Isso muda as coisas.

O psicólogo interveio:

— E o que acontecerá quando Nicasio despertar do sono em que Rafael o colocou? Será capaz de perdoar?

— É provável — respondeu Isabel. — Vi lágrimas em seu espírito, e isso é sinal de cansaço, de saturação do ódio. Quando a vítima se quebra, é porque algo se move rumo à reconciliação. A confissão sincera de Martín atuará como bálsamo. Teremos de ver como evolui, mas o certo é que hoje se deu um passo decisivo.

Fez-se um silêncio reverente na sala. Todos compreendiam que não eram meras palavras, e sim o eco vivo de uma tragédia que atravessara gerações.

— Dona Isabel — disse Martín com um fio de voz, trêmulo, como se as palavras se desfizessem em seus lábios.

— Tenho uma dúvida que me corrói a alma e que, dadas as circunstâncias, ainda não esclareci. Desde que me lembro, repetiram que sou esquizofrênico... mas nunca ninguém me deu uma explicação. Ninguém me falou de minhas raízes. Poderia a senhora me iluminar?

— Pois diga você, querido amigo — respondeu a médium com ternura, aproximando-se um pouco mais dele, como

se quisesse protegê-lo de sua própria angústia.

— Minha existência tem sido uma incerteza perpétua — prosseguiu Martín, contendo o choro. — Há mais de vinte anos quero conhecer minhas origens. A senhora poderia me informar, por favor?

Isabel suspirou, fechou os olhos lentamente e adotou aquele gesto solene que anunciava a comunicação com o seu guia.

— Claro que sim — disse com suavidade. — Vou transmitir o que Rafael me mostrar sobre você e sua biografia. Concentre-se. Está preparado, Martín?

— Ardo de vontade, senhora — respondeu o jovem, com um lampejo de esperança nos olhos. — A senhora é uma bênção para mim, assim como esse senhor que a acompanha.

Então Isabel, num tom profundo, começou a relatar com palavras que não eram apenas suas, mas pareciam brotar de uma fonte mais alta:

— Querido irmão: você veio a este mundo num dia gelado, no pleno inverno de 1971. Sua mãe se chamava Eva e tinha sido prostituta. Tentou cuidar de você. Não conseguiu. Deixou-o num convento de freiras no centro de Madrid, numa madrugada fria de fevereiro. Depois voltou ao bordel. Caiu. E um dia, tendo o álcool como único agasalho, atirou-se aos trilhos do metrô na Puerta del Sol. A vida dela, desde antes do seu nascimento, esteve marcada pela adversidade. Sua avó materna emigrou da França acompanhada de uma amiga, a mulher que mais tarde se tornaria a madame do local onde ambas trabalhariam como prostitutas. Eva, crescendo nesse ambiente, nunca conheceu outra opção. Desde pequena respirou um ar

viciado de resignação e promessas quebradas. A vida lhe ensinou cedo que seu destino estava escrito entre as paredes daquele bordel madrilenho. No entanto, dentro dela palpitava um anseio distinto: sonhava com outra vida, com um futuro limpo, com a possibilidade de escapar. E, em aparência, o destino lhe brindou uma oportunidade. Um cliente distinto, de boa posição, se apaixonou por ela. Ela também sentiu o amor à primeira vista. Contra todo prognóstico, esse homem decidiu pagar à madame uma quantia alta por sua liberdade, e por um tempo Eva acreditou que podia recomeçar. Mas a miragem durou pouco. Quando soube que estava grávida de você, a relação ruiu. O que no começo eram carícias e mimos virou frieza, desculpas e silêncios. Seu pai, incapaz de assumir a responsabilidade, decidiu afastar-se: entregou-lhe dinheiro e alugou-lhe um apartamento para que pudesse sobreviver até o seu nascimento.

Pouco depois de trazer ao mundo o filho — você, Martín —, Eva tentou se sustentar. Abraçou-o, alimentou-o, procurou ser mãe. Mas logo a solidão, a falta de recursos e o desespero a venceram. Não suportava a ideia de vê-lo passar fome, nem de criá-lo naquele ambiente que tanto mal lhe fizera. E então tomou a decisão mais dolorosa de sua vida. Numa madrugada fria de fevereiro, colocou-o num carrinho, agasalhou-o com o pouco que tinha e, ao amanhecer, deixou-o à porta de um antigo convento de freiras. Chorou em silêncio ao se afastar, sabendo que jamais esqueceria aquela renúncia.

A partir de então, Eva viveu como náufraga. Voltou ao bordel, rogou à madame que a aceitasse de novo. Foi repreendida e humilhada por ter ousado ir embora, mas

conseguiu reinstalar-se naquele inferno cotidiano. Contudo, seu espírito estava quebrado. Nunca se perdoou por tê-lo abandonado. Para ela, foi o fracasso definitivo: nem mãe, nem mulher, nem pessoa. A ferida se abriu mais a cada dia. Uma discussão com a dona, um cliente desagradável, uma noite sem dormir... e a queda se precipitou. Uma manhã, depois de beber até perder o controle, saiu cambaleando pelas ruas de Madrid. Caminhou sem rumo, arrastando uma dor impossível de conter. Quando chegou à estação do metrô de Sol, já não havia retorno. Atirou-se aos trilhos no instante em que um trem entrava. A morte foi instantânea, brutal, definitiva.

Mais silêncio...

— Essa — concluiu Isabel, com lágrimas nos olhos. — Essa foi a vida de sua mãe. Essa foi a luta dela, e esse o trágico final.

Martín ouviu o relato emudecido, quebrado em soluços. O rosto cobriu-se de lágrimas que corriam sem freio, como se todo o corpo chorasse ao mesmo tempo.

— Senhora — conseguiu articular, entrecortado. — Poderia me indicar como encontrar minha mãe? Tenho tanta compaixão por ela... não só por ter-me trazido ao mundo em circunstâncias tão miseráveis, mas porque não suporto imaginar o seu sofrimento. Saber que me deixou num convento por impotência é como sentir uma faca abrindo minha alma.

— Querido Martín — replicou Isabel com doçura. — Rafael me diz que é melhor você não saber onde ela está agora. Ela se encontra num lugar do mundo espiritual que não convém visitar. Claro que ela continua viva, porque todos estamos. Somos imortais. Mas Eva precisa enfrentar

seus próprios conflitos internos e a dolorosa consciência do que fez. Ela desertou da missão mais sagrada: cuidar da vida que lhe foi confiada.

Martín, erguendo os olhos ao céu, exclamou entre lágrimas:

— Peço a Deus toda a sua clemência para com ela... Se alguém mereceu compaixão, foi minha mãe.

— Calma, filho — disse Isabel com voz firme, porém serena. — Deus é misericordioso. Não julga com dureza cega, e sim com compreensão. Cada erro é avaliado em seu contexto, e Eva terá a oportunidade de reencontrar a luz. Ninguém fica eternamente na escuridão.

O jovem, comovido, perguntou num sussurro:

— E eu? O que posso fazer por ela? Sinto-me tão pequeno...

— Ore por ela, Martín — respondeu Isabel, pousando a mão sobre a sua. — Peça com sinceridade, e a sua prece não ficará sem resposta. As orações nascidas do coração chegam sempre ao Pai. Essa será a sua contribuição.

— Farei isso — afirmou ele, com ânimo renovado. — Vou rezar por minha mãe o tempo que for necessário, até vê-la livre do seu fardo.

Isabel sorriu com ternura.

— Muito bem, filho. E agora, Rafael quer lhe dar um presente. Relaxe, feche os olhos. Ele colocará as mãos sobre a sua cabeça e lhe mostrará uma lembrança nítida de sua mãe, tal como era quando você nasceu. Esse será o tesouro que você guardará para sempre na memória.

Martín obedeceu. Entregou-se à experiência. Um instante depois, como uma luz suave que emergia da escuridão, apareceu diante dele a imagem de uma jovem de olhar triste, porém belíssima. Era Eva. Sua mãe.

Ao abrir os olhos, rompeu em choro de alegria. Pela primeira vez em toda a sua vida, podia ver a mulher que lhe deu a existência. Não uma abstração, não uma ausência dolorosa: um rosto, uma lembrança viva gravada em sua alma.

— Obrigado, obrigado, senhora — balbuciou entre lágrimas, beijando a mão de Isabel repetidas vezes. — Deus abençoe este momento. Hoje voltei a nascer.

Todos os presentes perceberam que esse instante ficaria gravado na história de Martín como o mais luminoso de sua vida.

— Como fico feliz em vê-lo tão feliz, Martín — disse Isabel com um sorriso caloroso. — Você merecia uma recompensa como esta depois de tanto vazio e tanta incompreensão. E quem sabe... talvez no futuro você volte a se encontrar com ela. Essa possibilidade viaja com você e, embora não dependa só de você, servirá para manter viva a esperança de um amanhã diferente.

O jovem, ainda com as faces úmidas, recostou-se na cadeira. Seus olhos pareciam fixos num ponto invisível, absortos, como se ainda contemplasse o rosto de Eva gravado em sua memória. A emoção inicial se transformava em serenidade, e o tremor de seu corpo cedia pouco a pouco ao sossego.

Isabel, retomando o pulso da conversa, virou-se para os profissionais:

— Bem, doutor Ildefonso, Sergio... depois de tudo o que vivemos hoje, como vocês veem?

O psiquiatra ajustou os óculos e respirou fundo antes de falar:

— Confesso que estou surpreso, Isabel. Nem nos meus sonhos mais ousados teria imaginado uma alternativa semelhante para entender o que até agora classificamos como esquizofrenia. Não vou negar: isso sacudiu meus alicerces. É cedo para tirar conclusões definitivas, mas posso lhe dizer uma coisa: tiro o chapéu diante do que acabo de presenciar. Talvez eu tenha ficado um tanto ancorado na tradição médica, ou talvez seja porque na faculdade jamais nos falaram de algo parecido. Em todo caso, não me custa reconhecê-lo: aqui nos foi mostrada uma dimensão que desconhecíamos. Teremos de ficar atentos à evolução de Martín.

Isabel assentiu com suavidade.

— Doutor, muitas vezes olhar a realidade por um único ângulo nos limita. Eu também trabalhei muitos anos dentro do hospital e sei o que é confiar só na farmacologia. É útil, mas nem sempre suficiente. Vi pacientes demais reduzidos a sintomas, como se suas almas ficassem fora do diagnóstico. Graças à minha capacidade de “ver” e à orientação de Rafael, compreendi que havia outros caminhos para acompanhar o sofrimento humano. E o que vivemos hoje juntos é uma prova palpável disso.

O psiquiatra inclinou a cabeça, pensativo:

— A senhora tem razão. Talvez tenha chegado a hora de revisar alguns de nossos velhos esquemas. Ainda assim, serei cauteloso. Vou observar a evolução de Martín com o máximo cuidado. E, se como parece, este é um ponto de inflexão, então estaremos diante da oportunidade de que este jovem refaça a vida... longe da sombra da dor que o perseguiu por tantos anos.

— Senhor diretor — interveio Martín com uma voz entre tímida e firme. — Quero colaborar em tudo o que me propuserem. Só desejo melhorar, deixar para trás este pesadelo. Passei anos me sentindo como um brinquedo quebrado: tentando explicar minha dor sem que ninguém me escutasse de verdade. Sempre me trataram como se eu estivesse louco, como se tudo o que relatava fossem fantasias. Mas hoje... hoje, ao conhecer quem foi minha mãe, ao entender a origem da minha vida e o peso de sua tragédia, sinto que algo se destravou. Dói, sim, mas também me dá força. Sinto que posso recomeçar.

O psiquiatra lhe dedicou um olhar demorado, com um brilho de respeito nos olhos.

— Muito bem dito, Martín. Há muito trabalho pela frente, mas suas palavras são animadoras. Eu vou zelar por você e adaptar os tratamentos à sua evolução. Estou aberto a flexibilizar sua vida, a lhe dar mais liberdade, desde que sua atitude siga nesta linha. Acredite: o que aconteceu hoje pode marcar um antes e um depois.

Martín levou a mão ao peito.

— Digo com humildade, doutor: hoje senti que alguém me olhava por uma janela diferente, que enfim me viam como pessoa e não como doente. Isso me enche de confiança. A vida agora me parece um desenho mais amplo, não só composto por sombras, mas também pela luz que pode me oferecer.

— Esse é o espírito — celebrou Sergio, o psicólogo. — O importante será como você vai se conduzir a partir de agora. Se seguir por esse caminho, estou convencido de que em breve poderá viver como um cidadão a mais, dono de suas decisões.

Martín estremeceu, numa mistura de ilusão e medo.

— Só de imaginar, fico comovido... nunca fui livre de verdade. Sempre decidiram por mim. É como se me soltassem de repente num mundo novo. Isso me anima, mas também me dá medo.

— E é natural que seja assim — tranquilizou-o Sergio. — Não se trata de “engolir o mundo” em um dia. Trata-se de aprender a ser o capitão da sua própria nave. Vai custar no começo, mas o potencial que você tem é imenso, Martín. Maior do que pensa.

O jovem olhou para todos, emocionado:

— Obrigado... obrigado a todos por me verem de outra maneira. É verdade que já não me consideram tão louco?

— Claro que não — respondeu Isabel com suavidade. — Hoje você nos permitiu espiar o seu interior, compartilhar sua memória e sua dor. Garanto que, depois do que vivemos, nenhum de nós voltará a olhar para você com os mesmos olhos.

Os três profissionais assentiram em silêncio. Havia gratidão e respeito no ar.

Algum tempo depois, Ildefonso rompeu o clima solene com uma proposta simples, mas cheia de humanidade:

— Amigos... acho que nos cairia bem um café. Tenho uma pequena cafeteira no gabinete. Vocês querem?

— Eu topo — respondeu Sergio de imediato, olhando para Isabel com cumplicidade. — Tenho certeza de que minha amiga também.

— Claro — assentiu ela com um sorriso.

Foram até o gabinete e, ao redor de uma mesa modesta, compartilharam a bebida quente que fumegava nas xícaras. O aroma do café impregnou a sala, trazendo uma sensação

de normalidade depois de tantas emoções extraordinárias.

— Você não imagina como me alegra que tenha vindo — disse Sergio a Isabel. — A sua presença foi decisiva, como sempre.

— Obrigada a você por confiar em mim, meu amigo — respondeu ela. — Sei o quanto este caso era difícil. Mas o que vivemos hoje me confirma que valeu a pena ter vindo. Ildelfonso, dando um gole lento, comentou em tom quase filosófico:

— No fim, a gente nunca para de aprender. Achei que, na minha idade e às portas da aposentadoria, já tivesse visto quase tudo, mas hoje... hoje vou para casa com uma nova lição debaixo do braço. É curioso como o extraordinário pode irromper no cotidiano sem aviso prévio. Negar o que vimos seria covardia. Vamos observar com cautela, ajustar o que for preciso e cuidar dele. Hoje não saio com certezas; saio com trabalho. E com respeito.

Isabel o olhou com deferência.

— Nunca é tarde para abrir a mente, doutor. Nunca.

— Creio que, se precisarmos, poderemos contar com a senhora novamente.

A médium sorriu, assentindo em silêncio. Naquele dia, a conversa prosseguiu entre goles de café, como se o que viveram com Martín tivesse tecido um laço invisível entre os três. Para além do científico e do espiritual, para além do explicável e do inefável, o que haviam compartilhado era, simplesmente, humano.

— Jamais me negaria a socorrer alguém que precisasse da minha ajuda neste campo de atuação — respondeu Isabel com serenidade. — Para mim, recusar o próximo seria como me negar a mim mesma; iria contra tudo em que

acredito e contra os meus próprios valores. Estou à disposição de vocês. Sabem que disponho de tempo e que nada me alegra mais do que colaborar nessa tarefa que vocês levam adiante: acompanhar quem mais precisa.

Ildefonso confirmou com gratidão e, após uma breve pausa, insistiu:

— Antes que a senhora se retire, gostaria de pedir algo. Poderia me fazer um pequeno resumo da situação? Quero conservá-lo na memória e tê-lo presente quando chegar a hora de tomar decisões sobre Martín. Será um privilégio ouvi-la, Isabel.

A enfermeira entrelaçou as mãos sobre a mesa. Seus olhos se fecharam por um instante, como se buscasse a melhor forma de ordenar o que recebera. Quando falou, sua voz saiu pausada, com a cadência de quem traduz impressões mais do que palavras.

— Veja, doutor. Quando Rafael me transmite dados de alguém, não se trata apenas de uma descrição fria ou de frases soltas. O que fica em mim é mais fundo: emoções, imagens, cenas que se gravam como se fossem minhas lembranças. É como sentir a vida da outra pessoa por dentro, atravessar a linguagem verbal e testemunhar o que aquela alma experimentou. É isso que me acontece com Martín.

— Meu Deus... — sussurrou Ildefonso, com um gesto de assombro iluminando o rosto. — A senhora me surpreende cada vez mais. É, Isabel, uma verdadeira caixa de surpresas. Sergio, atento aí, que quatro ouvidos escutam melhor do que dois.

O psicólogo sorriu de leve, assentindo.

— Vamos ouvir, chefe.

Isabel prosseguiu, agora com um timbre mais solene, que encheu a sala como um eco envolvente:

— Pensem bem, amigos. O caso de Martín não é um caso isolado. Quantos homens e mulheres estarão agora mesmo vivendo provas semelhantes? Quantas vidas arrastam feridas invisíveis de outros tempos? Este planeta, infelizmente, ainda é marcado pelo predomínio do mal sobre o bem. E nós viemos aqui, a este presente, para resgatar ações indignas que arrastamos de ontem.

As palavras fizeram Sergio prender a respiração, com receio de interromper aquela vibração.

— Imaginem — continuou Isabel — um país dividido por uma guerra fratricida, com irmãos matando irmãos, com sangue derramado em cada esquina. A Espanha viveu isso. E essas feridas, vistas do alto, ainda latejam na alma de milhares de espíritos. Como nos surpreender, então, que surjam existências como a de Martín? O dele não passa de uma faísca dentro de um incêndio maior.

Ela fez uma breve pausa. O silêncio era tão intenso que até o zumbido distante de uma lâmpada parecia audível.

— Ainda assim, Deus não esquece nada — acrescentou com firmeza. — Nem um detalhe escapa ao Seu olhar. Tudo é regido por uma justiça perfeita, a lei de causa e efeito. E essa justiça não pode se esgotar no espaço de uma única vida. Precisamos de séculos e reencarnações para tecer e desfazer os nós de nossas relações, para reparar os danos e transformar a inimizade em fraternidade.

Ildefonso, embora cético por formação, não pôde evitar um gesto de respeito enquanto alinhava, pela enésima vez, um peso de papel de vidro no canto exato de uma das pastas. Havia na voz de Isabel uma convicção que desarmava

qualquer resistência.

— No caso de Martín — prosseguiu a mulher —, seu presente é fruto de um passado escuro. Sua alma se forjou na violência, na inveja, no egoísmo feroz. E essa semente trouxe a colheita de dificuldades em que ele nasceu agora: uma mãe presa à prostituição, marcada pelo álcool e pelo desespero, que por fim escolheu a morte. Tudo isso configurou o cenário de sua redenção.

Os olhos de Sergio brilharam com lágrimas contidas.

— Era o seu itinerário — explicou Isabel. — Aprender em meio à dor, enfrentar obstáculos um após o outro até compreender, enfim, o sentido profundo da existência. Sim, ele sofreu como poucos: orfanatos, hospitais, solidão, incompreensão. Mas até a tormenta mais longa encontra seu fim. O amor de Deus não permite que uma alma permaneça eternamente na escuridão.

Fez uma pausa, respirou fundo e acrescentou com doçura:

— E então... sopram ventos de ajuda. Nós, hoje, fomos parte desse sopro. Pequenos peões num tabuleiro maior, mas decisivos para indicar a Martín que há uma porta aberta. Agora é ele quem deve atravessá-la.

Ao terminar, abaixou lentamente a cabeça, como se o peso das palavras ainda vibrasse por dentro.

Sergio não conseguiu se conter.

— Meu Deus, Isabel... — disse com a voz embargada. — Você me fez chorar.

— Não sou eu, querido — respondeu ela com suavidade. — São as vozes que me alcançam do além. Eu apenas transmito.

— Impressionante... — murmurou Ildelfonso, comovido.

— Está dizendo que isso vem de antes?

— Digo que, às vezes, as contas não fecham em uma só vida — respondeu Isabel, fitando-o. — Chame de lei de causa e efeito, se preferir.

— E a prova?

— A fenda apareceu hoje: confissão, emoção e cessação do ataque depois de pedir ajuda. Isso não é provocado por um manual.

— Poderia ser sugestão...

— Anote como hipótese — disse ela. — E, enquanto isso, olhe para Martín. Observe o tremor fino das mãos, a queda do tônus muscular, a respiração: algo mudou.

— Sinto um nó na garganta — acrescentou o diretor. — Eu me pergunto o que será agora de Nicasio.

Isabel ergueu o rosto devagar e o encarou com calma.

— Ainda é cedo para saber. Mas digo algo a vocês: quem odeia também sofre. O rancor não fere apenas quem o recebe, mas, primeiro, quem o abriga. Nicasio estava queimado por dentro; o desejo de vingança o devorava. E isso já é um castigo em si. Não duvidem de que ele receberá ajuda. Os bons espíritos, Rafael entre eles, o assistirão para que deixe essa obsessão para trás e possa avançar. Talvez até volte antes do que imaginamos à vida física, em um novo corpo. Porque a evolução não para: ela sempre impulsiona, aqui e além, em todos os planos da existência.

O silêncio voltou a se impor. Ninguém sabia o que acrescentar. As palavras de Isabel haviam deixado um rastro de emoção, como um incenso invisível que impregnava o ambiente.

Por fim, a mulher concluiu com suavidade:

— Amigos, tenhamos esperança. Hoje foi um dia-chave. Semeamos. Agora é esperar que a alma de Martín decida florescer.



## A LUZ DO PERDÃO

“Um grão de amor pesa mais do que todas as colheitas do rancor.”

Passaram-se várias semanas. O ambiente em Los Girasoles tinha se tornado mais apaziguado, como se um peso invisível tivesse sido retirado dos corredores e das rotinas diárias. Martín, cada vez mais sereno, experimentava uma melhora evidente. A intervenção de Isabel, a médium, marcara um divisor de águas: sua conduta estava mais estável, menos atormentada. Os profissionais, confiantes na evolução, iniciaram uma redução gradual da medicação que durante anos havia sido sua âncora: antipsicóticos, ansiolíticos. Pela primeira vez em muito tempo, Martín sentia que a âncora química que o mantinha de pé começava a se desfazer e, com ela, nascia um tímido otimismo.

Naquela tarde, estava em seu quarto. Sentado na cama, encostado na parede, devorava com concentração mais um dos livros de filosofia budista que se haviam convertido em seu refúgio e guia. A calma era quase palpável quando, de repente, uma sombra projetou-se ao seu lado. Um arrepio percorreu-lhe as costas. Fechou os olhos com força, como se negar-se a ver pudesse conjurar o que intuía.

— Não pode ser... não agora... deve ser um truque da minha mente, uma ilusão provocada pela retirada dos comprimidos.

Então, uma voz inconfundível rasgou o silêncio:

— Como você está, Martín? Quanto tempo sem notícias suas!

O coração do jovem disparou. Sentiu a urgência de fugir, mas não havia escapatória. Cobriu a cabeça com o travesseiro, buscando a escuridão.

— Não, não, você outra vez, não... eu imploro, não me persiga — balbuciou entre soluços. — Perdão, perdão infinito, já lhe disse. Eu já quase tinha me esquecido de você! Por que agora? Por que aqui? Isto não é real... é só uma alucinação, nada mais... um resíduo químico da redução. Você já não existe, Nicasio... não existe!

O quarto virou um vazio gelado. O silêncio pesava como chumbo. E, no meio daquela quietude, a voz insistiu, mais clara:

— Mas, homem, acalme-se. Ainda bem que, depois de tanto tempo, você ainda me reconhece. Foram anos demais ao seu lado, Martín, como se eu fosse a sua sombra. Vamos, pare de se esconder sob o travesseiro, parece uma criança assustada. Levante o rosto! Eu não sou o diabo, embora você me trate como se eu fosse.

Martín tremia. Sua respiração era entrecortada. Lentamente, afastou o travesseiro e, com os olhos úmidos, fitou aquela presença.

— Tudo o que é bom para você — murmurou num fio de voz — sempre acaba sendo a minha condenação.

Nicasio sorriu, ou foi isso que Martín julgou perceber naquela figura ambígua.

— Você se engana. Hoje não vim para torturá-lo. Hoje quero trazer notícias... boas para nós dois.

— Boas? — arqueou as sobrancelhas, incrédulo. — Que jogo é esse? Sempre que você fala em “boas notícias” é porque me espera algo pior.

— Desta vez, não — replicou a voz, com uma calma incomum. — Escute-me, porque vai lhe custar acreditar: graças a você, Isabel veio até aqui... e, com ela, aquele espírito sábio, Rafael.

Martín o olhou, desconcertado.

— E o que é que isso tem a ver com você?

— Tudo. Foi ele quem me acalmou. Deixou-me num estado de sopor e, pela primeira vez em anos, parei de sentir raiva. Eu ouvi tudo: a história do nosso passado, a mediação, as palavras de Isabel. E, quando a reunião terminou, Rafael não foi embora. Ficou comigo.

Martín o observava com uma mistura de medo e curiosidade.

— E...?

— E então aconteceu o inesperado: ele me ofereceu uma viagem. Pediu que eu o acompanhasse a um lugar que eu desconhecia. Eu... aceitei. E, acredite ou não, nunca me senti tão em paz.

Um arrepio percorreu o jovem. Endireitou-se na cama, confuso, com os olhos muito abertos.

— Uma viagem? Você... você aceitando um convite? Quando o único que você desejava era me atormentar...

— Eu sei. Parece impossível. Mas aquela cidade... — a voz tornou-se mais grave, quase emocionada — aquela cidade não era como nenhuma outra.

Martín, que até então estava na defensiva, não pôde evitar inclinar-se para a frente, intrigado.

— Que cidade? — perguntou, com um traço de ansiedade na voz.

A resposta chegou após um breve silêncio que pareceu eterno:

— Isso não importa agora. Você não vai acreditar, Martín. Mas lá me encontrei com alguém que você jamais imaginaria. Contarei depois. — respondeu Nicasio, com uma calma desacostumada. — Deixe-me ir em ordem; não quero esquecer nenhum detalhe.

Martín, ainda desconfiado, assentiu em silêncio. A voz daquele velho adversário já não soava como antes: perdera a aspereza cortante de outras ocasiões e havia nela um matiz de sinceridade que o desarmava aos poucos.

— Houve uma longa conversa com esse tal Rafael — continuou Nicasio. — Com uma paciência infinita, ele me instou a deixar para trás os meus ódios, a soltar a corrente da minha obsessão por você. As palavras dele, Martín, não eram como as suas ou as de qualquer mortal: tinham uma autoridade moral que não admitia réplica, um peso sereno que me atravessava como se a voz viesse carregada da própria substância da verdade.

Martín o escutava com o cenho franzido, sem saber se aceitava ou não aquela confissão.

— Embora lhe custe acreditar — prosseguiu Nicasio —, pela primeira vez em muito tempo senti que eu podia ser diferente. Já não era o monstro do rancor. Descobri-me leve, invadido por uma placidez que jamais havia experimentado. O ódio que durante anos me devorou foi se desfazendo como névoa ao sol. Já não me acorrentava

aquele grito selvagem que surgiu em mim ao saber que foi você quem ordenou a minha morte. Rafael evitava os trechos sombrios do passado e, com a sua serenidade, ensinava-me a olhar para a frente. Entendi que existia outra maneira de viver o tempo: não como prisão, mas como caminho.

Um lampejo de alívio cruzou o rosto de Martín.

— É muito bonito tudo o que você conta — disse com um suspiro. — Embora eu tema que esse tipo de cidade não exista neste mundo. Mas, se essa experiência serviu para pôr fim às visitas e ao assédio que sofri por tantos anos, bendito seja Deus. Isabel foi um anjo para mim.

— Exato, Martín — Nicasio inclinou-se levemente, como querendo aproximar-se do antigo inimigo. — Por isso hoje estou aqui em sinal de paz.

O jovem o fitou com incredulidade, mas os olhos se lhe umedeceram.

— De verdade? Já não haverá vinganças? Já não haverá sombras espreitando as minhas noites?

— Assim é — replicou Nicasio com solenidade. — Você me pediu perdão de coração e eu, graças a Rafael e àquela visão de futuro, entendi que a indulgência é o único caminho. Afastei as cortinas da minha cegueira e agora quero abraçar a luz.

Martín caiu de joelhos, com as mãos unidas num gesto de gratidão.

— Meu Deus... hoje eu acredito em você. Sinto dentro de mim uma voz dizendo que suas palavras são verdadeiras. Acabou o pesadelo!

— Acabou, irmão. Para sempre. Se algum dia eu voltar, será para lhe trazer alegria, nunca tormento. O ódio me

consumia, prendia-me a um mundo que já não era meu. Rafael mostrou-me o absurdo de continuar acorrentado ao rancor e convidou-me a despir aquelas roupas enegrecidas para vestir apenas uma túnica branca feita de amor.

O peito de Martín se expandiu com um alívio que não lembrava ter sentido desde a infância.

— A sua alegria é a minha, Nicasio. A partir de agora, o que você viveu será também a minha lição de vida.

Nicasio assentiu, e sua voz ganhou um tom mais grave, carregado de emoção.

— E, ainda assim, Martín, você não sabe o melhor. O mais grandioso estava por vir.

Martín o fitou, expectante, com o coração acelerado.

— O que poderia haver mais belo do que o que você acabou de me contar?

— Quando Rafael terminou o seu discurso esclarecedor, levou-me até um parque imenso. Pradarias verdes, um lago cristalino que refletia o azul do céu, uma calma que me inundava por dentro. Disse-me: “Aguarde, logo chegará alguém que reforçará a sua decisão de mudar para sempre”.

O pulso de Martín acelerou. Uma intuição atravessou-o como um raio.

— Meu Deus... não pode ser!

— Sim — disse Nicasio, com um brilho impossível de descrever. — Você viu no meu pensamento. Aquela silhueta luminosa aproximava-se e a minha alma a reconheceu antes dos meus olhos.

Martín sentiu um nó fechar-lhe a garganta.

— Carmen! — exclamou, com voz quebrada, porém serena.

Nicasio fechou os olhos, como para recriar aquele instante eterno.

— Ela, Martín. A mais bela acolhida da minha existência. Corri até ela como uma criança. Abraçamo-nos, e então soube que até o tempo obedece à vontade do amor de Deus. Não há palavras, não existem livros suficientes para descrever o que senti ao reencontrá-la. Foi como resgatar o pedaço mais sagrado da minha vida.

Com lágrimas nos olhos, Martín apenas conseguiu murmurar:

— E... o que vocês disseram um ao outro?

Nicasio sorriu, trêmulo.

— Houve palavras, sim. Mas o essencial foi a linguagem das emoções. Ela já havia sido esclarecida nas aulas daquela cidade de luz. Suas frases eram bálsamo, cada uma destinada a curar as minhas velhas feridas e a abrir o meu coração para a esperança. Foi então que entendi que jamais voltaria a você com ódio. Só com paz.

Um silêncio reverente envolveu o quarto, como se até as paredes escutassem.

— E, no fundo, qual foi esse sentido? — perguntou Martín, com a voz entrecortada, temendo a resposta e ansiando por ela ao mesmo tempo.

Nicasio guardou alguns segundos de silêncio, como se buscasse ordenar as peças de uma lembrança sagrada.

— É curioso — respondeu por fim. — Durante a sua estada naquele lugar, Carmen pediu por mim... e por você. Em partes iguais, Martín. Imagine até que ponto chegava a grandeza do seu espírito. Enquanto eu me consumia na fogueira da vingança, ela lapidava a própria alma até deixá-la resplandecente. Enquanto eu vivia acorrentado ao

ódio, ela investia cada instante em elevar-se com paciência e ternura. Tudo é justo na casa de Deus, mas eu me obstinei no erro: desperdicei meus anos alimentando ressentimentos e esqueci a paz. Agora eu sei com certeza. Ela, ao contrário, depurou o seu ser num grau que ainda me comove ao recordar.

Martín baixou a cabeça. Um tremor percorreu-lhe as mãos.

— Como eu não ouviria as suas mensagens de compaixão?  
— continuou Nicasio, em tom emocionado. — Eram tão claras, tão luminosas e, no entanto, eu as ignorei por tanto tempo... porque a verdade é que, muitas vezes, as vozes do amor ressoam fortes, mas somos nós que fechamos os ouvidos. E eu os fechei, Martín, até quase me condenar. Perdi anos demais perseguindo você a partir da minha própria escuridão. Mas, quando cheguei àquela cidade e me debrucei na janela para olhar o céu, entendi que eu não queria voltar nunca mais à caverna do meu ódio.

Martín respirou fundo. Pela primeira vez, não percebia ameaça naquelas palavras, mas uma brisa fresca que lhe acariciava o coração.

— Estou começando a aceitar, Nicasio. O que você me conta... é maravilhoso. E, quando chegar a minha hora de deixar esta vida, quando eu cruzar essa fronteira do sofrimento, desejaria viver algo parecido com o que você viveu.

Nicasio olhou-o com ternura.

— Claro que sim, Martín. O Criador não abandona nenhum dos seus filhos. Carmen me assegurou que as orações sinceras, as que brotam do coração, sempre chegam ao destino. Peça com fé, e se cumprirá. Eu comprovei.

Um arrepio percorreu o jovem.

— Entre outras coisas — prosseguiu Nicasio —, Rafael explicou-me que a sua missão é guiar as almas que desejam dar um novo sentido às suas vidas, aqueles que querem mudar a própria trajetória. Foi justamente nesse momento que senti um amanhecer abrir-se em mim. Sabe? A noite é mais fria pouco antes da aurora. Eu estava esgotado de tanta raiva, de tanto rancor, e me rendi. E, ao render-me, a luz penetrou no meu coração. Descobri que um grão de amor pesa mais do que a colheita inteira do ressentimento. Essa foi a minha revelação.

As lágrimas voltaram aos olhos de Martín.

— Nicasio... não sei o que dizer. Só me resta agradecer por você ter partilhado tudo isso comigo. E por ter conseguido se reencontrar com Carmen... eu mesmo, com os meus atos, arranquei essa alegria da sua vida. Conforta-me que enfim a tenha recuperado, ainda que em outro plano.

— Carmen também falou de você — acrescentou Nicasio, com voz grave. — Confessou-me que aceitou casar-se com você porque se sentia só, desamparada após a guerra. Não havia me esquecido, mas precisava sobreviver. Com o tempo, encontrou em você companhia, apoio, até ternura. Era uma mulher bendita, Martín, feita de sacrifício e compaixão. Você jamais lhe revelou que foi quem ordenou a minha morte, porque sabia que ela romperia com tudo. Quando ela cruzou para o mundo espiritual, soube do ocorrido. E, ainda assim, não guardou contra você a menor sombra de ressentimento.

Martín levou as mãos ao rosto, aturdido.

— Meu Deus, quanta nobreza!

— É isso — assentiu Nicasio. — O amor só desprende luz. Carmen não tinha espaço em sua alma para a escuridão. Ela atravessou o meu coração com seus sorrisos, com a lembrança do nosso vínculo sagrado. Foi a última ferida e a mais bela: a que abriu a minha consciência para sempre. Rafael deu-me razões, sim, mas foi Carmen quem me deu asas.

O silêncio no quarto era solene, como se até o ar escutasse.

— Por isso, Martín — disse ele, com um fulgor na voz —, agora só aspiro a amar. A deixar-me ensinar por ela. Sonho alcançar, um dia, a grandeza do seu espírito. A misericórdia divina concedeu-me outra oportunidade e eu não pretendo desperdiçá-la.

Martín o olhou, comovido até a raiz.

— Nicasio, a sua metamorfose também é a minha. Ouvir você me impulsiona a confiar, a pensar que Deus me permitirá reparar o dano. Já não vejo um carrasco nem uma vítima. Vejo apenas dois irmãos aprendendo a caminhar.

— Assim é, irmão — concluiu Nicasio, com emoção contida. — Despeço-me agora. Anseio voltar para junto de Carmen. Levarei as suas lembranças. Ela ficará feliz em saber que você também abriu o coração para a esperança.

E, pouco a pouco, como um desenho que se desfaz na água, a figura de Nicasio foi se desmanchando no ar até desaparecer.

Martín ficou de pé, com lágrimas correndo pelas faces. Instintivamente, estendeu os braços, como se quisesse abraçar um corpo invisível. E, nesse gesto, compreendeu que ele também havia sido libertado. Em seus ouvidos ressoou um último eco:

“Lembre-se, pode ser que um dia eu volte a visitá-lo, sozinho ou na companhia de Carmen. Mas sempre em sinal de paz e sob as ondas do amor.”

Martín fechou os olhos e respondeu em silêncio, com todo o seu ser:

“Vá em paz, irmão. Obrigado pela sua compaixão. Liberto-me da vítima do presente e do carrasco de outrora. Siga o seu caminho, e que Deus nos ampare.”

## MISSÃO IMORTAL

“Cada existência é um ensaio para a próxima, e em todas, o amor permanece como guia.”

Transcorreram alguns meses. Aproximava-se a data em que se completaria um ano desde o dia em que Martín fora encaminhado do hospital psiquiátrico para Los Girasoles. Um ano inteiro. Doze meses que, embora parecessem poucos ao contá-los, continham para ele a densidade de uma vida inteira. Muita coisa havia mudado desde então: sua mente, antes um labirinto escuro e povoado de sombras, começara a iluminar-se; seu coração, antes preso pelo medo e pela incompreensão, agora batia com uma serenidade renovada.

Aquela manhã estava destinada a ser especial. Isabel — a enfermeira aposentada que tanto contribuía, com dedicação e ternura, para a melhora do rapaz — combinara com Sergio e com o próprio Martín um passeio pelo centro de Madrid. Era um plano simples, quase cotidiano, mas carregado de simbolismo: caminhariam pelas ruas comerciais, perder-se-iam entre vitrines, escutariam o murmúrio da cidade viva. Depois visitariam o Parque del Retiro, onde se permitiriam a calma de remar um barco no lago, como se o tempo tivesse parado. E, por fim, encerrariam o dia em um restaurante,

compartilhando mesa, alimento e conversa: três amigos celebrando a vida.

A manhã corria mansa, até que, por volta da uma da tarde, aconteceu o imprevisto. Muito perto da Puerta del Sol — aquele quilômetro zero de onde partem todas as estradas da Espanha e que vibra sempre com a multidão e o ruído do tráfego —, um grito dilacerante rompeu a rotina.

Martín foi o primeiro a perceber. Levantou os olhos e distinguiu, no terceiro andar de um prédio próximo, uma menina de uns dez anos, pedindo socorro na sacada estreita. As mãos agitavam, desesperadas, um lenço, enquanto a voz, enfraquecida, mal competia com o rugido dos carros. Isabel e Sergio, alertados, seguiram o olhar do rapaz e confirmaram, horrorizados, a cena: uma fumaça negra saía pelas janelas e, por trás da pequena, adivinhavam-se as línguas inclementes do fogo.

O quadro era de cortar a alma. Encurralada pelo incêndio que devorava o interior do apartamento, a menina refugiara-se na minúscula varanda como num último bastião. Suas alternativas eram dilacerantes: esperar que o fogo a alcançasse em questão de minutos ou lançar-se daquela altura, queda quase certa rumo à morte. O tempo corria como inimigo implacável. De vez em quando, a criança se levantava, olhava para baixo e, ao ver a distância até o chão, encolhia-se de novo, tremendo de pavor.

Martín sentiu o coração rasgar-se a cada alarido. Não suportava. Fechou com força os olhos, como se quisesse bloquear o som que penetrava o mais fundo do seu ser, mas o eco dos gritos era mais potente do que qualquer tentativa de fuga. Então, sem pensar, impelido por um instinto heroico que não admitia demora, saiu correndo.

Atravessou a rua decidido, empurrou a porta do prédio e começou a subir as escadas de dois em dois. A fumaça já impregnava o ar. Ao chegar ao terceiro andar, uma imagem macabra o deteve por um instante: o corpo enegrecido e imóvel de uma mulher jazia à entrada do apartamento, com a porta entreaberta. Martín intuiu de pronto o que ocorrera. Provavelmente era a mãe da menina, que, num primeiro momento, tentara fugir do fogo, mas, ao ouvir os gritos desesperados da filha, voltara para resgatá-la. A fumaça tóxica, abrasadora, roubara-lhe a consciência antes de alcançar a meta. Ficara ali, prostrada — vítima do amor e do sacrifício.

Mal teve tempo de estremecer. Lembrou-se então, como faísca na memória, do volume vermelho que vira pendurado na parede do segundo andar: um extintor. Correu escada abaixo, arrancou-o do suporte e, ofegante, voltou ao piso em chamas. Puxou a trava de segurança e descarregou a espuma contra as labaredas. O rugido do fogo amorteceu por breves instantes — o suficiente para abrir um corredor de oportunidade. O ar era denso, tóxico, irrespirável. O rapaz mal via, mal respirava, mas avançava decidido rumo à varanda onde a menina chorava.

Com mãos trêmulas, tirou a própria camiseta e a colocou sobre a boca e o nariz da pequena para filtrar a fumaça. Arrastou-a até a saída, mas, a poucos metros do patamar, as forças começaram a faltar. Tropeçou em algo no chão, caiu pesadamente e, naquele instante, soube que não se levantaria mais. A negridão tomou-lhe a mente. Com o último fôlego, gesticulando, ainda conseguiu dizer: — Fuja... escape... salve-se!

A menina obedeceu. Desceu as escadas correndo, ofegante, enquanto a fumaça engolia a figura do seu salvador.

Um silêncio terrível apoderou-se do andar. Sem saber disso, Martín não rastejara rente ao chão; ele correrá, inalando sem proteção os gases tóxicos. A nuvem envenenada penetrara nos pulmões, fechando para sempre a consciência. Quando os bombeiros irromperam minutos depois, nada mais havia a fazer. Só puderam constatar a morte.

O jovem que suportara tantos infortúnios, tantas incompreensões e rejeições, aquele que sonhava enfim viver uma vida normalizada, entregara a própria no ato mais nobre e belo que o destino pode aplaudir: salvar um inocente.

E, no entanto, aquilo não foi o fim.

Quando despertou — se é que se pode chamar “despertar” a essa experiência —, encontrou-se cercado por um nevoeiro espesso, como se a memória se dissolvesse em sonho. E ali, através do véu, contemplou uma cena inconfundível: Isabel e Sergio estavam em um cemitério, rezando por ele, lembrando, com lágrimas e gratidão, o jovem de quem acabavam de se despedir no enterro. Martín compreendeu então que deixara para trás o mundo material.

Passou-se um ano desde o trágico acontecimento. Numa manhã, Isabel, na solidão de casa, tirou o telefone do gancho e discou. Do outro lado, respondeu a voz de Sergio.

— Ah, é você? Como está?

— Muito bem — disse ela, com a voz serena. — Ligo porque tenho uma notícia importante. O espírito que sempre caminha comigo, Rafael, trouxe-me uma novidade que você vai querer conhecer.

— Puxa. E do que se trata? — perguntou Sergio, com curiosidade crescente.

— Pois veja, vou esclarecer — havia um sorriso na voz. — Se você vier à minha casa, alguém que você conhece muito bem vai se apresentar aqui. Consegue imaginar quem seja?

O psicólogo sentiu um arrepio.

— Claro que sim, amiga. Irei à sua casa. Aliás, pelo tom da sua voz eu já desconfio. Será que se trata do bom do Martín? Meu Deus, até o coração se acelerou!

— Acertou. Viu? A sua intuição está funcionando muito bem. Sabia que se alegraria com a notícia. Creio que já faz um ano que ele se foi.

— Sim, por aí. Que emoção, Isabel!

— Você sabe como isso funciona. Estamos falando de um espírito, alguém que deixou aqui o envoltório de carne e agora continua a vida, ainda que de forma imaterial. Rafael o trará à minha presença e, então, Martín se incorporará através de mim, e você poderá falar com ele diretamente. Ele se manifestará pela minha voz.

Sergio fechou os olhos por alguns segundos, tomado pela emoção.

— Meu Deus, que grande oportunidade: poder saber como lhe têm ido as coisas, como está de ânimo, o que pensa de tudo o que aconteceu com a sua existência.

— Bem — prosseguiu Isabel serena —, vejo você com o ânimo em alta e com muita vontade de se reencontrar com alguém com quem desenvolveu um vínculo forte, para

além de uma mera relação entre psicólogo e paciente. Você estará ansioso para conhecer o testemunho dele, para saber como as coisas lhe correram e que planos tem para o futuro imediato.

— Está claro que sim. Para mim, será uma data importante, cheia de emoções e de ânsia de conhecimento.

— Para você e para mim também. Tenho uma imensa curiosidade em saber dele. É que nunca deixamos de aprender, e este encontro com certeza nos servirá de lição para conduzir nossas vidas de acordo com as informações que Martín nos oferecer.

— Sem dúvida. Pois bem, diga um horário do dia e eu estarei na sua casa num instante.

No dia seguinte, à hora combinada, um sorridente Sergio apareceu na casa de Isabel. Tocou a campainha e, ao abrir-se a porta, fundiram-se num abraço caloroso, conscientes de que o que iam viver era muito mais do que um simples reencontro.

— Veja, amigo — disse Isabel, já em tom solene. — O que vamos fazer é simples, mas preciso que você siga direitinho o procedimento. De acordo?

— Claro; vou seguir o que você indicar. Quero colaborar para que a comunicação saia da melhor forma.

— Rafael está aqui e ficará atento a todo o processo para que transcorra bem. Com a ajuda e o conhecimento dele, a troca será harmoniosa e esclarecedora. Martín precisará das suas explicações e assim se sentirá amparado para se manifestar. Sente-se confortavelmente naquele sofá e eu me sentarei bem à sua frente, para que possa me ver e estar consciente da comunicação. Ele se aproximará de mim e, então, ocorrerá a nossa troca de energias, o que permitirá

que a voz dele se incorpore às minhas cordas vocais. Em outras palavras, eu serei a sua porta-voz. Assim você poderá conversar com o seu bom amigo e fazer as perguntas que desejar.

Sergio engoliu em seco, esfregando as mãos.

— Estou ansioso para começar.

— Claro que sim. Tire as suas dúvidas. Garanto que tudo o que ele disser será fruto da sua experiência no além, esse plano que, para Martín, é agora a sua realidade autêntica e onde habita. Pense: algum dia acontecerá conosco; isto é apenas um prenúncio do que nos espera. A vida continua; aqui estamos de passagem. Bem, você já sabe disso, porque nós nos conhecemos há anos. Fico imensamente feliz por... por um momento, ser o canal da sua manifestação. Não tenha temor, Sergio. Não se esqueça de que estarei sabendo de tudo o que ele lhe contar; portanto, quando encerrar o diálogo entre vocês, poderemos conversar longamente sobre o que for dito aqui.

— Não tenho a menor dúvida do que você disse. Se você está preparada, eu também estou.

— Perfeito. Agora vou me sentar, ficar confortável e fazer algumas respirações profundas para relaxar. Trata-se de nos colocarmos nas melhores condições para favorecer a aproximação dele, para que me veja como o veículo adequado. E, claro, confio em você e no seu profissionalismo; por isso deixo a iniciativa de conduzir a conversa e de fazer as perguntas que considerar oportunas — explicou Isabel, com a serenidade que irradiava sempre que falava desses assuntos.

Sergio assentiu, acomodando-se no sofá. A atmosfera do cômodo tornou-se solene. As cortinas, fechadas pela

metade, deixavam passar uma luz difusa que parecia envolver tudo com um halo sobrenatural. O silêncio era tão profundo que o próprio psicólogo pôde ouvir o batimento acelerado do seu coração. Sentiu uma leve pressão nos ouvidos.

Passou aproximadamente um minuto — um lapso que, para Sergio, pareceu eterno —, até que, de repente, um timbre familiar, inconfundível, encheu a sala. Era a voz de Martín, vibrando para além do tempo e da morte.

— Saudações do fundo do meu coração para você, Sergio, e para você, Isabel. Obrigado por me darem esta oportunidade de contato, algo que também devo a Rafael, cuja ajuda me permitiu estar presente hoje. Sem ele, este encontro não teria sido possível. É para mim uma alegria imensa voltar a reunir vocês, compartilhar este instante com os meus amigos queridos que ainda permanecem na vida terrena que eu já deixei. Você, Sergio, guia e psicólogo na Terra, devo-lhe tanto que não encontro palavras suficientes para expressar. E você, Isabel, com a sua generosidade ao me emprestar seus fluidos, permite-me desfrutar deste momento de serenidade e alegria. Obrigado por me acolher e por me deixar manifestar livremente.

A voz, carregada de emoção e reconhecível de imediato, rasgou Sergio por dentro. Ele não pôde evitar que os olhos se enchessem de lágrimas. Era o timbre inconfundível de seu paciente, o mesmo que tantas vezes ouvira em seu consultório, com suas dúvidas, seus medos, suas perguntas. Respirou fundo, secou as faces e, com esforço, recompôs-se. Aquilo era grande demais para se deixar dominar pela emoção: era o momento de dialogar com ele.

— Eu só posso dizer, Martín — balbuciou o psicólogo, nervoso —, que, se eu tivesse podido fazer algo para salvar você, teria feito; mas sinto-me tão feliz por ouvir a sua voz, que não é senão o testemunho do além, dessa realidade que tantos não alcançam ou da qual muitos fogem, mas que está aí, ao nosso lado, como a sua presença hoje nos demonstra. Agradeço desde já, porque tenho certeza de que o que vai nos revelar nos permitirá aprender com o seu caminho de vida para melhorar. Com as suas informações, você nos ajudará a continuar o nosso projeto de transformação.

A resposta do jovem espírito veio calma e doce:

— É disso que se trata, meu bom amigo. Estamos vivos, e a vida, em suma, estejamos onde você está ou onde eu agora me encontro, não deixa de ser o que expôs: uma exposição infinita a uma multidão de provas em que vamos aparando as nossas arestas até alcançar a perfeição do mais puro diamante. Ainda nos falta muito, Sergio, mas, a cada aresta que desaparece, grande é a alegria no céu e a felicidade torna-se o eco da nossa alma a cada passo superado.

Sergio ficou absorto. Não era só a voz: era o pensamento de Martín, o tom, aquela maneira tão peculiar de se expressar.

— Você nunca deixa de me surpreender, Martín. Por um lado, creio que você não mudou muito. Percebo aquele tom tão original com que se expressava quando estava em Los Girasoles e conversávamos. Por outro lado, noto um fundo de seriedade, como se você tivesse amadurecido neste último período desde que nos deixou. O que há de verdade nisso tudo?

— Assim é — confirmou Martín com serenidade —. Tudo o que você observar ou ouvir de mim não será mais do que a consequência natural da passagem do tempo e, especialmente, do trabalho pessoal realizado. Mudei à medida que fui entendendo e aprendendo coisas, e nisso sigo: muito trabalho no meu interior para acelerar o meu avanço.

O psicólogo inclinou a cabeça, emocionado.

— Não nego, meu caro amigo. Aqui, neste plano — disse, apontando o dedo para o chão —, passou-se um ano desde que você partiu. Eu adoraria saber do seu percurso nessa nova fase que vem vivendo. Considere que Isabel e eu nos lembramos de você com muita frequência, sinal de que nos marcou profundamente. A nossa reflexão era muito clara: nos perguntávamos como você teria se saído no plano espiritual.

— Tenho tantas coisas para contar a vocês, guardo tantas lembranças, que nem sei por onde começar. Em todo caso, vou procurar seguir uma ordem, para atender à verdade do ocorrido, desde a minha saída daquele apartamento onde houve o incêndio até o momento presente, quando, graças a Rafael, me permitiram entrar em contato com vocês. Creio que lhe parecerá bem, não é?

— Parece-me uma ideia das mais razoáveis. Que vontade de ouvir a sua aventura! — respondeu Sergio, inclinando-se para a frente no assento.

— Você se lembra da nossa despedida, pouco depois de eu me asfixiar naquela casa e depois que vocês enterraram os restos do meu antigo corpo no cemitério?

— Claro que me lembro, Martín, como esquecê-la. Parece que foi ontem. Lembro-me dessa cena comovente à

perfeição.

— Bem. Movido pela curiosidade, e assim que percebi que podia continuar pensando e sentindo, segui aquele homem que havia surgido por trás de umas colunas que existiam entre as tumbas.

— Sim, é verdade. Lembro que Isabel aconselhou você, naquele momento, a seguir aquela presença. Tenho certeza de que ela percebeu que esse ser só pretendia ajudá-lo após o grande desconcerto que é deixar aqui o seu invólucro físico.

— Certo. As expectativas de Isabel se cumpriram por completo. Eu diria que, sem a ajuda daquele ser misterioso, tudo o que aconteceu depois não teria se produzido. Graças ao seu apoio, o que veio a seguir ganhou, para mim, um verdadeiro sentido.

— Ufa, não creio que exista fenômeno sem sentido nesse lugar em que você agora habita, Martín — expressou, convicto, o psicólogo.

— Assim é, sem dúvida. A sua boa intuição o guiou, meu amigo. Nada é ao acaso e tudo obedece a um propósito. Agora vou relatar, em detalhes, tudo o que aconteceu depois de encontrar aquele senhor e falar com ele frente a frente...

□□□□

A voz de Martín tornou-se evocativa, como se, nesse instante, a sala se abrisse para outra dimensão...

— Encantado em recebê-lo, Martín — afirmou o estranho com um largo sorriso de boas-vindas. — Veja, fui enviado até aqui para facilitar a sua adaptação, meu bom amigo. Não pense que todos os que acabam de sair do plano da matéria contam com esse privilégio.

— Bem, tudo isso é novo para mim e, para falar a verdade, sinto-me perplexo, senhor. Está tudo acontecendo tão depressa e de forma tão recente que eu nem sei o que será de mim.

— Em primeiro lugar, e em nome de todos aqueles que represento, quero lhe agradecer.

— Agradecer? Por quê? Eu é que me sinto grato por este encontro. Por alguns segundos, achei que ficaria sozinho e que não falaria com ninguém por muito tempo. Agora me sinto menos tenso e ansioso do que há pouco, quando me despedia dos meus amigos, que eu já tinha deixado para trás. Não é o mesmo abandonar um lugar e aparecer em outro, sem ideia do que vai acontecer, e encontrar alguém que o acolhe, o saúda como amigo e pode lhe fazer companhia nesses momentos incômodos de desarranjo.

— Sim, compreendo você. Disse “obrigado” porque não existe ação mais meritória na existência do que dar a própria vida pelo próximo, tal como você fez. Há um antigo dito que afirma: “quem salva uma pessoa salva o mundo inteiro”. No seu caso, a demonstração desse amor que trazia dentro foi tão palpável, tão potente, que se torna um exemplo para todos nós que acompanhamos o seu processo de evolução.

— Acompanhar? A minha evolução? — perguntou Martín, muito curioso. — Mereço tanta atenção... de não sei quem?

— Exatamente. Você, como tantos outros, merece. Todos temos a mesma natureza e somos regidos pelas mesmas leis. O que muda é a maneira como cada um utiliza o livre-arbítrio. Isso implica tomar partido e, como se sabe, decisões provocam consequências. Pode ser que hoje você esteja aqui e amanhã se encontre ali; sempre, porém, com a

mesma finalidade: o progresso. Para isso fomos criados como seres dotados de inteligência.

— Ufa, quanta coisa e quantos conceitos. Não quero me perder. Aliás, sem querer importunar... posso saber com quem estou falando?

O estranho riu de leve.

— Você tem toda a razão, e peço desculpas. Fiquei tão emocionado em recebê-lo depois do seu ato heroico que me esqueci de me apresentar. Já tive vários nomes, mas me chamam de Romano.

— Romano? Que nome estranho... enfim. Mas então... você foi testemunha da minha morte naquele incêndio horrível?

— Não se preocupe com termos estranhos — acrescentou Romano, com um sorriso afável. — Minha tarefa consiste em observar a vida das pessoas na Terra e acompanhá-las quando atravessam para o outro lado. É simples. Aliás, me chamam assim porque, durante séculos, estive muito vinculado àquela civilização que, ao longo do tempo, dominou todo o Mediterrâneo.

— Ah, começo a entender melhor. E esse “observar”... a que você se refere exatamente?

— Trata-se de uma tarefa na qual, se a pessoa demonstra interesse e aptidão, pode se especializar. De forma mais específica, eu me dedico a estudar e acompanhar o que uma pessoa faz — isto é, o seu comportamento quando está encarnada no planeta Terra, como foi o seu caso — e, depois, se for o caso, recebo-a após a sua “mudança” de residência. Entende?

— Acho que sim, Romano. Ainda é cedo para que o meu “cérebro” volte a funcionar a cem por cento. Por isso,

prefiro ir aos poucos até que as ideias se esclareçam.

— Cérebro? — replicou o estranho, sorrindo. — Você não possui mais nada disso, amigo. Seus antigos órgãos ficaram no túmulo. Agora, não lhe servem mais para nada.

— Mas sempre ouvi que a cabeça funciona porque temos um cérebro para pensar.

— Não duvido: isso vale durante a sua estadia na etapa física. Não lhe parece?

Martín levou a mão à testa, aturdido.

— Confirmo: não se trata de sonho nem de ilusão. Isto não é produto da sua imaginação. Você está plenamente desperto e consciente. O que ocorre é que ainda está sob os efeitos da mudança de fase, nada de que precise se preocupar. É um fenômeno extensível a qualquer criatura que passa da antiga existência na matéria à vida no plano espiritual.

— Certo, combinado. Eu “morri”; essa é a verdadeira causa da confusão.

— Sim, mas fique tranquilo — assegurou Romano, com voz cálida e firme. — Não vai demorar para recobrar completamente a normalidade. Em pouco tempo, você verá e aqui vai a boa notícia: poderá raciocinar em perfeitas condições, embora careça do seu velho cérebro.

— Sim, vou procurar estar consciente disso. Se habito este novo lugar, é porque sou um autêntico espírito e já não preciso da antiga estrutura de carne e ossos — afirmou Martín, com um gesto de assombro misturado à aceitação.

Romano inclinou a cabeça, satisfeito.

— Bem definido. Todos os espíritos possuem a capacidade de pensar e sentir, e você não seria exceção. Lembre-se: foi sepultado, despediu-se dos antigos amigos e, veja, continua

conversando comigo. Não lhe parece magnífico?

Martín respirou com calma, como se as palavras do guia fossem bálsamo para a sua confusão.

— Pois é. Tudo aquilo que eu li durante anos ganha agora a sua verdadeira importância. Morri num incêndio, mas a vida continua.

— Como não, Martín! — disse Romano, com energia. — Não se esqueça, porque você mesmo está constatando: somos imortais. Não se assuste com nada; além disso, surgirão outras dúvidas e perguntas. Estarei aqui para dissipar as suas incertezas. Como analista, estou preparado para ajudá-lo em tudo o que você ainda não souber.

O jovem espírito refletiu por alguns segundos e, com certa timidez, ousou perguntar:

— Desculpe, Romano. Como foi que você reparou em mim? Pense que um monte de pessoas morre diariamente e mais ainda numa cidade como Madrid, com tantos habitantes e tanta gente com problemas de saúde, vítimas de acidentes ou já idosa. Pensando bem, é possível que você tenha comigo algum vínculo do passado?

— Não necessariamente — respondeu Romano, em tom pausado e sábio. — No mundo espiritual existe uma hierarquia, mas não como acontece na Terra; ela obedece a um processo muito mais refinado.

Martín arqueou as sobrancelhas.

— Mais refinado? O que quer dizer, exatamente?

— Direi apenas que a sua posição aqui se baseia no grau de inteligência e, sobretudo, no desenvolvimento moral que você alcançou. Em outras palavras, quanto mais conhecimento e quanto maior o nível moral, mais responsabilidades você assume.

O raciocínio impressionou Martín, que assentiu lentamente.

— Claro, esse raciocínio se explica por sua própria lógica. Mas, por favor, responda: por que você se tornou meu “analista”?

— Eu escolhi você porque a sua história me comoveu — explicou Romano com serenidade. — Não era necessário um vínculo prévio; bastou observar o seu percurso. Vi em você um ser disposto a amar mesmo em meio à dor, e isso foi suficiente.

O jovem arregalou os olhos, entre a incredulidade e a emoção.

— Então, depois de me observar, você me viu como uma criatura interessante.... Que ironia. Eu, que durante vinte anos fui um fantasma entre as pessoas, que nunca mereci um olhar. E agora é uma honra que alguém como você tenha reparado em mim.

Romano fitou-o com ternura.

— Sim, foi assim — afirmou com convicção. — Aceitei a missão de velar por você e guiá-lo assim que desapareceu do mapa físico.

Martín baixou o olhar, comovido.

— É um ótimo motivo para ser grato, amigo. Teria sido muito triste para mim permanecer nesta nova paisagem em solidão, assustado e ignorante quanto ao que me esperava. Você não imagina como é importante ter um guia em circunstâncias tão decisivas. Perdoe insistir, mas... por que mostrou esse interesse por mim?

— Acabo de dizer. Estudei a fundo o seu prontuário, todo o seu histórico, e o seu caso me motivou. Digamos que é o sentimento do amor que tudo move no universo. É a

energia suprema que impulsiona nossos movimentos na esfera espiritual. Você compreende isso, Martín?

O rapaz ouvia atento, como um discípulo ávido de respostas.

— Suponho que seja assim. Ouvi dizer que o amor é o elemento que põe a vida em movimento, que dá tudo sem pedir nada em troca. Tudo o que se escreveu ao longo da história vai nessa direção. Então, é verdade, não é?

— Sem a menor dúvida. Acaso você não salvou aquela menina por amor durante o incêndio? Não esperava compensação nem pagamento; fez por puro altruísmo. É a mesma motivação pela qual agora eu o acompanho. Haverá incentivo melhor do que esse para agir na existência? Por isso vim recolher você e ajudá-lo nos próximos passos.

Martín ergueu o olhar, intrigado.

— E, falando nisso, Romano, o que se supõe que acontecerá comigo a partir deste momento sublime? É possível que você me imponha algum tipo de prova ou exame para verificar se estou preparado para continuar avançando? Veja que, no lugar que deixei, eu era submetido a avaliações contínuas para verificar meu estado mental, se eu estava louco ou totalmente incapacitado para exercer meu livre-arbítrio.

— Estou consciente disso — respondeu Romano, em voz grave. — Se alguém o ouvisse, pensaria que você continua preso à sua antiga mente. As suas perguntas lembram o Martín das instituições.

— Mais ainda: suponho que você saiba, mas convença-se de que, por anos e anos, me diagnosticaram como esquizofrênico, uma das doenças mentais mais graves que existem no plano material. E sabe o que isso implica:

permanecer internado entre quatro paredes, isolado por ser perigoso, e a administração diária de remédios. E, apesar dessa tortura contínua, ainda posso agradecer a Deus por finalmente terem me levado àquele centro onde a minha sorte mudou. Ao menos lá me ofereceram a oportunidade de pôr fim ao meu pesadelo.

— Los Girasoles — murmurou Romano.

Martín estremeceu.

— Caramba, bastou mencionar essa palavra e eu estremei. Talvez você saiba mais da minha vida do que eu mesmo. Fiquei tanto tempo meio inconsciente sob a influência dos fármacos que já nem sei o que pensar.

— Fui apenas uma testemunha privilegiada da sua trajetória e dos seus atos.

O rapaz respirou fundo, determinado a aproveitar aquele encontro.

— Bem, quero desfrutar da oportunidade que você me dá com a sua companhia e seus grandes conhecimentos.

— Avante, eu já intuía para onde você ia.

— Romano, responda com sinceridade, porque lhe agradecerei de coração. Você não acha que, apesar do meu passado, a minha situação foi injusta? Desde o princípio, nasci limitado em minhas capacidades; impuseram muitas restrições à minha liberdade, por exemplo, fui abandonado à porta de um convento.

O espírito continuava a ouvir o relato pormenorizado do jovem.

— Eu não tive infância, ou pelo menos não a que eu teria imaginado, e fiquei apenas sob a tutela de instituições que nem sempre zelaram pela minha felicidade ou bem-estar. Ninguém se dignou a me amar ou a me abrir um pequeno

espaço entre as paredes de um lar. Para piorar, minha cabeça não funcionava bem, o que era coerente com a minha situação de desassossego e falta de esperança. Quando parecia que algo podia melhorar, surgia um obstáculo maior que o anterior, o que me levava a cair num pessimismo devastador, sem nenhuma vontade de continuar vivendo.

Romano fitou-o em silêncio, deixando-o desabafar. Depois respondeu com firmeza:

Martín apertou os lábios.

— A sua vida não foi castigo nem erro: foi o preço exato dos seus atos passados, a justa consequência que equilibra a sua história.

— Veja, Romano, acumulei por tantos anos essa sensação de impotência, de vir ao mundo de mãos atadas e sentidos entorpecidos, que, mesmo aqui e agora, ainda não consigo me desfazer dessa impressão de injustiça de que fui testemunha direta.

— Eu o entendo, mas não se esqueça daquela cena fundamental na companhia dos seus amigos Isabel e Sergio, em Los Girasoles. Ali permitiram que você recordasse e revivesse, que fosse consciente do seu caminho anterior em outra existência. Sinto dizer, mas não foi um capítulo de que se orgulhar.

Martín assentiu com um gesto grave.

— Certo. Às vezes fingimos não ouvir o que nos incomoda.

— Por isso — respondeu Romano —, a justiça começa por si mesmo. Causa e efeito: nada mais justo. Ocultar as faltas não é prudente; também é preciso reconhecer o que impulsiona a nossa melhora. No começo, eu lhe disse: a sua

decisão no incêndio foi livre e heroica. O eco dela chegou longe. Lembra? O resto constituiria uma terrível injustiça, que não cabe em um universo feito à semelhança do Criador. Está recordando, amigo?

Martín fechou os olhos; a fumaça, a menina, o corredor.

— Sim. Agora vejo com clareza. Fico feliz com a forma como saí... e o meu passado me dói. Só a verdade mantém o equilíbrio. Trata-se do equilíbrio da história.

— Então, entenda isto: como ia você viver aquela última vida sem quitar a dívida? As dificuldades o devolveram ao ponto exato de reparação. Toda aquela cadeia de obstáculos foi um meio para que você resgatasse o dano tão terrível que havia causado com as suas ações.

Martín baixou a cabeça, com a voz trêmula:

— Eu amei Carmen — murmurou. Sempre a respeitei.

— Ninguém nega isso, Martín. Você lhe deu muito amor, e isso é digno de gratidão. O problema é que, antes, você mandou matar quem também a amava. O amor nunca justifica o dano. Com a sua decisão horrível, você alterou a ordem dos acontecimentos. Amar um ser humano é o que há de mais grandioso, mas nunca causando a alguém um sofrimento atroz para obter essa oportunidade.

Martín ficou em silêncio.

— Daqui — disse, por fim —, vejo a cadeia de fatos e consequências. Compreendo o meu destino. É a clareza de quem deseja conhecer a verdade. Agora, uma vez afastado daqueles fatos e da minha última existência, procuro ver a luz em tudo o que aconteceu.

— É isso, amigo. Cada etapa é um ciclo que devemos percorrer para completar o nosso destino. O importante é

que você tenha tomado consciência desse processo. Essa compreensão só faz sentido se o ajuda a assumir a lição e a girar a roda da sua vida. Lembre-se, Martín: somos espíritos. Por isso enfrentamos provas de acordo com as nossas ações passadas. O essencial é não desanimar e seguir avançando. É assim que está gravado na consciência e é assim que funciona.

— Sim, eu sei.

— A boa notícia: por mais atroz que tenha sido o ontem, sempre há novos desafios para saldar e refazer.

Os olhos de Martín brilharam.

— Então, a minha redenção é possível?

— Sem dúvida, Martín. Eu vi que... passou pela sua cabeça adotar uma atitude radical...

— É verdade — reconheceu Martín, com um brilho de alívio nos olhos. — Ao menos tive a mínima lucidez para não cair nessa armadilha que o meu inconsciente me oferecia. Acho que, tentando acabar com os meus obstáculos pela via rápida, o máximo que eu conseguiria seria prolongar os meus padecimentos. Havia algo dentro de mim que me alertava para não colocar mais pedras na minha mochila; já bastavam os fatos vergonhosos de Nicasio.

Romano observou-o com satisfação, como um mestre que contempla o discípulo começando a despertar para a verdade.

— Você não imagina quanto me alegra ver que vai recuperando a memória e retoma esse sentido primordial de justiça.

Martín assentiu lentamente, com voz firme:

— Sair do psiquiátrico mudou tudo — disse Martín. — Sergio e Isabel foram a minha luz. Sem eles, nada.

— É uma boa conclusão — assentiu Romano, satisfeito. — O bem acelera o progresso. Esse é o caso dos seus bons amigos, que não tiveram dúvidas sobre a sua situação e que deviam ajudá-lo desde o primeiro instante.

Martín ergueu o olhar para o céu, como se quisesse agradecer ao Alto.

— Meu Deus, serei eternamente grato a eles.

— Quero que saiba que a ajuda sempre chega quando estamos dispostos a recebê-la — acrescentou o conselheiro, em tom solene.

— Interessante, Romano.

Martín sorriu, tocando-lhe as costas com um gesto espontâneo.

O guia espiritual sorriu com serenidade.

— Com certeza. Bom, você está perfeitamente consciente do motivo pelo qual nos encontramos no momento justo e na hora prevista.

Martín hesitou um instante e levou a mão ao queixo, pensativo.

— Senhor conselheiro, tenho uma questão. Perdoe a pergunta, mas há dentro de mim um sentimento que me prende a alma.

Romano esboçou um leve sorriso, como quem já sabe o que vem.

— Eu sei do que se trata.

Martín arregalou os olhos, incrédulo.

— Ora essa, eu nem abri a boca, nem mencionei o assunto!

— Martín, estamos na esfera espiritual. Nada pode ser ocultado. Aqui o pensamento fala antes da boca. A sua mãe

gravita em você. As palavras importam menos; o pensamento é tudo. Vou comentar algo que captei de você: há alguns minutos, a imagem de uma senhora chamada Eva paira sobre a sua cabeça.

O jovem espírito sobressaltou-se, como se lhe tivessem descoberto o segredo mais íntimo.

— Mas... como é possível? Como você pode saber isso?

— Justamente como você disse antes: porque sou um “analista”. Não se surpreenda, Martín. Você acaba de entrar neste novo trecho da sua vida imortal. Haverá mais surpresas; não se alarme. Sei perfeitamente que se trata dela, da pessoa que o trouxe ao mundo.

Uma emoção profunda percorreu Martín, que sorriu com os olhos úmidos.

— Você não sabe o quanto me alegra que a sua intuição, ou o que for, esteja tão desenvolvida.

— Tranquilo, é só questão de estudo e prática.

Martín levou a mão ao peito e falou com solenidade:

— Romano, digo-lhe de coração: tenho apenas um desejo muito forte que pulsa dentro de mim. E esse desejo, se você realmente me conhece e tanto me estudou, não nasce da curiosidade, mas do amor.

O espírito inclinou a cabeça.

— Eu sei, Martín, e, como o observei, vou esclarecer. Para isso, preciso falar novamente da questão dos merecimentos. Sei o que você pretende e me parece uma aspiração das mais justas, mas não pode realizá-la sozinho. E, graças à sua ação corajosa de última hora, você pode ter acesso a essa nobre aspiração.

Martín fechou os olhos por um instante, como se se agarrasse à própria certeza.

— Já imaginava. Por isso peço que me ajude, amigo. Estou convencido de que a minha missão, neste momento e nas circunstâncias atuais, é essa. Você mesmo disse antes que qualquer coisa pode ser feita por amor.

— E é verdade. Essa é a lei, cujo princípio inspirador é exatamente esse que você mencionou. No entanto, há missões que não se pode levar a cabo em solidão.

Martín abriu as mãos, suplicante:

— Me acompanhe. Eu não saberia nem por onde começar. Com você, eu poderia ir aonde nos propuséssemos.

Romano contemplou-o em silêncio, até responder com suavidade:

— Parece que o seu desejo é sincero e nasce de uma motivação pura.

— Você já sabe, Romano. Não pude conhecê-la na minha passagem anterior pela vida física, não pude receber o seu carinho, nem os seus abraços, nem ouvir a sua voz. Sei que tudo obedecia a um plano, que nasci em circunstâncias muito difíceis para resgatar meus débitos e acelerar a minha transformação; mas, segundo a minha consciência mais íntima, vejo que chegou o instante perfeito para me encontrar com ela.

— Deus nunca se engana, Martín.

— Por isso peço a Deus que me permita encontrá-la. Sei que o que ela fez foi horrível, mas eu a compreendo, porque também me senti tentado a desaparecer do mapa em várias ocasiões; tal era o meu desespero. Pode ser que ela se sentisse fraca, superada pelos acontecimentos, mas merece ser achada pelo próprio filho para que eu possa abraçá-la até o infinito. Toda a minha força e toda a minha coragem se voltarão para a sua busca, como o filho que, naturalmente,

tenta encontrar a mãe apesar dos obstáculos.

Romano assentiu, e Martín concluiu num murmúrio carregado de fé:

— Por Eva.

— Sim, por Eva.

— Indique o caminho, Romano, que eu seguirei você aonde for até alcançá-la.

O guia o fitou com gravidade.

— Quero que você saiba que é uma grande prova para você, antes de tudo porque ela não está perto daqui.

— Se ela está mais ou menos longe, isso não me importa. O que conta é a minha vontade de encontrá-la, e disso eu tenho de sobra.

— Bem, mas não se deixe arrastar por ilusões ou falsas expectativas. Obsessões não fazem bem e, você sabe, a pressa é má conselheira. Por sorte eu conheço você, e esse desejo que me mostrou é muito intenso. Esse é, neste momento, o seu anseio: contemplar de novo a pessoa que o carregou por nove meses no ventre. Pois bem, vamos nos valer da força dessa enorme vontade para empreender esta missão. Como comentávamos antes... o que é a vida senão uma sucessão de provas em busca do progresso?

— Que grande verdade, amigo! — exclamou Martín, jubiloso. — Sinto-me eufórico. Deve ser a minha fé movendo a montanha que habita em meu interior.

Romano, sem perder a seriedade, acrescentou:

— Antes de começar: você está disposto a aceitar o que encontrar, ainda que seja desagradável? Aviso com antecedência para que depois não se depare com surpresas inesperadas. Sinto dizer, mas não estamos diante de um conto romântico de final feliz.

— Sim, eu aceito. Eu juro.

— Sem dúvida. Então, Martín... preparado para ver a sua mãe?

— Claro. Neste cemitério onde jazem os meus antigos restos mortais, não me resta nada a fazer. Viro a página e inicio um novo projeto. Se a vida é um fenômeno incessante que deve seguir, que seja comigo imerso nessa nova missão. Quero contemplar cada traço do rosto dela e, sobretudo, ouvi-la e compreendê-la, que me conte cada segundo da sua trajetória sem mim.

Romano apontou, com o dedo indicador, um atalho lateral que se perdia na penumbra.

— De acordo; então, comecemos. É por ali, naquela direção.

Caminharam por um bom tempo, envoltos em um silêncio solene, até que o céu começou a escurecer e a noite estendeu o seu manto. A lua, quase cheia, derramava uma luz prateada que desenhava o caminho entre sombras.

— Romano, desculpe-me — disse Martín de repente, parando os passos.

— Diga — respondeu o espírito, voltando-se para ele.

— Desculpe, mas você não está cansado? Eu preciso repousar e talvez até queira dormir para me recuperar. Tudo foi tão repentino e tão agitado que as forças estão me abandonando.

Romano o olhou com certa ironia.

— Sério que está cansado? Ora... se você morreu, já não tem a desculpa de carregar um corpo. Além disso, esta lua quase cheia nos facilitará o trajeto. Eu enxergo bem... e você, meu bom amigo?

Martín sorriu com certa vergonha.

— Puxa, agora que você diz, faz todo sentido. E, no entanto, estou desabando. Como isso é possível?

— Boa pergunta. Vou tentar responder. Você ainda guarda lembranças da sua fase anterior. Tranquilo, Martín: esse cansaço é totalmente compreensível. Ainda é cedo; pense: não passou muito tempo desde aqueles acontecimentos em que você se asfixiou tentando salvar aquela menina. Os períodos de transição são assim: você pode ir da euforia ao baixo emocional, do impulso esperançoso ao cansaço extenuante, sem conseguir explicar direito o porquê. Digamos que agora você se encontra numa fase de baixa energética. Porém, isso será passageiro à medida que se acostumar à esfera espiritual. Acontece com todos; não se espante. A única diferença é a velocidade de adaptação.

— Devo entender que você não tem essa necessidade de descanso, Romano? — perguntou Martín, com a voz abafada pelo esgotamento.

— Claro que não, amigo. Já faz muito tempo que realizo este tipo de tarefa nesta zona, que me corresponde de acordo com a minha preparação. E acrescento algo de puro bom senso: se eu não estivesse adaptado a esses trabalhos, não me teriam permitido encarregar-me desses cometidos. Agora ficou mais claro?

Martín esboçou um leve sorriso de alívio.

— Sim, você sabe mais disso do que eu. Ainda bem que você não demonstra essa fraqueza que eu sinto por dentro. Isso comprometeria nosso objetivo.

— Claro — comentou Romano, com um sorriso cansado.

— Dois cegos caminhando juntos acabariam caindo em qualquer buraco.

Ele tentou manter-se ereto, mas os joelhos tremiam.

— É verdade. Meu Deus, minhas pernas chegam a dobrar. Não consigo nem ficar de pé.

Romano contemplou-o com compaixão e um toque de humor.

— Sim, já estou vendo. Vamos, deite-se aqui mesmo.

Martín, preocupado, acrescentou num fio de voz:

— E se eu sentir frio durante a noite?

Romano soltou uma risada breve, como se já previsse a objeção.

— Que sagaz. Eu sabia que você diria isso. Fique tranquilo, vou ajudá-lo. Sem dúvida, você ainda está reproduzindo no pensamento os velhos esquemas da vida física, talvez daquele duro inverno do seu nascimento, quando foi deixado às portas de um convento.

E então, diante do olhar incrédulo de Martín, Romano uniu as palmas e fez um gesto com as mãos. Em poucos segundos, como se fosse um tear invisível, teceu um tecido luminoso que, pouco a pouco, ganhou consistência até transformar-se no que parecia uma manta grossa e quente. Com serenidade, estendeu-a ao jovem.

— Tome, este será um bom remédio para o seu novo “corpo”. Cubra-se com ela. Garanto que sentirá um calor reconfortante. Viu? Fim dos seus problemas noturnos.

Martín tocou o tecido com incredulidade, apalpando a textura como uma criança diante de um brinquedo novo.

— Hein? Mas... como é possível? Acaso você virou um prestidigitador? Que prodígio é este?

Romano negou suavemente com a cabeça.

— Não existem truques, apenas a compreensão das leis naturais que regem o espaço e a matéria. Tudo tem explicação. Falamos de fluidos, e eles podem ser criados e

manipulados pelo pensamento. Calma, é só uma questão de aprendizado e experiência no manejo dessa habilidade. Algum dia você também saberá usar esses fluidos e, assim, confeccionar qualquer objeto.

Martín suspirou, rendido.

— Certo, agora preciso descansar. Não estou nem em condições de compreender esses conceitos tão complexos que você está me ensinando. Por favor, permita-me deitar, ainda que seja sobre esta vegetação. Preciso dormir a todo custo. Ao amanhecer, quero estar com a energia no auge.

— Sim, você está certo. Durma e relaxe, que eu velarei por você. Ninguém vai perturbar seu descanso. Eu o protegerei. Vamos, Martín, como se diz no seu antigo lar: boa noite e bom sono reparador.

O rapaz fechou os olhos, aconchegado sob aquela manta intangível que, no entanto, o envolvia como o calor de um lar. Romano, fiel guardião, permaneceu em silêncio, observando a noite cair sobre eles.

Ao amanhecer, um sol radiante cruzou o horizonte, tingindo de ouro a paisagem e dando as boas-vindas àqueles dois espíritos que avançavam em sua missão mais transcendental.

— Bom dia, meu bom aluno — saudou Romano em voz clara. — Como você está hoje?

— Renascido. Esta parada me fez muito bem para recuperar a energia.

— Olhe — propôs o guia. — Nada melhor do que iniciar esta jornada com uma pequena oração dirigida ao Criador de tudo. Peçamos que Ele nos ajude nesta viagem e, claro, que acompanhe sua mãe onde quer que ela esteja.

— É uma boa ideia. O auxílio divino é imprescindível para alcançarmos nossos objetivos.

— Façamos nossa súplica em silêncio e intimidade. Assim nos concentraremos melhor.

Ambos inclinaram a cabeça e, por alguns instantes, ouviu-se apenas o sussurro do leve vento. Após a oração, retomaram a marcha.

Logo, Martín voltou a falar, com certo pudor.

— Romano, você me desculpa de novo? Prefiro ser chato a mentir para você.

— Sério? — brincou o guia. — Não me diga que agora você se sente fraco, como se as forças estivessem falhando.

— Ora, que telepatia... eu diria que você lê meus pensamentos.

— É possível que seja assim, e isso é muito comum entre os espíritos; não precisamos falar para saber do que precisamos. São as vantagens de pertencer a uma dimensão mais sutil. Diga.

— É bom saber, porque neste momento sinto uma fome e um desfalecimento que estão me vencendo. Parece que o sono, embora tenha ajudado, não foi totalmente suficiente. Sinceramente, acho que não aguento muito mais esta caminhada sem comer alguma coisa.

Romano soltou uma gargalhada franca.

— Ha, ha... adoro como você aprende a toda velocidade. Porém, fique tranquilo; aqui temos solução para esses pequenos “problemas”. Haverá algo mais humano do que a lembrança da fome ou da sede, meu bom amigo? Não se surpreenda: vou preparar um suco reconstituente de plantas que vai alimentá-lo e ajudá-lo a prosseguir nossa rota.

— De verdade? É incrível, você tem solução para tudo; como eu o admiro, meu bom mestre.

— Tome e beba, Martín. Recupere as forças, amigo, que vai precisar delas.

Romano adiantou-se alguns passos, agachou-se e procurou entre a vegetação. Com cuidado, formou com as mãos um recipiente fluídico transparente e, após arrancar um dos talos mais grossos, espremendo-o até que um líquido verde e brilhante enchesse a cumbuca improvisada.

Martín provou o líquido e as pupilas se dilataram de prazer.

— Mas... está uma delícia. Curioso, lembra o sabor daquelas bebidas tropicais que eram servidas na Terra. Caramba, você parece um chef especializado em sucos. Meus parabéns pelo menu. Espero que me ajude a aguentar.

— Com certeza. Dei um toque especial para que ficasse mais do seu agrado. O bom é que contém todos os ingredientes essenciais de que você precisa agora. Enfim, conforme formos passando pela vegetação antes de chegar à sua mãe, vou preparando bebidas ajustadas às suas necessidades energéticas.

Martín assentiu, sentindo o vigor voltar ao corpo.

— Pois que bom. Já sinto os efeitos reconfortantes. Se eu me notar fraco, aviso você. Não gostaria de ficar exausto do esforço. Ei, Romano, e você não se cansa? A verdade é que entre ontem e hoje avançamos bastante.

— Raramente. Já faz muitos anos que percorro estes terrenos. O fato é que há muito tempo esqueci minhas antigas sensações corporais. Em você elas ainda atuam, por enquanto. Depois, passarão a ser uma lembrança distante.

— É bom saber. Estou pronto para seguir.

— Então, adiante. Ainda temos muita distância para cobrir.

Assim transcorreu uma semana de peregrinação. A paisagem mudou diante de seus olhos: campos abruptos, pouca arborização, trilhas de difícil acesso que exigiam esforço e paciência. Martín, embora fortalecido, intuía que ainda não tinham alcançado o verdadeiro destino.

Numa tarde, enquanto o sol declinava, ele percebeu algo estranho.

— Ei, Romano! Olhe, o que é aquilo? Não lhe parece esquisito?

O guia aguçou a vista.

— Sim. É como uma área mais escura. Ali a luz tem mais dificuldade para penetrar. Vamos nos aproximar. Está claro que se trata de um sinal.

Martín semicerrou os olhos, emocionado.

— Um momento, agora que reparo melhor, parece a entrada de um túnel. Curioso, não acha?

— Bem, as surpresas sempre acontecem. Andamos um longo trecho e esta é a primeira vez que topamos com uma área completamente distinta das anteriores. Diga sinceramente se você pensa que é um aviso para tomarmos justamente esse caminho. Pergunto: está disposto a pegar esse desvio? Você decide.

Martín levou a mão ao coração.

— Vou me deixar levar pelo primeiro impulso que senti aqui dentro. Não identifico o motivo exato, mas minha intuição diz que, se eu entrar nesse túnel, talvez me aproxime do lugar onde minha mãe está.

Romano olhou-o com gravidade.

— Você é filho dela e terá seus próprios motivos. Quem sabe a própria Eva esteja tentando entrar em contato. O pensamento dela é muito forte. Talvez esteja certo; existem afinidades entre vocês.

— Conforme avançamos, minhas dúvidas estão se dissipando. É uma sensação poderosa.

— De acordo; então eu o acompanharei. Confio em seu pressentimento.

Aos poucos, ambos adentraram a penumbra do túnel. A luz se reduziu, o ar tornou-se denso, e seus olhos precisaram acostumar-se ao novo cenário. Foi então que distinguiram algo inesperado: uns trilhos metálicos estendiam-se sob seus pés, perdendo-se na escuridão.

— Olhe, Romano — exclamou Martín, com o coração aos pulos. — O que eu disse? Lá no fundo há um pouco mais de luz. Vamos, depressa. Com certeza esse mistério tem explicação.

O jovem acelerou o passo, como se a alma o empurrasse a resolver de imediato a incógnita. A angústia o consumia, pois sentia que cada metro percorrido o aproximava de sua mãe. E então, ao chegar à abertura...

— Meu Deus! O que é isso?

Romano semicerrou os olhos, analisando.

— Parece uma estação de trem abandonada há muito tempo. Não, espere... parece, mas não é. Pela estrutura característica, eu diria que estamos numa espécie de estação de metrô. Daí a penumbra que ocupa tudo.

— Um momento... ouça com atenção, Romano... você não está ouvindo?

Romano inclinou a cabeça.

— É verdade. Começo a escutar um som estridente que se aproxima até aqui. Convém redobrar a cautela.

— Sim, é como um eco que vai e vem, devagar, naquele vai e vem arrastado.

O som intensificou-se rapidamente. Romano arregalou os olhos.

— Martín, saíamos dos trilhos e subamos à plataforma. Isso pode ser perigoso, acho que corremos risco de ser atropelados. Não confio nisso. Vamos, rapaz, suba!

Com firmeza, estendeu-lhe o braço.

Justo nesse instante decisivo, um grito dilacerante rompeu a penumbra da plataforma. Era um alarido humano, cheio de desespero e de uma dor impossível de descrever em palavras. Retumbou nas paredes subterrâneas como um eco que não queria se apagar. Segundos depois, o rugido metálico de uma composição irrompeu na estação, e o primeiro vagão do metrô atravessou as trevas em alta velocidade.

O chiar dos trilhos misturou-se a um estrondo brutal: um impacto seco, violento, como se um corpo tivesse se chocado de frente com aquele monstro de aço. A composição não parou; desapareceu ruidosa na escuridão do túnel, deixando para trás um silêncio pavoroso.

— Meu Deus! — exclamou Martín, com o sangue gelado de pânico. — Algo se chocou com o metrô! Vou ver o que aconteceu.

Romano observou-o com expressão grave.

— Acho que você já sabe, amigo — respondeu com voz serena, mas carregada. — Avisei que seria duro. Ainda assim, vá e comprove com seus próprios olhos. Não percorremos este longo caminho à toa.

Com passos inseguros, Martín avançou até o local do impacto. Ao chegar, ficou paralisado.

— Não, por favor... — murmurou com a voz quebrada. — É... o corpo esquartejado de uma pessoa, creio que de uma mulher. Quanto sangue! Romano, venha, esta imagem é horrenda. Estou convencido... alguém se lançou contra o primeiro vagão e ficou destroçada.

Romano alcançou-o, sem desviar o olhar da cena.

— Você reconhece essa mulher, Martín? Diga.

O jovem negou com a cabeça, tremendo.

— Como eu saberia? Está tão ferida que mal se distingue. Apesar de tudo, parece uma moça de uns vinte anos, e eu diria até que bonita. Que catástrofe para uma criatura tão formosa... e por que teria feito algo assim? Tão jovem, com toda uma vida pela frente... que desperdício.

— É verdade — admitiu Romano, em voz grave. — Mas me diga: isso não lhe lembra algo? Puxe pela memória, rapaz. Você também, numa idade parecida, quis pôr fim à sua existência. Só que, no seu caso, não consegui.

Martín engoliu em seco, comovido.

— É mesmo... tudo fruto do meu desespero. Quando a gente chega a esse limite, a razão desaparece; só fica a sombra da desesperança e o desejo de acabar com tudo. Mas teria sido uma estupidez da minha parte. Jogar-se nos trilhos ou cortar os pulsos... dá no mesmo, nada resolve. Agora eu entendo: afinal, somos imortais. Essa é a primeira lição que a gente recebe assim que morre. Não é certo, meu bom instrutor?

Ninguém respondeu.

O eco da própria voz se desfez no ar, deixando um silêncio que se tornou insuportável. Martín franziu o

cenho e virou a cabeça, procurando-o.

— Romano... onde você está?

O vazio respondeu. Um frio repentino percorreu suas costas. A ansiedade o sacudiu enquanto seus olhos vasculhavam cada canto da estação. Nada. Nem rastro daquele guia que tantas vezes o tranquilizara.

“Mas... onde diabos você se meteu, Romano?”, pensou, desesperado.

— Ei, amigo! — gritou. — Não é hora de fazer brincadeiras nem de se esconder. O cenário já é sério o suficiente para deixarmos de joguinhos. Por favor, volte! Preciso que você me explique o que está acontecendo, porque sozinho eu não consigo entender.

Sua voz ricocheteou nas paredes do túnel. Nenhuma resposta.

Martín cerrou os punhos, sentindo-se desprotegido.

— Você não vai sumir logo agora, quando mais preciso da sua orientação? Não me deixe sozinho aqui... não diante deste drama.

A figura de Romano tinha se dissipado como fumaça. Martín percorreu alguns metros de um lado a outro, buscando sinais, mas não encontrou nada. Uma sensação de solidão abissal começou a calar nele, fazendo-o tremer. Alarmado, acabou por dobrar os joelhos e sentar-se no chão frio da estação. Levou as mãos ao queixo, numa postura pensativa e abatida, como um filósofo que busca respostas em meio ao caos.

Passaram alguns minutos. O silêncio continuava pesando sobre seus ombros, até que de repente percebeu um movimento.

A poucos metros, na mesma plataforma, uma figura feminina se materializava na penumbra. Caminhava lentamente, como desorientada, até deter-se bem à beira do vão por onde o trem havia passado instantes antes.

Martín prendeu a respiração. A mulher parecia murmurar para si, movendo apenas os lábios. Ao se concentrar, porém, ele percebeu que conseguia escutar o que ela dizia.

— Não entendo — lamentava-se ela com voz quebrada. — Se há pouco eu me atirei na frente do trem... por que ainda estou aqui? Por que ainda estou pensando? Por que continuo existindo, maldita seja? Não, por favor, de novo não! Quero desaparecer, ausentar-me para sempre, tornar-me invisível. Será possível? Devo estar fazendo algo errado para que isso não funcione.

A jovem virou a cabeça e o descobriu ali, olhando-a a poucos passos de distância.

— Ei! Quem é você? — gritou para ele, com fúria. — O quê? Gosta de se deleitar com a desgraça alheia? Aposto que é um pervertido, não é? Tenho nojo de gente como você, que sente prazer com a dor dos outros. Não suporto!

— Mas o que você está dizendo? — Martín ergueu as mãos, horrorizado. — Eu não tenho nada a ver com isso. Trouxeram-me até aqui, e de repente tudo isso surgiu diante de mim. Mas agora eu já sei — acrescentou, estremecido. — Meu Deus, você é a mesma pessoa que há pouco se atirou contra o trem quando ele entrava na estação.

— O que é que você sabe! — devolveu ela, com desprezo.

— Mas... olhe para si. Seus restos estavam espalhados pelo chão. Você deve estar muito desesperada para fazer algo

assim. Não se reconhece, mulher?

— Claro que me reconheço. E o que importa isso agora? Você é burro ou o quê? Sei muito bem o que acabei de fazer, não perdi a cabeça.

— Como? Não é possível. Se você acabou de se lançar e o vagão destroçou seu corpo... como pode aparecer de novo, de pé, falando comigo? Como posso estar conversando com alguém que acaba de morrer? Deus meu, será que eu é que estou enlouquecendo?

— Pois é. Para minha desgraça, por mais que eu tente, não consigo — cuspiu as palavras, amarga.

— Conseguir o quê? O que você pretende?

— O que haveria de ser, homem? — rosnou. — Suicidar-me! Sair de cena de uma vez por todas. Desaparecer do mapa. Não sei o que mais você quer que eu explique. Estou farta. Já fracassei tantas vezes... e só consigo pensar que estou fazendo errado.

— Errado? Como é possível?

— Perdi a noção do tempo, já nem sei quanto tempo estou presa aqui. A única certeza é que não consigo sair desta estação, nem encontro outra forma de me matar. Não tenho armas, nem facas, nem nada com que acabar com a minha vida. Minha única opção é me lançar, vez após vez, diante do trem. E cada vez... é a mesma coisa.

Os olhos encheram-se de lágrimas, embora a voz soasse dura.

— No começo eu vejo meus restos espalhados, sim. Mas depois... continuo consciente. Digo a mim mesma: “Se estou morta, como é possível que eu continue pensando? Ninguém pensa depois de morrer, não é?” E, ainda assim, continuo aqui. É absurdo. É uma maldita condenação.

— Sim, é inacreditável... e me dá muita pena. Que má sorte a sua — disse Martín, baixando o olhar, comovido.

— Como assim pena? — fulminou-o com os olhos. — Não venha com compaixões! Não quero a sua piedade, imbecil.

— Só digo que é uma lástima, porque, se meu amigo Romano estivesse aqui, com certeza teria uma explicação. Ele entende dessas coisas.

— E quem é esse? Um suposto sábio?

— Chama-se Romano. É alguém em quem confio, mas... eu o perdi. Desapareceu sem deixar rastro, justamente agora que mais preciso dele.

— Veja só — bufou, irônica. — Ele pode fugir deste inferno e eu não. Que nojo.

— Você não faz ideia do que eu daria para tê-lo aqui. Estava ao meu lado há um momento e se esfumou como fumaça.

— Pois é azar mesmo — suspirou a moça, abatida. — Se ele de verdade soubesse tanto, teria me servido. Estou tão cansada de repetir a mesma coisa... A propósito, nem sei o seu nome.

— Eu... me chamo Martín.

— Martín... — repetiu em voz baixa. — Que estranho, esse nome me soa familiar. Embora... não sei de quê. Minha cabeça é um caos. Nada mais funciona em mim.

Depois de um breve silêncio, ergueu o olhar e o fitou:

— Bem, estamos no inferno, não é? Do que vou me surpreender?

— O inferno? Curioso... nunca imaginei que se parecesse com uma estação de trem — comentou Martín, entre o assombro e o desconcerto.

— Não se iluda. Aqui se entra, mas não se sai.

Com um gesto brusco, fez sinal para que ele a seguisse.  
— Venha. Vou lhe mostrar uma coisa.  
Caminharam alguns metros em direção ao fundo da plataforma. De repente, a mulher deteve-se e apontou com o indicador um letreiro enegrecido pelo tempo.  
— Observe, rapaz. Olhe bem. Está vendo?  
Martín semicerrou os olhos. Quando leu o que estava escrito, um arrepio lhe percorreu as costas.  
— Mas... como é possível? — balbuciou. — Isto parece um pesadelo...  
— É minha única referência — disse a mulher, com uma careta de resignação —, e por isso eu sei onde estamos.  
Martín desviou o olhar do letreiro, sentindo um nó na garganta.  
— Deus... eu queria acordar deste sonho terrível — sussurrou, em desespero.  
Ela, sem lhe dar trégua, apontou novamente o letreiro, quase apagado pelo tempo:  
— Leia e não finja desatenção. Está bem claro ali: “Metrô: estação Puerta del Sol”. Deve ser... não sei, o inferno que pulsa debaixo de Madrid, ou algo parecido. Mas, no fim, que diferença faz? Agora que penso, embora esteja borrado na minha memória, acho que um dia desci a este lugar... e nunca mais consegui sair. Não há escadas, nem portas, nem fresta alguma por onde escapar. Se ao menos você, que parece ter a mente mais clara do que eu, pudesse encontrar uma saída... vai saber, talvez descubra a solução para fugir daqui.  
De repente, a mulher ficou petrificada. Levantou a mão até a orelha, inclinou a cabeça para a direita e seus olhos se abriram, tensos.

— Atenção... escute com atenção. Está ouvindo esse barulho?

— Como? A que você se refere? — arqueou as sobrancelhas Martín.

— Mas, homem, você está surdo ou o quê? — ela o fitou, quase furiosa. — Não percebe? Está chegando outra composição! O metrô vai passar de novo pela estação. Tenho que me preparar.

Martín deu um salto à frente, alarmado.

— Preparar-se? Para quê? — disse, incrédulo, embora no fundo já soubesse. — Não, não! Já sei o que você pretende fazer e não vou permitir. De jeito nenhum. Eu não suportaria outra cena como a de antes.

Mas antes que ele conseguisse segurá-la, a mulher recuou alguns passos para tomar impulso. O chiar metálico ficava cada vez mais intenso, enchendo de vibrações o chão e o ar. Ela correu para a frente com determinação desesperada e, em um segundo, atirou-se novamente contra o primeiro vagão que emergia do túnel.

O impacto foi brutal. O trem desapareceu, entre rugidos, pela boca escura do corredor subterrâneo, e instalou-se um silêncio sepulcral. O que Martín presenciou gelou-lhe a alma: outra vez o corpo destroçado sobre os trilhos, o sangue tingindo o chão de um vermelho impossível e, depois, como se fosse uma miragem, os restos começaram a desaparecer, pouco a pouco, até sumirem por completo.

Minutos depois, a figura da mulher voltou a se manifestar sobre a plataforma, como se nada tivesse ocorrido, embora com o semblante abatido e a alma partida. Agachou-se, com os olhos vidrados, e começou a

chorar desconsoladamente.

— Viu, garoto? — soluçou. — O que eu te disse? Não há nada a fazer. Perdi toda a esperança... mas não se preocupe, Martín. Daqui a pouco vou ficar atenta de novo ao barulho, porque outro trem vai passar, e terei outra oportunidade de me suicidar. Está vendo? Este é o meu destino. Não há mais. Meu ritual interminável.... Algum dia talvez eu consiga. Enquanto isso, vou ter que munir-me de paciência. Isso é mais duro do que jamais imaginei. Com o tempo... já nem me lembro de quem eu era. Esqueci tantas coisas...

Martín a escutava com o coração apertado, procurando em seu rosto uma fagulha de lucidez, uma fresta por onde pudesse entrar para compreendê-la.

Ela, de repente, fitou-o fixamente.

— Ei, rapazinho. Não sei que motivo estranho te trouxe até aqui para te meter nos assuntos alheios, na minha desgraça. Mas eu pensava... se você vai ficar por esta “maravilhosa” estação de metrô, talvez pudesse me acompanhar por mais um tempo. Sempre dizem que as dores partilhadas são menos dores. O que acha?

Martín a olhou, incrédulo.

— Como? O que eu observo é que a sua loucura te leva a delirar. Não, não vou ficar aqui, nem de brincadeira. E muito menos para presenciar a sua alienação, vendo você se atirar na frente do trem cada vez que ele passar. Desculpe, mas ainda não cheguei a esse grau de desespero.

Ela baixou o olhar, embora tenha sorrido com certa amargura.

— Está bem, respeito sua decisão. Você já é adulto. No entanto, lembre que está tão sozinho quanto eu, e não me parece uma ideia tão ruim que a gente fique junto, nem que

seja por um tempo. A solidão é muito, muito ruim... falo por experiência.

Martín respirou fundo, como quem reúne coragem para perguntar o inevitável.

— A propósito, moça... você ainda não me disse seu nome. O meu você conhece.

Ela ergueu lentamente o rosto e, num tom quebradiço, respondeu:

— Uí, é verdade... eu me esqueci. É curioso, mas é um dos poucos dados que ainda conservo na memória. Se não me engano... meu nome é Eva. E a única coisa que pretendo... é morrer.

O impacto foi imediato. Martín sentiu uma corrente elétrica percorrer todo o seu ser. Levou as mãos ao rosto e fechou os olhos com força, enquanto a memória o arrastava para a instituição de Los Girasoles. Diante dele, como uma visão nítida, surgiram Isabel, a médium enfermeira; Sergio, o psicólogo; e Ildefonso, o psiquiatra diretor do centro. Reviveu o dia em que lhe revelaram a história de sua origem, a tragédia da mulher que o trouxera ao mundo. Todo aquele caudal de lembranças convergiu para um único ponto.

De súbito, abriu os olhos e, com um sorriso entre lágrimas, exclamou:

— Mamãe!

E lançou-se sobre ela, cobrindo-a de beijos.

A mulher ficou desarmada por alguns segundos, arrastada pela força irresistível daquele amor filial. As emoções mais profundas de sua alma vibraram, mas logo reagiu com brusquidão e o afastou com as mãos.

— O que você está fazendo, louco? — gritou. — Solte-me! Como pretende abraçar alguém que está prestes a morrer? Será que você pegou a minha loucura? Não me toque! Deixe-me, cada qual é dono do próprio destino. Sou livre e ninguém vai me dizer o que devo fazer.

— Mamãe... — implorou Martín, com lágrimas nos olhos. — Eu te suplico. Viajei muito, vim de muito longe só para te encontrar neste lugar de pesadelo. Escuta: não vou sair daqui sem você. Convença-se, porque é a única coisa que me importa.

Ela negou com a cabeça, crispada.

— Chega! Não diga estupidezes. Não me distraia do que importa. Preciso me concentrar no barulho, para quando chegar o próximo trem.

Martín ergueu os braços para a abóbada e clamou com todas as suas forças:

— Meu Deus, Romano! Onde você está? Você falhou comigo quando eu mais precisava. Você teria convencido Eva num instante, e eu... eu não tenho essa capacidade. Por favor! — gritava, desesperado. — Alguém pode me socorrer? Eu suplico!

Eva o olhava sem compreender, desconcertada por aquele jovem que afirmava ser seu filho. E, nesse instante, Martín, dominado pela emoção mais pura, voltou a apertá-la contra o peito. Abraçou-a com uma intensidade desarmante e, com suavidade, pousou a cabeça da mãe sobre o próprio coração, para que ela pudesse ouvir o poderoso batimento que vibrava em seu interior.

— Mamãe — sussurrou, com a voz embargada. — Eu te peço... escuta. Meu Deus, eu te imploro, faz com que ela se lembre. Faz com que tome consciência de quem é e de

quem sou eu. Abre os olhos dela, mostra-lhe a tua luz... e permite que saíamos juntos deste inferno.

Eva, presa naquele abraço, começou a tremer. O contato com aquele filho que tanto a amava abriu uma fenda em sua alma, uma fissura por onde a luz começou a infiltrar-se. Dentro dela, lampejos de memória, fagulhas de vida, começaram a despertar. Viu cenas da sua gravidez, o orgulho e o medo entrelaçados, a primeira respiração de Martín ao nascer. Sentiu de novo a dor dilacerante daquela manhã gelada de fevereiro de 1971, quando deixou seu bebê diante das portas do convento, vencida pelo desespero.

As lembranças se sucederam, cruas, implacáveis: o álcool, a solidão, a voz da própria consciência repetindo, implacável, a palavra fracasso, fracasso, fracasso... e a decisão final, naquela plataforma apinhada, de entregar-se ao trem como único escape.

Eva chorava. Mas, pela primeira vez em muito tempo, suas lágrimas não eram apenas de desesperança, e sim de compreensão. Os fios rompidos da sua memória recompunham-se, iluminando o que antes era absurdo e nebuloso.

Martín também sentiu esse estremecimento: a certeza de que a morte não passa de uma sombra, a ignorância disfarçada de fim. E, através daquele abraço, no chão frio da estação, mãe e filho vibraram em uníssono, alcançando uma sintonia perfeita.

Então, em meio àquele silêncio carregado de revelação, Eva, com os olhos cheios de clareza, abriu os lábios e pronunciou a mais lúcida das expressões...

— Filho meu, filho meu! — exclamou Eva, com um soluço entrecortado, agarrando-se a Martín como se temesse que,

ao soltá-lo, ele desaparecesse de novo. — Se soubesse tudo o que pensei em você durante estes anos intermináveis... Perdoa-me. Perdi a cabeça, o bom senso... e até a própria alma. Minha vida perpétua não passava daquele maldito prostíbulo, um recinto de indignidade saturado do cheiro rançoso da luxúria, onde cada dia eu me consumia numa existência miserável. Eu não queria que você crescesse ali, que a sua infância respirasse aquela atmosfera imunda. Minha rotina só foi interrompida com o tempo bendito da sua chegada, um presente divino ao qual depois, por covardia, tive de renunciar.

A mulher afundou o rosto no ombro de Martín e o apertou com uma força desesperada.

— Sinto muito, meu menino... sinto pela oportunidade perdida de amar você, por ter lhe infligido o dano irreparável de jamais permitir que você sentisse o carinho das mãos da sua mãe. Meu Deus! — clamava, entre lágrimas. — Como você poderia me absolver de uma dívida tão impagável? Martín, escute-me... como posso te compensar pela minha renúncia ao que há de mais sagrado no universo: o amor de mãe? Estive inconsciente, confusa, perdida durante tanto tempo...

Ergueu o olhar, com os olhos inundados de pranto.

— E você, meu bom filho, desceu às trevas, atravessou os próprios infernos para recolher os restos desta pobre mulher que não soube cuidar de você. Diga-me, acaso mereço a sua clemência?

Martín a fitou com ternura, as próprias lágrimas rolando sem freio.

— Mamãe, você merece tudo e ainda mais. Não compreende? Sem você eu não estaria aqui, nem teria

podido redimir minhas faltas. O seu amor e a sua dor me guiaram, ainda que sem o saber. Isto... isto que estamos vivendo vai nos fazer crescer juntos no amor, esse caminho sublime que o Criador traçou para todas as suas criaturas. Você me amou em silêncio, embora rompida por dentro; e, por não poder ter-me ao seu lado, sua alma se dilacerou até querer romper tudo.

O jovem ergueu o rosto para o alto e, com voz vibrante, exclamou:

— Obrigado, meu Deus! Obrigado por ter-me concedido esta oportunidade! Esta era a minha ocasião sonhada: a de um filho que anseia encontrar a mãe... e hoje, enfim, se consumou.

Voltou-se para Eva, com um sorriso iluminado pela emoção.

— Minha boa Eva, minha mãe adorada... sinto-me extremamente feliz por enfim encontrá-la. Esta é a coisa mais grandiosa que me aconteceu. Você nunca mais estará sozinha: estaremos sempre juntos. Vou acompanhá-la com meu carinho a cada instante; vamos percorrer o tempo perdido, aquele por que tanto ansiávamos. Viajaremos para onde for, sem nunca soltarmos as mãos. Não é verdade, mamãe?

Ela afundou o rosto nas mãos do filho, estremeçada pela torrente de amor.

— Sim, filho... eu me entrego a você. Se desceu a esta paisagem sinistra para me buscar, para reencontrar-se com quem um dia a abandonou... então você merece tudo. É digno do olhar divino. Quanta capacidade de amor pode habitar no seu coração para levá-lo a semelhante sacrifício?

Martín acariciou o rosto dela, úmido de lágrimas.

— Antes você falava de compensações. Ouça: só há uma maneira de resolver esse enigma. A sua maior façanha será acompanhar-me, deixar para trás esta estação maldita e irmos juntos até aquele ponto luminoso de onde contemplaremos uma nova realidade. Não há obstáculo que não possa ser removido pela força de uma vontade firme. E eu já sei: desde este instante, vamos descer aos trilhos, percorrer o túnel até o lugar por onde cheguei. Lá nos aguarda a luz, a que brilha para os que amam.

— Meu filho... — disse Eva com voz débil —, se eu não tenho forças nem para respirar. Não vou conseguir avançar mais do que alguns passos.

Martín sustentou-lhe o rosto com decisão.

— Você diz isso porque passou sabe-se lá quanto tempo repetindo a mesma cena de dor e habitando este abismo sem esperança. Aqui não entram nem a luz nem a alegria, porque não são bem-vindas. Você ficou aprisionada apenas para repetir sua tragédia, vez após vez. Mas não tema — assegurou, ajudando-a a se levantar. — Eu a levarei nos braços, se for preciso. Resistiremos juntos.

Eva, comovida, mal conseguiu articular:

— Que Deus te ouça, Martín...

Transcorreram alguns minutos angustiantes e, ao mesmo tempo, profundamente libertadores. Martín não tinha certeza de que conseguiria escapar, mas se agarrava à fé. Ambos começaram a internar-se pelo túnel escuro, em direção à origem. Passo a passo, Eva começou a sentir o peso na alma se aliviar. Cada metro que se afastava da estação a fortalecia, como se respirasse pela primeira vez em muito tempo. Ao final, pôde caminhar por si mesma, corpo e ânimo renovando-se a cada avanço.

— Olha, mamãe... — exclamou Martín, apontando à frente. — A escuridão começa a se dissolver. Isso só pode significar que falta cada vez menos para alcançarmos a saída. Meu Deus, que vontade eu tenho de chegar contigo à luz!

Eva o olhou com uma mistura de assombro e alívio.

— Sim, filho... ao caminhar, sinto minha cabeça, meus ombros, meu corpo inteiro se libertando. Não é só que me sinto mais leve... é que recupero a lucidez. É como se voltasse a pensar com clareza, como se recobrasse o juízo.

Martín sorriu, emocionado.

— Pois claro que sim. Eu também estive confuso, quase enlouquecido. Mas agora, ao nos afastarmos, a razão retorna, a alma respira.

Ela o deteve um instante, pousando a mão sobre o peito de Martín.

— Sabe de uma coisa? Talvez você não acredite, mas sinto que está brotando de novo em mim a vontade de viver. É estranho, mas é isso que percebo... Não será um falso otimismo? Diga-me, filho, não me deixe enganar a mim mesma.

Martín tomou-lhe as mãos com firmeza.

— Não, mãe, não é miragem. Acontece comigo também. É a vida que nos recebe outra vez. Seja bem-vinda! Esqueça as trevas do seu ontem: resta-nos abraçar a luz do presente, a que estamos buscando juntos.

Mais confiantes, continuaram avançando até que, por fim, o túnel cedeu lugar a uma paisagem aberta. Diante deles, estendia-se um terreno verde e vibrante, coberto de flores e plantas que pareciam brotar da própria esperança. O sol brilhava no alto, esplêndido, como se quisesse celebrar a

libertação daqueles dois espíritos. Eva ficou sem fôlego. Depois de tanto tempo na escuridão, aquele horizonte cheio de cores e harmonia lhe parecia um milagre.

Mãe e filho, de mãos dadas, detiveram-se para contemplar o prodígio. Ambos se ajoelharam, num gesto inconsciente de agradecimento. Foi então que, às suas costas, sentiram uma presença.

— Romano! — exclamou Martín, sobressaltado. — Pelo amor de Deus, que susto você me deu!

O homem sorriu com serenidade.

— Susto? De verdade? Não faz muito tempo que você clamava insistentemente pela minha presença. Já tinha se esquecido?

— Claro que não — respondeu Martín, ainda agitado. — Mas você desapareceu justo quando eu mais precisava.

— Há coisas, querido amigo, que um espírito deve realizar sozinho. Por isso me afastei, embora nunca tenha deixado de segui-lo de perto. Parabéns: você mostrou paciência, amor, sabedoria... e isso permitiu este milagre.

Eva o observava com olhos acesos de paz e, voltando-se para ela, Romano disse com compaixão:

— Conheço o seu caso, Eva. Dou-lhe os parabéns. Não é fácil escapar das armadilhas que nós mesmos nos armamos. Mas hoje você conseguiu.

Ela, emocionada, perguntou com voz trêmula:

— Você é, por acaso, um mestre?

Romano sorriu com humildade.

— Só se acreditar que posso lhe ensinar algo. A verdade é que o verdadeiro mestre foi seu filho: por amor, ele desceu até você e, por amor, a resgatou. O universo inteiro se regozija com gestos como o dele.

Eva baixou a cabeça, chorando em silêncio, enquanto Martín, orgulhoso, lhe sustentava a mão.

— Agora — continuou Romano —, o mais adequado é que me acompanhem. Nossa viagem ainda não terminou. Vamos para uma cidade espiritual, em concreto, a Nova Europa, o lugar que lhes corresponde. Lá tudo será diferente.

Eva, com o coração estremeado, perguntou:

— Nova Europa? Meu Deus... espero que não se pareça em nada com aquele lugar em que estive presa tanto tempo.

Romano respondeu com firmeza:

— Fique tranquila. Aquela estação só existia na sua mente. Foi uma prisão criada pela própria obsessão, um ciclo nascido do suicídio. O pensamento é criador e pode engendrar céus ou infernos. Mas agora você sabe: a morte não existe. O corpo perece, mas o espírito vive, porque é imortal.

Eva fechou os olhos, sentindo as correntes do seu pesadelo se desfazerem para sempre.

— Sim... — afirmou, com um leve suspiro. — Comprovei por mim mesma.

Martín, ainda com a surpresa refletida no rosto, fitou-a com atenção.

— E me diga, Romano, como foi possível que eu reconhecesse aquele cenário tão sinistro?

O guia sorriu com serenidade.

— Porque você penetrou na ilusão criada pelo pensamento de sua mãe. A empatia por ela era tão profunda, tão intensa, que conseguiu compartilhar o mundo mental dela, esse labirinto pessoal erguido com a própria dor. Nem todos conseguem algo assim. Porém, repare como foi

esperto: atravessou a couraça dela.

Romano deteve-se um instante e ergueu o olhar para a claridade que se abria à frente.

— Seria difícil Eva manter a fantasia diante do ímpeto de uma vontade tão férrea quanto a sua, alimentada, além disso, pela força imbatível do amor. Por isso a estação deixou de existir. Você lhe contagiou a vontade de viver, o desejo de transformar aquela realidade desoladora. E, uma vez que ela compartilhou as ondas da sua fortaleza renovadora, aos poucos foi mudando os pensamentos. Assim, abriu-se à esperança. As consequências vocês já estão vivendo.

Eva escutava com uma mistura de assombro e gratidão.

— E o que se supõe que faremos naquela cidade de que você fala? — perguntou, com a voz ainda trêmula.

O espírito voltou-se para ela.

— Vou resumir em dois propósitos fundamentais. Em primeiro lugar, vocês devem se recuperar. O desgaste energético foi considerável. Depois de tudo o que viveram, uma convalescença é indispensável. É o mesmo que ocorre na vida física após uma longa enfermidade: o corpo pede repouso e cuidado. Aqui acontece igual, mas no plano espiritual. Contamos com instalações e especialistas dedicados justamente a esse fim. Muitos espíritos do seu mundo chegam até nós após abandonar a carne, exaustos por uma vida de penalidades ou abusos. Chegam esgotados, desfeitos, e ali encontram repouso.

Martín arregalou os olhos, surpreso.

— Qualquer um pensaria que você está falando de um hospital para “mortos”, Romano.

O homem assentiu com calma.

— Você expressou bem em palavras compreensíveis. Mas não se trata apenas de sanar e regenerar. Há mais. Este é o segundo propósito: contamos com excelentes professores, instrutores sábios que ministram ensinamentos adaptados ao nível de cada alma. É possível que não assistam às mesmas aulas, mas fiquem tranquilos: poderão se ver, conversar, compartilhar tempo.

Martín sorriu com malícia.

— Pelo amor de Deus, Romano! Não me diga que, na minha idade, vou ter de voltar a estudar letras e ciências...

— brincou, tentando suavizar a solenidade do momento.

Romano riu com indulgência.

— Claro que não, rapaz. Você se lembra dessas matérias tal como eram concebidas na escola da Terra; aqui não é assim. Os ensinamentos vão além: estuda-se o sentido da vida, o que fizeram e deixaram de fazer na última existência, o lugar evolutivo em que se encontram agora. Não se trata de memorizar dados, e sim de iluminar o espírito.

Eva assentiu lentamente, com um brilho de ilusão nos olhos.

— Que interessante, senhor. Acho que para mim fará especialmente bem.

— Sem dúvida, para ambos — respondeu Romano. — Tudo o que aprenderem servirá para prepará-los para o objetivo último: o retorno de vocês ao plano físico. É melhor que saibam desde o início. A estadia na cidade pode ser mais ou menos prolongada, mas sempre persegue a mesma finalidade: prepará-los para regressarem à vida em outras condições, em outro cenário. A mesma alma, enriquecida por mais experiência, com mais

conhecimento, a fim de seguir evoluindo. Porque esse é o destino de todos: crescer como seres inteligentes dotados de livre-arbítrio. Não há acaso, apenas caminhos que convidam a novos desafios.

Martín, reflexivo, completou:

— Evoluir, enfrentando desafios que nos ajudem a ser pessoas melhores.

— Assim se fala, rapaz — aprovou Romano. — Vejo que compreende bem a essência do processo. E isso me alegra. Ter as ideias claras desde o começo ajuda a poupar esforços e a concentrar-se no importante. Mas de tudo isso falaremos com calma nos próximos dias. Por ora, saibam que a Nova Europa ainda fica longe, embora não devamos demorar a alcançá-la.

Eva olhou-o com incredulidade.

— E como isso será possível, senhor?

Romano estendeu o braço com um gesto convidativo.

— Venham comigo e verão.

Depois de percorrerem um breve trajeto, Martín parou de súbito e exclamou, assombrado:

— Mas... que diabo é aquilo!

Diante deles, um objeto de forma elegante e luminosa erguia-se no meio da paisagem.

— É simplesmente um veículo preparado para deslocamentos longos — explicou Romano, com naturalidade. — Não sei se você, Martín, seria capaz de caminhar muito mais, mas está claro que sua mãe não dispõe de forças suficientes. Nesses casos, usamos estas naves. Como vê, não desprezamos os avanços da tecnologia: são ferramentas necessárias. Assim alcançaremos, com rapidez, as alturas da Nova Europa.

Embora isso lhes surpreenda, para nós é habitual transportar nelas espíritos exaustos, aqueles que deixaram o mundo físico em condições dolorosas. Venham, não há nada a temer.

Eva deixou escapar um sorriso cansado.

— O senhor tem razão. E, sem querer fazer piada, a verdade é que... não aguento nem a minha alma.

O guia riu suavemente.

— Eu compreendo, mulher. Vou preparar para você um suco reconstituente à base de plantas. Já o preparei para o seu filho no início da nossa excursão para localizá-la. Vai lhe fazer bem.

Depois de beber aquele preparado, Eva recobrou um pouco de vigor e até se permitiu sorrir. Martín contemplou-a com emoção.

— Mamãe... que expressão mais bonita você tem! Como eu teria dado tudo para te conhecer de verdade na minha existência terrena. Tudo teria sido tão diferente...

— E eu também, filho. Mas estamos aqui e agora. Não podemos mudar o que aconteceu, só aproveitar o presente e crescer juntos.

Romano assentiu, satisfeito.

— Sua mãe exerce a maternidade com sabedoria. Quando recobrar plenamente as forças, sua lucidez será ainda maior. O que chega agora é o aprendizado... e a preparação para a transformação futura de vocês. Que Deus nos ilumine a todos.

□□□□

Transcorreu um minuto de silêncio harmonioso...

— Já terminei o meu relato, Sergio — disse Martín, com voz serena. — Foi uma comunicação extensa, mas

necessária. Precisava desabafar com vocês. Sinto-me muito melhor, e sei que lhes interessa conhecer o meu caminho e a minha evolução.

Sergio, emocionado, respondeu:

— Sem dúvida, Martín. Como psicólogo, você não imagina o quanto me ensinou com a sua história e com a de Eva. É incrível o que podemos aprender mesmo depois da morte.

— É disso que se trata, meu amigo. Confiem: a vida é infinita, nunca se detém.

Sergio inclinou a cabeça e perguntou com cautela:

— Fica uma dúvida. Ouvindo-te, percebo-te bem e lúcido... mas preciso saber de sua mãe. Como ela se encontra agora, após tanto sofrimento?

Martín sorriu, evocando Eva:

— Fizeram grande trabalho com ela na Nova Europa. Por um tempo, ficou internada numa espécie de clínica que atende almas que chegam debilitadas ou marcadas por padecimentos. Lá, foi reabilitada. Veja: não é só o corpo físico que precisa de cuidados.

— É bom saber. E você, amigo, ao que se dedica nesse lugar tão curioso? Qual a sua função?

— Basicamente, a aprender. E estou encantado com isso.

— Que eu saiba, aprende-se em colégios ou universidades. Quais são as suas matérias?

Martín riu:

— Conhecimentos de todo tipo, mas o essencial é a escola da vida: o sentido profundo da existência, as leis universais que nos regem, as decisões que tomamos e como orientamos nossas vidas. E, sobretudo, o processo evolutivo das almas.

Ele se calou por um instante e acrescentou:

— Há pouco recebemos uma notícia importante. Foi um aviso, mas precisávamos tomar consciência. Alguns colegas se mostraram reticentes — não por negar o fato, e sim por não se sentirem prontos para aceitá-lo.

— Ao que você se refere?

— Ao propósito da nossa estadia na Nova Europa: organizar o retorno à vida física. Ainda falta tempo; devemos continuar a preparação.

— Impressionante... que privilégio contar com essa sabedoria para enfrentar a próxima existência.

— Assim é. E garantem que nunca se perde o que foi aprendido. Jamais esquecemos nossos compromissos evolutivos mais íntimos.

— Não nego, mas algo sempre me inquietou. Falei muito disso com Isabel. Quando um espírito penetra no ventre materno pela concepção, ele se restaura, perde a liberdade que tinha no plano imaterial... temo que isso nos faça esquecer a que viemos.

— Nosso passado nunca desaparece da memória. É verdade que há um filtro: recordar com exatidão tudo o que fomos nos perturbaria. Mas o essencial fica no inconsciente e pulsa nas tendências. A isso se soma um elemento primordial que nunca devemos esquecer...

— O livre-arbítrio — completou Sergio, sorrindo. — Onde estaria o trabalho, se não tivéssemos a possibilidade de escolher?

— Exato. Aí reside todo o mérito e essa é a lógica do procedimento da vida. Alegro-me que você compartilhe esses conhecimentos com a Isabel. Vai ver que, quem sabe, até ontem à noite tenham lhe refrescado tais conceitos por

meio de algum sonho. Percebo vocês bem versados nas leis que importam.

Sergio soltou uma gargalhada franca:

— Ha, ha! São muitos anos ao lado dela e me aproveitando da sua sabedoria. Você sabe que Isabel vive meio aqui, meio na sua dimensão; isso facilita. Para mim, é uma maravilha para não me desviar do meu próprio caminho, aquele que me corresponde e que ela me recorda com frequência.

— Sou muito positivo — disse Martín, com um sorriso cúmplice. — E agora, quer que eu adiante uma boa notícia?

— Claro.

— Fui informado de que, em breve, minha querida mãe será incorporada à minha turma, junto com o restante do grupo. Já fez boas amizades — vínculos sinceros que a ajudaram a se integrar rapidamente à vida da cidade. Os professores a consideram pronta para as primeiras aulas.

— Excelente notícia! Fico felicíssimo pela Eva. Deve estar louca para começar.

— Com certeza. Conhecendo-a...

— Envie a ela nossas melhores lembranças — pediu Sergio — e fale de tudo o que fizemos quando você ainda estava entre nós.

— Assim farei. Bem, agora preciso ir. Os recursos desta boa médium estão no limite; não devemos abusar.

— Você tem razão, amigo. Está atento a tudo — isso o honra. Você sabe que desejamos o melhor. A sua história é um grande exemplo. Com certeza vamos falar de você por dias, refletindo sobre o que nos espera do outro lado. No fim, a hora chegará para todos.

— A hora da verdade... e da alegria.

— Sem dúvida. Siga no bom caminho, e que Deus o acompanhe. Algum dia vamos nos reencontrar e, então, você poderá nos contar mais sobre si e sobre a Eva. Adeus, do fundo do coração. Agora já sei quem você é.

Pouco depois, Isabel soltou um suspiro profundo e, aos poucos, abriu os olhos até recuperar a normalidade.

— Ufa... vou esticar o corpo — disse, erguendo-se da poltrona, fatigada. — Você pode me trazer um copo d'água? Esta sessão longa me deixou sem forças.

Depois de alguns goles, acomodou-se de novo e sorriu de leve.

— Sabe de uma coisa? Estou cansada, mas creio que valeu a pena. Desde o início eu tinha consciência de que este reencontro com Martín seria essencial e me preparei para recebê-lo.

Sergio assentiu, ainda comovido:

— O relato dele me fez refletir profundamente. Esta experiência, somada aos ensinamentos que recebemos em Los Girasoles, é uma lição de sabedoria, um livro aberto que nos guia para reconduzir a vida ao que importa: nos transformarmos, dia após dia, para continuar avançando no caminho infinito do conhecimento e do amor a que todos estamos destinados.

— Exatamente. Deus não cria almas por capricho. Ele nos concede a imensa oportunidade de crescer como espíritos, fazendo o bem ao próximo e aprendendo por meio do conhecimento. Haverá algo mais belo?

— Se todos fôssemos conscientes da nossa missão verdadeira, abriríamos mão de tantas misérias e calamidades, os frutos do egoísmo e do orgulho. Viveríamos em harmonia, sorriríamos como filhos

agradecidos.

— Estamos na carne, um plano tosco se comparado à sutileza do espírito. A consciência se turva com frequência pela identificação com a matéria e seus apegos. Mas este mundo é um campo de provas necessário para impulsionar a nossa transformação.

— A verdadeira vida não é esta; é a espiritual. Veja Martín e Eva: agora eles não parecem infelizes. Passaram por muita dor, mas olhe as consequências. Convém lembrar: ao atravessarmos uma prova dura, é bom pensar no ensinamento positivo que, cedo ou tarde, vamos extrair dela.

— Eles estão aprendendo para regressar nas melhores condições — concluiu Isabel. — Precisam continuar a sua missão imortal. Sem o conhecimento adquirido nas cidades espirituais, faltariam certezas e memória para seguir. Tudo fica nas nossas mãos, Sergio. Devemos exercer a liberdade com responsabilidade, passo a passo. Nem tão rápido a ponto de tropeçar, nem tão devagar a ponto de estagnar. E, sobretudo... ame muito. Em todo momento, em todo lugar. O amor é a chave, o grande impulso evolutivo.

Sergio sorriu, emocionado:

— Sempre soube disso. Basta olhar para dentro: quando você ama, sente-se o ser mais feliz do mundo, como se participasse da dança mais harmônica do universo.

— Não poderia ser diferente. Deus nos deu a ferramenta da inteligência e os recursos para nos conduzirmos da maneira mais sábia possível.

Houve um breve silêncio carregado de paz. Então Sergio retomou:

— Você acredita que poderemos entrar em contato com Martín novamente?

— Sem dúvida.

— Fala com tanta convicção... foi intuição?

— Não, algo mais simples. Rafael acaba de me revelar. E no que ele me diz, eu confio completamente.

Sergio ri, divertido:

— Assim é fácil jogar com vantagem.

— Vantagem nenhuma. Você sabe que médiuns costumam arrastar passados turbulentos. O pouco que temos não é privilégio; é aprendizado e caminho.

— Está bem, está bem. Eu só gostaria de saber como se reconstruirá no futuro a relação entre mãe e filho.

— Deus é sábio. Ele programou este tempo entre existências para recompor laços rompidos e atribuir novas missões. Tudo responde à sua inteligência infinita.

Sergio assentiu, comovido:

— É extraordinário. Às vezes, quando enfrento problemas sérios — daqueles que fazem avançar ou estagnar —, imagino o Criador supervisionando tudo. Então me tranquilizo, porque sinto que estamos amparados por Ele e pelos espíritos que velam por nós. Essa é a nossa força: saber que não há lugar para o desespero.

— Boa conclusão — disse Isabel, estendendo os braços para ele. — Você aprendeu muito com o passar dos anos, psicólogo. Vamos, venha, me dê um abraço tão reconfortante quanto o que Rafael acaba de me dar.

Após aquele instante de ternura, Isabel retomou com voz serena:

— Aliás, Rafael acaba de dizer que, em poucos dias, vamos receber uma cliente que vai precisar da nossa ajuda. Vê

como o sistema funciona? Um breve descanso e, logo, novamente mãos à obra. Não é prodigioso?

— Sim — respondeu Sergio, comovido. — Hoje só posso agradecer a você por ter reparado em mim naquele sábado maravilhoso em que nos conhecemos.

— Calma, homem — sorriu ela. — Não foi tão complicado: do outro lado, aconselharam-me a cumprimentá-lo. O mérito não foi meu; embora, claro, eu pudesse ter ignorado o aviso; mas estava escrito que eu não faria isso.

— Eu sei — sussurrou Sergio. — E também agradeço a Ele.  
— Pois claro — replicou Isabel. — Neste instante, o bom do Rafael está com a mão sobre o seu ombro. Vamos, homem... não percebe?

FIM